



**“DICIONÁRIO (INCOMPLETO) DE ESCRITORAS MADEIRENSES
E DE TEXTOS DE AUTORIA FEMININA”**

AUTOR: Laureano Secundino Ascensão de Macedo



**dicionário (incompleto) de escritoras madeirenses
e de textos de autoria feminina**

Créditos de imagens (da esquerda para a direita, de cima para baixo): Laura Veridiana de Castro e Almeida Soares, Maria Riddell, Lady Emmeline Stuart-Wortley, Maria Rita Schiappe Cadet, Alicia Helen Neva Bewicke Little, Viscondessa das Nogueiras, Matilde Olímpia Sauvaire da Câmara, Emmeline Stuart-Wortley-Mackenzie (*bis*), Venerável Mary Jane Wilson, Maria Celina Sauvaire da Câmara, Eugénia Rego Pereira, Luzia, Serva de Deus Maria do Monte Pereira, Berta de Ataíde

Fonte das imagens: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, Wikimedia Commons.

**Dicionário (incompleto) de escritoras madeirenses
e de textos de autoria feminina**

do século XV até autoras nascidas em 1900

ERMELINDA

Matri dilectissimae

Índice

Introdução.....	i
Abreviaturas e sinalética	xxxvi
Dicionário (incompleto) de escritoras madeirenses	1
Índice de pseudónimos, iniciais e formas alternativas de nome	153
Referências bibliográficas	155

Introdução

(...)
Neta – Minha avozinha, as mulheres também podem ter coragem?

Avó – Sim, minha filha. (...)

Viscondessa das Nogueiras,
Diálogos entre uma Avó e sua Neta (1862)

Apresentação

O propósito deste dicionário consiste em mapear um segmento desconhecido do património cultural madeirense: as escritoras madeirenses e os textos de autoria feminina. Muito pouco se produziu sobre o seu legado documental, que se encontra disperso ou insuficientemente identificado junto das instituições de memória (de âmbito local, regional, nacional e estrangeiro)¹.

A autoria feminina permaneceu durante muito tempo sub-representada no discurso historiográfico, cultural e científico em Portugal. As ilhas portuguesas, em especial o arquipélago da Madeira, não foram exceção. Qualquer indivíduo que tenha pretendido conhecer a dimensão da produção autoral feminina na Madeira não encontrará facilmente elementos informativos sobre este tipo de legado. As publicações especializadas mais recentes partilharam as mesmas dificuldades por nós sentidas²: a ausência crónica das escritoras madeirenses no discurso historiográfico-literário em Portugal e a não representação da autoria feminina em diversos instrumentos de acesso

¹ O conceito de “instituições de memória”, atribuído a Lorcan Dempsey ou Joan Schwarz, consiste em entidades que custodiam repositórios de conhecimento público como bibliotecas, arquivos, museus, galerias, jardins botânicos. Cf. Helena Robinson, “Remembering things differently: museums, libraries and archives as memory institutions and the implications for convergence”, *Museum Management and Curatorship*, 27.4 (2012), 413–29 <<https://doi.org/10.1080/09647775.2012.720188>>.

² Vanda Anastácio, *Uma antologia improvável a escrita das mulheres, séculos XVI a XVIII* (Lisboa: Relógio d’Água, 2013); A Oliveira, *Escritoras brasileiras, galegas e portuguesas* (Lisboa: Editorial Caminho, 1993); Conceição Flores, Constança Lima Duarte e Zenobia Collares Moreira, *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade* (Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2009); VV. AA., “Escritoras: Women Writers in Portuguese before 1900”, *Universidade de Lisboa*, 2014 <<http://www.escritoras-em-portugues.eu/#>> [acessado 5 maio 2019]; Maria Ondina Braga, *Mulheres escritoras: da biografia no texto ao texto da biografia* (Braga: Bertrand, 1980) <<http://bibuma.uma.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=12016>> [acessado 6 maio 2019].

à informação³. O desconhecimento generalizado sobre o seu legado resultou numa desigualdade na memória. A não representação das escritoras madeirenses em instrumentos de referência contribuiu para o obscurecimento, como referiu Chatarina Edfeldt, de uma “herança cultural negligenciada”⁴. Embora esta tendência tenha vindo a modificar-se significativamente nos últimos anos, a dimensão da cultura escrita de autoria feminina no arquipélago da Madeira ainda padece dos mesmos fenómenos de exclusão e de dispersão de informação. Por esta razão, este dicionário de escritoras madeirenses e de textos de autoria feminina é um instrumento incompleto, mas necessário. A incompletude não só se manifesta aqui por motivo da delimitação temporal adotada (entre os séculos XV até autoras nascidas no ano de 1900) mas também pela dificuldade na identificação do que se pode entender por “textos madeirenses de autoria feminina”. O incentivo derivado desta incompletude é para que se aprofunde o conhecimento sobre estas autoras e que se dignifique o seu legado.

A invisibilidade da produção literária e não literária madeirense de autoria feminina ocorreu em diversos textos e contextos. Em primeiro lugar, as instituições de memória não dispunham de instrumentos de acesso de informação específicos, obrigando muitas vezes à exploração de diversos e extensos catálogos e sistemas de informação eletrónicos de carácter generalista ou limitados ao que existe sob a custódia dessas instituições. O resultado é que se obtinha um número muito reduzido de dados sobre autoras madeirenses a partir desses instrumentos de acesso. Na verdade, grande parte da compilação constante deste dicionário foi fruto da serendipidade. Em segundo lugar, a historiografia literária portuguesa, com um enfoque invariavelmente nacionalista, tem sido não só parca na análise da “literatura portuguesa da Madeira” – rejeitando tacitamente a denominação de “Literatura Madeirense” fora do quadro tradicionalista

³ Entende-se por “instrumentos de acesso à informação” o conjunto de tipologias documentais como guias, roteiros, catálogos, inventários, índices, listagens, bases de dados onde se registam dados descritivos sobre unidades ou conjuntos documentais com vista a facilitar a sua recuperação e acesso.

⁴ Chatarina Edfeldt, *Uma história na História: representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX* (Montijo: Câmara Municipal do Montijo, 2006), p. 30. Os instrumentos de acesso à informação têm uma função distinta da historiografia literária: a primeira consiste numa relação patrimonial e exaustiva de bens documentais, enquanto a historiografia literária tem como objetivo o conhecimento de textos literários, elaborados “a partir de narrativas, cujas grandes linhas de força focalizam taxinomias como período, periodização, corrente literária, geração e autores e obras consagrados no cânone literário que, por sua vez são escolhidos por apresentar valores estéticos-literários dominantes” (Edfeldt, p. 22).

do sistema literário português⁵ – como também postergou as escritoras madeirenses de antanho, excluídas do cânone literário nacional. Se a historiografia literária nacional⁶ preteriu as escritoras portuguesas no discurso histórico-literário e canónico, mais por razões políticas e de tradição (ou seja, por razões de género) do que por razões estéticas⁷, as escritoras madeirenses foram pretermitidas duplamente: por um lado, pela condição de serem mulheres; por outro, por serem insulares. Bulhão Pato (1828-1912) lamentava este facto em relação à Viscondessa das Nogueiras (1805-1888), ao considerar que se estivesse “[n]’um meio mais largo teria sido uma escriptora de primeira ordem”⁸. Porém, ainda que esse “meio mais largo”, por hipótese, tivesse sido proporcionado às escritoras madeirenses de antanho, a produção intelectual de autoria feminina permaneceu sub-representada na historiografia literária em Portugal. Edfeldt refere que o fenómeno de marginalização das escritoras no discurso da historiografia literária tem sido uma tendência sistemática “de não conectar a literatura escrita por mulheres com as grandes linhas de força que constroem as histórias literárias”⁹. São apresentadas frequentemente à parte, em capítulos específicos ou entradas próprias em enciclopédias e dicionários, mas desconectadas da narrativa de periodização, correntes, gerações e movimentos literários. Em terceiro lugar, a comunidade académica, especialmente do domínio das Humanidades e Ciências Sociais, pouco produziu sobre a dimensão da cultura escrita no espaço atlântico, em especial sobre a criação intelectual de autoria feminina na Madeira¹⁰. As preferências da comunidade

⁵ Cf. Luísa Marinho Antunes, “Literatura e literatos: questões e contornos da literatura produzida na Madeira e sobre a Madeira”, in *Que Saber (es) para o Século XXI?*, org. José Eduardo Franco e Cristina Trindade (Lisboa: Esfera do Caos, APCA –Agência de Promoção da Cultura Atlântica, 2014), p. 403–12; Cf. também Thierry Proença dos Santos, “Gerações, Antologias e outras Afinidades Literárias: a construção de uma identidade cultural na Madeira”, *Dedalus*, 11–12 (2008), 559–82.

⁶ A historiografia literária portuguesa aqui considerada refere-se a obras de grande divulgação, como: António José. Saraiva e Óscar. Lopes, *História da literatura portuguesa* (Porto: Porto Ed., 2008); Francisco Lyon de Castro, *História da literatura portuguesa* (Lisboa: Publicações Alfa, 2001); Jacinto do Prado. Coelho, *Dicionário de literatura portuguesa, brasileira, galega, africana, estilística literária : dicionario de literatura* (Lisboa: Figueirinhas, 2002); Álvaro Manuel Machado, *Dicionário de literatura portuguesa* (Lisboa: Presença, 1996); Eugénio Lisboa, Ilídio Rocha e Instituto Português do Livro e da Leitura, *Dicionário cronológico de autores portugueses* ([Lisboa]: Publicações Europa-América, 1990).

⁷ Edfeldt, p. 29–30.

⁸ Raimundo António de Bulhão Pato, *Memórias: homens políticos*, Vol. 2 (Lisboa: Typ. da Academia Real das Sciencias, 1894), p. 279.

⁹ Edfeldt, p. 107.

¹⁰ Os congressos realizados na Madeira ou no continente atestam, por exemplo, a inexistência de estudos sobre o tópico em apreço. Cf. Maria Elisete Almeida e Michel Maillard, *O feminino nas línguas, culturas e*

científica têm sido, de forma genérica, em torno das representações da mulher na literatura, na história, na arte e na ciência¹¹, não em torno da mulher como ente criador. Geraram-se percepções de que as obras de escritoras madeirenses anteriores ao século XX eram criações menores e fragmentárias, por não se encontrarem representadas no cânone literário português¹², e, por isso, o seu estudo e divulgação poderiam não ter qualquer relevância científica, cultural, educacional e até política. Ainda que esta tendência esteja a modificar-se, continua-se a não se dispor de uma perspetiva abrangente. Poucos trabalhos académicos se versaram sobre a produção intelectual de autoria feminina na Madeira de antanho¹³, havendo preferência para escritoras madeirenses nascidas ao longo do século XX¹⁴.

Conforme exposto atrás, não é rara a estratégia da historiografia literária comparar a criatividade das mulheres como uma qualidade varonil. Luzia increpava esta ideia muito comum no meio literário português nas suas “Cartas do campo e da cidade” (1923): “eu não suporto aquelas escritoras de quem se diz: têm a inteligência viril, escrevem como um homem...”¹⁵. A autoria feminina foi durante muito tempo uma qualidade onde a

literaturas [Funchal]: Centro Metagram Universidade da Madeira, 2000); Cristina Santos Pinheiro e Anne Martina Emonts, *Mulheres : feminino, plural* (Funchal: Nova Delphi, 2013); Portugal. Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres., *O Rosto feminino da expansão portuguesa : congresso internacional realizado em Lisboa, Portugal 21-25 de novembro de 1994 : actas*. (Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1995).

¹¹ Alberto Vieira, “Reescrever a História da Madeira e da Mulher”, *Memória das Histórias das Gentes que fazem a História, Newsletter*, 2014, 1–6; Maria Clara Pereira da Costa, “Testemunhos Históricos acerca do papel de algumas mulheres no contexto social madeirense - séc. XV e XVI”, in *Actas do III Colóquio Internacional de História da Madeira*, v. 3 (Funchal: CEHA, 1993), p. 315–20.

¹² Cf. Anna M. Klobucka, “O cânone literário português e as mulheres” <[https://www.academia.edu/16572677/O_cânone_literário_português_e_as_mulheres](https://www.academia.edu/16572677/O_c%C3%A2none_liter%C3%A1rio_portugu%C3%AAs_e_as_mulheres)> [acessado 9 maio 2019].

¹³ Excetua-se o estudo de Cláudia Sofia Silva Neves, “O reino encantado de Luzia: a crónica da vivência e a eterna busca do ‘Eu’” (Universidade da Madeira, 2013) <<https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/1757>> [acessado 6 maio 2019].

¹⁴ Cf. Custódia Tânia da Côrte Nascimento, “Livros para a juventude de Ana Teresa Pereira: imaginário insular, diálogos interculturais” (Universidade da Madeira, 2017) <<https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/1999>> [acessado 6 maio 2019]; Carla Fernanda Martins Costelha Lopes, “Representações do feminino na contística de Maria Aurora Carvalho Homem” (Universidade da Madeira, 2015) <<https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/1254>> [acessado 6 maio 2019]; Maria Rute Martins Fernandes, “Uma história com estórias no feminino: o último cais e a deusa sentada de Helena Marques” (Universidade da Madeira, 2016) <<https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/1324>> [acessado 6 maio 2019]; Maria Lúcia Gama da Silva, “Cartografias da Madeira: roteiros culturais na produção ficcional de Helena Marques” (Universidade da Madeira, 2015) <<https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/704>> [acessado 6 maio 2019].

¹⁵ Luzia, *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 195.

escrita literária significava ter acesso a um espaço público, que, tradicionalmente, não era o espaço da mulher¹⁶. O caso das monjas escritoras é exemplificativo da exceção que lhes era conferida devido ao despojamento das características de feminilidade, representadas como seres assexuados, mas, ainda assim, dependentes da tutela masculina. Apesar de a estigmatização da autoria feminina não ter diminuído no discurso historiográfico e literário português, tal não significava que não tivesse havido interesse em publicar catálogos de “mulheres notáveis”¹⁷ ou em defender a “questão feminina”¹⁸, como crítica aos seus detratores¹⁹ em Portugal. Antes do século XIX, existiram homens e mulheres que pugnaram por uma certa forma de “igualdade de género”, que atestam um debate pela dignificação social e intelectual das mulheres, embora os conceitos de classe e de privilégio importassem mais do que as questões de igualdade género como entendido nos dias de hoje²⁰.

Ainda assim, as mulheres madeirenses não ficaram representadas nestas obras. A nossa pesquisa tinha de realizar-se de outra forma, isto é, através da prospeção documental.

¹⁶ Cf. Ana Vicente e Filipa Lowndes, “Fora dos cânones: mulheres artistas e escritoras no Portugal de princípios do século XX”, *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, 1999, 38–51.

¹⁷ Veja-se, por exemplo, os seguintes títulos: Luis dos (Fr.) Anjos, *Jardim de Portugal: em que se da noticia de algumas Sanctas & outras molheres illustres em virtude, as quais nascerão, ou viverão, ou estão sepultadas neste Reino, & suas cõquistas* (Lisboa: em casa de Nicolao Carvalho, 1626) <<http://purl.pt/14013>> [acessado 5 maio 2019]; Luis dos (Fr.) Anjos e Maria de Lurdes Correia. Fernandes, *Jardim de Portugal* (Porto [Portugal]: Campo das Letras: Distribuição, Empresa de Comércio Livreiro, 1999); Manuel Tavares, *Portugal illustrado pelo sexo feminino: noticia historica de muytas heroínas Portuguezas, que floreceraõ em Virtudes, Letras, e Armas* (Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha N. S., 1734); Damião de Fróis Perim, *Theatro heroino: abcdario historico e catalogo das molheres illustres em armas, letras aççoens heroicas, e artes liberaes* (Lisboa Occidental: na officina da musica deTheotonio Antunes Lima, 1736).

¹⁸ Confira-se, por exemplo, os seguintes textos: Paula da Graça, *Bondade das Mulheres vendicada, e Malicia dos Homens manifesta. Papel metrico, e apologetico ... composto pelo zelo di P. da G.* (Lisboa, 1715); Rui Gonçalves, *Dos privilegios & praerogativas que ho genero feminino te por direito comum & ordenações do Reyno mais que ho genero masculino* (Lisboa: Apud Johanne Barreriu Regium Typographum, 1557); Gertrudes Margarida de Jesus, *Primeira carta apologetica, em favor, e defesa das molheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao irmão amador do Dezengano, com a qual destroe toda a fabrica do seu Espelho Critico* (Lisboa: na Officina de Francisco Borges de Sousa, 1761) <<http://purl.pt/22743>> [acessado 5 maio 2019]; Gertrudes Margarida de Jesus, *Segunda Carta Apologética em Louvor e Defesa das Mulheres escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus* (Lisboa: Officina de Francisco Borges de Sousa, 1761); Hum Amigo da Razão, *Tractado sobre a Igualdade dos Sexos, ou Elogio do Merecimento das Mulheres, oferecido, e dedicado as Senhoras Illustres de Portugal* (Lisboa: Francisco Luiz Ameno, 1790).

¹⁹ Luísa Marinho Antunes, *As malícias das mulheres: discursos sobre poderes e artes das mulheres na cultura portuguesa e europeia* (Lisboa: Esfera do Caos, 2015).

²⁰ Vanda Anastácio, “‘Feminism’ in Portugal before 1800”, in *A New History of Iberian Feminisms*, org. Sílvia Bermudez e Roberta Johnson (Toronto: Toronto University Press, 2018), p. 67–81.

É possível recuperar em catálogos genéricos escritoras madeirenses, por exemplo, na *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado (1682-1772)²¹ e no *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Inocêncio Francisco da Silva (1810-1876) e adendas realizadas pelos seus continuadores²². Barbosa Machado, por exemplo, menciona a única escritora madeirense do seu monumental catálogo, uma cronista do Convento de Santa Clara do Funchal, sóror Isabel da Madre de Deus, graças a uma referência extraída da “História Seráfica” (1656-1721) de Fr. Manuel da Esperança (1586-1670). No entanto, o seu texto não foi possível de ser localizado. De igual forma, a entrada referente à “D. Mathilde de Sancta Anna e Vasconcellos” no volume VI do *Diccionario Bibliographico Portuguez* (1862) de Inocêncio Francisco da Silva, refere: “Não tenho obtido outras informações acerca d’esta senhora, se não que compozera e publicára com as iniciaes M. S. A. V. do seu nome, e talvez mais algumas, de que me falta a noticia”²³. Estes dados ilustram a dificuldade de acesso à informação biobibliográfica sobre autores madeirenses sentida pelos bibliógrafos do continente português. Geraram-se erros que continuam a ser replicados em publicações mais recentes²⁴. Além disto, estes instrumentos evidenciam um fosso que se repercute hodiernamente entre a representação de autoras madeirenses nestes catálogos bibliográficos e a respetiva localização física dos exemplares.

Importa realçar que este dicionário não pretende construir uma história da literatura madeirense no feminino, dado que o conceito de “literatura madeirense” se encontra em processo de construção²⁵. A perspetiva que se adopta aqui é estritamente

²¹ Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana historica, critica e cronologica na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente. :Offerecida à Augusta Magestade de D. João V no, António Isidoro da Fonseca*, Vol. IV (Lisboa Occidental: António Isidoro da Fonseca, 1741), p. 443–44 <<https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/9454>> [acessado 4 maio 2019].

²² Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez* (Lisboa: Impr. nacional, 1858).

²³ Innocencio Francisco da Silva, p. 161.

²⁴ É o caso da Viscondessa das Nogueiras, confundida com Maria do Monte de Santana e Vasconcelos em Conceição Flores, Constancia Lima Duarte e Zenobia Collares Moreira, *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade* (Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2009), p. 175. O mesmo erro ocorre em VV. AA., “Escritoras: Women Writers in Portuguese before 1900”, *Universidade de Lisboa*, 2014 <<http://www.escritoras-em-portugues.eu/#>> [acessado 5 maio 2019].

²⁵ Jesus Maria Sousa e Carlos Nogueira Fino, “Distribuição de uma ‘biblioteca essencial de literatura madeirense’ pelas escolas da RAM: legitimidade ou arbitrariedade curricular?”, in *Mudanças educativas e curriculares... e os educadores/professores?*, org. M. A. Villas-Boas, 2005, p. 329–49

documental, considerando o arquipélago da Madeira como espaço de experiência de escrita e de criação *lato sensu*, onde a experiência de escrita não se limita a textos redigidos em português e a nacionalidade como um factor de exclusão. Omitir escritoras inglesas, alemãs e francesas da “literatura madeirense” significaria incorporar o paradigma que tem regido o sistema canónico-literário português de matriz continental para o âmbito insular²⁶, ou seja, reproduzir uma lógica de hierarquização, de subordinação ou de exclusão. Seria uma perspetiva muito redutora para conhecer a dimensão da cultura escrita de autoria feminina na Madeira. Partilhamos a mesma perspetiva de Luísa Antunes quando refere que a literatura madeirense “deve ser entendida como riqueza, e não dissolvida numa categoria de provincianismo ou falta de qualidade”²⁷. No entanto, rejeitamos a perspetiva prevalecente de considerar a “literatura madeirense” como um subsistema da “literatura portuguesa”, pelas razões que já foram acima apresentadas.

Desta forma, em termos de organização deste dicionário, encontra-se estruturado da seguinte forma: esta introdução, para além da parte de apresentação, onde se identificaram os problemas subjacentes na construção deste dicionário, faremos uma

<<http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/786/1/48Literaturamadeirenselegitimidadeouarbitrariadedecurricular.pdf>> [acessado 4 maio 2019]; José António Gonçalves, “Breve panorâmica da moderna literatura madeirense”, in *Cultura Madeirense: temas e problemas*, org. José Eduardo Franco (Campo das letras, 2008), xvii, 139–50; Maria Mónica Teixeira, “Tendências da literatura na ilha da Madeira nos séculos XIX e XX” (Universidade Nova de Lisboa, 2005); TP dos Santos, “Madeira: reflexões à margem do sistema cultural português”, *Veredas: Revista da Associação Internacional*, 2009, 27–42 <<http://revistaveredas.org/index.php/ver/article/download/101/101>> [acessado 5 maio 2019]; Ernesto Rodrigues, “Olhares sobre a literatura madeirense contemporânea”, in *Que saber{es} para o século XXI?: História, Cultura e Ciência na Madeira*, org. José Eduardo Franco e Cristina Trindade (Lisboa: Esfera do Caos, APCA – Agência de Promoção da Cultura Atlântica, 2014), p. 413–23; Antunes, “Literatura e literatos: questões e contornos da literatura produzida na Madeira e sobre a Madeira”.

²⁶ Cabral do Nascimento tinha presente esta problemática entre nacionalismos e regionalismos literários em 1925. Este autor tinha presente que as literaturas nacional ou regional não se podem confundir com nacionalismos ou regionalismos literários, como explicita Salgueiro, “as primeiras como sistemas polifónicos e dinâmicos, constituídos por um repertório de textos e autores que lêem, escrevem e reescrevem (esses e outros textos), mas também por uma comunidade de leitores e instituições que, definindo os seus cânones, validam e/ou questionam os valores aí em circulação”, acrescentando também que “o nacionalismo ou regionalismo literários apenas seriam uma parcela constituinte do sistema literário, cf. AS Rodrigues, “Nacionalismos/Regionalismos Literários em Sistemas Literários Nacionais/Regionais: Revisitação de uma Problemática em Tempos de Crise e de Globalização”, *Newsletter CEHA: “História da Madeira—Questões e Problemas”*, 15 (2012), 22–23 (p. 23) <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/Newsletter/Newsletter_15.pdf#page=22> [acessado 6 maio 2019].

²⁷ Antunes, “Literatura e literatos: questões e contornos da literatura produzida na Madeira e sobre a Madeira”, p. 407.

revisão de literatura sobre como as escritoras madeirenses têm sido (ou não) representadas nos instrumentos de acesso à informação e na historiografia literária insular; estabeleceremos os parâmetros metodológicos deste estudo, desde à recolha de dados até à sua análise e das regras e convenções utilizadas; apresentaremos os resultados preliminares deste estudo, apontando para pistas futuras de investigação e identificação das limitações encontradas. De seguida, apresenta-se o dicionário bibliográfico, contendo dados mínimos das autoras madeirenses e respectiva produção documental, complementado com bibliografia secundária (quando possível). No fim, apresenta-se as referências bibliográficas utilizadas nesta introdução.

Revisão de literatura

Curiosamente, um número razoável de escritoras madeirenses encontra-se representado na historiografia literária insular e nos catálogos bibliográficos referentes ao arquipélago da Madeira, contrariamente ao que acontece na produção congénere de âmbito nacional. Somente em obras muito específicas publicadas no continente é que podemos encontrar referências sobre escritoras madeirenses. Refira-se, por exemplo, a antologia “Poetisas Portuguesas” (1917) de Nuno Catarino Cardoso²⁸ e Teresa Leitão de Barros, em “Escritoras de Portugal: Génio Feminino revelado na Literatura Portuguesa” (1924)²⁹. Cardoso foi mais abrangente na recolha de textos poéticos de autoria feminina, compilando textos e elencando autoras madeirenses como Berta de Ataíde, Joana de Castelbranco, Arsénia de Bettencourt Miranda, Maria da Costa Pereira, Luísa Maria Pereira (*sic*), Emília Acciaiolly Rego Sénior e Viscondessa das Nogueiras. No entanto, Barros criticou veementemente a compilação feita por Cardoso, considerando a produção poética de autoria feminina como não representativa da “boa literatura”. Barros considerou que muitos dos textos coligidos caracterizavam-se por estarem eivados de um “sabor açucarado e piegas”³⁰, extraídos na sua maioria dos almanaques,

²⁸ Nuno Catharino Cardoso, “Poetisas portuguesas, antologia contendo dados bibliograficos e biograficos acêrca de cento e seis poetisas.” (Lisboa: Edição e propriedade do auctor, 1917), p. xv, 295 p.. Refira-se que este autor foi marido da escritora madeirense Maria de Cabedo (*Vide infra*).

²⁹ Teresa Leitão de Barros, *Escritoras de Portugal : génio feminino revelado na literatura portuguesa*, 2 vols. (Lisboa: T.L. de Barros, 1924).

³⁰ Barros, vol. II, p. 31.

antologias, jornais ou monografias que elas “enramalhetaram à vontade, em rimas fáceis, todos os «amores» e «flores» dos seus simbólicos jardins”³¹. Ainda assim, as compilações mais recentes ignoraram a produção de autoras madeirenses anteriores ao século XX³², bem como os catálogos eletrónicos especializados³³.

Para identificar textos madeirenses de autoria feminina, é preciso considerar não só algumas obras de referência sobre a Madeira mas também uma panóplia de instrumentos de acesso à informação. Podemos considerar que há seis fontes principais para o conhecimento da produção de autoria feminina publicada na Madeira: nos periódicos literários insulares; nos almanaques e revistas; nas antologias literárias de autores insulares; na publicação monográfica da iniciativa das autoras; em catálogos bibliográficos sobre património documental insular e, por último, na historiografia literária. Passaremos a caracterizar cada um destes aspectos.

Desde inícios do século XIX, os jornais madeirenses foram o principal (e por vezes o único) veículo para a publicação de textos literários³⁴. É possível encontrar manifestações da “autoria feminina” em “O Patriota Funchalense” (1821) ou em periódicos mais especializados, como “O Beija-Flor” (1842), a “Aurora do Domingo” (1862), o “Archivo Litterario” (1863), “O Crepúsculo” (1865); ou “O Recreio” (1863-1864), “A Aurora Liberal” (1875-1876) e “A Grinalda Madeirense” (1880-1881), dinamizados pelos discentes do Liceu do Funchal. Os periódicos noticiosos continham, também, secções próprias em colunas ou em folhetins, onde os autores madeirenses publicavam os seus textos. Tais secções cobrem uma grande diversidade genológica, tanto em prosa como em verso, incluindo textos dramáticos.

³¹ Barros, p. vols. II, 163.

³² Por exemplo, cf. Vanda Anastácio, *Uma antologia improvável a escrita das mulheres, séculos XVI a XVIII* (Lisboa: Relógio d’Água, 2013).

³³ VV. AA., *Escritoras: Women Writers in Portuguese before 1900* (2014). Este catálogo apenas menciona sóror Isabel da Madre de Deus e Matilde Isabel de Santana Vasconcelos.

³⁴ Gina Guedes Rafael e Manuela Santos, *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*, Reimpressa (Lisboa: Ministério da Cultura, Biblioteca Nacional, 1998); Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, *Catálogo da Coleção de Jornais do Arquivo Regional da Madeira* (Funchal, 2016) <<https://abm.madeira.gov.pt/idd/QW82>>; A. Lopes de Oliveira, *Jornais e jornalistas Madeirenses* (Braga: Livraria Editora Pax, 1969).

A literatura madeirense de autoria feminina encontrou na imprensa periódica um lugar insubstituível para dar-se a conhecer, subscrevendo anonimamente ou sob pseudónimo, com iniciais do seu nome ou por extenso. No caso do século XIX, a produção literária das escritoras madeirenses encontra-se dispersa em diversos periódicos insulares, na sua maioria, poesia lírica, sendo possível encontrar traduções de autores franceses e ingleses. O desconhecimento que se tem acerca da produção literária de autoria feminina neste meio de publicação deriva, em grande parte, da inexistência de catálogos analíticos, o que implica, na maior parte das vezes, compulsar cada jornal. Os textos de Arsénia Bettencourt Miranda, Joana de Castelbranco, Maria da Costa Pereira, Emília Acciaiolly Rego, entre outras, encontram-se disseminados neste tipo de publicações. Sobre a presença feminina nos jornais madeirenses, Antunes refere que a sua colaboração “demonstra que o processo de formação da mulher e da sua participação estava a desenvolver-se e que esta tinha consciência de que a imprensa podia ser, além de uma forma de divulgação das suas composições poéticas e artísticas, um meio eficaz de comunicação de ideias”³⁵.

Os almanaques constituem outro veículo de divulgação da produção textual feminina³⁶, de periodicidade anual mas com um espaço de divulgação mais amplo do que o espaço insular. O “Almanaque de Lembranças”, fundado por Alexandre Magno de Castilho em 1850, depois “Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro”, e, mais tarde, “Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro” (1851-1932), para além do “Almanach das Senhoras” (1870-1927), criada por Guiomar Torrezão e Albertina Paraíso, disponibilizavam às escritoras madeirenses um espaço mais alargado de colaboração literária e artística, ou seja, em contexto lusófono. Publicavam igualmente nos almanaques insulares, como no “Almanach Insulano para Açores e Madeira Estatístico, Histórico e Litterário” (1874-

³⁵ Luísa Marinho Antunes, “‘Suaves modestos sons’ - mulher e poesia na imprensa madeirense da segunda metade do séc. XIX”, in *As Mulheres e a Imprensa Periódica*, org. Isabel Lousada e Vânia Chaves (Lisboa: CLEPUL, 2014), p. 189–209 (p. 203).

³⁶ Cf. Rosa Maria Galvão e João Luís Lisboa, *Os sucessores de Zacuto : o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI* (Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2002); Vania Pinheiro Chaves, Isabel Lousada e Carlos Abreu, *As senhoras do Almanaque : catálogo da produção de autoria feminina* (Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; CLEPUL, 2014); Vanda Anastácio, “Almanaques: origem, géneros, produção feminina”, *Veredas: Revista da Associação Internacional de*, 18 (2012), 53–74 <<http://www.revistaveredas.org/index.php/ver/article/download/63/63>> [acessado 6 maio 2019].

1875)³⁷, no “Almanach de Lembranças Madeirense” (1908-1910)³⁸ e no “Almanach Ilustrado do Diário da Madeira”³⁹ (1913), divulgando autoras não só dentro de um espaço inter-insular mas também junto das comunidades madeirenses e açorianas espalhadas pelo mundo. Neste tipo de publicações, as escritoras madeirenses colaboravam não só com textos poéticos mas também com textos em prosa ou com textos lúdicos, como por exemplo charadas, enigmas e logogrifos.

No caso das antologias literárias sobre autores madeirenses, que surgem na segunda metade do século XIX, este tipo de publicações constituir-se-á a principal fonte de informação referente à atividade literária realizada no arquipélago⁴⁰. Antologias poéticas como “Flores da Madeira” (1872), de José Leite Monteiro e Alfredo Cesar de Oliveira⁴¹, e “Álbum Madeirense” (1884), de Francisco Vieira⁴², integraram textos de Luísa Maria da Costa Pereira, de Leolinda Jardim Vieira, de Georgina Dias de Almeida, Viscondessa das Nogueiras e Emília Henriqueta Acciaiolly Rego. Muitos dos aspectos relativos a dados biográficos foram elucidados por Alberto Gomes⁴³. No entanto, nos inícios do século XX, estas antologias foram criticadas pela falta de refinamento na seleção dos autores⁴⁴.

³⁷ *Almanach Insulano para Açores e Madeira Estatístico, Histórico e Litterário para o anno de 1875*, org. Augusto Gil, Augusto Ribeiro, e F. J. Moniz de Bettencour (Angra do Heroísmo: Typ. da Terceira, 1874); *Almanach Insulano para Açores e Madeira Estatístico, Histórico e Litterário para o anno de 1874*, org. Augusto Gil e Augusto Ribeiro (Angra do Heroísmo: Typ. da Terceira, 1873).

³⁸ *Almanach de lembranças madeirense*, org. António Feliciano Rodrigues e Jaime Câmara (J.M. da Rosa e Silva, 1908-1910).

³⁹ *Almanach Ilustrado do Diário da Madeira*, org. Cruz Baptista Santos e Francisco da Silva Reis (Funchal: Empreza do Diário da Madeira, 1913).

⁴⁰ Cf. Thierry Proença dos Santos e António Fournier, “Antologias, traduções e redefinição dos mapas da cultura – o caso madeirense”, *Letras Convida*, 6 (2012), 102–11 <<http://acrevistaliteraria.academiacanarialengua.org/la-poesia-en-madeira/>> [acessado 7 maio 2019].

⁴¹ Veja-se José Leite Monteiro e Alfredo Cesar de Oliveira, *Flores da Madeira. Poesias de diversos autores madeirenses* (Funchal: Typ. da Imprensa Livre, 1872).

⁴² Veja-se Francisco Vieira, *Álbum Madeirense. Poesia de Diversos Autores Madeirenses* (Funchal: Typographia Funchalense, 1884).

⁴³ Alberto F. Gomes, “Algumas Notas sobre os Poetas das «Flores da Madeira»”, *Das Artes e da História da Madeira*, 3.14 (1953), 4; Alberto F. Gomes, “Algumas Notas sobre os Poetas das «Flores da Madeira» II”, *Das Artes e da História da Madeira*, 3.15 (1953), 5.

⁴⁴ João Cabral do Nascimento, “Literatura madeirense: as poetisas (conclusão)”, *Diário de Notícias* (Funchal, 27 agosto 1918); Fernando Augusto da Silva, “Poetas Madeirenses. Alguns Subsídios para uma Antologia”, *Das Artes e da História da Madeira*, 4.24 (1956), 20–24.

Em 1944, a editora “Eco do Funchal” publicou “Sete Poetas Madeirenses”⁴⁵, contando com a colaboração de Eugénia Rego Pereira. No entanto, uma das antologias mais relevantes do século XX, introdutora de uma nova estética literária, “Arquipélago” (1952)⁴⁶, não consta qualquer colaboração de autoria feminina. Encontraremos apenas em Luís Marino (pseudónimo de Luís Gomes da Silva) uma extensa compilação na sua “Musa Insular” (1959)⁴⁷, que consiste numa abordagem “enciclopédica” sobre a produção poética realizada na Madeira.

Já em contexto autonómico, publicaram-se, na esteira do “Arquipélago” (1952), as antologias “Ilha 2” (1978)⁴⁸, “Ilha 3” (1991)⁴⁹, “Ilha 4” (1994)⁵⁰ e “Ilha 5” (2008)⁵¹, que reúne a produção poética de escritores madeirenses contemporâneos, já com participação feminina. Em 1986, contudo, publicou-se uma “Antologia Literária: Madeira”⁵², entre os séculos XV e XX (exceto o século XIX), onde a participação feminina anterior a 1900 é praticamente inexistente. Mais tarde, a falta de uma antologia de escritoras madeirenses foi realçada por Ana Margarida Falcão⁵³, propondo uma publicação que não chegou a concretizar-se. As escritoras madeirenses coligidas para antologias literárias restringiram-se à produção feita, salvo raras exceções, no século XX e XXI⁵⁴. Conforme se pode verificar, as antologias literárias foram produto das

⁴⁵ Florival de Passos et al., *Sete Poetas Madeirenses, num soneto a Shakespeare (folheto)* (Funchal: Tipografia do “Eco do Funchal”, 1944).

⁴⁶ Aragão Correia et al., *Arquipélago* ([Funchal]: Editorial Eco do Funchal, 1952).

⁴⁷ Luís Marino, *Musa Insular (Poetas da Madeira)*, org. Tipografia do Eco do Funchal (Funchal, 1959). Deixou manuscrita a sua continuação Cf. Maria Mónica Teixeira e Fátima Barros, “Arquivos de escritores e investigadores madeirenses: instrumentos descritivos”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 23 (2016), 470–501.

⁴⁸ José Sainz-Trueva e José António Gonçalves, *Ilha 2* (Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1979).

⁴⁹ A. Vieira Freitas e José António Gonçalves, *Ilha 3* (Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1991).

⁵⁰ Ana Falcão e José António Gonçalves, *Ilha 4* (Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1994) <https://www.worldcat.org/title/ilha-4/oclc/225748565&referer=brief_results> [acessado 7 maio 2019].

⁵¹ Irene Lucília. Andrade, *Ilha 5*, 1. ed. (Vila Nova de Gaia: 7 dias 6 noites, 2008).

⁵² Isabel Stephan, Ângela Borges e Rui Carita, *Antologia literária : Madeira* (Funchal: Governo regional da Madeira, Secretaria Regional de educação, 1986).

⁵³ Ana Margarida Falcão, “Mulheres poetas: (Madeira - século XX)”, *Margem 2. Funchal*, 2005, 38–41; Margarida Falcão, *Escritores - viajantes* ([Funchal]: Edicarte, 1998).

⁵⁴ *Contos madeirenses*, org. João Nelson Veríssimo (Porto: Campo das Letras, 2005); José de Sainz-Trueva et al., *Cadernos de Santiago I : colectânea de poesia* (Lisboa: Âncora, 2016); Hélder Teixeira e pref. Nelson Veríssimo, *Antologia Francisco Álvares de Nóbrega* (Machido: Junta de Freguesia, 2010); Giampaolo Tonini, *Poeti contemporanei dell'Isola di Madera* (Veneza: Centro internazionale della grafica, 2001);

circunstâncias e mundividências de cada época e dos critérios estético-literários adotados pelos seus compiladores.

No que diz respeito a monografias, o número de publicações é escasso, mas muito representativo. É possível encontrar desde obras originais até traduções de autores estrangeiros, publicando no Funchal, Lisboa, Porto e Paris, por vezes sob forma de literatura de cordel. Entre as principais pioneiras deve-se fazer menção para os romances históricos de Maria do Monte de Santana e Vasconcelos, o romance histórico e texto didático da Viscondessa das Nogueiras, um ensaio histórico de Josefina Perestrelo e um diário de viagens de Celina Sauvaire da Câmara, os romances e narrativa autobiográfica de Luzia e poesias líricas de Berta de Ataíde, de Joana de Castelbranco e Eugénia Rego Pereira⁵⁵. No caso das composições musicais, Amélia de Azevedo publicou em Paris e em Lisboa peças originais para piano e para canto. Quanto às traduções de autores estrangeiros (ou versões do português para língua estrangeira), algumas escritoras madeirenses possuem obras publicadas, com especial realce para Viscondessa das Nogueiras.

No que diz respeito aos catálogos bibliográficos insulares, faz-se especial realce para o “Catálogo bibliográfico do arquipélago da Madeira” (1950) de José Joaquim Rodrigues⁵⁶ e para “Madeira, investigação bibliográfica” (1982-1984)⁵⁷, baseado no acervo da Biblioteca Municipal do Funchal. Embora muitos dos catálogos bibliográficos se encontrem disponíveis na *web*, não tem sido conduzida uma pesquisa retrospectiva mais abrangente sobre a produção de autoria feminina. A única abordagem feita neste sentido foi realizada por L. S. Ascensão de Macedo no seu guia biobibliográfico “Da Voz

Maria Aurora Carvalho Homem e Urbano Bettencourt, *Pontos luminosos : Açores e Madeira : antologia de poesia do século XX* (Porto: Campo das Letras, 2006); *Lapinha de poesia : antologia de poetas madeirenses*, org. Nelson Veríssimo, 1a. ed. (Funchal: IA, Imprensa Académica, 2017); Thierry Proença dos Santos e Francisco Correia, *Levadas da Madeira : uma antologia literária*, 1a. ed. (Funchal: Imprensa Académica, 2017); Sainz-Trueva e Gonçalves; Freitas e Gonçalves; Falcão e Gonçalves; Andrade.

⁵⁵ Sobre as autoras referenciadas, consulte-se a entrada correspondente deste dicionário.

⁵⁶ José Joaquim Rodrigues, *Catálogo bibliográfico do arquipélago da Madeira* (Funchal: Edição da Câmara Municipal, 1950).

⁵⁷ Gilda Vieira e António de Aragão de Freitas, *Madeira : investigação bibliográfica. Vol. 3 Catálogo por assuntos* (Funchal: Centro de Apoio de Ciências Histórias, 1984); Gilda Vieira e António de Aragão de Freitas, *Madeira : investigação bibliográfica. Vol. 2 Catálogo por assuntos* (Funchal: Centro de Apoio de Ciências Histórias, 1984); Gilda Vieira e António de Aragão de Freitas, *Madeira : investigação bibliográfica. Vol 1 Catálogo onomástico* (Funchal: Centro de Apoio de Ciências Histórias, 1982).

à Pluma” (2013)⁵⁸, referente a escritoras da Macaronésia (Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde), de onde extraímos grande parte das informações. Além disto, como já referimos, estes instrumentos dão a existência de obras de autoria feminina mas raras vezes identificam qual a instituição onde esses textos se encontram custodiados (normalmente em arquivos e bibliotecas públicas, mas não necessariamente estas). Certas autoras, como a Serva de Deus Maria da Encarnação, que se conserva na Biblioteca da Ajuda (Lisboa), não aparecem nos catálogos eletrónicos e em suporte analógico. O mesmo se coloca no caso dos arquivos, onde as descrições das unidades documentais não evidenciam nos seus metadados descritivos de que estamos perante textos de autoria feminina. Este caso, por exemplo, é recorrente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. Conforme se pode verificar, os critérios de descrição de bens documentais em instrumentos de acesso à informação, qualquer que seja a convenção ou garantia literária de suporte, podem obscurecer o facto de determinado documento ser de autoria feminina.

Sobre a produção enciclopédica⁵⁹, o “Elucidário Madeirense” (1921-1940)⁶⁰, coordenado pelo Pe. Fernando Augusto da Silva e por Carlos Azevedo de Menezes, constitui uma das principais fontes de informação sobre a produção literária e não literária realizada na Madeira. Os autores do verbete “Literatura” referem que poucos escritores madeirenses deixaram o “nome aureolado na história literária do país”⁶¹. Apesar de ser possível recuperar várias autoras madeirenses ao longo destes volumes, os autores deste verbete apenas exemplificam como escritoras a Viscondessa das

⁵⁸ L. S. Ascensão de Macedo, p. passim.

⁵⁹ Não referiremos aqui o “Dicionário Enciclopédico da Madeira” e o “Wikipedia”, por serem projetos em processo de construção.

⁶⁰ Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, *Elucidário madeirense*, Vols. 1-2 (Funchal: Junta Geral do Distrito do Funchal, 1921); Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, *Elucidário madeirense*, 2. ed., 3 (Funchal: [Typographia Esperança], 1940-1946).

⁶¹ Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, *Elucidário madeirense*, 2. ed. (Funchal: [Typographia Esperança], 1940), p. 521. Sobre a frequência da palavra “escritora”, refira-se que, a título de exemplo, que, no volume 1, há 2 ocorrências da palavra, uma para “Câmara (D. Marta Celina Sauvayre da)” (sic) e outra referência a Ana de Albuquerque, esposa do militar Luís da Câmara Leme; no volume 2, há 4 ocorrências, referente a Mademoiselle de Loup (Judite Adriana Teixeira de Sousa Moniz) e Viscondessa das Nogueiras. Mas no caso de Olímpia Pio Fernandes (vol. 1), os autores do *Elucidário Madeirense*, referem que ela “cultivou as letras” (p. 29). No caso de “Almeida (D. Maria Helena Jervis de Atouguia e)” e “Castelo Branco (D. Joana de)” aparecem como “poetisas”. Sobre as compositoras e artistas madeirenses, os autores desta enciclopédia não criaram entradas próprias, apenas recuperável no verbete “Música”.

Nogueiras e Joana Castelbranco. No caso das “Notas e Comentários para a História Literária da Madeira”⁶² do Visconde do Porto da Cruz, em três volumes, estruturado segundo uma abordagem cronológica, somente a partir do segundo e terceiro volumes é possível encontrar referências sobre escritoras. Porém, a perspectiva do Visconde do Porto da Cruz sobre as escritoras madeirenses revela uma condescendência paternalista ao criticar as suas (escassas) produções literárias, considerando “todas elas mais ou menos eivadas daquela pieguice”⁶³, ou que “se destacam notavelmente da mediania das produções poéticas do elemento feminino dessa época”⁶⁴, caracterizadas pelo “banalismo piegas, da época”⁶⁵ ou de “um banalismo atroz e sem o menor interesse literário”⁶⁶. Entre os comentários misóginos⁶⁷ e a admiração pela Viscondessa das Nogueiras, por Laura Veridiana de Castro e Almeida Soares, por Matilde de Sauvaire da Câmara, por Luzia, pela sua própria mãe, Ana Augusta de Castro Leal de Freitas Branco, entre outras, o Visconde do Porto da Cruz procurou realizar uma sistematização da produção literária madeirense, dentro da mundividência da época e das limitações que enfrentou durante a pesquisa⁶⁸. Dentro do mesmo espírito enciclopédico e histórico, realce-se para “Registo bio-bibliográfico de madeirenses: sécs. XIX e XX” (1986) de Luiz Peter Clode⁶⁹, que contém referências biobibliográficas que ampliam informações sobre autoras madeirenses não presentes no “Elucidário Madeirense” e nas “Notas e Comentários para a História Literária da Madeira”. Porém, verifica-se a persistência da

⁶² Alfredo de Freitas Branco, *Notas e comentários para a história literária da Madeira*, 3 vols. (Funchal: Edição da Câmara Municipal, 1943).

⁶³ Branco, vol. III sobre Leolinda Jardim Vieira.

⁶⁴ Branco, vol. III sobre Georgina Dias de Almeida.

⁶⁵ Branco, vol. III sobre Arsénia de Bettencourt Miranda.

⁶⁶ Branco, vol. II sobre Maria José da Costa Pereira.

⁶⁷ Repare-se, por exemplo, neste comentário: “Devemos concordar que não era brilhante nem inigualável esta Dama no campo da poesia”; em referência à Luzia: “Fialho dizia que uma Escritora que foge da banalidade deve chamar-se «um homem de génio». Na verdade, nas mais das vezes as intelectuais capricham em exteriorizar uma certa masculinidade, no trajar e nos conceitos, que lhes tira a característica de mulheres. Com a Senhora Dona Luísa Grande não aconteceu assim, porque foi dos espíritos mais geniais e das Artistas de mais refinado gosto, sem nunca perder o seu aprumo e a sua dignidade de Senhora”, Branco, vol. III.

⁶⁸ Cf. Sílvia Gilberta Gomes, “Memória e promoção cultural madeirense na obra do Visconde do Porto da Cruz” (Universidade da Madeira, 2014) <<https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/656>> [acessado 6 maio 2019].

⁶⁹ Luiz Peter Clode, *Registo bio-bibliográfico de madeirenses : sécs. XIX e XX* (Funchal: Caixa Económica, 1986).

ausência de dados biográficos precisos sobre escritoras madeirenses⁷⁰. Entre as produções mais relevantes para a historiografia literária do arquipélago da Madeira, realçamos o monumental dicionário biobibliográfico, em dezasseis volumes ainda inéditos, do “Panorama Literário do Arquipélago da Madeira” (1959?-1986) de Luís Marino⁷¹, que se conservam no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. Este instrumento possui uma das mais abrangentes compilações biobibliográficas de textos e autores madeirenses desde o século XV até ao século XX. Além disto, permaneceram inéditos dois volumes de “Temas Literários (Partes I e II)” que compilam “biografias, crítica literária, poesia, depoimentos, transcrições e inéditos de centenas de autores”⁷². No entanto, é indispensável olhar criticamente para cada uma das entradas, uma vez que não estão isentas de incorreções (por exemplo, dados biográficos dúbios, incompletude dos registos, critérios de inclusão). Em alguns casos, criaram-se pseudónimos sem qualquer fundamentação, como é o caso de “Lília Amada”⁷³. Conforme se pode verificar, muito poucos estudos se versaram sobre a produção intelectual de autoria feminina na Madeira.

Em síntese, um segmento significativo de textos de autoria feminina produzidos na Madeira entre os séculos XV e XIX permaneceu desconhecido do grande público e da comunidade científica. A dispersão das fontes e o obscurecimento da representação da autoria feminina em instrumentos de acesso à informação e na historiografia literária nacional e insular constituem condições que limitaram durante muito tempo o acesso e fruição dos seus textos e criações. A estratégia de transposição dos critérios axiológicos do *mainstream* historiográfico-literário nacional para o âmbito insular apenas serviu para gerar os mesmos efeitos de marginalização, de fragmentação e de latência de um legado documental de autoria feminina insular muito diverso. Por exemplo, as escritoras que nasceram ou que viveram na Madeira mas oriundas de comunidades estrangeiras

⁷⁰ Cf. os casos de Olímpia Pio Fernandes e Carolina Dias de Almeida.

⁷¹ Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, “Panorama Literário do Arquipélago da Madeira (PT/ABM/LMR/A/001)”, *Archeevo - Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira*, 2019 <<https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=661643>> [acessado 6 maio 2019]; ver Teixeira e Barros.

⁷² Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, “Fundo Luís Marino. Temas Literários (PT/ABM/LMR/A/002)”, *Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira - Archeevo*, 2019 <<https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=57647>> [acessado 6 maio 2019].

⁷³ Cf. *infra* verbete respetivo.

não são consideradas como parte integrante da literatura madeirense, porque não escreveram em português. Muitas vezes foram representadas *à parte* em diversas publicações⁷⁴, desde a edição dos seus diários, como Isabella de França⁷⁵, até a compilação de textos de escritoras inglesas⁷⁶ e alemãs⁷⁷.

Com base nesta breve incursão em torno das (in)visibilidades do legado documental madeirense de autoria feminina, identificadas algumas limitações, passamos a seguir a descrever os procedimentos metodológicos para a construção deste dicionário.

Procedimentos metodológicos

Este estudo perfilha o paradigma filosófico proposto por Mertens, denominado paradigma emancipatório ou transformativo⁷⁸. Este paradigma centra-se em questões de justiça social e das desigualdades decorrentes das relações de poder. É neste âmbito que se integra a crítica pós-feminista, onde se desenvolveu importantes conceitos, como “ginocrítica”, criada por Elaine Showalter⁷⁹, que consiste num projeto de recuperação de textos de autoria feminina que permaneceram marginalizados do discurso historiográfico-literário de matriz androcêntrica. No entanto, o propósito deste dicionário consiste em não se circunscrever a textos literários, porque não se pretende realizar, conforme já expusemos, uma história de literatura madeirense no feminino. Pretende-se dispor de uma visão holística sobre o património documental de autoria

⁷⁴ Susanna Hoe, *Madeira : women, history, books and places* (Oxford: Holo, 2004).

⁷⁵ Isabella França, *Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal, 1853-1854*, Edição p ([Funchal]: Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1970).

⁷⁶ António Ribeiro Marques da Silva, *Passaram pela Madeira: textos de autores anglo-saxónicos que visitaram a ilha (1687-2000)* (Funchal: Empresa Municipal Funchal 500 Anos, 2008).

⁷⁷ Eberhard Axel Wilhelm, *Visitantes e escritos germânicos da Madeira : 1815-1915* (Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Dir. Regional dos Assuntos Culturais, 1997).

⁷⁸ Donna M. Mertens, *Transformative research and evaluation* (New York: Guilford Press, 2009). A autora apresenta outras denominações como paradigma transformativo-emancipatório.

⁷⁹ Showalter, “Towards a feminist poetics”, in *Feminist literary theory : a reader*, org. Mary Eagleton, 3rd ed. (Malden Mass.: Wiley-Blackwell, 2011), p. 222–24. Showalter define “ginocrítica” como “the history of styles, themes, genres, and structures of writing by women”. Além disto, refere: “Gynocritics begins at the point when we free ourselves from the linear absolutes of male literary history, stop trying to fit women between the lines of the male tradition, and focus instead on the newly visible world of female culture. (...) Gynocritics is related to feminist research in history, anthropology, psychology, and sociology, all of which have developed hypotheses of a female subculture including not only the ascribed status, and the internalized constructs of femininity, but also the occupations, interactions, and consciousness of women”.

feminina, tendo a Madeira e Porto Santo como espaços de experiência de escrita e de criação intelectual.

Para a construção deste dicionário, adotamos uma abordagem mista (combinação de métodos qualitativos e quantitativos)⁸⁰. As abordagens qualitativas visam explorar conceitos ou fenómenos pouco conhecidos, onde o investigador assume um papel interventivo no processo de recolha, processamento e interpretação dos dados, recorrendo a múltiplas técnicas de natureza exploratória. Parte-se da formulação de um problema de investigação, identificando múltiplas perspetivas e contextos sob uma perspetiva holística. Os estudos quantitativos, por seu turno, visam predizer ou explicar fenómenos através de uma abordagem dedutiva, ou seja, as teorias e hipóteses são estabelecidas *a priori* com o objetivo de testá-las. Para o âmbito deste dicionário, os métodos mistos constituem uma abordagem que visam minimizar as limitações decorrentes de abordagens qualitativas e quantitativas. Os dados qualitativos podem ser obtidos através de informações biográficas e do seu legado documental com vista contextualizar relações complexas (sociais, relações familiares, classe, educação, profissionais) decorrentes da condição de género. Os dados quantitativos podem ser obtidos através de métodos estatísticos para avaliar a dimensão documental de autoria feminina, por exemplo, através do cômputo da frequência de tipologias genológicas e documentais e de impacto (número de (re)edições, locais de publicação, etc.). A combinação destes dados para suportar a estratégia de investigação mista tem como propósito compreender a dimensão da cultura escrita de autoria feminina no arquipélago da Madeira. Portanto, a principal questão de investigação que se pretende responder consiste em saber, para o período compreendido entre o século XV (que pode ser anterior ao descobrimento do arquipélago) e mulheres nascidas no ano de 1900, quem são as autoras com legado documental que foram identificadas em publicações especializadas, como na historiografia literária e em instrumentos de acesso à

⁸⁰ John W Creswell e J David Creswell, *Research Design : Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*, 4.º ed. (Los Angeles, California: SAGE, 2014); Donna M. Mertens, “Transformative Paradigm”, *Journal of Mixed Methods Research*, 1.3 (2007), 212–25 <<https://doi.org/10.1177/1558689807302811>>.

informação, relacionadas com o arquipélago da Madeira? Para responder a esta questão⁸¹, desenvolvemos os seguintes objetivos e estratégias para a recolha de dados:

(1) Identificar em instrumentos de acesso à informação e na historiografia literária insular textos madeirenses de autoria feminina.

A estratégia adotada para este objetivo consiste em realizar uma pesquisa documental em instrumentos de acesso à informação (catálogos e inventários) de natureza biobibliográfica disponíveis, partindo da “Voz à Pluma” (2013)⁸² L. S. Ascensão de Macedo e complementado com “Panorama Literário do Arquipélago da Madeira”⁸³ de Luís Marino, disponibilizado digitalmente pelo Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. O primeiro consiste num estudo com enfoque específico para textos de autoria feminina de âmbito macaronésico. O segundo consiste numa recolha de textos e autores madeirenses. No caso dos textos conventuais de autoria feminina, recorreremos a Fontoura⁸⁴, posteriormente conferidos nas bases de dados do Arquivo Nacional da Torre do Tombo⁸⁵. Para autoras estrangeiras, complementámos, ainda, com a obra de Susanna Hoe⁸⁶, para o caso de escritoras britânicas, e com Elia Hernández Socas⁸⁷, para as escritoras germânicas. De igual forma, fizemos pesquisas na web através dos motores de pesquisa convencionais (u. g., Google, Google Books, Google Scholar) e repositórios digitais, com recurso a descritores diversos, simples ou combinados (nome, apelido, título da obra), onde descritor Madeira ou Funchal são obrigatórios. Fez-se recurso,

⁸¹ Inspirámo-nos na questão colocada por L. Macedo, “Quem foram as escritoras madeirenses do passado?”, *Funchal Notícias (08-03-2015)*, 2015 <<https://funchalnoticias.net/2015/03/08/quem-foram-as-escritoras-madeirenses-do-passado/?fbclid=IwAR3AXa3yC4CdGGI8lcE02gq3EUtRg2LTrv7Dbe-6vKsDmn5aBEXNnW6Jas8>> [acessado 5 maio 2019].

⁸² L. S. Ascensão de Macedo, *Da Voz à Pluma: Escritoras e património documental de autoria feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde, guia biobibliográfica* (Ribeira Brava: Ed. de autor, 2013) <<https://doi.org/10.13140/rg.2.1.4595.1607>>.

⁸³ Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, “Fundo Luís Marino. Panorama Literário do Arquipélago da Madeira (PT/ABM/LMR/A/001)”, *Archeevo - Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira*, 2019 <<https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=661643>> [acessado 6 maio 2019].

⁸⁴ Otilia Rodrigues Fontoura, *As Clarissas na Madeira : uma presença de 500 anos*, 1a ed. (Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 2000) <https://www.worldcat.org/title/clarissas-na-madeira-uma-presenca-de-500-anos/oclc/56943326&referer=brief_results> [acessado 6 maio 2019].

⁸⁵ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, “Torre do Tombo, Instrumentos Descritivos, Conventos diversos”, *DigitArq*, 2008, p. 0022-PT-TT-ID-1-286_9v_c0022.pdf <<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4202801>> [acessado 25 dezembro 2018].

⁸⁶ Hoe.

⁸⁷ Elia Hernández Socas, *Las Islas Canarias en viajeras de lengua alemana* (Frankfurt am Main: Peter Lang, 2010).

também, a catálogos eletrónicos como da Worldcat, da Biblioteca Nacional de Portugal, do Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira e da Biblioteca Municipal do Funchal para atestar a existência de exemplares.

(2) Recolher e estruturar dados biobibliográficos sobre autoras madeirenses.

O processo de recolha de dados pautou-se previamente pelo estabelecimento de critérios de inclusão e de exclusão. Como critérios de inclusão⁸⁸, aplicámos o parâmetro de L. S. Ascensão de Macedo, baseado em duas perspetivas: exógena e endógena. Tais critérios são: 1) autoras oriundas do arquipélago da Madeira: a) que escreveram e/ou publicaram na sua terra de origem ou fora dela; b) que viveram fora da sua terra natal em contexto de emigração ou provenientes da metrópole [continente]; c) inclui neste âmbito a produção de descendentes de 2.ª ou 3.ª gerações que escreveram sobre a sua ligação às ilhas, por estarem numa condição distinta da categoria de autoras estrangeiras; 2) autoras estrangeiras: a) que nasceram ou viveram em comunidades estrangeiras residentes no arquipélago da Madeira e que aí produziram e/ou publicaram as suas obras; b) que visitaram as ilhas na qualidade de turistas ou de viajantes⁸⁹. Para a recolha de dados, organizámos os conteúdos em quatro secções: 1) entrada; 2) dados biográficos; 3) dados bibliográficos relativos à produção de autoria feminina; 4) bibliografia secundária. No âmbito da entrada, colocámos o ortónimo na ordem natural, ou seja, a ordenação é feita pelo primeiro nome da autora e não pelo apelido; no caso dos pseudónimos, encontram-se em itálico. Nos dados biográficos, introduzimos dados vitais (locais e datas de nascimento/falecimento) quando conhecidos (por séculos ou por ponto de interrogação), de filiação ou de parentesco, de percurso profissional e institucional, com referências respeitantes ao vínculo ou contacto com o arquipélago da Madeira. Na secção de dados bibliográficos das autoras, subdividimos em duas partes: a primeira refere-se ao percurso autoral e de produção documental, mencionando perfis de autoria feminina, relações de contacto com outras autoras, temas e géneros mais

⁸⁸ Vários critérios foram propostos por diversos autores. As questões de inclusão e de exclusão de autores madeirenses foram problematizados por António Gonçalves, considerando as seguintes condições: “se o autor madeirense é imediatamente reconhecido como tal pelo facto de ter cá nascido, ou de ter saído de cá jovem e de se ter afirmado como escritor da literatura portuguesa fora do grau, dos limites da insularidade; ou se o escritor madeirense também é aquele que, tendo nascido no continente ou noutra área universal, mas porque escreve em língua portuguesa e escolheu a Madeira para residir e aqui produz obra literária, que se afirma através desses mesmos horizontes de insularidade, merece tal designação; ou, ainda, se o autor madeirense se define em temática de ilha, telúrica, da nossa terra na qual aborda esse grau de preocupação insular genuinamente arquipelágico e insular”. Cf. José António Gonçalves, “Breve panorâmica da moderna literatura madeirense”, in *Cultura Madeirense: temas e problemas*, org. José Eduardo Franco (Campo das Letras, 2008), xvii, 139–50 (p. 140–41).

⁸⁹ Macedo, p. 16.

cultivados, exemplificado com excertos; a segunda corresponde a uma listagem documental (manuscrita, editada ou outra condição). Por último, apresenta-se a bibliografia secundária pertinente ao verbete. Estes parâmetros não se circunscrevem a textos literários, uma vez que se pretende obter uma visão abrangente sobre a produção documental, independentemente da língua, suporte, tipologia genológica e/ou documental, local de publicação/criação, nacionalidade de origem, estado da publicação. Incluímos igualmente textos da tradição oral e popular onde seja possível identificar as informantes. Como critérios de exclusão, optámos por excluir todas as escritoras nascidas depois de 1900; além disto, excluimos autoras cujos dados de nascimento não foram possíveis de serem apurados ou confirmados.

(3) Classificar e validar os dados biobibliográficos de cada entrada.

A validade deste estudo baseou-se num processo de triangulação, ou seja, foram utilizadas diversas fontes documentais, conferindo a origem das informações constantes de cada entrada da bibliografia compulsada. A descrição dos procedimentos metodológicos visa proporcionar a replicabilidade do processo de investigação. O objetivo central deste dicionário consiste em facilitar o acesso ao legado das autoras elencadas com um mínimo de informação. Deve-se ressaltar o facto de a Internet ser um recurso que facilita a recuperação de informações, no entanto convém ter presente que nem toda a informação disponibilizada na web (portais, bases de dados, redes sociais, objetos digitais) é necessariamente autêntica, completa e acessível e que as referências de endereços URL podem ser desligadas ou alteradas pelos divulgadores. No que diz respeito à classificação, adotámos a nomenclatura da Classificação Decimal Universal⁹⁰, no sentido de agrupar as publicações por géneros. Quanto aos documentos de arquivo e manuscritos, adotámos uma classificação “à notre besoin”.

Deve-se realçar que este dicionário utiliza os conceitos de “autoria feminina” e de “escritora” apenas com fins operacionais. Utilizamos a denominação de “textos de autoria feminina” para toda a produção documental, qualquer que seja o género, a tipologia documental ou o suporte utilizado, com identificação explícita de produção

⁹⁰ UDC Consortium, “Universal Decimal Classification”, UDC Consortium, 2013 <<http://www.udcsummary.info/php/index.php?lang=pt>> [acessado 15 maio 2019].

intelectual de feminina. É de incluir neste conceito pseudónimos femininos, tanto de autoria feminina como masculina⁹¹.

Resultados

Com base nos objetivos propostos, o resultado do mapeamento de textos madeirenses de autoria feminina constantes deste instrumento evidencia uma dimensão muito diversa de perfis autorais, de géneros literários e de tipologias documentais. Este instrumento adota uma perspetiva abrangente sobre a autoria feminina, considerando a Madeira e Porto Santo como *loci* de experiência de escrita e de criação, baseada numa abordagem de pesquisa documental e sem restrições de nacionalidade e de língua.

Como tal, este dicionário contém 194 entradas, com uma dimensão temporal entre o século XV até autoras nascidas em 1900. Do conjunto das entradas, registámos 792 dados bibliográficos e documentais de autoria feminina. À diferença de outras obras, este dicionário contém um conjunto de entradas superiores aos dicionários e instrumentos de acesso à informação compulsados. Por exemplo, no “Panorama Literário do Arquipélago da Madeira”⁹² de Luís Marino, constam 4082 registos de entradas de autores madeirenses, 14% ($n=549$) dos quais correspondem a entradas respeitantes a autoras madeirenses. Das 549 entradas correspondentes a autoras madeirenses⁹³, apenas 12,9% dizem respeito a autoras nascidas entre finais do século XVIII e nascidas até 1900. No caso de Macedo⁹⁴, das 458 entradas referentes a escritoras do espaço macaronésico (Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde), só 26,6% correspondem a entradas sobre autoras madeirenses referentes ao período do séc. XVI até autoras nascidas em 1939. Além disto, em termos de origem geográfica e língua, este dicionário identifica que as autoras de origem portuguesa (nascidas na Madeira, no continente ou na diáspora) correspondem a cerca de 70,1%, enquanto a presença de

⁹¹ É interessante verificar casos de transgenerismo literário, onde autores subscrevem os seus textos com pseudónimos femininos e vice-versa.

⁹² Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, “Fundo Luís Marino. Panorama Literário do Arquipélago da Madeira (PT/ABM/LMR/A/001)”.

⁹³ No “Panorama Literário do Arquipélago da Madeira” existem fichas em duplicado que constituem adendas ao registo principal mas dispersos em volumes distintos. Contudo, grande parte das entradas respeitantes a autoras madeirenses carece de dados biobibliográficos mais precisos, encontrando-se nesta situação cerca de 57,8% no total das 549 entradas identificadas.

⁹⁴ Macedo, p. 7.

autoras estrangeiras (nascidas na Madeira ou no estrangeiro) é de 29,8%, sendo maioritária a presença de escritoras inglesas (75,8%), de expressão alemã (22,4%) e de expressão francesa (1,7%).

O *corpus* documental de autoria feminina que este instrumento colige evidencia uma grande diversidade de tipologias textuais e documentais. Identificámos diversos repositórios institucionais e classificámos documentos de arquivo, monografias, periódicos e outras tipologias documentais. A seguir caracterizaremos, sem ânimo de exaustividade, as principais características da cultura escrita de autoria feminina no arquipélago da Madeira.

(1) Biografia, autobiografia, epistolografia e narrativas de viagens. O que este *cluster* de géneros literários tem em comum consiste no facto de serem textos escritos maioritariamente na primeira pessoa, partilhando do ponto de vista genológico alguns casos de hibridismo ou de contaminação. Algumas narrativas de viagem, por exemplo, encontram-se configuradas segundo as regras do género epistolar. A dimensão deste *cluster* corresponde a cerca de 27,8% da produção identificada, sendo a epistolografia e as narrativas de viagens os géneros literários mais frequentes. As mais antigas referências dizem respeito a correspondência administrativa, familiar e confessional. Realçamos o caso da Serva de Deus, Maria da Encarnação, do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal⁹⁵, cujas cartas foram compiladas e validadas por via notarial, para compor a *Vida*⁹⁶ redigida pelo Pe. João Ribeiro, S. I. É através desta correspondência que se pode conhecer dimensões desconhecidas sobre a vida privada e social das religiosas madeirenses. No entanto, pouca correspondência de autoria feminina sobreviveu, exceto algumas cartas de natureza familiar que se conservam, ainda inéditos, por exemplo, na Biblioteca da Ajuda, no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira e no estrangeiro, como no Arquivo Secreto do Vaticano. Somente em finais do século

⁹⁵ Entre outras que cultivaram este género, ver as sorores Antónia Angélica de Viterbo, Petronilha Rosa de São Pedro, Juliana Maria da Vitória e Josefa Maria Xavier. Cf. também Guiomar Madalena de Sá Vilhena.

⁹⁶ O género vida, apesar do cunho (auto)biográfico, tanto escritas pelas religiosas como pelos seus confesores, corresponde, por vezes, a casos em que as religiosas biografadas se encontram acusadas de heresia.

XVIII e inícios do seguinte encontrámos relatos de viagens de autoras inglesas, alemãs, francesas e americanas, como Maria Riddell, Ida Pfeiffer, Albine-Hélène de Vassal, Elisabeth Phelps, Maria Dundas Callcott e Sarah Bowdich Lee. Encontrámos produção diarística ou narrativas de viagens, por vezes sob forma epistolográfica, em casos como Maria Phelps, Emily Smith, Helena Parham, Louisa Lowrie, Anna Maria von Werner, Ellen Taylor, Isabella de França, ou membros da realeza e nobreza europeias, como a imperatriz consorte do México, Carlota da Áustria. No caso das autoras nascidas na Madeira (de comunidades portuguesa e britânica) que cultivaram a narrativa de viagens refira-se para Alicia Bewicke Little, Celina Sauvaire da Câmara, Maria de Cabedo e Luzia. Importa mencionar, também, Elisabeth Josephine Craig pelo seu contributo na divulgação da gastronomia madeirense que se integra no domínio das narrativas de viagens. No caso das comunidades madeirenses em contexto de emigração, sob forma biográfica e epistolográfica, refira-se Jesuína Teresa Martins e Ana Martins Gouveia, escritos no Havai.

(2) Desenho, pintura e fotografia. As principais cultoras deste tipo de legado documental são autoras britânicas, correspondendo a 4,1% do conjunto de obras identificadas. A produção que se conhece vai do desenho científico da fauna e flora da Madeira – como Sarah Bowdich Lee, a *Honourable* Elisabeth Norton e Mary Young (colaboradoras do Reverendo Thomas Lowe), as irmãs Jane Wallas Penfold e Augusta June Robley, e as irmãs Du Cane – até representações da paisagem e costumes madeirenses, como Isabella de França, Susan Vernon Harcourt e Emily Smith. No campo da fotografia é indispensável realçar para Amélia Augusta de Azevedo (embora insuficientemente identificado) e Mildred Blandy. Desconhecem-se, por exemplo, as obras de Maria Ornelas e de Gabriela Tcherkessoff, dado não se dispor de estudos sobre artistas madeirenses no período em estudo.

(3) Dissertações académicas, textos didáticos, ensaio e historiografia. Este segmento é residual (3,6%), mas significativo. Ainda que só no século XX é que se pode verificar um número significativo de autoras de textos académicos para obtenção de habilitações literárias, Cristina da Cunha publicou uma tese de doutoramento intitulado “Sobre o estudo estatístico e toxicológico dos envenenamentos pelo arsénio” (1925). No domínio da prosa didática, é necessário realçar os “Diálogos entre uma Avó e sua Neta” (1862), aprovado pelo Conselho Geral de Instrução

Pública, constituindo um texto pioneiro em termos de manuais didáticos publicados em Portugal. Outro manual didático, orientado para técnicas de canto, é da autoria de Gabriela Marcial Jardim Tcherkesoff, publicado em França sob o título “La Technique Vocale Simplement Expliquée” (1932). No âmbito do ensaio, Josefina Perestrelo é autora de um estudo histórico e biográfico sobre o Marquês de Pombal, publicado em Lisboa em 1882.

(4) Poesia. Entre os géneros literários mais cultivados, correspondendo a cerca de 20,9% do conjunto de géneros e tipologias documentais constantes deste levantamento, a poesia ocupa um lugar de destaque. Grande parte da produção poética surge em inícios do século XIX, especialmente no segundo quartel da primeira metade do século, com Lília Amada, Mariana Pimentel Maldonado e Viscondessa das Nogueiras. Identificámos três cenários de publicação. Em primeiro lugar, os textos poéticos encontram-se dispersos em jornais, almanaques e antologias literárias, confirmando o que foi exposto atrás. As colaboradoras mais assíduas foram Arsénia Bettencourt Miranda, Joana de Castelbranco, Viscondessa das Nogueiras, Maria Isabel Gamito de Oliveira e Maria Luísa da Costa Pereira. Em segundo lugar, algumas escritoras reuniram em livro as suas produções poéticas, como Berta de Ataíde, Joana de Castelbranco, Mariana Xavier da Silva Freire, Maria Rita Chiappe Cadet, Eugénia Rego Pereira, as irmãs Luisa e Arabella Shore. No caso da poesia popular, devemos realçar Jesuína Teresa de Jesus Martins e Virgínia Gonçalves de Freitas Vieira, porque, sendo analfabetas, os seus textos sobreviveram através da mediação escrita masculina. Por último, há uma prevalência para o ineditismo, não sendo possível identificar o seu paradeiro dos seus manuscritos em casos como Carolina Matilde Esmeraldo, Emília Henriqueta Acciaiolly Rego, Lília Amada, Mariana Pimentel Maldonado, Margarida de Sabóia Pestana Pereira Pinto, entre outras, excentuando-se aquelas que destruíram *manu propria*. Há que ressaltar para presença de poesia infantil e juvenil para casos como Maria Francelina Morais de Lunet, Emília Acciaiolly Rego e Maria Elvira Gomes de la Mata Diniz. No entanto, as colaborações esporádicas ou o aparecimento e desaparecimento súbito de poetisas não deixavam indiferente os leitores⁹⁷. Em termos gerais, os *topoi* mais

⁹⁷ Uma leitora do “Diário de Notícias” perguntava: “Que fim levou D. Arcenia B. Miranda? – E D. Joanna Castello-Branco? – E D. Marianna S. F.? – E D. Maria L. da Costa Pereira? – D. Marianna Belmira d’Andrade?”

recorrentes da poesia madeirense de autoria feminina - atendendo incidem sobre eventos familiares, como o aniversário de nascimento ou morte de um ente querido, a celebração da maternidade, a saudade em contexto de emigração, devoção religiosa, temas encomiásticos em torno de personalidades, instituições e de exaltação da beleza da ilha, a guerra civil de 1828 a 1834. O interesse pelo mito de Machim e Ana de Arfet foi cultivado por duas poetisas alemãs, Pauline Schanz e Amalie von Liebhaber, através de poemas épicos.

(5) Prosa em jornais, revistas, artigos de opinião e discursos. Este segmento constitui um dos mais frequentes, por representar cerca de 16,39% do total de géneros e tipologias documentais identificados neste dicionário. Trata-se de uma dimensão muito heterogénea, contando entre as colaboradoras que publicam assiduamente em periódicos e as que não se conhece mais do que uma única publicação. Dado que os instrumentos de acesso à informação disponíveis sobre periódicos portugueses muitas vezes não catalogam o conteúdo, considera-se que a dimensão de colaboradoras madeirenses pode estar infradimensionada⁹⁸. Verifica-se uma forte presença de pseudónimos, alguns correspondendo a uma espécie de “transgenerismo literário”, como a “querela das freiras” de “O Patriota Funchalense” (*Huma Freira Zelosa Da Verdade* e *Senhora Freira Constitucional*, que se supõe ser de autoria masculina) e César Ortigão, para o caso de Olímpia Pio Fernandes. Algumas escritoras madeirenses reuniram em livro as suas publicações dispersas em periódicos insulares e nacionais, como Maria de Cabedo, Judite Moniz, Maria Rita Chiappe Cadet e Mariana Xavier da Silva Freire. Entre as mais prolíficas colaboradoras devemos realçar Júlia Graça de França e Sousa, mas há um conjunto de textos não identificados, como Maria Ornelas e Guilhermina Adriana Teixeira e Sousa Moniz, pelas dificuldades acima indicadas. Dentro deste segmento, importa integrar discursos, palestras, entrevistas ou conferências, que constituem um conjunto documental desconhecido, devido, em alguns casos, ao ineditismo e

(...) porque razão, pois, t’os não mandam, e, se t’os enviam, porque lhes não dás publicidade?!”, In *Diário de Notícias*. Funchal. N.º 223 (17-07-1877): p. 1.

⁹⁸ Grande parte das entradas de autoras madeirenses do século XX constantes do “Panorama Literário do Arquipélago da Madeira” de Luís Marino atesta a falta de elementos biobibliográficos precisos.

raridade de exemplares, sendo de realçar Maria de Cabedo, Isaura dos Passos Jardim, Júlia de França e Sousa e Margarida Olim Marote Ramos.

(6) Romance, novela, conto e crónicas literárias. Este segmento corresponde a 6,9% do conjunto de escritoras que cultivaram estes géneros literários. Devemos realçar para as cultoras do romance histórico como Maria do Monte de Santa e Vasconcelos e Viscondessa das Nogueiras. No domínio do conto e das crónicas literárias, deve-se referir as obras de Luzia, Maria Augusta de Lima Vieira de Abreu, Maria da Soledade, Olímpia Pio Fernandes, Maria de Cabedo, que se encontram publicadas em monografias ou disseminadas na imprensa periódica. Verifica-se, também, a presença de escritoras britânicas que escreveram na Madeira, como a prolífica romancista e novelista Evelyn Everett-Green e Mary Saunders O'Malley. No caso do romance satírico, refira-se a autoria sob o pseudónimo Domingas de Ornelas Augusta, intitulado "O Ferreiro", reeditado duas vezes no Funchal em 1872. No âmbito da literatura infanto-juvenil, importa referir os contos de Maria Francisca Teresa, Maria das Dores Sauvaire da Câmara e Maria Rita Chiappe Cadet.

(7) Teatro, artes performativas, composição musical e cinema. O género dramático corresponde 4,5% do conjunto de autoras aqui identificadas. Contudo, grande parte das suas obras permaneceram inéditas ou em paradeiro incerto. Diversas peças de teatro foram estreadas no Funchal a partir da segunda metade do século XIX, com realce para Olímpia Pio Fernandes, Carolina Dias de Almeida, Matilde Olímpia Sauvaire da Câmara e Eugénia Rego Pereira. No que toca à música, é de realçar a presença de compositoras madeirenses, como Amélia Augusta de Azevedo e Matilde Olímpia Sauvaire da Câmara, cuja produção ainda se encontra dispersa e manuscrita. No âmbito do cinema, refira-se a participação de Eugénia Rego Pereira em "O Fauno das Montanhas" (1926) e de Maria Augusta de Lima Vieira de Abreu, como atriz em "A Calúnia" (1926), ambos de Manuel Luís Vieira. Há referências de Maria de Cabedo ter escrito um argumento para filme intitulado "A fascinação do Mar", que permaneceu inédito.

(8) Textos da atividade administrativa. Para os períodos do século XV até finais do século XVIII, pouco se sabe sobre a dimensão da cultura escrita de autoria feminina no arquipélago da Madeira até à introdução da tipografia em 1821. Uma das características mais frequentes consiste na mediação da voz das mulheres em textos

oficiais escritos por escrivães ou notários, como testamentos, correspondência e documentos administrativos. Por exemplo, no testamento de Maria de Bettencourt (1417-1494) é possível identificar a sua voz autoral, como Macedo refere, “entrecortada na estrutura formular da tradição amanuense”⁹⁹. Apesar de o texto se encontrar enunciado na primeira pessoa, é um documento que simultaneamente não só cumpre fins administrativos e patrimoniais mas também é um texto com conteúdo (auto)biográfico. Entre as mulheres que tiveram acesso à cultura escrita na Madeira, temos as escrivãs dos conventos madeirenses. Cerca de 21 autoras (9,4%) produziram textos de natureza administrativa, em áreas funcionais como a administração financeira, patrimonial, de registos vitais e da correspondência oficial¹⁰⁰. No âmbito da documentação empresarial, identificámos Vera Way Marghab, que desenvolveu a sua atividade como mulher de negócios no setor do bordado da Madeira no Funchal, cujo acervo arquivístico, bibliográfico e museológico se encontra totalmente deslocado nos Estados Unidos da América.

(9) Textos da tradição oral e popular. Num arquipélago onde as taxas de analfabetismo foram particularmente elevadas para o sexo feminino no período aqui considerado, verifica-se um número elevado de mulheres informantes de textos de tradição oral e popular na bibliografia compulsada para a presente recolha. As zonas rurais insulares constituem espaços onde se verifica maior preservação destes textos, devido ao seu isolamento e menor contacto com as zonas citadinas e meios de comunicação. Contudo, este tipo de textos sofreu forte declínio ao longo do século XX. Como refere Ferré, “os textos da literatura tradicional encontram-se fixados nas memórias dos seus portadores e nelas se reescrevem, no acto de aprendizagem, para, finalmente, se transmitirem, pela voz a outras memórias submetidas às mesmas regras”¹⁰¹. Apesar de os compiladores não terem fornecido elementos

⁹⁹ Macedo, p. 10.

¹⁰⁰ Veja-se, por exemplo, as religiosas Ana Josefa da Natividade, Antónia de Santa Rita, Antónia Rosa de Viterbo, Bibiana Narcisa do Lado, Carlota Matilde da Conceição, Clara Cecília de São José, Emília Romana do Empírio, Felisberta Cândida de São Bernardo, Joana Teresa da Glória, Josefa Maria da Encarnação, Maria Angélica da Nazaré, Maria da Exaltação, Maria do Lado, Maria Vitorina da Fé, Mariana Agostinha de Santa Gertrudes, Mariana da Paixão, Mariana da Vitória, Mariana de Santa Teresa, Petronila do Socorro, Teresa António do Amor Divino, Tomásia Delfina da Cantuária.

¹⁰¹ Pere Ferré, “Romanceiro e memória”, in *Memória & Sabedoria*, org. José Pedro Serra et al. (Lisboa: Centro de Estudos Clássicos/Centro de Estudos Comparatistas/Húmus, 2011), p. 435–58 (p. 441) <<https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/3011>> [acessado 13 maio 2019].

biográficos mais detalhados sobre as suas informantes, foi possível identificar, através da idade e data da recolha, textos e nomes como Ana de Araújo Longueira, Augusta Vieira, Cândida Gonçalves Telo, Guilhermina dos Santos, Cristina Vieira da Costa e Umbelina Teixeira Mendes. Este filão de guardiãs da cultura oral e popular evidencia que estas informantes cultivaram este tipo de textos, normalmente em ambiente doméstico e familiar, suportada na memorização e na repetição, com textos de conteúdo profano ou religioso¹⁰². Não pudemos, contudo, recuperar em Rodrigues de Azevedo, informação sobre eventuais informantes¹⁰³. De igual forma, não tivemos acesso à obra de Joanne Burlingame Purcell (1938-1984), que realizou um levantamento nos Açores e na Madeira entre 1969 e 1971¹⁰⁴. A principal fonte de informação para este dicionário proveio das pesquisas de Ferré e Boto¹⁰⁵. Neste dicionário encontram-se representadas cerca de 3,6% das informantes, número muito inferior devido à falta de tratamento e divulgação de diversos textos recolhidos no passado e que se encontram ainda inacessíveis.

(10) Tradução literária. Um número significativo de escritoras madeirenses dedicou-se à atividade tradutícia, com prevalência para autores franceses e ingleses. A tradução (e retroversão) corresponde cerca de 2,5% da produção literária constante deste dicionário. As principais cultoras foram Carolina Matilde Esmeraldo, Matilde Laura Soares Pestana Coelho, Viscondessa das Nogueiras, Eliza Newton Smart e Maria Francisca Teresa, que publicaram em livro as suas traduções, exceto Josefina Perestrelo, que publicou apenas em periódicos insulares. O caso de “Enrico Le Prêtre” da Viscondessas Nogueiras, publicado em Paris em 1888, constitui um único caso de versão para francês do romance de Alexandre Herculano. Há, porém, que ter presente que muitas das traduções publicadas nos jornais madeirenses do século XIX aparecem de forma anónima, não sendo possível aferir se se trata de textos de autoria feminina.

¹⁰² Paulo Jorge Correia, “conto de tradição oral”, *Aprender Madeira*, 2016 <<http://aprenderamadeira.net/conto-de-tradicao-oral/+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>> [acessado 14 maio 2019].

¹⁰³ Alvaro Rodrigues de Azevedo, *Romanceiro do archipelago da Madeira* (Funchal: Typ. da “Voz do Povo”, 1880).

¹⁰⁴ Cf. entrada em Macedo, seç. [185].

¹⁰⁵ Pere Ferré e Sandra Boto, *Novo romanceiro do Arquipélago da Madeira* (Funchal: Funchal 500 Anos, 2008).

Pelo que se sabe da produção textual de autoria feminina antes do século XIX, a dimensão da cultura escrita será predominantemente manuscrita e com fins utilitários. A mediação da voz feminina pela mão masculina permaneceu durante muito tempo em diversos documentos de arquivo, apesar de a estrutura diplomática do texto estar focalizada na primeira pessoa. Exemplo disto é o testamento de Maria de Bettencourt¹⁰⁶, que corresponde a um dos mais remotos testemunhos de autoria feminina no espaço atlântico. No caso dos conventos femininos Madeirenses – especialmente os Conventos de Santa Clara, de Nossa Senhora da Encarnação e de Nossa Senhora das Mercês – pouco se estudou sobre a cultura escrita das religiosas madeirenses. Deve-se a Fontoura a chamada de atenção para a sua produção documental¹⁰⁷, que, encontrando-se dispersa entre o Arquivo Regional da Torre do Tombo e o Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, realçou a atividade das escritãs dos conventos. De facto, as escritãs dos conventos madeirenses detinham um nível de conhecimento que não se circunscrevia ao registo da atividade administrativa (financeira, patrimonial, da vida consagrada). Fontoura refere que as religiosas madeirenses cultivaram “a música sacra, a escrita, a aritmética, a caligrafia e as artes menores tais como o desenho, a pintura e a miniatura”¹⁰⁸. É possível encontrar evidências referentes não só à atividade cronística, por exemplo a obra perdida de soror Isabel da Madre de Deus. Porém, não se conhece a existência de livrarias conventuais femininas na Madeira¹⁰⁹ nem existem estudos sobre a atividade dos cartórios conventuais femininos e hábitos de leitura¹¹⁰. É através da *Vida da Serva de Deus Maria*

¹⁰⁶ Consulte-se verbete *infra*.

¹⁰⁷ Otilia Rodrigues Fontoura, *As Clarissas na Madeira : uma presença de 500 anos*, 1a ed. (Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 2000) <https://www.worldcat.org/title/clarissas-na-madeira-uma-presenca-de-500-anos/oclc/56943326&referer=brief_results> [acessado 6 maio 2019].

¹⁰⁸ Fontoura, p. 246.

¹⁰⁹ Paulo J. S. Barata, “As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer”, *Lusitania Sacra*, 24 (2016), 125–52 <<http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/LusitaniaSacra/index.php/journal/article/view/209>> [acessado 6 maio 2019]. Este estudo menciona erroneamente os conventos femininos madeirenses, por confusão com a transferência do cartório conventual para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

¹¹⁰ Entre os estudos sobre a atividade conventual, não se fez especial realce para os cartórios, apesar de os estudos sobre estas instituições terem consultado os seus fundos documentais, como em Eduarda Maria de Sousa Gomes, *O Convento da Encarnação do Funchal : subsídios para a sua história, 1660-1777* (Funchal: Região Autónoma da Madeira, Secretaria Regional de Turismo e Cultura, 1995); João Sousa, *O Convento de Santa Clara do Funchal*, 1. ed. (Funchal: Secretaria Regional do Turismo Cultura e Emigração, 1991). Fontoura faz especial realce para este aspeto, cf. nota 96.

da Encarnação que encontramos referências na primeira pessoa o apoio do fundador do Recolhimento de Santa Teresa, cónego Henrique Calaça de Viveiros, e dos religiosos da Companhia de Jesus do Funchal em facilitar o acesso a autores como Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, através do empréstimo, aquisição ou transcrição de textos para a religiosa leiga madeirense. Relativamente ao século XVIII, é possível identificar alguma atividade epistolar, mas estamos na presença de um período pouco estudado e identificado. O que vamos encontrar a partir da segunda metade do século XVIII e inícios do século XIX são textos de escritoras estrangeiras, especialmente relatos de viagens de expressão inglesa, alemã e francesa. Tais textos demonstram uma diversidade de propósitos que constituem um olhar exógeno sobre o arquipélago, desde o relato de experiências e vivências na Madeira enquanto destino de turismo terapêutico ou como destino para naturalistas e exploradoras, registados em narrativas ou em desenhos, ou simplesmente um retiro para a criação literária, como a escritora Evelyn Everett-Green.

Todavia, encontramos muitos casos de ineditismo, que constitui um dos elementos limitadores que dificultam a identificação e localização de exemplares. São muitas as referências e poucas as que efetivamente se conservam em arquivos e bibliotecas. Outro aspecto relevante em relação a textos madeirenses de autoria feminina consiste nos mecanismos de mediação da sua voz, presente não só em documentos de arquivo (testamentos, requerimentos, correspondência oficial), mas também em prefácios dos seus romances, livros de poesias ou na prosa jornalística, com raras exceções, como Joana de Castelbranco. Por exemplo, o “Código Civil” português de 1867 obrigava a que toda a criação intelectual de autoria feminina dependesse da bondade da tutela masculina, como refere o artigo 1187.º: “A mulher auctora não póde publicar os seus escriptos sem o consentimento do marido; mas pode recorrer á auctoridade judicial em caso de injusta recusa delle”¹¹¹. Contudo, não é raro em Portugal encontrar mulheres que fundaram a sua própria tipografia para publicar em liberdade, como a cabo-verdiana Antónia Gertrudes Pusich (1805-1883) e a açoriana Alice Moderno (1867-1946).

De acordo com Macedo, há dois factores determinantes para a epifania de escritoras e artistas madeirenses desde o século XIX: o acesso das mulheres à educação e a

¹¹¹ Portugal, *Codigo Civil Portuguez*, 2.ª ed. (Lisboa: Imprensa Nacional, 1868), seq. 208.

introdução da tipografia na Madeira¹¹². Em primeiro lugar, a introdução da tipografia na Madeira¹¹³, pela iniciativa do madeirense Nicolau Caetano Bettencourt Pita, em 1821, trouxe efeitos multiplicadores para uma comunidade insular maioritariamente analfabeta, de cultura de base oral e de circulação documental manuscrita. Representou uma importante revolução industrial de iniciativa Liberal para a Madeira no domínio da informação. Tal favoreceu não só a criação de um mercado livreiro e editorial, anteriormente inexistentes, como também facilitou a institucionalização de bibliotecas públicas, como a Biblioteca Municipal do Funchal (1838), aproveitando o contexto de confisco das livrarias conventuais ocorrido a partir de 1834, e desenvolver um serviço público de leitura. Em segundo lugar, o alargamento do acesso das mulheres madeirenses à educação pública. Ainda que a reforma pombalina de 1772 contemplasse a criação de escolas régias femininas na Madeira, persistia um preconceito relativamente à necessidade de as mulheres (e as classes populares) terem direito a uma educação letrada, conforme se pode verificar em diversos jornais madeirenses do século XIX. Marceliano Ribeiro de Mendonça (1805-1866), Comissário dos Estudos do Distrito do Funchal, referiu em 1856¹¹⁴, a propósito da criação da escola pública de meninas de Câmara de Lobos, que o destino da mulher se concretizava como mãe, filha, esposa e educadora da sociedade: “[só] quando a mulher for bem educada, poderá educar bem a família que se criar de roda dela, à sombra do seu amor e solicitude maternal”¹¹⁵. Na verdade, as classes mais possidentes da Madeira dispunham de várias alternativas: ou entregavam a educação das primeiras letras ao cuidado dos conventos femininos; ou contratavam preceptores ou preceptoras para educarem as suas filhas em contexto

¹¹² L. S. Ascensão de Macedo, *Da Voz à Pluma: Escritoras e património documental de autoria feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde: guia biobibliográfico* (Ribeira Brava: Ed. de autor, 2013) <<https://doi.org/10.13140/rg.2.1.4595.1607>>.

¹¹³ Porfírio Pinto, “O papel dos padres no desenvolvimento da imprensa periódica na Madeira”, in *Diocese do Funchal: a primeira diocese global: História, Cultura e Espiritualidades*, org. José Eduardo Franco e João Paulo Oliveira e Costa, Vol. II (Funchal; Lisboa: Diocese do Funchal; Esfera do Caos, 2015), p. 719–25.

¹¹⁴ No contexto do Decreto de 7 de maio de 1856, que criou no Distrito do Funchal doze cadeiras de instrução primária para o sexo masculino e oito para o feminino. Cf. <http://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/31/11/p185>. As vagas para escolas públicas femininas só foram criadas para Santa Cruz, Machico, Santana, S. Vicente, Porto Moniz, Calheta, Câmara de Lobos e Porto Santo.

¹¹⁵ Nelson Veríssimo, “A Escola Pública de Meninas do Concelho de Câmara de Lobos: o discurso inaugural do Comissário de Estudos”, *Revista Girão*, 2.3 (2006), 53–57.

doméstico¹¹⁶, como os “Diálogos entre uma avó e sua neta” (1862) da Viscondessa das Nogueiras são exemplo; ou, ainda, a criação de escolas privadas, como por exemplo a iniciativa das comunidades inglesas radicadas na Madeira, especialmente a família Phelps¹¹⁷. A conjugação destes dois factores proporcionou às mulheres insulares, aos poucos, o acesso a um espaço público, que tradicionalmente era um espaço masculino, como já dissemos. Contudo a emancipação das mulheres madeirenses no século XIX gerava receios para muitos homens, pelo medo de as converterem em *femmes savantes* ou a exigirem novos direitos¹¹⁸, como se pode atestar no excerto do poema satírico de José António Monteiro Teixeira (1795-1876), em “Verdades Singelas”¹¹⁹, a seguir transcrito:

*Dama que monta um ginete
Como a filha de um Bedoim;
Que fala hebraico e latim,
Canta mal, toca machete;
Que tem feito comentários
Sobre Strabo ou Ptolomeu,
Não a quero eu.*

*Mulher franca, e assaz mansinha,
Fecunda modicamente,
Lendo pouco, e experiente
Na costura e na cozinha;
Que reza o terço, e amamenta
As criancinhas que pare,
Deus ta depare.*

*Pálida freira professa,
Dos mancebos admirada,
Que se torna mui rosada
Enquanto o padre a confessa;
Que às ocultas da abadessa
Recebe escritos, e lê-los,
Não quer só Deus.*

¹¹⁶ Rogério Fernandes, “Educação e Ensino Popular na Madeira (Séc. XVIII - 1840)”, *Revista da Universidade de Coimbra*, 37 (1992), 1–69. Temos, por exemplo, o caso da mestra Faustina Maria de Jesus a oferecer serviços de ensino da leitura, escrita, contagem e labores femininos (*O Patriota Funchalense*, n. 111, v. 2 de 27-07-1822).

¹¹⁷ Cláudia Faria Gouveia, *Phelps - percursos de uma família britânica na Madeira de oitocentos*, org. Francisco Faria Paulino (Funchal: Empresa Municipal Funchal 500 Anos, 2008).

¹¹⁸ Veja-se, por exemplo, no artigo assinado por S. G. em “Os direitos da mulher”, *A Grinalda Madeirense*, n.º 4 (1880-04-04): p. 1, onde o autor refere que “A mulher não deve sahir do ambiente para que foi creada; (...) Este [o homem] tem a actividade do trabalho; ella o carinho da familia. [...] Tem a instrucção em toda a amplitude do seu vasto terreno; estudem. Tem os elementos para educarem os seus filhos; aprendam-n’os. Tem os necessários recursos para a sua vida tranquilla de familia; aproveitem-n’os. Para que intrometterem-se na politica? Para que ambicionarem ter voto no suffragio universal as eleições?”.

¹¹⁹ José António Monteiro Teixeira, *Obras poéticas*, Tomo I, Madeira, Na Typ. de L. Vianna Junior, 1848, p. 27 e sgg.

Ainda assim, algumas mulheres madeirenses não se limitaram ao mundo privado da família ou resignadas a permanecerem por detrás dos muros dos conventos: vê-la-emos nas escolas, no teatro, nas instituições de beneficência, nas empresas, nos hospitais, em entidades públicas, não só na Madeira mas também em Portugal Continental e na diáspora. Personalidades como a cantora Júlia de Atouguia de França Neto (1825-1903)¹²⁰, a compositora Amélia Augusta de Azevedo (1844-1914), a obra humanitária de Madre Catarina de Jesus Cristo (1869-1957) e a cantora Gabriela Tcherkesoff (1879-1943) obtiveram na sua época reconhecimento internacional.

É através do seu legado documental que as escritoras madeirenses demonstraram que tinham consciência do seu papel no mundo, da necessidade de desbravar um percurso para que as gerações seguintes pudessem superá-lo, como Joana de Castelbranco refere no seu poema “A instrução da mulher” (1873)¹²¹:

*Mulher! Bendita seja a luz divina,
que te sorri à mente pensadora,
formosa e deslumbrante como a aurora,
que os amplos horizontes ilumina.*

*Nessa crença que a liberdade ensina
tu vens, como uma estrela sedutora,
triumfante mostrar ao mundo agora
da ciência o amor, que te domina.*

(...)

*A vil ignorância rolou no abismo...
O rígido império, que o génio oprimiu
Vergando na base de orgulho insensato,
À luz do estudo, tremeu e caiu.*

*O sexo olvidado do mal se resgata,
Nos livros ganhando direito também:
A glória ressoa nas obras fulgentes
De Staël, Sevigné, Ancelot, Girardin.*

*Enfim, vede agora a mulher triunfante
Do amor, do trabalho o exemplo espalhar;
Em luta incansável, nos livros da história,
A auréola do génio também conquistar.*

¹²⁰ Rui Magno Pinto, “neto, júlia de atouguia de frança”, *Aprender Madeira*, 2018 <<http://aprenderamadeira.net/neto-julia-de-atouguia-de-franca/+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>> [acessado 15 maio 2019].

¹²¹ Joana de Castelbranco, “A instrução da Mulher”, In *A Lâmpada*. Funchal. N.º 23 (13-05-1873): p. 3; republ. *Diário de Notícias*. Funchal. N.º 188 (06-05-1877): p. 1-2.

(...)

*Assim a mulher, que a luz rodeia
O verbo progressivo dessa ideia
Derrama sem cessar.
Só ela, pelo estudo, pode um dia
Esmagar a opressão, a tirania
E os povos resgatar.*

Abreviaturas e sinalética

/	Separação de linha (aplicado em versos)
?	Datas ou locais desconhecidos
•	Item bibliográfico (apenas utilizado quando há mais do que um título)
†	Ver entrada com este nome
ca.	<i>circa</i> (cerca de)
cf.	Confira
fl.	<i>floruit</i> (floresceu)
fól.	Fólio
ibid	<i>ibidem</i> (nesse mesmo lugar)
NI	Não identificado
nom. rel.	Nome de religião
p.	Página
pseud.	Pseudónimo
reprod.	texto reproduzido
s. d.	Sem data
supl.	Suplemento
t.	Tomo
tít. atrib.	Título atribuído
tít. nobil.	Título nobiliárquico
var. de	Variante de

Dicionário (incompleto) de escritoras madeirenses e de textos de autoria feminina

do século XV até autoras nascidas em 1900

ALBINE-HÉLÈNE DE VASSAL (França; 1779 – Ibid; 1848) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Albine-Hélène de Vassal nasceu em Paris a 19 de dezembro de 1779. Era filha de Jean-André de Vassal, cavaleiro e senhor de Nesles, e de Anne Pas de Beaulieu. Albine-Hélène de Vassal foi amante de Napoleão Bonaparte, que o acompanhou no exílio para a ilha de Santa Helena, vivendo na casa de Longwood. Desta relação, tiveram uma filha natural, Marie Caroline Julie Elisabeth Joséphine Napoléone. Após à morte de Napoleão Bonaparte, em 1821, Albine-Hélène de Vassal casou-se com Charles Tristan de Montholon em Paris, tornando-se condessa de Montholon-Sémonville. Faleceu em Montpellier a 25 de março de 1848. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Albine-Hélène de Vassal escreveu uma narrativa de viagens a bordo do navio Northumberland. Nesse diário relatou a sua estada na Madeira, passagem pelas Canárias e Cabo Verde, com destino à ilha de Santa Helena. O seu diário foi publicado postumamente pelo seu neto, o Visconde Du Couëdic de Kergoualer, sob o título “Souvenir de la Comtesse de Montholon sur Sainte Hélène” (1898). Na chegada ao Funchal, refere: “Ce coup de vent fut si violent et le siroco est si rare à Madère, que les habitants, fort superstitieux, prétendirent que c'était la présence de l'Empereur qui leur portait malheur. Nous aurions bien désiré descendre à Funchal; l'amiral ne lo permit pas; son secrétaire seul y passa une journée pour y prendre des provisions (...) L'aspect de l'île est charmant; les hauteurs sont très boisées: elles me rappelaient Nice. On sait que le climat de Madère est enchanteur” (p. 79). **3. DA AUTORA.**

Souvenirs de la comtesse de Montholon sur Sainte-Hélène: Publiés par le vicomte Du Couëdic son petit-fils. Paris, aux Bureaux de la revue, 1898; Paris: Bureaux de la Revue, 1901. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Gonnard, Philippe, “Comtesse de Montholon, Souvenirs de Sainte-Hélène (1815-1816), Paris, 1901”, *Revue d'Histoire Moderne & Contemporaine*, n.º 3-5 (1901), p. 537-539; Martineau, Gilbert. *La vie quotidienne à Sainte-Hélène au temps de Napoléon*. Tallandier, 2005; Maury R., de Candé-Montholon F. *L'énigme Napoléon résolue: l'extraordinaire découverte des documents Montholon*, (Paris), PATAT, 2000.

ALICIA HELEN NEVA BEWICKE LITTLE (Madeira; 1845 – Reino Unido; 1926) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Alicia Helen (ou Ellen) Bewicke nasceu no Funchal a 15 de abril de 1845, filha de Calverley Bewicke (de Hallaton Hall, Leicestershire) e de Mary Amelia Hollingsworthin, irmã de Honoria Bewicke, também nascida no Funchal em 1842. Alicia Bewicke foi baptizada na Igreja Inglesa da Madeira a 12 de maio de 1845 e passou no Funchal toda a sua infância e juventude no seio da comunidade britânica residente na ilha. Por volta de 1860, Alicia Bewicke partiu para Londres, onde se casou com o comerciante Archibald Little. A partir de 1886, o casal mudou-se para a China, regressando ao Reino Unido por volta de 1898. Alicia Bewicke Little foi uma reputada ativista contra a deformação dos pés das mulheres chinesas, os denominados pés-de-lótus ou pés atados (纏足, *chánzú*), que eram uma prática ancestral. Faleceu em Londres a 31 de julho de 1926. **2. LEGADO**

DOCUMENTAL. Assinando os seus textos como Mrs. Bewicke Little, publicou o seu primeiro romance “Flirts and Flirts” (1868) e “My Diary in a Chinese Farm” (1898). Deixou dispersos em vários jornais britânicos textos da sua autoria. Publicou livros de viagens sobre a sua estada na China, descrevendo os costumes e paisagens desse país. **3. DA AUTORA.** ●1. *Flirts and flirts; or, a season at Ryde.* London: Richard Bentley, 1868, 2 vols. (2, 306; 2, 288p.). ●2. *Lonely Carlotta: "a crimson bud of a rose": a novel.* London: R. Bentley & Son, 1874, 3 vols. (2, 309, 1; 4, 290; 2, 302 p.). ●3. *Onwards! But whither? A life study.* London: Smith, Elder, & Co., 1875, 2 vols. (vi, 308; vi, 293, 1 p.). ●4. *Margery Travers.* London: Hurst and Blackett Publishers, 1878, 3 vols. (iv, 248; iv, 247, 1; iv, 248 p.). ●5. *Miss Standish; and by the Bay of Naples.* London: F.V. White & Co., 1883. ●6. *Mother darling!* London: Field and Tuer, the Leadenhall Press, E.C. Simpkin, Marshall & Co; Hamilton, Adams & Co, (1885), (6, 175; 1, 4 p.). ●7. *A marriage in China.* London: F.V. White & Co. 14 Bedford Street, Strand, W.C., 1896, (viii, 312 p.). ●8. *Intimate China: the Chinese as I have seen them.* London: Hutchinson, 1899, 615 p. ●*The land of the blue gown.* London: Ficher Unwin, 1902, 304 p; 2.^a ed. London: T.F. Unwin, 1908. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde.* Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Martel, Carol M., “Little, Alicia E. Neva Bewicke”, In James Stuart Olson, Robert

Shadle, *Historical Dictionary of the British Empire*, Westport, Conn., Greenwood Press, 1996, p. 657-673.

AMALIE LOUISE HENRIETTE VON LIEBHABER (Alemanha; 1781 – Ibid; 1845) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Amalie Louise von Liebhaber nasceu em Wolfenbüttel, na Baixa Saxónia (Alemanha), a 28 de novembro de 1781. Era filha de um oficial de justiça Erich Samuel von Liebhaber e fez estudos em Wolfenbüttel e em Blatenburg. Foi dama de honra em Braunschweig e preceptora em Hamwer. Devido a dificuldades financeiras, Liebhaber teve auxílio do Mosteiro de Marienberg perto de Helmstedt. Faleceu em Berlim a 11 de maio de 1845. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Amalie Louise von Liebhaber foi dramaturga e poetisa. Entre as diversas obras que publicou, deve-se realçar o poema integrado no seu “Poetische Versuche” (1823), intitulado “Robert und Anna oder die Entdeckung von Madera in 3 Gesängen” (“Roberto e Ana ou a descoberta da Madeira em 3 cantos”). Trata-se de um poema épico em hexâmetros, que mereceu críticas positivas em recensões críticas publicadas na “Literatur-Blatt” (1823) e “Allgemeine Literatur-Zeitung” (1825). **3. DA AUTORA.** “Robert und Anna oder die Entdeckung von Madera in 3 Gesängen”. *Poetische Versuche: [Sammlung 1].* Braunschweig: Vieweg, p. 213-235. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Schindel, C. W, *Die deutschen Schriftstellerinnen des neunzehnten Jahrhunderts: 1.* Leipzig: Brockhaus, 1823; *Allgemeines Repertorium der neuesten in- und ausländischen Literatur: Verzeichniss der im Jahrgang*

Von 1819-1832. (1820). Leipzig, C. Cnoblah, 1951.

AMÉLIA AUGUSTA DE AZEVEDO (Funchal; ca. 1844 — Lisboa; 1914) **1.**

NOTA BIOGRÁFICA. Amélia Augusta de Azevedo era filha de António Pedro de Azevedo (1814-1889), engenheiro militar, casado com Maria Teresa Rosa Bernes, oriunda de família de pintores e gravadores. Amélia Azevedo nasceu por volta de 1840 no Funchal. Era irmã do escritor madeirense Maximiliano Eugénio de Azevedo, afilhado de baptismo do príncipe Maximilian von Eichstätt, duque de Leuchtenberg. O meio familiar onde cresceu propiciou-lhe o gosto pelas artes. É referenciado que em 1863 foi uma fotógrafa amadora, constando fotografias nos arquivos militares de Lisboa, algumas das quais sendo como dadas da autoria do seu pai e não da filha. Amélia de Azevedo participou em eventos musicais funchalenses entre 1860 e 1866. A 4 de julho de 1873 matriculou-se no Conservatório Nacional em Lisboa e no Conservatoire Nationale de Musique et de Declamation em Paris. Distinguiu-se como tangedora de machete de braga e como pianista, tendo realizado digressões em França em 1885, nomeadamente em Paris e em Lyon. Faleceu em Idanha, Lisboa, a 20 de novembro de 1914. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Amélia de Azevedo (assinando como Amélie Augusta d’Azevedo, Amélie A. d’Azevedo, A. d’Azevedo) notabilizou-se, também, como compositora, autora de “Recordações de Sintra: polka-mazurka para piano” (s.d.), “Alma minha: canto e piano com poema de Luís de Camões” (ca. 1880), “Le regret, op. 23: valsa para

piano” (Paris: 1884-1891) e “Paris russophile” (1891), apresentado no “Concours International de Musique” no célebre Trocadéro (1889), durante a Exposição Universal em Paris, onde foi agraciada com o 2.º prémio. Há uma composição sua na coleção de John Philip Sousa (1845-1932), intitulada “Amérique: marche triomphale”, onde consta a informação “En hommage à Lafayette, dédiée à Messieurs les Membres de la section des Etats-Unies d’Amérique à la Exposition de Paris, 1900 par Amélie Augusta d’Azevedo, 2ème Prix et diplôme au concours international de musique à l’Exposition universelle de Paris 1889”. Algumas das suas obras encontram-se depositadas na Biblioteca Nacional de França e na Biblioteca Nacional de Portugal, apesar de muitas das suas partituras terem permanecido manuscritas e por identificar. Augustin Fournier no seu “En Atlantique: gloires du Portugal” (1902) referiu-se à Amélia de Azevedo com as seguintes palavras: “Je me rappelai qu’à l’exposition universelle de Paris 1889, le savant musicien de Lajarte, bibliothécaire de l’Opéra et secrétaire du concours international de musique pittoresque présidé par le maître Paladilhe, comprit dans son intéressant programme l’audition de musiciens champêtres de Madère. Mme Amélie d’Azevedo, native de cette île, fille d’un général de division, virtuose distinguée, compositeur de mérite, se chargea de réunir une petite troupe, mais elle ne put y réussir pour des causes indépendantes de sa volonté. Elle parut seule à la scène du palais du Trocadéro, contenant près de 10,000 spectateurs, et obtint un second prix, médaille de vermeil et diplôme du gouvernement,

pour l'arrangement des chants populaires de Madère et leur exécution sur le machète. Cette dame a donné des opéras-comiques de sa composition représentant des types du Portugal" (p. 83-84). **3. DA AUTORA.** ●1. Recordações de Cintra: polka mazurka. (Lisboa): Lithographia da Imprensa Nacional, (18--), (1, 4 p.). ●2. Paris russophile: galop pour piano. Paris: V. Durdilly, [1891], 3 p. ●3. Le regret: valse facile pour piano: (op.23). Ill. par A. Courtines. Paris: Choudens père & fils, [1885], 3 p. ●4. Estados Unidos da América. University Library, University of Illinois at Urbana-Champaign. Center for American Music. The Sousa Archives. Amérique: marche triomphale [ca. 1900], mss., 8 p. (para piano), (8 pages) ; 34 cm + 60 parts ; 20 x 26 cm. ●5. O Natal: polka para piano, op. 24. [Lisboa?: ed. do A., 19--]. ●6. Chasseur d'Afrique: galope brilhante para piano. [Lisboa: E. A., 18--], 7 p. ●7. O Balão: polka carnavalesca para piano podendo ser executada juntamente com guisos e cri-cri: op. 22. [Lisboa?: ed. de A. 18--]. ●8. Hinos: Estrella de Itália: hymno a sua magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia de Saboya. [S. l.: s. n., 189-]. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Diário de Notícias, 03-08-1895: p. 1; Fauser, Annegret, Musical encounters at the 1889 Paris World's Fair. University of Rochester Press, 2005. ISBN: 9781580461856; Fournier, Auguste, En Atlantique: gloires du Portugal. S. l.: Émile Roux, 1902, p. 83-84; Harper, Nancy Lee, Portuguese Piano Music. An Introduction and Annotated Bibliography, The Scarecrow Press. Inc., Lanham, Toronto, Plymouth, 2013, p.53; Esteireiro, Paulo, "Educação, Emancipação e Criatividade Feminina através da Música na Madeira (1820-

1930)". Colóquio Internacional "a mulher em debate: passado e presente" (não publicado); Kitchen, John; Woolley, Andrew, Interpreting historical keyboard music: sources, contexts and performance. London: Routledge, 2016, p. 265-266; Esteireiro, Paulo, "A Música como Pretexto de Sociabilidade na Madeira (1880-1926)". Acessível: <http://www.recursosonline.org>; Esteireiro, Paulo (coord.), A Música para Piano na Madeira = The Music for Piano in Madeira, CD-Rom+Áudio. Funchal: Direcção Regional dos Assuntos Culturais e pelo Gabinete Coordenador de Educação Artística, 2008; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Pinto, Rui M. 2008. "Amélia Augusta de Azevedo (1840-?), compositora premiada em França", 16 p. Funchal: Associação de Amigos do Gabinete Coordenador de Educação Artística.

ANA AUGUSTA DE CASTRO TELES DE MENEZES LEAL DE FREITAS BRANCO (Funchal, 1868 — Ibid.; 1934) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nasceu no Funchal a 31 de julho de 1868, Ana Augusta de Castro Leal de Freitas Branco era filha de Alfredo de Freitas Leal e de Ana Rita Maria Josefa de Castro e Almeida Pimentel de Siqueira e Abreu, de ascendência nobre. Casou-se com Luís Vicente de Freitas Branco e foi mãe de Alfredo de Freitas Branco, Visconde do Porto da Cruz. Foi membro da "Associação das Damas da Caridade do

Funchal” e pertenceu à “Liga d’Acção Social Cristã”. Faleceu no Funchal a 3 de janeiro de 1934. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Ana Augusta de Freitas Branco colaborou na imprensa católica com cartas de teor edificante na revista “Esperança” e no jornal “Diário de Notícias”, assinando os seus textos como XYZ. O Visconde do Porto da Cruz descrevia-a como uma mulher com “inteligência clara e magnífica cultura literária e artística” (p. 54). **3. DA AUTORA.** ●1. “Mentiras”. Diário de Notícias, n.º101 (13-02-1877): p. 1 (atrib.). ●2. “Em verdade vos digo”. In Revista Esperança, n.º 11, de 01-08-1925; ●3. “Portugal e a Imaculada”. In Revista Esperança, n.º 20, de 01-12-1925; ●4. “Adoração dos Reis Magos”. In Revista Esperança, n.º 23, de 01-01-1926; ●5. “Mês de Santa Isabel”. In Revista Esperança, n.º 9, de 01-07-1926. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Branco, Alfredo de Freitas, Notas e Comentários para a História Literária da Madeira, III, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1915-1953: p. 54-55; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: BRANCO, Ana Augusta de Castro Teles de Menezes Leal de Freitas [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=666090&fileID=1708913>.

ANA DE ARAÚJO LONGUEIRA (Calheta; 1891 — Ibid.; 1987) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Ana de Araújo Longueira (nascida Roseiras) nasceu no Jardim do Mar (Calheta) a 17 de janeiro de 1891, filha de João de Araújo das Roseiras e de Ana Nunes, ambos agricultores. Foi baptizada na Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Rosário (Jardim do Mar). Casou-se com David Francisco Longueira (nascido em Puniki, ilha de Maui, Havaí) a 31 de janeiro de 1910, na Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Rosário, de quem ficou viúva em 1943. Foi bordadeira e doméstica, moradora no sítio da Igreja, no Jardim do Mar. Faleceu a 1 de outubro de 1987 na freguesia onde nasceu. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria da Conceição Spínola foi uma informante de textos de tradição oral e popular, compilada por Pere Ferré e Vanda Anastácio a 20 de agosto de 1983, contando nessa altura com 91 anos de idade. O seu contributo integra os ciclos de romances tradicionais de assunto profano e devocional, sobre morte do príncipe D. Afonso e a Infanta Pejada. Recitou a “Dona Infanta na janela, casada de treze dias,/ ali passou um pombo branco, pergunta-lhe o que fazia” (III.48) e “Andava dona Silvana, servindo seu pai à mesa,/ seu braço arregaçado e a sua barriguinha tesa” (VI.31). **3. DA AUTORA.** Na qualidade de informante da tradição oral e popular: ●1. “Dona Infanta na janela, casada de treze dias”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 50-51 (n.º III.48); ●2. “Andava dona Silvana, servindo seu pai à mesa”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal:

Funchal 500 Anos, 2008, p. 86 (n.º VI.31); ●3 Pere Ferré e Vanda Anastácio, “012-092-001 - Muerte del Príncipe don Alfonso de Portugal,” Arquivo do Romancero Português, acedido 14 de Maio de 2019, <https://arquivo.romancero.pt/items/show/10147>.

ANA JOSEFA CORREIA VÁSQUEZ DE OLIVAL (Funchal; 1800? – Ibid.;?)

1. NOTA BIOGRÁFICA. Filha de João Crisóstomo da Costa Silva e de Maria Vicência Francisca de Alemanha, casados na Sé em 1782, Ana Correia Vásquez de Olival nasceu na freguesia da Sé por volta de 1800. Casou-se com Pedro Anselmo de Olival na igreja paroquial de S. Pedro em 1818, com geração. É parente da família Ornelas e Vasconcelos. Desconhecem-se pormenores sobre a sua vida.

2. LEGADO DOCUMENTAL. Ana Correia Vásquez de Olival escreveu cartas ao seu sobrinho, D. Aires de Ornelas e Vasconcelos, bispo do Funchal e arcebispo de Goa, as quais se conservam manuscritas no fundo da família Ornelas e Vasconcelos no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. Contém informação sobre factos da vida familiar e social na Madeira. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. Família Ornelas e Vasconcelos. Cartas de Ana Correia Vásquez de Olival (Cód. ref. PT-ARM-FAM-FOV/L/B.1/37).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Ferreira, Maria Fátima Araújo de Barros (org.), Arquivo da Família Ornelas Vasconcelos. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Arquivo Regional da Madeira, 1998; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e

Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ANA JOSEFA DA NATIVIDADE (Madeira; sécs. XVIII-XIX)

1. NOTA BIOGRÁFICA. Sóror Ana Josefa da Natividade foi escritora e religiosa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal, sob abadessado de sóror Ângela Maria da Anunciação, no triénio de 1811 a 1815. Não se conhecem outros dados sobre a sua vida.

2. LEGADO DOCUMENTAL. Sóror Ana Josefa da Natividade escreveu as contas do mosteiro, tendo permanecido por identificar outros documentos deste núcleo que se conservam no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Arquivo Regional da Madeira. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Receita e Despesa. Livro em que se hão de descrever os rendimentos de Foros, Juros, Alugueis de Casas, Propriedades de rais, Pão, Vinho, e mais Miudezas, que pertencem as Relegiozas da Encarnação, e de toda a despeza feita com as ditas e mais pençoens da sua Comunidade nos três anos em que servio 2.ª vez de Abadeça a Nossa M[ui]to R[everen]da M[adr]e D[on]a Angela Maria da Annunciação. Ano 1811, Liv. 12 (Cód. ref. PT-TT-CNSEF-008-0004). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo,

2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ANA MARTINS GOUVEIA (Madeira; 1881 — Estados Unidos da América; 1981) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Apesar de dispormos de poucos dados biográficos, Ana Martins Gouveia casou-se com Francisco Gouveia com quem emigrou para o Havai em inícios do século XX, a bordo do “Suveric”. No Havai existia uma grande comunidade de madeirenses e açorianos, contratados para as plantações de açúcar em meados do século XIX. Faleceu no Havai em dezembro de 1981. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Com a colaboração de Margaret Araújo na qualidade de informante, foi publicado no Havai, “From Madeira to the Sandwich Islands: the Story of a Portuguese Family in Hawaii” (1975). Este pequeno livro constitui um relato autobiográfico da família Gouveia e da vivência dos madeirenses nessa região do Pacífico, documentado com diversas fotografias. **3. DA AUTORA.** From Madeira to the Sandwich Islands: the Story of a Portuguese Family Hawaii. Honolulu: Hawaii University. Ethnic Resource Center for the Pacific, 1975, 31 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Bastos, Cristiana, “Portuguese in the cane: the racialization of labour in Hawaiian plantations”. In Aboim S, Granjo P, Ramos A., Changing societies: legacies and challenges, Vol. 1.: Ambiguous inclusions: inside out, outside in, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2018, p. 65-96; Fagundes, Antonio Cota, “La experiencia inmigrante de los portugueses en los Estados Unidos a través de sus autobiografías”. Migraciones y Exilios, 11 (2010), p. 11-

28; Fagundes, Antonio Cota, “Portuguese Immigrant Experience in America in Autobiography”. Hispania, 88/4 (2005), p. 701-712; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ANNA MARIA SABINE ALEXANDRINE VON WERNER (Alemanha; 1847 — Ibid.;1916) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Anne Maria Sabine von Werner nasceu em Berlim a 2 de junho de 1846, filha dos condes Edmund Eduard Karl Oscar Theodulf von Hacke e de Marie von Hacke. Anna Maria von Werner, condessa de Hacke, viveu em Berlim e, após a morte do seu pai (1859), em Viena e em Dresden. Casou-se com o contra-almirante Carl Bartholomäus von Werner, em 1866. A condessa de Hacke viveu em Berlim e em Kiel e, após à aposentação do seu esposo, a família passou a viver em Wiesbaden (1888), Darmstad (1890) e em Coblenza (1893). Faleceu em Oldenburg a 29 de abril de 1916. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** A Condessa de Hacke publicou em 1907 um diário das suas viagens pela Madeira, Canárias e Camarões realizada desde 1904, em forma epistolar, intitulado “Reisebriefe” (1907). **3. DA AUTORA.** Reisebriefe: Madeira, Teneriffa, Gran Canaria, Kamerun. Dresden: Pierson, 1907, 409 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L.

S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Rebok, Sandra, "Aproximación al estudio de los viajeros de habla alemana por Madeira en el siglo XIX", *As Ilhas e a Ciência. História da Ciência e das Técnicas*, I Seminário Internacional. Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Madeira. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2006, p. 245-263; Rebok, Sandra, "España en la lente de los viajeros científicos alemanes durante el siglo XIX", *Lull: Revista de la Sociedad Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas*, n.º 32 (2009), p. 135-152; Rebok, Sandra, "La exploración naturalista de Madeira en el siglo XIX: Los viajeros alemanes y su interés por esta isla". *Arbor*, n.º 185/740 (2009), p. 1323-1337; Socas, Elia Hernandez, *Las Islas canarias en viageras de lengua alemana*. Frankfurt am Main: Peterlang, 2010, p. 294-296, ISBN 978-3-631-60831-9; Wilhem, Eberhard Axel, *Visitantes e escritos germânicos da Madeira 1815-1915*. Funchal: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1997, p. 129.

ANNE HOPE (Índia; 1809 – Reino Unido; 1887) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida Fulton, Anne nasceu em Calcutá (Índia) a 7 de setembro de 1809. Era filha do comerciante John Williamson Fulton e de Anne Robertson. Casou-se com James Hope (1801-1841), médico do St. George's Hospital. Entre os anos de 1842 e 1850, Anne Hope viveu na Madeira para se curar de uma doença, que a deixou incapacitada. É possível que seja parente de dois James Fulton que viveram e faleceram na Madeira. Faleceu em Torquay, Hermitage, a 12 de fevereiro de 1887. **2. LEGADO**

DOCUMENTAL. Durante o período em que esteve na Madeira, Anne Hope encontrava-se a preparar uma obra historiográfica sobre o cristianismo, que permaneceu inédita. Publicou "On Self-Education with Formation of Character" (1843), "The Acts of the Early Martyrs" (1855), "Life of St. Thomas à Becket" (1868), "The Conversion of the Teutonic Races" (2 vols., 1872), "Franciscan Martyrs in England" (1878) e deixou artigos dispersos no "Dublin Review" (1874–1878). Postumamente, foi publicado "The First Divorce of Henry VIII" (1894). **3. DA AUTORA.** Documento(s) escrito(s) na Madeira não identificado(s), produzidos entre 1842 e 1850. Realçamos: *Memoir of the late James Hope, M.D.*, London: Hatchard, Churchill, 1842, 384 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Anon., 'Hope, Anne (1809–1887)', rev. Rosemary Mitchell. *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press, 2004; Macedo, L. S. Ascensão de, *Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde*. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ANNIE BRASSEY (Reino Unido, 1839 — alto mar; 1887) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida Annie Allnutt, em Londres a 7 de outubro de 1839, Lady e Baronesa de Brassey foi uma célebre viajante e escritora inglesa. Casou-se com Thomas Brassey, conde de Brassey e comandante do navio "Sunbeam". Acompanhou o seu marido em diversas expedições científicas. Faleceu e foi sepultada no mar alto a 14 de setembro

de 1887. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Lady Brassey visitou a Madeira, os Açores, as Canárias e Cabo Verde e relatou a sua estada nestes arquipélagos em “In the Trades, the Tropics and the Roaring Forties” (1885) e em “A voyage in the Sunbeam our home on the ocean for eleven months” (1892). No “In the Trades, the Tropics and the Roaring Forties” (1885), Lady Brassey dedica um capítulo sobre a sua estada na Madeira, descrevendo aspectos sobre a receção da comunidade inglesa radicada na ilha, a história da Madeira, a lenda de Machim, a sua estada no Hotel Santa Clara e o acompanhamento do seu proprietário Sr. Reed, descrição dos frutos e árvores, o percurso pela ilha, pelo Rabaçal, visitando quintas, contendo ilustrações. A mesma experiência faz no “A voyage the Sunbeam our home on the ocean for eleven months” (1896). **3. DA AUTORA.** ●1. In the Trades, the Tropics and the Roaring Forties. Londres: Longmans & Co., 1883]; reed. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2010, ISBN 978-1-108-02456-3. ●2. A voyage the Sunbeam our home on the ocean for eleven months by lady Brassey with 66 illustrations engraved on wood by G. Pearson Chiefly after drawings by the Hon. A. Y. Bingham. London: Longmans Green and Co, 1896; reed. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2010, ISBN 978-1-108-02089. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Baubeta, Patricia Odber de, “a madeira vista pelos ingleses”. In Aprender Madeira, 2018, Acessível via URL: < <http://aprendermadeira.net/a-madeira-vista-pelos-ingleses> > ; Branco, M. R. C., “Bibliografia das Obras de Viajantes Ingleses referentes à Madeira existentes em Bibliotecas de Lisboa”.

Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira (Funchal, 1986), I. Funchal: CEHA, 1990, p. 241-242, 243; Branco, M. R. C., “Os Açores vistos por Lady Brassey”. Revista de Cultura Açoriana, n.º1/1 (1989): p. 81-87; Hoe, Susanna, Madeira: Women, History, Books and Places (Of Islands & Women). Oxford: Holo, 2004; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Saunders, Clare Broome (org.), Women, Travel Writing, and Truth, New York, Routledge, 2014.

ANTÓNIA ANGÉLICA DE VITERBO (Madeira; sécs. XVIII – XIX) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Antónia Angélica de Viterbo foi religiosa capuchinha do Convento de Nossa Senhora das Mercês. Exerceu funções de porteira (1840-1841), enfermeira (1845-1846) e escritã do convento. Pouco se sabe sobre a sua vida. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** De Sórora Antónia Angélica de Viterbo apenas se conhece uma carta da sua autoria, permanecendo por identificar outros documentos de arquivo deste convento. **3. DA AUTORA.** Portugal. Biblioteca da Ajuda. Carta de sorora Antónia Angélica de Viterbo, abadessa do convento de N. Srª das Mercês do Funchal, e mais religiosas, para o rei [D. Luís I] felicitando-o pelo seu casamento com D. Maria Pia, (13-11-1862), (Cód. ref. Ms. Av. 54-X-32, n.º236). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria

Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ANTÓNIA DE SANTA RITA (Madeira; séc. XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Antónia de Santa Rita foi escritora e religiosa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Desconhecem-se mais dados sobre a sua vida. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Escritora e religiosa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Continuou o registo do “Livro 1.º dos obitos deste convento de N. S. da Encarnação que teve principio no anno de 1749”, iniciado por sóror Maria Angélica da Nazaré†, códice que se conserva no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Nossa Senhora da Encarnação. Livro de Assentamento de Óbito do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal de 1749, Liv. 3 (Cód. ref. PT/TT/CNSEF/004/0001). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ANTÓNIA GERTRUDES PUSICH (Cabo Verde; 1805 — Lisboa; 1883) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Antónia Gertrudes Pusich nasceu na ilha de S. Nicolau (Cabo Verde), a 1 de outubro de 1805. Era filha do oficial da marinha, intendente da marinha e governador de Cabo Verde, António Pusich, natural de Dubrovnik

(Croácia), e de Ana Maria Isabel Nunes. Antónia Gertrudes Pusich recebeu uma educação esmerada dada pelo seu pai. Com a irrupção da revolução liberal, a família Pusich passou por grandes tribulações depois de se mudar para Lisboa em 1821, que culminou com a demissão de António Pusich da marinha real portuguesa a 16 de setembro de 1833. Antónia Pusich casou-se, em 1820, com João Cardoso de Almeida Amado Viana Coelho; posteriormente, em segundas núpcias, com Francisco Henriques Teixeira e, em terceiras núpcias, com José Roberto de Melo Fernando de Almeida. Destes casamentos teve onze filhos. É considerada uma das primeiras mulheres jornalistas em Portugal, fundando e publicando autonomamente seus textos nos jornais que geria. Foi uma mulher notável e grande timoneira do feminismo português. Graças ao seu nível de instrução, defendeu publicamente a educação da mulher e a necessidade da sua participação na vida política. Foi presença assídua na Galeria das Senhoras da Câmara de Deputados. Faleceu em Lisboa, na Rua de São Bento, a 6 de outubro de 1883. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Antónia Pusich colaborou na imprensa periódica e nos almanaques com poesias, crónicas, romances, textos dramáticos e composições musicais. Iniciou a sua colaboração literária na “Revista Universal Lisbonense” (1841) e fundou “A Assembleia Literária” (1849-1850), “A Beneficência” (1852-1855) e “A Cruzada” (1858). Cultivou o romance gótico em verso em “Olinda ou a Abadia de Cumnor Place” (1848), baseado em “Kenilworth” de Walter Scott, e “Os dois

mistérios" (1849). Levou à cena diversas peças de teatro, que permaneceram manuscritas ou publicadas nos jornais de que era proprietária e redatora, como "Constança" (1849), "O Regedor de Paróquia" (1852), "Ashavero" (s. d.), "A conquista de Tunes" (s. d.), "Espargo do Monte" (s. d.), "Júlia" (s. d.) e "Por vingança" (s. d.), entre outros textos por identificar. Antónia Pusich passou pela Madeira, conforme revela o único poema que atesta a sua passagem em "Saudação Lírica" publicado no "Almanach de lembranças luso-brasileiro para 1856", nestes termos: "Salve! linda Madeira, ilha ditosa! / És do Oceano a flor! / És das ilhas princesa a mais formosa, / Mimo do Criador! // Tens mil plantas, mil flores preciosas, / Teu solo a alcatifar; / Onde teus pés, submissas, respeitadas, / Vem as ondas beijar. // Verde é teu rico, majestoso manto! / Tens diadema de luz!... / O seio teu, da natureza encanto, / Mil encantos produz! // Não é de Itália o sol tão claro e belo, / Mais puro que o teu sol; / Manhãs de Portugal (que tanto anelo) / Dão-te o lindo arrebol! // Que noites tão amenas tens, Madeira! / Tens águas de cristal; / Tens no frescor da brisa mais fagueira / Perfume divina! // Em trono alto e seguro te sustentas; / Tens o céu por docel!... / Para pintar os campos que alimentas / Quem tivera pincel! // Oh! não!... pincel não põe o mais sublime / Pintar o brilho teu! / A poesia te cante; ela se exprime / Co'a linguagem do céu! // Mas não te cante vate dolorosa / Avezada a carpir; / Cantem-te os filhos teus, ilha ditosa; / Dá-lhes ledos porvir! // Que eu posso apenas com rasteiros traços, / Com débil, triste voz, / Saudar teus lares! demandar espaços / Cumpre ao génio veloz. // Como às nuvens

sobranceiros / Se erguem teus montes, assim / Teus génios subam, ligeiros, / Com asas de querubins! // Em som divino entoando / Suaves hinos d' amor. / Vão teu nome eternizando / Aquém e além do equador! // Não achem povos no mundo / Que te não saibam prezar; / Que no teu solo fecundo / Não quisessem repousar! // E mais tarde à lusa história / Página de ouro oferecer, / Onde no esplendor da glória / Possam teu nome escrever!" (p. 206-207). **3. DA AUTORA.** Apesar de a sua criação literária ser muito extensa, apenas realçamos este texto: "Madeira. Saudação lírica", in Alexandre Magno de Castilho (dir.), Almanach de lembranças luso-brasileiro para 1856..., Lisboa: Typographia universal, 1856..., p. 206-207, reed. Moser, E. (ed. Lit.), Almanaque..., vol. I (1851-1900), Praia: IBNL, 2012 (reprint: 2014), n.º 7, p. 42-43. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** "Antónia Gertrudes Pusich", in António Nóvoa (dir.), Dicionário de educadores portugueses, Porto: Edições Asa, 2003, p.1127-1128; Castelão, S. M. Gonçalves, "Antónia Gertrudes Pusich", in Helena Carvalhão Buescu (coord.), Dicionário do Romantismo Literário Português, Lisboa: Caminho, 1997, p. 445; Silva, Maria Regina Tavares da, "Antónia Gertrudes Pusich", Mulheres portuguesas: vidas e obras celebradas, vidas e obras ignoradas, Lisboa: Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, [1991], p. 29-35; Stone, Maria Emília, "Antónia Gertrudes Pusich", in Zília Osório de Castro e António Ferreira de Sousa (org.), Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX), Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 127-129; Talan, Nikica, "Antónia Gertrudes Pusich", Brotéria (Lisboa), n.º 161(4)

(10/2005), p. 225-241; nº 161(5) (11/2005), p. 353-365; nº 161(6) (12/2005), p. 455-472; Talan, Nikica, Antónia Pusich: zivot i djelo / Antónia Pusich: vida e obra, Zagreb / Dubrovnik: Hrvatska akademijja znanosti i umjetnosti (HAZU), 2006.

ANTÓNIA LUÍSA DE FRANÇA (Funchal; 1648 – Ibid. 1700) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Antónia Luísa de França era filha de Felícia da Costa Branco e de Tristão de França Bettencourt, fidalgo cavaleiro, capitão de Mar-e-Guerra e cavaleiro do Hábito de Cristo. Era irmã de António de Freitas Branco (1639-1699), fidalgo da Casa Real, conselheiro do Conselho da Fazenda e doutor em Cânones. Casou-se com Diogo Bitancor e Atouguia, filho de João Rodrigues de Teive e de Francisca de Herédia. Foi religiosa do Convento de Santa Clara do Funchal. Faleceu no Funchal a 30 de junho de 1700. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Antónia Luísa de França assinou cartas como Antónia da Encarnação, dirigida a António de Freitas Branco que se conservam na Biblioteca da Ajuda. **3. DA AUTORA.** Portugal. Biblioteca da Ajuda. Carta de Antónia da Encarnação para seu irmão António de Freitas Branco, (08-11-1676?), (Cód. ref. Ms. Av. 54-IX-47, n.º 296). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ANTÓNIA ROSA DE VITERBO (Madeira; séc. XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Antónia Rosa de Viterbo foi uma

religiosa clarissa e escritora do convento de Santa Clara do Funchal, cujos dados biográficos desconhecemos. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Antónia Rosa de Viterbo foi responsável pela consolidação de contas do mosteiro, correspondente ao triénio de 1724 a 1727, sob o abadessado de Madre Francisca de S. Diogo. Foi adjunta da escritora sóror Joana Teresa da Glória desde 1733. O Custódio Provincial, Frei Inácio de Santa Maria, teceu um louvor à escritora: “Vi e revi estas contas de Receitas e Despesas do Most[er]io de N[ossa] M[adr]e S[anta] Clara (...) do tempo em q[ue] continuou o triennio deste Abadessado a R[everenda] M[adr]e Francisca de S[ã]o Diogo sendo Escrivã do mesmo tempo a M[adr]e Sor Antónia Roza de Viterbo; e nelas não encontrei erro algũ; antes achei nelas m[ui]ta clareza, boa disposição e as verbas muito m[u]y ajustadas e portanto as aprovo” (fls. 110). **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Receita e despesa, 1724-1727, Lv. 37 (Cód. ref. PT/TT/CSCF/011/0002). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Fontoura, Otília Rodrigues, As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ARABELLA SUSANNA SHORE (Reino Unido; 1822 – Ibid; 1901) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Arabella Susanna Shore

nasceu em 1822 em Rongham, Suffolk. Era filha do reverendo Thomas Shore (1793-1863) e de Margaret Anne Twopeny. Tal como as suas irmãs Emily† e Louisa Shore† foram educadas pelo seu pai. A família deslocou-se à Madeira, famoso destino terapêutico do século XIX, para acompanhar o pai e Emily Shore para curarem-se da tuberculose, entre 1838 e 1839. Faleceu em Londres a 9 janeiro de 1901. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Arabella Shore publicou juntamente com a sua irmã Louisa poesias, como “Fra Dolcino, and other poems” (1870) e “Hannibal: a drama” (1898), com um prefácio da sua autoria. Foi uma destacada defensora dos direitos das mulheres, tendo publicado “The present aspect of women's suffrage considered” (1877), “An answer to John Bright's speech on the Women's Suffrage” (1877), “What women have a right to: a lecture” (1879). Publicou “First and last poems” (1900). Embora a sua estada na Madeira durante a sua infância tenha sido distante no tempo, a memória da morte da sua irmã, Emily, marcou-a profundamente. No seu poema “In memoriam” refere: “In my dim silvery dawn of youth/I saw a sister laid to sleep/Amid geraniums of the south/— Oh, can one think and cease to weep?/She was so young! and yet in her/Death took a too consummate flower;/But it decayed not—and I err,/Mourning her void nook in our bower./Too full of sky-born graces was/That lily life to pine in clay;/Like perfume in a fairy-vase/Her sweet soul burnt itself away” (1890, p. 34). **3. DA AUTORA.** *Elegies and Memorials by A. and L.* London: Kegan Paul, Trench, Trübner, & Co., Ltd. 1890, p. 38-43. **4. REFERÊNCIAS**

BIBLIOGRÁFICAS. Crawford, E., *The women's suffrage movement: A reference guide, 1866-1928.* London: Taylor & Francis e-Library, 2003, p. 635-636.

ARMINDA CARMINA FIGUEIRA DE SOUSA (Câmara de Lobos; 1888 — Funchal; 1931) **1. NOTA BIOGRÁFICA.**

Arminda Carmina Figueira de Sousa nasceu em Câmara de Lobos a 17 de março de 1888. Era filha de Miguel Figueira de Sousa e de Matilde Augusta Oliveira e Sousa. Era sobrinha do poeta e charadista, Simão Figueira de Sousa (pseud. Pício). Arminda Figueira de Sousa fez o curso da Escola Normal e do Liceu. Trabalhou na Escola do Magistério Primário do Funchal e no Colégio Alexandre Herculano, sob direção da professora Maria Bela Telo de Caires. Casou-se em 1907 com Tomás Júlio da Silva Júnior. Faleceu na sua residência à rua do Comércio (Funchal), vítima de tuberculose, a 17 de maio de 1931. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Arminda Figueira de Sousa cultivou a poesia e o charadismo, podendo ser encontradas algumas das suas produções no “Diário de Notícias”, no “Almanaque da Madeira”, no “Almanaque de Lembranças Madeirense” e no “Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro”. As suas produções poéticas, datadas de 1913 e 1914, foram escritas em Lisboa, quando estava em tratamento no Hospital de Santa Marta. Sendo uma poetisa muito considerada na sua época, Arminda Figueira de Sousa destruiu os seus manuscritos por modéstia. **3. DA AUTORA.** ●1. “Num cartão de boas festas”. In Marino, Luís, *Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal*, 1959, p. 376. ●2. “Súplica”. In Marino,

Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 379. ●3. “Momentos de ilusão”. In Marino, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 379-380. ●4. “Ao meu presado tio S. F. Sousa (Charada)”. Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1903 Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1902, p. 280. ●5. “Enigma pittoresco (Ao meu presado tio Simão F. Sousa, pelo seu regresso à pátria)”. Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1904. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1903, p. 32. ●6. “Charada”. Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1906. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1905, p. 300. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico*, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Sousa, Armida (sic) Figueira de [em linha]*, 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=66802>.

ARSÉNIA DE BETTENCOURT MIRANDA (Funchal; 1846 — *Ibid.*; 1880) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida em São Pedro (Funchal) a 4 de maio de 1846, Arsénia de Bettencourt Miranda era filha de Felisberto de Bettencourt Miranda (1816-1889), funcionário público e genealogista, e de Arsénia de Gouveia Sousa e Miranda. Faleceu em São Pedro a 7 de junho de 1880. **2. LEGADO**

DOCUMENTAL. Arsénia de Bettencourt Miranda foi um dos valores promissores da literatura madeirense do século XIX, apesar de ter falecido muito jovem. Encetou a sua atividade literária colaborando na imprensa periódica, sobretudo em “A Onda”, no “Diário de Notícias”, no “Almanaque das Senhoras” e no “Almanaque Insulano”, com textos poéticos e em prosa. O poeta Luís de Ornelas Pinto Coelho dedicou-lhe versos em sua homenagem na sua “Harpa Madeirense” (1896). Encontra-se representada em antologias como a “Musa Insular” de Luís Marino. Nas “Notas & Comentários” do Visconde do Porto da Cruz referiu que “[c]onseguiu fugir ao banalismo piegas, da época. As suas poesias têm alma e reflectem um espírito vigoroso, pecando por serem em regra extensas em demasia”. **3. DA AUTORA.** ●1. “A esperança”. *A Onda: Jornal de instrução e recreio*, n.º11 (33-11-1871), p. 83-84. ●2. “Logogriphos e charadas”. *A Onda: Jornal de instrução e recreio*, n.º12 (09-12-1871), p. 96. ●3. “A Oração”. *Almanach Insulano para Açores e Madeira Estatístico, Histórico e Litterário para o anno de 1875* (1874), p. 247-252. ●4. “A pedido de Maria A. C.”. *Diário de Notícias*. Funchal, n.º53 (13-012-1876), p. 1. ●5. “O Riso e a insensibilidade”. *Diário de Notícias*. Funchal, n.º48 (06-12-1876), p. 1-2. ●6. “O Espelho”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º17 (1876-10-29), p. 1; reed. in Vieira, Francisco (ed. lit.), *Álbum Madeirense. Poesia de Diversos Autores Madeirenses*. Funchal: Typographia Funchalense, 1884, p. 225-227. ●7. “À memória de meu sempre chorado tio, Francisco Leandro Severim”. *Diário de Notícias* (22-04-1877), p. 1-2; reed. in

Vieira, Francisco (ed. lit.), *Álbum Madeirense. Poesia de Diversos Autores Madeirenses*. Funchal: Typographia Funchalense, 1884, p. 237-240. ●8. “O tempo”. *Diário de Notícias* (1877). ●9. “Homenagem (À Ex.ma Sra. D. Guiomar Torreção)”. *Diário de Notícias* (27-02-1877), p. 1-2. ●10. “A verdadeira charidade”. *Diário de Notícias*, Funchal. (17-06-1877), reprod. em *Almanach das senhoras para 1879*, p. 192-195. ●11. “Aos Pessimistas”. *Diário de Notícias*, Funchal (10-02-1877). ●12. “Insomnias”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º358 (25-12-1877), p. 1-2. ●13. “Anhelos!”. In Vieira, Francisco (ed. lit.), *Álbum Madeirense. Poesia de Diversos Autores Madeirenses*. Funchal: Typographia Funchalense, 1884, p. 5, 8-9. ●14. “Saudade”. Vieira, Francisco (ed. lit.), *Álbum Madeirense. Poesia de Diversos Autores Madeirenses*. Funchal: Typographia Funchalense, 1884, p. 237-240. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Abreu, Ilda Maria Assunção e Silva Soares de, “Arsénia de Bettencourt Miranda”. In: Castro, Zilda Osório de, Esteves, João (Dir.), *Dicionário no feminino (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 136; Branco, Alfredo de Freitas, *Notas & Comentário para a História Literária da Madeira*, vol. II, Funchal, CMF, 1949-1953; Macedo, L. S. Ascensão de, *Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde*. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Miranda, Arsénia de Bettencourt* [em linha], 1986. Funchal,

[Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667321>; Quintal, Ana Cristina Nóbrega, “A poesia em Arsénia de Bettencourt Miranda”. *Islenha* 19 (1996), p. 110-118.

AUGUSTA JUNE ROBLEY (Reino Unido, 1809 – Madeira?; 1868) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Augusta J. Robley nasceu no Reino Unido em 1809, filha de William Penfold e de Sarah Richman Gilbert. Casou-se na Madeira com John Horatio Robley, oficial da “British Indian Army”, com geração. O seu filho, Horatio Gordon Robley (1840-1930) foi um destacado militar de alta patente na Nova Zelândia, conhecido pela sua coleção macabra de cabeças humanas tatuadas, “mokomokai”, a partir das quais ele fez um estudo pioneiro sobre tatuagens. Desconhecemos o local de falecimento de Augusta Robley, que poderá ter ocorrido na Madeira em 1868. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Tal como a sua irmã, Jane Wallas Penfold†, Augusta Robley foi uma aquarelista e botânica. Robley referiu que foi a sua irmã, Jane Penfold, quem introduziu na Madeira a “*Strelitzia Reginae*”, conforme diz: “was introduced into Madeira by Mrs Penfold... from whose plant have been propagated all that are in the island”. Além disso, refere que introduziu a “*Gleditschia Triacanthos*”, “from which the specimen represented in the accompanying plate is taken, is in Mrs. Penfold's garden (the Achada), and is upwards of fifty feet in height”. Publicou em Londres “*A Selection of Madeira Flowers*” (1845), com comentários do Reverendo Willian Lewes Pugh Garnons. **3. DA AUTORA.** *A Selection of Madeira Flowers*, drawn and coloured from

Nature. [Text by Rev. William Lewes Pugh Garnons]. London: printed and published by Reeve, Brothers, 1845. folio (480 x 330mm.). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Baubeta, Patricia Odber de, "a madeira vista pelos ingleses". In *AprenderMadeira*, 2018, acessível via URL: <http://aprendermadeira.net/a-madeira-vista-pelos-ingleses>.

AUGUSTA VIEIRA (Ribeira Brava; 1897 — Ibid.; c. 1983) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Augusta Vieira nasceu no Campanário (Ribeira Brava) em novembro de 1897, natural do sítio das Fontes, Campanário (Ribeira Brava). Desconhecemos dados biográficos sobre esta informante. Crê-se que a data de falecimento terá ocorrido depois de 1983. **2. LEGADO DOCUMENTAL** Augusta Vieira foi uma informante de textos de tradição oral e popular, cultora do ciclo denominado "Bernal Francês". O texto foi compilado por Pere Ferré e Vanda Anastácio a 23 de agosto de 1983. A informante nessa altura contava com 86 anos de idade. O seu contributo integra os ciclos de romances profanos, tendo recitado "Soldado, andei na guerra, seu marido nunca vi./A senhora o que me dava se eu o trouxesse agora aqui?" (X.47) e "Quem bate à minha porta, estas horas de eu dormir?/É D. Francisco, senhora, que a senhora vem servir." (XIX.18). **3. DA AUTORA.** Na qualidade de informante da tradição oral e popular: ●1. "Soldado, andei na guerra, seu marido nunca vi". In Ferré, Pere e Boto, Sandra, *Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 577 (n.º X.47). ●2. "Quem bate à minha porta, estas horas de eu dormir". In Ferré, Pere e Boto, Sandra, *Novo Romanceiro do Arquipélago da*

Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 307 (n.º XIX.18).

BIBIANA NARCISA DO LADO (Madeira; sécs. XVIII-XIX) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Bibiana Narcisa do Lado foi escritora e religiosa do Convento de Santa Clara do Funchal. Desconhecemos referências biográficas sobre o seu percurso desta monja. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Bibiana Narcisa do Lado foi escritora responsável pela consolidação de contas do convento, sob o abadessado da Madre Ana Efigénia de Santa Rita, referente ao triénio de 1829-1832 e revisto por Frei Joaquim do Cenáculo. O códice conserva-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Receita e despesa, 1829-1832, Livro n.º68 (Cód. Ref. PT/TT/CSCF/011/0033). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Fontoura, Otília Rodrigues, *As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000, p. 75; Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde*. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

CÂNDIDA GONÇALVES TELO (Porto Moniz; 1894 — Ibid.; 1983) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Cândida Gonçalves Telo nasceu no Seixal (Porto Moniz) a 26 de maio de 1894, filha do pescador João Gonçalves Telo e de Cândida Augusta de Lima, moradores no sítio do Lombinho, Seixal (Porto Moniz). Foi baptizada na Igreja Paroquial de Santo Antão (Seixal), em maio de 1891. Casou civilmente com

Manuel Francisco do Pão, em 1933, de quem ficou viúva em 1980. Faleceu a 30 de setembro de 1983 na sua freguesia natal. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Cândida Gonçalves Telo foi informante de textos de tradição oral e popular, compilada por Pere Ferré e Vanda Anastácio a 1 de setembro de 1983, contando a informante nessa altura com 89 anos de idade. O seu contributo integra os ciclos de romances religiosos, tendo recitado “Quinta-feira de endoença, estando o meu Senhor ceando,/com a santa humanidade, corria toda a cidade” (XXXIII.3). **3. DA AUTORA.** Na qualidade de informante da tradição oral e popular: “Quinta-feira de endoença, estando o meu Senhor ceando”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceliro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 577 (n.º XXXIII.3).

CARLOTA DA ÁUSTRIA (Bélgica; 1840 – Ibid; 1927) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** De seu nome completo Maria Carlota Amélia Augustina Vitória Clementina Leopoldina, foi princesa da Bélgica, arquiduquesa de Áustria. Foi a última Imperatriz Consorte do Império Mexicano entre 1864 e 1867, por casamento com o imperador Maximiliano. Nasceu em Laeken a 7 de junho de 1840. Era a filha mais nova do Rei Leopoldo de Saxe-Coburgo (1790-1865) e de Luísa Maria de Orleães (1812-1850). Na ida para o México, Maximiliano e Carlota aportaram em dezembro de 1859 no Funchal a bordo do vapor de guerra austríaco “Elisabeth”. Viveram na Quinta Bianchi ou Quinta da Pontinha, então residência do cônsul da Áustria, Carlo de Bianchi (1834-1910). O casal imperial foi

padrinho de baptismo de Ferdinando Maximiliano Bianchi (1859-1930). Na Madeira, Maximiliano e Carlota visitaram a ilha e os seus costumes. O casal partiu do Funchal a 15 de dezembro numa visita às ilhas Canárias e Cabo Verde. No regresso à Madeira, Carlota da Áustria permaneceu na ilha durante o inverno de 1859-1860, enquanto Maximiliano se dirigiu para o Brasil. Após à morte do esposo, em 1867, Carlota da Áustria ficou profundamente afetada psicologicamente. Faleceu na Bélgica, em Meise, a 19 de janeiro de 1927. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** A imperatriz Carlota da Áustria deixou um diário de viagem à Madeira, coescrito com o seu esposo, intitulado “Un Hiver à Madère” (1863), na sua estada entre 1859 e 1860. O texto foi publicado anonimamente e com mensagem muito crítica sobre os habitantes da ilha. O texto possui 15 litografias sobre paisagens e costumes da Madeira, de autoria controversa. A autora refere a presença inglesa na ilha, referindo nestes termos: “se bem que tenha voltado a ficar oficialmente, em 1815, sob o domínio português, a Madeira nunca deixou de ser, de facto, uma espécie de colónia inglesa” (p. 90). A futura imperatriz enalteceu a exuberância dos jardins e das paisagens. Numa festa organizada no Palácio de S. Pedro, Carlota da Áustria ficou surpreendida com a qualidade do evento, como menciona, “um belíssimo baile, que teria feito as honras a um salão de Londres ou de Paris. Nunca se suspeitaria de que, no meio de uma pequena ilha do oceano, privada de comunicação com o mundo civilizado, se pudesse ostentar tanta elegância e tão bom gosto” (p. 127). **3. DA AUTORA.**

Un Hiver à Madère: 1859-1860, Imprimerie I. R. de la Cour et de l'Etat, Viena, 1863 traduzido para: Memórias da minha vida: um inverno na Madeira. Trad. Duarte Miguel Barcelos Mendonça. Parede: Sopa de Letras, 2011. 175 p. il. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Carita, Rui, "áustria, carlota de". In AprenderMadeira, 2017, acessível via URL: <http://aprendermadeira.net/austria-carlota-de/>.

CARLOTA MATILDE DA CONCEIÇÃO (Madeira; sécs. XVIII-XIX) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sóror Carlota Matilde da Conceição foi escritora e abadessa do Convento de Santa Clara do Funchal. Desconhecem-se outros dados biográficos. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sóror Carlota Matilde da Conceição efetuou, entre 1808 a 1811, o registo de diversos atos administrativos desse convento, especialmente a escrituração das receitas e das despesas sobre o triénio respeitante ao abadessado da Madre Inácia Maria da Conceição, eleita a 14 de setembro de 1808. Redigiu, também, os documentos de receita e despesa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação em 1808. **3. DA AUTORA.** ●1. Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Santa Clara do Funchal. Receita e Despesa (1808-1811), liv. n.º 66 (Cód. de ref. PT/TT/CSCF/011/0031). ●2. Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Nossa Senhora da Encarnação. Receita e despesa (1808-1815), liv. 30. ●3. Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Nossa Senhora da Encarnação. Receita e despesa (1808-1815), liv. 11. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Fontoura,

Otília Rodrigues, *As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000, p. 81; Macedo, L. S. Ascensão de, *Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde*. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

CAROLINA DIAS DE ALMEIDA (Funchal, 1846 — Ibid.; 1895) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Filha de Joaquim Dias de Almeida e de Efigénia Carolina Escórcio, casados em 1839 na Paróquia de Santa Maria Maior, Carolina Dias de Almeida (possivelmente aparentada com Elisa, nascida a 15 de junho de 1846). Carolina Almeida evidenciou-se nas artes cénicas na Madeira, quer como atriz quer como cantora. Faleceu no Funchal a 5 de junho de 1895. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Carolina Dias de Almeida levou à cena a comédia "Henriette" (1887) e "Dona Francisquita", peças exibidas no Teatro Municipal do Funchal. Não foi possível localizar exemplares da sua obra. Foi autora de canções que foram, de acordo com os jornais da época, interpretadas em saraus de beneficência. De acordo com Platon de Waxel na "Gazeta da Madeira" (1869), Carolina Dias de Almeida foi uma das melhores artistas da sua época, especialmente como cantora, sendo autora de textos poéticos adaptados para o canto. De acordo com o "Diário de Notícias" de 1 de abril de 1891, foi estreada uma peça no Teatro Conde Canavial, "a esplêndida Zarzuela [com cenas de prosa, canto e dança] composição da Ex.ª Sr.ª D. Carolina Dias de Almeida, em benefício

de umas senhoras pobres (...)" . A 2 de dezembro do mesmo ano a peça estreou estando "tomados todos os lugares, e não era de esperar menos [para] apreciar devidamente o espectáculo deveras encantador e brilhante" (cit. apud Almeida, 2011). Grande parte dos seus textos está na custódia dos descendentes da família Moniz Bettencourt. **3. DA AUTORA.** ●1. "É na triste morada dos mortos". Citado por A. de A. F. – "A órfã no cemitério". *Archivo Litterario, Funchal, n.º 64 (09-09-1863):* p. 147. ●2. *Henriette: scena cómica.* Funchal: s. n., 1887, 18 p. [NI]. ●3. *Dona Francisquita (s. d.)* [NI]. ●4. "Charada [em quatro sílabas] em co-autoria com Matilde Olímpia Sauvaire da Câmara. ●5. Arquivo familiar da família Bettencourt, Oeiras, Fundo Musical Matilde Sauvayre da Câmara, Espólio de Jorge Croner de Vasconcelos. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Clode, Luís Peter, *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX*, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983, p. 30a e 152b; Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde.* Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Ventura, Ana, "ALMEIDA, Carolina Dias de". *Dicionário Online de Músicos na Madeira* [em linha], 2011, [Consultado 28-03-2019]. Available from: <https://recursosartisticos.madeira.gov.pt/index.php/projetos/d-musicos/biografia/164-almeida-carolina-dias-de-1> | <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=665898&FileID=1708183>, vol 1 p. 116.

CAROLINA MATILDE ESMERALDO (S. Miguel, Açores; 1806 — Funchal; 1882) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** De ascendência madeirense, Carolina Matilde Esmeraldo nasceu em S. Miguel (Açores) a 20 de maio de 1806, filha do capitão José Joaquim de Bettencourt Esmeraldo e de Rita Berenguer de Araújo Lemilhana Esmeraldo, moradores na ilha de S. Miguel (Açores). Não se conhecem mais pormenores sobre a sua vida. Faleceu em S. Pedro (Funchal) a 12 de maio de 1882. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Dedicou-se à tradução e cultivou a poesia, que permaneceu manuscrita. Publicou uma tradução "A Estátua de S. Jorge", possivelmente baseada em "La statue de saint Georges; imité de l'allemand de F. W", publicado em 1835, de autor desconhecido. **3. DA AUTORA.** ●1. *A Estatua de São Jorge: imitado do Allemão de F. W., e traduzida do francez.* Paris: Typ. Firmino Didot, 1844, 127 p. ●2. "Amisade". *Imprensa Livre, Funchal, n.º 18 (27-02-1869),* p. 1 (atribuível, assinado como C. M. E.). ●3. *O Máscara de ferro* [NI, apud Inocêncio, Supl., t. 9, p. 47]. ●4. *Poesias* [tít. atrib.], mss., ca. 1867. [NI, apud Inocêncio, Supl., t. 9, p. 47]. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde.* Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Nota biobibliográfica: Esmeralda, Carolina Matilde* [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: [21](https://arquivo-</p></div><div data-bbox=)

abm.madeira.gov.pt/viewer?id=666474 &FileID=1709650; Silva, Innocencio Francisco, et al. Dicionario bibliographico portuguez: estudos. Vol. 9. Lisboa: Na Imprensa Nacional, 1862.

CAROLINE ELIZABETH COUGER NORTON (Reino Unido; 1798 – Funchal; 1875) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** A *honourable* Caroline Elizabeth Couger Norton era filha de Fletcher Norton (1744-1820), Barão de Exchequer (Escócia) e de Caroline Elizabeth Norton (nascida Balmain). De acordo com Hoe, existe no cemitério britânico do Funchal uma inscrição “The Hon[oura]ble Caroline Eliz[abe]th Conyers Norton”, falecida a 22 de julho de 1875, com 77 anos de idade (Hoe, 2014, p. 104). Foi proprietária da Quinta das Maravilhas, onde viveu com a aguarelista, Maria Young†. Foi também proprietária de terrenos no Ribeiro Seco. A quinta e a propriedade foram doadas à sua amiga íntima Elizabeth Scott Gordon. Quem conheceu Caroline Norton foi Fanny Burney Wood†, recordada numa entrada de 22 de outubro de 1838. Emily Shore† refere-a também no seu diário. Sobre Norton, Burney refere que “having delicate health have chosen Madeira for their home” (Burney, 1926, cit. Hoe, 2014, 102). Burney recordou, ainda, o que a famosa freira madeirense Maria Clementina disse sobre a forma como a *honourable* Caroline Norton se vestia: “Elle est habillé exactement comme un Monsieur”. Este modo de estar de Norton causou algum escândalo na Madeira. A confusão com a grande escritora e defensora dos direitos das mulheres, a *honourable* Caroline Elizabeth Sarah Norton (nascida Sheridan) (1808-1877) deve-se

ao facto de esta ter casado com o irmão mais novo de Caroline Elizabeth Couger Norton, George Chapple Norton (1800-1875). **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Caroline Elizabeth Couger Norton foi uma desenhadora e aguarelista que colaborou com o Reverendo Thomas Lowe com desenhos científicos no seu “A history of the fishes of Madeira” (1843-1860). **3. DA AUTORA.** Lowe, Richard Thomas, A history of the fishes of Madeira, by Richard Thomas Lowe. With original figures from nature of all the species, by the Hon. C. E. C. Norton and M. Young, London, J. Van Voorst, 1843-1860. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Burney, Fanny Anne, A great-niece's journals; being extracts from the journals of Fanny Anne Burney (Mrs. Wood) from 1830 to 1842. Edited with preface and notes by her granddaughter Margaret S. Rolt and with eight illustrations. London: Constable & Company, Ltd., 1926; Hoe, Susanna, Madeira: Women, History, Books and Places (Of Islands & Women). Oxford: Holo, 2004; Saunders, Clare Broome (org.), Women, Travel Writing, and Truth, New York, Routledge, 2014, P. 102-103; Waterston, Charles D; Macmillan Shearer, A (July 2006). Biographical index of former fellows of the Royal Society of Edinburgh, 1783-2002: Biographical Index. II. Edinburgh: The Royal Society of Edinburgh. ISBN 978-0-902198-84-5, p. 700.

CASTORINA ERMESINDA VIEIRA DE ANDRADE FERNANDES DE AZEVEDO (Funchal, 1893 – Lisboa, 1972) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Castorina Vieira de Andrade nasceu em São Pedro (Funchal) a 7 de outubro de 1893, filha de António José de Andrade e de Juliana Vieira de

Andrade. Casou civilmente com Daniel Fernandes de Azevedo, natural da Sé, a 30 de maio de 1918, na Rua da Penha de França, São Pedro, falecido a 14 de fevereiro 1957. Era irmã do capitão Osvaldo Gonçalves Vieira de Andrade. Castorina Vieira de Andrade faleceu em São Sebastião da Pedreira, em Lisboa, a 22 de janeiro de 1972. O seu nome aparece com outras grafias, como 'Casturina' e 'Ermezenda'. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** De acordo, com Luís Marino no seu 'Panorama Literário do Arquipélago da Madeira', Castorina Vieira de Andrade cultivou a poesia, tendo deixado colaboração no 'Almanaque Ilustrado do 'Diário da Madeira' para 1915, e encontra-se representada na 'Musa Insular' de Marino, referindo também que a poetisa deixou inéditos diversos textos. O poema "Anseios" escrito no Funchal a 1 de junho de 1914, diz: "Viver de tudo e todos longe,/gostava, assim, tal qual um monge,/de viver só!/Não ter de mim em que pensar!/Viver, viver sem estimar,/e nem ter dó!//Afectos não os conhecer;/nem laços de família ter,/mesmo ninguém!/Viver das solidões suaves;/ouvir cantar somente as aves;/cantar também!//Nas raras horas de tristeza,/em que nos fala a Natureza/só viver dela!/Viver, viver sem ilusão;/e adormecer o coração!.../-Que vida bela!//Toda enlevar-me sem vaidade /pelo ceu da felicidade/que aqui não há!/Pois só assim eu passaria/melhor os dias de alegria/que tenho cá!...". **3. DA AUTORA.** "Anseios". In Almanach Ilustrado do Diário da Madeira, Funchal, Typ. do Diário da Madeira, 1912. Reeditado em Musa Insular. (Poetas da Madeira), Funchal, Tipografia do Eco do Funchal, s. d. [1959], p. 335. **4.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Castorina Ermesinda Vieira de Andrade Fernandes de AZEVEDO [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: ; <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=666008&FileID=1708410>.

CATARINA DA SILVA BRANDÃO (Madeira; séc. XVII — Antuérpia?; séc. XVII/XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Apesar de não se conhecerem aspetos particulares da sua vida, Catarina da Silva Brandão foi esposa de Jorge Dias Brandão, mercador e cristão-novo perseguido pela Inquisição portuguesa, de quem ficou viúva na Antuérpia. Conserva-se no Nederlandsch Economisch-Historisch Archief a correspondência de Duarte da Silva em Londres dirigidas a Jorge Dias Brandão (Bijzondere Colecties 471, Nr. 2.5.147). **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Catarina da Silva Brandão é autora de uma carta dirigida a António de Freitas Branco a requerer uma procuração para a venda de bens na Madeira. Esta carta conserva-se na Biblioteca da Ajuda. **3. DA AUTORA.** Portugal. Biblioteca da Ajuda. Carta de D. Catharina da Silva Brandão para António de Freitas Branco, pedindo-lhe para lhe obter licença para vender a tença em duas vidas que tem na ilha da Madeira. 21-01-1688, Antuérpia (Cód. ref. Ms. Av. 54-IX-45, n.º102). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de

Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

CATHARINA MATHILDE VON POMMER-ESCHE (Alemanha; 1852 —Ibid.?.; 1920)

1. NOTA BIOGRÁFICA. Catharina Mathilde von Pommer-Esche nasceu em Berlim a 5 de dezembro de 1852. Era filha de Johann Friedrich von Pommer-Esche (1803-1870), Director-Geral dos Impostos do Estado Real da Prússia, e de Flora Gustava Christiana von Pommer-Esche, nascida Picht (1812-1910), pertencente a uma família da nobreza sueca. Casou-se com Johannes François Dieterich Horts, em 1903, importante proprietário de plantações de quem viria a divorciar-se em 1906. Visitou a Madeira a 22 de março de 1902, desembarcando no vapor Funchal e permaneceu no Jone's Hotel Bella Vista, aparecendo noticiada nos jornais funchalenses. Partiu no vapor Dona Maria a 14 de maio de 1902. Visitou diversas regiões da Europa onde deixou vários escritos sobre Itália, sul de Espanha e Baleares. Faleceu por volta de 1920. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Publicou um opúsculo intitulado, "Madeira die Wald-Insel" (1902), que traduzimos como "Madeira, a Ilha Bosque". Pommer-Esche escreveu outros relatos de viagens às Canárias, em "Die Canarischen Inseln" (1906). Os seus relatos retratam as suas viagens de lazer ou por motivos terapêuticos, devido aos problemas de saúde que a autora sofria. **3. DA AUTORA.** Madeira die Wald-Insel. Berlin: H. Walther, 1902, 42 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Hernández, Elia Socas, Las Islas Canarias en viajeras de lengua alemana. Frankfurt an Main: Peter Lang, 2010, ISBN: 9783631608319, p. 290-292; Macedo, L.

S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Rebok, Sandra, "La exploración naturalista de Madeira en el siglo XIX: Los viajeros alemanes y su interés por esta isla". Arbor, n.º 185/740 (2009), p. 1323-1337; Wilhem, Eberhard Axel, Visitantes e escritos germânicos da Madeira: 1815-1915. Funchal: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1997, 119-120.

CHARLOTTE ALICE BAKER (Estados Unidos da América; 1833 — Ibid.; 1909)

1. NOTA BIOGRÁFICA. Charlotte Alice Baker nasceu em Springfield, Massachusetts (Estados Unidos da América) a 4 de abril de 1833, filha de Dr. Matthew Bridge e de Catharine Baker. Alice Baker frequentou a Misses Stone's School em Greenfield (Massachusetts) e em Deerfield Academy, onde foi uma das primeiras alunas desse estabelecimento de ensino. Foi professora e historiadora especializada sobre Nova Inglaterra. Viajou pelo Canada, especialmente em Montreal e Québec, para realizar as suas pesquisas históricas e visitou aldeias indígenas canadenses. Faleceu em Pittsfield, Massachusetts, a 22 de maio de 1909. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Alice Baker colaborou com artigos para revistas, jornais e magazines sobre botânica, arte e labores femininos. É autora de textos infantis e historiográficos. A escritora americana visitou a Madeira e os Açores no outono de 1882 e publicou as suas impressões de viagens em "A summer the Azores,

with a glimpse of Madeira” (1882). Fez inicialmente um pléripo pelas ilhas açorianas e a partir das páginas 131 a 164, fez uma descrição sobre a sua estada na Madeira, entre 9 e 14 de setembro de 1882. No fim retorna aos Açores, rumando aos Estados Unidos da América. **3. DA AUTORA.** A summer the Azores, with a glimpse of Madeira. Boston: Lee and Shepard, 1882, 174 p. <http://purl.pt/22215>. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

CLARA BROCKMANN (Alemanha; 1885 – Namíbia; 1959) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Clara Pauline Dorothea Johanna Brockmann é natural de Lübeck (Alemanha), onde nasceu em 1885, filha de Karl Friedrich Emil Brockmann e de Emma Sophia Margaretha Fiedler. Aos 27 anos partiu para o continente africano, onde viveu em Windhoek (Namíbia). Foi jornalista e funcionária pública. Sendo jovem e solteira, esteve de passagem por Tenerife, por Las Palmas e pela Madeira. Escreveu dois relatos das suas viagens pela África Subsariana, intitulado “Briefe eines deutschen Mädchens aus Südwest” (1912) e “Die deutsche Frau in Südwestafrika: ein Beitrag zur Frauenfrage in unseren Kolonien” (1910). Colaborou na revista “Kolonie und Heimat” (1909). Faleceu na Namíbia em 1959. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Como diversas viajantes alemãs, Clara Brockmann faz uma breve referência à

Madeira no seu “Briefe eines deutschen Mädchens aus Südwest” (1910). Brockmann utiliza o género epistolar como forma de expressão do eu. Clara Brockmann compara as paisagens da Madeira e de Tenerife, como refere “Madeira gleicht in seinem geologischen Aufbau und seinem Straßenleben den beiden vorgenannten Inseln; es zeichnet sich vielleicht durch noch breitere, schönere Alleen aus. Viele Lungenleidende suchen Madeira und Teneriffa als Heilstätte auf, und es ist verwunderlich, daß dieses Paradies neben den üblichen Fahrten nach der Schweiz und Italien nicht mehr Zuspruch von reichen Vergnügungsreisenden findet.” (‘A Madeira assemelha-se às duas ilhas acima mencionadas na sua estrutura geológica e na sua vida nas ruas; pode ser caracterizado por avenidas ainda mais amplas e agradáveis. Muitos dos que sofrem de pulmões procuram a Madeira e Tenerife como um sanatório, e é surpreendente que este paraíso, para além das habituais viagens à Suíça e à Itália, já não seja popular entre os viajantes’, tradução livre). Brockmann é considerada como uma das vozes mais representativas da literatura colonial germânica. **3. DA AUTORA.** Briefe eines deutschen Mädchens aus Südwest. Berlin: Ernst Siegfried Mittler & Sohn, 1910, p. 213-214. Acessível via URL: <http://brema.suub.uni-bremen.de/dsdb/content/titleinfo/1858516>. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo,

2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>;
Socas, Elia Hernandez, Las Islas canarias en viageras de lengua alemana. Frankfurt am Main: Peterlang, 2010, p. 91, ISBN 978-3-631-60831-9; Mamozai, Martha, Herrenmenschen: Frauen im deutschen Kolonialismus. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 1982; Wildenthal, Lora, German women for empire, 1884-1945. Durham: Duke University Press, 2001.

CLARA CECÍLIA DE SÃO JOSÉ (Madeira; séc. XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Clara Cecília de São José foi uma religiosa e escritora do convento de Santa Clara do Funchal, cujos dados biográficos desconhecemos. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Clara Cecília de São José foi adjunta da escritora sórora Petronila do Socorro† desde 1736, com textos ainda por identificar no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. **3. DA AUTORA.** Documentos por identificar no Arquivo Nacional Torre do Tombo, com dados baseados em Portugal. Arquivo Nacional / Torre do Tombo. Convento de Santa Clara do Funchal. Livro das Eleições de Abadessas e mais Oficiais do Convento de Santa Clara de N.ª Senhora da Conceição do Funchal, 1733, liv. n.º 27, fól. 6v. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

CLARA VIRGINIA BIDDLE DAVIS (Estados Unidos da América; 1874 – *ibid*; 1938) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida

em Filadélfia, nos Estados Unidos da América, em 1874, Clara Biddle, era filha do médico George Biddle e de Alice Long. Clara Davis esteve na Madeira em janeiro de 1909, na companhia do seu marido, o arquiteto Seymour Davis, no circuito de turismo do Mediterrâneo. Faleceu em fevereiro de 1938. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Clara e Seymour Davis são autores de impressões de viagens em “A Winter Journey to the Western Islands, Madeira, Gibraltar, Italy, Egypt, the Holy Land, Turkey, and Greece” (1909). Chegaram à Madeira a 17 de janeiro de 1909 a bordo do navio “Cedric”, depois de passarem pelos Açores, entre as páginas 12 e 15. Mrs. Davis aparece numa fotografia descendo num carro de cesto. Numa das passagens do diário, refere o espetáculo dos bomboteiros na chegada à ilha: “Madeira Harbor offers a beautiful vista. We are surrounded by small boats from which native boys dive for coins in the icy water. Although it is Sunday, the Cedric's decks have been converted into lace bazaars, where the natives expose for sale their band-embroidered linens” (p. 12-13). Referiu a experiência do casal num carro de bois, que descreve como “an antiquated model of Spanish *cabriolet* placed on wooden runners and drawn by two bullocks led by leather thongs threaded through the tips of their horns” (p. 13). Constam cartas inéditas inseridas no fundo de Hulda Lashanska (New York Public Library). **3. DA AUTORA.** A Winter Journey to the Western Islands, Madeira, Gibraltar, Italy, Egypt, the Holy Land, Turkey, and Greece. Philadelphia: Wagstaff, 1909, 145 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria

Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

CLÁUDIA JOVITA DE ORNELAS E ANDRADE (Madeira; fl. 1820) **1. NOTA**

BIOGRÁFICA. Filha de Manuel José Vieira de Andrade, professor régio de primeiras letras no Funchal, e de Maria Valentina de Ornelas, casados em Machico em 1791, Cláudia Jovita de Ornelas e Andrade nasceu na freguesia de Santa Maria Maior. Cláudia de Ornelas e Andrade candidatou-se a um posto para a docência como mestra régia em escolas femininas no Funchal. Apenas se conhece correspondência dirigida às Cortes Régias a requerer autorização para o exercício da função.

2. LEGADO DOCUMENTAL. O seu requerimento visava a autorização para exercer como mestra régia, dado não existir na ilha uma “mestra paga pelas Rendas da Nação” e, assim, poder “ensinar gratuitamente às Meninas pobres, que por falta deste auxílio crescem e envelhecem na mais grosseira ignorância”. Realçou a impossibilidade de as classes mais pobres de recorrerem ao ensino privado, “por falta de Mão Poderosa que os auxilie e levante da sepultura de sua ignorancia” (AAR, Cx. 42, 1820-1821, doc. 23a). **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Histórico da Assembleia da República. Correspondência recebida. [Requerimento], Cx. 42, doc. 23. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Fernandes, Rogério, “Educação e ensino popular na Madeira (século XVIII-1840).” Felgueiras, Margarida Louro et al. (Ed. Lit.), Rogério Fernandes: questionar a

Sociedade, interrogar a História, (re)pensar a Educação, Porto, Afrontamento, 2004, p. 134-135; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

CRISTINA DA CUNHA (Funchal; 1898 — Coimbra; 1978) **1. NOTA**

BIOGRÁFICA. Cristina da Cunha nasceu a 19 de março de 1898 em Santa Maria Maior (Funchal) e baptizada no Seixal (Porto Moniz) a 21 de setembro de 1898. Seus pais foram Jorge da Cunha, militar, e de Cristina Cândida Jardim, casados em 1889 na Igreja de São Jorge (Santana), de onde eram naturais. Cristina da Cunha fez estudos no Liceu do Funchal e ingressou na Universidade de Coimbra por volta de 1917-1918, onde fez os estudos preparatórios médicos. Graduou-se em medicina (1918-1923) e concluiu o seu percurso com um doutoramento (1924-1925). Exerceu medicina na Madeira na “Drogaria Insulana”, na estrada do Conde de Carvalhal. Foi médica interna do Hospital São José em Lisboa durante vários anos. Além da sua atividade profissional na área da saúde, fez parte do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas durante mais de vinte anos, ao lado de figuras como Adelaide Cabete (1867-1935). Desempenhou funções diretivas na Comissão de Higiene (1927; 1929; 1936-1940; 1943; 1945) e de vogal da direção dessa comissão (1945-1946), quando era presidida por Maria Lamas (1893-1983).

Embora as primeiras médicas formadas na Madeira pela Escola Médico-Cirúrgica do Funchal – refira-se, Palmira Conceição de Sousa e Henriqueta Gabriela de Sousa – não tenham legado qualquer estudo conhecido, Cristina da Cunha foi a primeira mulher madeirense a adquirir grau académico em medicina e foi uma ativista reputada na defesa dos direitos das mulheres. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Cristina da Cunha publicou a sua tese de doutoramento intitulada “Sobre o estudo estatístico e toxicológico dos envenenamentos pelo arsénio” (1925), em Coimbra. Colaborou na revista “Alma Feminina” com diversos artigos de informação sobre higiene e saúde escolar e sobre toxicologia. **3. DA AUTORA.** ●1. Sobre o estudo estatístico e toxicológico dos envenenamentos pelo arsénio. Coimbra: Tip. da Gráfica Conimbricense, 1925. ●2. Contribuição para o estudo estatístico da pré-tuberculose escolar. Lisboa: [s. n.], 1930. ●3. Escolas ao ar livre em Portugal. Lisboa: [s. n.], 1932. ●4. “As moscas”. *Alma Feminina*, n.º 2 (1927): p. 12-13. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** “Assembleia Geral do ‘Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas’”. *Alma Feminina*, n.º 1 (Janeiro-Fevereiro, 1929): p. 3-5; “Corpos gerentes do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas”. *Alma Feminina*, n.º 3 (Maio-Junho, 1927): p. 24; Branco, Alfredo de Freitas, *Notas & Comentário para a História Literária da Madeira*, vol. III, Funchal, CMF, 1949-1953; Correia, Rosa de Lurdes Matias Pires. *O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas: a principal associação de mulheres da primeira metade do século XX (1914-1947)*. Diss. Faculdade de Ciências Sociais e

Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2013; Esteves, João, “Cristina da Cunha”. In Castro, Zília Osório de; Esteves, João (dir.). *Dicionário no feminino (séculos XIX-XX)*. (Lisboa: Livros Horizonte, 2005), p. 249b; Gomes, Joaquim Ferreira, “A mulher na Universidade de Coimbra”. Coimbra: Livraria Almedina, 1987; Macedo, L. S. Ascensão de, *Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico*, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L.,. *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Nota biobibliográfica: Cunha, Cristina [em linha]*, 1986. Funchal: f. 69. [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666416> .

CRISTINA VIEIRA DA COSTA (Machico; 1885 — *Ibid.*?; c. 1980) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Não dispomos de dados biográficos precisos sobre esta informante. Cristina Vieira Costa era natural de Porto da Cruz (Machico), onde nasceu por volta de 1885. Desconhecemos data de falecimento, que terá ocorrido na década de 1980. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Cristina Vieira Costa foi informante de textos de tradição oral e popular, compilada por Albertina Nóbrega Abreu, Teresa Vasconcelos, Maria Gilda Mendonça e Gilda Vieira de Carvalho por volta de 1980, contando a informante nessa altura com 95 anos de idade. O seu contributo integra os ciclos de romances tradicionais de assunto profano, tendo recitado “la pelo mar

fora, cheguei ao mar e parei,/ ouvi sereias a cantar lá no palácio do rei” (III.14). **3. DA AUTORA.** Na qualidade de informante da tradição oral e popular: “la pelo mar fora, cheguei ao mar e parei”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 162 (n.º III.14).

D.*** (Madeira?; fl. 1863) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Não se conhecem dados que identifiquem a autoria por detrás deste pseudónimo. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sobre D.***, apenas se conhece um poema “Um dia feliz”, publicado no “Archivo Litterario” do Funchal em 1863. **3. DA AUTORA.** “Um dia feliz”. Archivo Litterario. Funchal. Tomo 1 (27-05-1863): p. 54 (Incipit: “Que auras doces e suaves”). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

DELLA DIMMITT (Estados Unidos da América; 1874 – Ibid; 1938) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida no Illinois, Estados Unidos da América, não se conhecem suficientes dados biográficos sobre esta autora. Della Dimmitt estudou no “The Illinois Female College”, onde fez parte do corpo redatorial do “College Greetings”, órgão desse estabelecimento. Desconhece-se a data de falecimento. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Della Dimmit publicou nos Estados Unidos da América o percurso do Rev. Robert Reid Kalley (1809-1888), intitulado “A Story of Madeira” (1896),

com imagens fotográficas da ilha. Tal como Sarah Kalley, Della Dimmit terá contactado com os exilados protestantes madeirenses nos Estados Unidos da América. Foi também autora de “In the shadow of Christ's Church: Christmas stories” (1900?) e de “The stairway to happiness: the story of a Christmas Eve” (1919). **3. DA AUTORA.** A Story of Madeira. Cincinnati: Curts & Jennings; N.Y., Eaton & Mains, 1896, [8], 125 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Bateman, Newton, Historical encyclopedia of Illinois and History of Morgan County, Chicago, Munsell Publishing Company, 1906; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

DOMINGAS DE ORNELAS AUGUSTA (Madeira?; fl. 1872) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Não se dispõe de dados biográficos respeitantes à autoria desde romance. Suspeita-se ser um pseudónimo de um autor madeirense, que publicou um romance intitulado “O Ferreiro” (1872), de cunho satírico e que teve honras de segunda edição. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** A carta-prefácio refere que o “«Ferreiro» não é uma novella, mas um filho bastardo das Mil e uma noites. O «Ferreiro» é um typo sympathico que, se vivesse n'esta epocha, occuparia, decerto, uma eminente posição entre os famigerados prussianos, como outr'ora Ferrabraz d'Alexandria figurava entre os seus. O «Ferreiro» é, além de pimpão de barra de ferro, um poeta como outro qualquer de imaginação esquentada, a

quem apreze encaixar aquelle verso do insignificante Bocage, que diz:/Tem versos mui naturais, parecem prosa, e com relação á sua prodigiosa força, aquell'outros: -Pour enfoncer un bataillon/Il posséde une baguette magique./ Esqueceu-se porém V. Ex.^a, e a falta é imperdoavel, de pôr na bocca do seu heroe aquella producção d'elle, tão conhecida desde o Bugio á Tabúa, e que começa Torto nasce, torto vive". Trata-se de uma parábola humorística na qual o protagonista é apresentado logo no capítulo I, como um "Certo ferreiro opulento" que "tinha três filhos; um era macho como um coelho e os outros dois eram femeas como lebres; dava cada dia ao filho cem mil réis para as suas extravagancias". Trata-se de um romance satírico, como "Coração, Cabeça e Estômago" (1862) e "A Queda dum Anjo" (1866) de Camilo Castelo Branco, que encerra uma crítica a sociedade insular em tom humorístico.

3. DA AUTORA. O ferreiro: romance. 1.^a ed. Funchal: João Trapassa, 1872; nova ed. Funchal, Loja Torres, [s.d.]. In-8.^o (16,5cm) de XII, 99, [1] p.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ELEONORA ARMITAGE (Reino Unido; 1865 — Ibid.; 1961) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Eleonora Armitage nasceu em Dadnor Ho Linton, Ross Herefordshire (Reino Unido), a 11 de dezembro de 1865, filha de Arthur Armitage e de Isabel Jane Perceval. Viveu em Dadnor (Bridstow,

próximo de Ross-on-Wye, Herefordshire). O seu pai pertenceu ao Woolhope Naturalists' Field Club. Eleonora aprendeu pintura e desenho com a sua mãe. Encetou diversas expedições científicas, visitando a Madeira (1909), Grã Canária e Tenerife (1925), Espanha (1927), Açores (1930), Noruega (1936) e Suíça (1950), documentando e recolhendo espécies botânicas durante essas estâncias. Esteve igualmente na Amazónia, em Spitsbergen e Egito. Foi uma estudiosa de embriologia e de jardinagem, além de astronomia e ornitologia. Eleonora Armitage colaborou no "Journal of the Royal Horticultural Society" e foi membro da British Association for the Advancement of Science. Manteve contato com eminentes botanistas da sua época e foi presidente da "British Bryological Society" em 1939.

2. LEGADO DOCUMENTAL. Eleonora Armitage foi uma botânica inglesa que publicou diversos artigos entre 1910 e 1918 sobre a flora madeirense, especialmente "Intensive Cultivation Madeira" (1910), "Some Madeira Hepaticae" (1910) e "On the habitants and frequencies of some Madeira Bryophytes" (1918).

3. DA AUTORA.

- 1. "Intensive Cultivation Madeira". Journal of Royal Horticultural Society, n.º 36 (1910): p. 64-72.
- 2. "Some Madeira Hepaticae". Journal of Botany, n.º 48/ 570 (1910): p. 156-158.
- 3. "On the habitants and frequencies of some Madeira Bryophytes". Journal of Ecology, n.º 6/3 (1918): p. 220-225.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de

Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>;
Scott, G.D., 1962. Eleonora Armitage 1865–1961. *Transactions of the British Bryological Society*, 4(2), p. 338-340. Acessível: <https://doi.org/10.1179/tbbs.1962.4.2.338>.

ELISA AMÉLIA GOMES PAIS (Funchal; 1880 — *Ibid.*; 1957) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Elisa Amélia Gomes Pais nasceu em Santo António a 24 de agosto de 1880 e baptizada na Igreja Paroquial de Santo António (Funchal). Era filha dos poetas Manuel Gomes Pais e de Maria Amélia de Jesus Pais†, falecidos no Brasil. Era irmã do jornalista Carlos de Oliveira Pais, redator do jornal “A Noite”, do Rio de Janeiro, e da “Revista Literária” (Funchal, 1902). Desconhecemos muitos aspectos sobre a sua vida. Faleceu no Funchal a 11 de outubro de 1957. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Luis Marino refere que Elisa Amélia Gomes Pais se dedicou à poesia e que publicou em almanaques, sem os identificar. Desconhecemos outra produção da sua autoria. **3. DA AUTORA.** Textos por identificar. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Pais, Elisa Amélia Gomes* [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667501>

ELISA BASÍLIA DE ABREU (Funchal, 1887 – *Ibid.*; ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida na freguesia de São Pedro (Funchal) a 14 de julho de 1887, Elisa Basília de Abreu era filha de Manuel Pinto de Abreu e de Jesuína Taveira de Abreu. Desde jovem,

Elisa Abreu pretendia seguir a vida religiosa na congregação de S. Vicente de Paulo, que foi interrompido por motivo de ter sido nomeada para servir como docente. Foi professora e diretora da "Escola Salazar" durante 46 anos. Foi condecorada a 16 de janeiro de 1955 pelo Governo Português com o grau de Cavaleiro da Ordem da Instrução Pública, ao lado de personalidades como André Visson, Major Eugénio Sobreiro de Figueiredo e Silva, Tenente-Coronel Francisco Pereira de Lacerda Machado, Serge Dairaines, Robert Paul Marie Ricard, Crispim Teixeira Borges de Castro, Rogério Nogueira de Carvalho, Reverendo Padre Evaristo do Rosário Guerreiro. Recebeu as insígnias honoríficas na escola onde exercia o magistério até se aposentar em 1959. Desconhecemos a data de falecimento.

2. LEGADO DOCUMENTAL. De acordo com Luís Marino no seu monumental “Panorama Literário do Arquipélago da Madeira”, Elisa Basília de Abreu é autora de dois discursos publicados em jornais madeirenses. Os discursos foram proferidos na Escola Salazar conforme o título sugere, “Discurso Proferido na “Escola Salazar” na festa promovida pela Professora desta Escola, D. Elisa Basília de Abreu, no Aniversário de Sua Exca. o Senhor Doutor António de Oliveira Salazar, no dia 29 de Abril de 1946” publicado no periódico “O Jornal” em 1946. Outro discurso foi publicado no “Diário de Notícias” em 1955, por ocasião da homenagem do Estado que lhe atribuiu o grau de Cavaleiro da Ordem de Instrução Pública. Contudo, as referências apresentadas por Marino não especificam claramente se a autora leu os seus discursos em texto escrito ou simplesmente os improvisou, ou se

foram parafraseados ou transcritos por um jornalista. **3. DA AUTORA.** ●1. "Discurso Proferido na "Escola Salazar" na festa promovida pela Professora desta Escola, D. Elisa Basília de Abreu, no Aniversário de Sua Exca. O Senhor Doutor António de Oliveira Salazar, no dia 29 de Abril de 1946". In "O Jornal", Funchal, 30-04-1946. ●2. "Discurso proferido na festa de homenagem em que lhe foi imposta as insígnias do grau de Cavaleiro da Ordem de Instrução Pública, na "Escola Salazar", no dia 16 de janeiro de 1955". In "Diário de Notícias", Funchal, 18-01-1955. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Abreu, Elisa Basília de [em linha], 1986. Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=665832>.

ELISA DE JESUS PEREIRA (Funchal; 1897 — Ibid.; 1963) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida em Sto. António (Funchal), a 10 de abril de 1897, Elisa de Jesus Pereira (no século) era filha de António Pereira, carpinteiro, e de Maria Elisa de Jesus Mendonça Pereira, moradores no sítio da Chamorra. Foi baptizada na igreja paroquial de Sto. António a 25 de abril de 1897. A irmã Maria do Monte Pereira iniciou a sua atividade como catequista na paróquia de Santo António. Professou como religiosa das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, adotando o nome de religião Maria do Monte Pereira. Nesta congregação serviu na Casa de Repouso de Belas, na Casa de Saúde do Bom Jesus e, no Funchal, na Casa de Saúde Câmara Pestana. Decorre um processo de

beatificação desta religiosa madeirense. Faleceu a 17 de dezembro de 1963. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** A serva de Deus Maria do Monte Pereira é autora de diversas cartas, algumas das quais foram destruídas pelos próprios familiares. É autora de uma autobiografia mansucrita, que se encontra integrada no processo de beatificação. Os seus relatos foram escritos por solicitação do Pe. Giulio Gritti e pelo Pe. Oliveira Dias, S. I. Os textos e testemunhos orais sobre esta religiosa madeirense foram compilados pela Irmã Natividade, da mesma congregação. **3. DA AUTORA.** Portugal. Ordem Hospitaleira do Sagrado Coração de Jesus. Processo diocesano de canonização da Serva de Deus Maria do Monte Pereira. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Azevedo, David de, OFM, Irmã Maria do Monte: anel de ouro: amor esponsal de Jesus. S.L.: Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, 2006. Dep.Leg. 241804/06; Luza, Vera, "A santidade junto dos doentes: Irmã Maria do Monte Pereira (1897-1963), das Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus". Jornal da Madeira. Supl. Pedras Vivas, Funchal (11-03-2007), p. 04-05; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ELISABETH JOSEPHINE CRAIG (Reino Unido; 1883 —Ibid; 1980) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Elisabeth Josephine Craig nasceu em Linlithgowshire, West Lothian, na Escócia, a 16 de fevereiro de

1883. Era filha de John Mitchell Craig e de Catherine Anne Craig. Elisabeth Craig foi uma prolífica escritora britânica de culinária. Casou-se com o americano Arthur Mann, sem geração. Estudou jornalismo em Dundee. Faleceu na Escócia a 7 de junho de 1980. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Elisabeth Craig começou a colaborar no jornal “Daily Express” (1920). Publicou o seu primeiro livro de culinária “The Stage Favourites’ Cook Book” (1923) que obteve grande sucesso editorial. Com a eclosão das duas Grandes Guerras, Craig teve o mérito de fornecer novas receitas num período de carestia alimentar. Realizou vários programas de televisão e rádio e foi uma escritora galardoada com diversos prémios. Para além de compilar várias receitas da tradição gastronómica britânica, escreveu, em colaboração com André L. Simon, “Madeira: wine, cakes and sauce” (1933). **3. DA AUTORA.** Madeira: wine, cakes and sauce. London: Constable & Co., 1933, 153 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ELISABETH PHELPS (Reino Unido; 1796 — Ibid.; 1876) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Elisabeth Phelps (nascida Dickinson) nasceu em Bramblebury, em Londres, por volta de 1796. A família Phelps marcou presença na Madeira desde 178. Era filha do Capitão R. N. Thomas Dickinson e de Francis de Brissac. Elisabeth Phelps casou-se com Joseph Phelps a 17 de agosto de 1819. A família

estabeleceu-se na Madeira desde 14 de outubro de 1819, tendo-se dedicado ao comércio do vinho da Madeira. Os filhos de Elisabeth Phelps nasceram na Madeira e a família notabilizou-se pela sua ação filantrópica e pela introdução do método de Lancaster na cidade do Funchal. Elisabeth Phelps fundou a Escola das Senhoras do Funchal (1821), segundo o método de Ensino Mútuo, largamente noticiado no jornal “O Patriota Funchalense” (1821). Foi uma notável mulher de negócios, responsável pelo fomento da indústria e comércio do bordado e dos vinhos da Madeira. Os Phelps foram uma das famílias inglesas mais influentes da ilha da Madeira, até à sua saída no segundo quartel do século XIX. Faleceu em Londres em 1876. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** No Lambeth Archives, conserva-se o diário de Elisabeth Phelps e alguma correspondência familiar. Outros documentos manuscritos permanecem junto dos descendentes, especialmente junto de Penelope Forrest, sua descendente, que publicou em 2011. **3. DA AUTORA.** ●1. Reino Unido. Lambeth Archives. Phelps Family of Clapham (1795-1939). ●2. África do Sul. Coleção privada de Penelope Forrest; textos publ. em Forrest, Penelope (ed. lit.), A memoir in letters of the Phelps and Crompton families in the 19th and 20th centuries. Cape Town: the Editor, 2011, 248 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Boylston, Anthea E., The Phelps Family and the Wine Trade in 19th Century Madeira: The Story from their Letters, [s. l.]: CreateSpace, 2017, ISBN-13: 978-1979222129; Forrest, Penelope, A memoir in letters of the Phelps and Crompton Families in the 19th and 20th Centuries. Cape Town:

the Editor, 2011, ISBN: 978-0-620-49869-2; Gouveia, Cláudia Faria, Phelps: percursos de uma família britânica na Madeira de Oitocentos. Funchal: Empresa Municipal "Funchal 500 anos", 2008, ISBN 978-989-95637-6-6; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ELIZA BROWN NEWTON SMART

(Funchal; 1844 – Ibid.?.; 1923?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida Eliza (ou Elisa) Brown Newton, a 25 de fevereiro de 1844 no Funchal, era filha do comerciante William Newton e de Emily Anne Stranack, casados no Funchal em 1835 na residência do Cônsul Geral Britânico, Henry Veitch. Foi irmã do missionário baptista Frederick Arthur Jefferd. Educada em escolas privadas inglesas e públicas na Madeira, pouco se sabe da vida desta missionária britânica. Marino indicou erroneamente no seu monumental "Panorama Literário" que Elisa Smart nasceu a 25 de fevereiro de 1860. Eliza Newton casou-se em 1879 com William George Smart (1857-1936), que veio à Madeira em 1876, proveniente de Cardif, em representação da "St. Andrew Waterside Mission". Em 1898, o casal fundou a Igreja Metodista Episcopal no Funchal à rua do Conselheiro. Desenvolveu ações de prevenção contra o álcool na Madeira e representou Portugal, em 1903, na "World's Woman's Temperance Convention" em Genebra. Desconhecemos a data de

falecimento, que se crê ter ocorrido no Funchal a 3 de setembro de 1923, de acordo com os registos da 1.ª Repartição de Finanças do Funchal. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** O único impresso que se conhece de Eliza Smart intitula-se "Exortação à juventude ou protecção aos animais" (1880), traduzido do inglês, com uma importante mensagem para a defesa dos direitos dos animais domésticos. Colaborou no jornal "O Congresso". Igualmente traduziu hinos sacros que se encontram integrados no hinário intitulado "Psalms e Hymnos com Musicas Sacras" (1868), compilado e publicado pela missionária e musicista Sara Poulton Kalley (1825-1907), esposa de de Robert Reid Kalley, e pelo Dr. João Gomes da Rocha (1868-1921). Os textos da Elisa Smart foram insertos na 4.ª edição de 1919. **3. DA AUTORA.** ●1. Exortação à juventude ou protecção aos animais, traduzido livremente do inglês. Funchal: Typ. Do Direito, 1880. ●2. "O Congresso", 08-12-1928. ●3. "A Mensagem Real" (incipit: "Sou forasteiro aqui; em terra estranha estou", tradução de E. R. Smart (1907)). In Rocha, João Gonçalves da, Psalms e hymnos con musicas sacras. 4.ª Ed. Lisboa; Rio de Janeiro: [publisher not identified], 1919. ●4. "Conta as muitas bênçãos" (incipit: "Se da vida as vagas procelosas são", tradução de E. R. Smart (1907)). In Rocha, João Gonçalves da, Psalms e hymnos con musicas sacras, 4.ª Ed. Lisboa, Rio de Janeiro, [publisher not identified], 1919. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Cherrington, Ernest Hurst, "Smart, Eliza Brown Newton". Standard encyclopedia of the alcohol problem. Volume 6. Westerville, O. (American Issue Pub. Co.) 1925-30, p. 2449; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz

à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Smart, Elisa de [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667995>; Methodist Episcopal Church. Missionary Society, The Gospel in All Lands by Missionary Society. S. l.: Methodist Episcopal Church, 1901; Valente, David, “Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal: contributo para a história da sua formação”. Lusitania Sacra, 16 (2004), p. 477-510.

ELIZABETH HENRIETTA MACQUARIE (Reino Unido; 1778 – *Ibid.*; 1835) 1.

NOTA BIOGRÁFICA. Nascida Campbell, Elizabeth Henrietta nasceu a 13 de junho de 1778 em Kilcalmonell, Argyllshire na Escócia. Era filha mais nova de John Campbell e de Jane Campbell. Ela cresceu na casa do seu irmão e conheceu o coronel Lachlan Macquarie, que prestou durante mais de uma década serviço militar na Índia, e que veio a ser seu esposo. Casaram-se em Devon a 3 de novembro de 1807. Em 1809, o coronel Macquarie foi nomeado governador de Nova Gales do Sul (Austrália). Elizabeth Macquarie acompanhou-o nessa viagem, que durou sete meses a bordo do “Dromedary”. Quando chegaram a Sydney em dezembro de 1809, Elizabeth Macquarie interessou-se pela condição das mulheres condenadas e aborígenes

e foi uma esposa dedicada, acompanhando o seu esposo em diversas expedições pela Austrália. O casal regressou à Inglaterra a 15 de fevereiro de 1822 no navio “Surry”. Faleceu em Gruline House, Loch Ba, ilha de Mull (Escócia), a 11 de março de 1835. **LEGADO DOCUMENTAL.** Elizabeth Macquarie deixou um diário da sua viagem à Austrália, onde refere a sua estada na Madeira, passagem por Cabo Verde, Rio de Janeiro e África do Sul, no ano de 1809. O casal esteve na Madeira em 12 de junho de 1809, recebidos pelo cônsul Henry Veitch e sua esposa. Elizabeth refere que, por motivo de doença, teve pena não ter conhecido a ilha: “My bad state of health prevented my being able to see much of the Island of Madeira, & what I regretted much more I fear I prevented Colonel Macquarie partaking of many invitations which could not fail to be agreeable”. No entanto, o casal visitou, no dia 16 desse mês, a igreja do Monte. No dia 18, Elizabeth descreve um evento religioso de entrada de uma noviça no convento e da despedida comovente da mãe, um momento que refere que “I cannot say that I ever felt so much distress at the fate of a stranger, as I did on this occasion; the impression was not that I could not hear the subject mention'd without considerable emotion for sometime after. I hope her situation does not feel to her, as it appear'd to me”. Acrescenta, além disso, a beleza da ilha em contraste com a extrema pobreza que presenciou não só dos espaços públicos mas também dos habitantes: “The Island of Madeira is certainly one of the most beautiful & romantic places to look at which I have ever seen, to Persons who have been

long at Sea, & who have suffer'd illness, and bad weather, the sight of Funchal is the most gratifying which can well be imagined; but by the time one has been a few days on shore, the want of air, and great heat; the total exclusion from all kinds of exercise, from the hardness of the roads; which are very steep, and paved with small stones; and above all the filth of the Inhabitants is so disgusting, that I think no time could reconcile one to witness it with indifference – all this serves to shew how many comforts are necessary to render life agreeable to a person who has been accustom'd to live in England”.

3. DA AUTORA. Austrália. State Library of New South Wales. Mitchell and Dixson Libraries Manuscripts Collection. Elizabeth Macquarie journal of a voyage from England to Sydney in the ship 'Dromedary', 15 May 1809 - 25 December 1809, 1809, cód. C 126 (Safe 1/303). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Barnard, Marjorie, 'Macquarie, Elizabeth Henrietta (1778-1835)', in Australian Dictionary of Biography, National Centre of Biography, Australian National University, 2006, <http://www.adb.online.anu.edu.au/biogs/A020161b.htm>; Cohen, Lysbeth, Elizabeth Macquarie: Her Life and Times, Wentworth, Sydney, 1979; 'Elizabeth Henrietta Macquarie of Airds (1778-1835)', in Lachlan and Elizabeth Macquarie Archive, Macquarie University, State Library of New South Wales, National Library of Scotland, Historic Houses Trust, National Library of Australia, National Museum of Australia, New South Wales State Records, Macquarie University, 2010, <http://www.lib.mq.edu.au/digital/lema/biographies/embiog.html>; Walsh,

Robin, In her own words: the writings of Elizabeth Macquarie, Wollombi, N.S.W, Exisle Publishing, 2011.

ELLA MARY DU CANE (Austrália; 1874 — Reino Unido; 1943) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Ella Du Cane nasceu em Hobart, na Tasmânia, a 4 de junho de 1874. Filha do administrador colonial Sir Charles Du Cane, de Braxted Park, e de Georgiana Susan Copley, Ella du Cane foi uma notável aguarelista e viajante britânica. Colaborou com a sua irmã, Florence du Cane†, com ilustrações de jardins em livros como “The flowers and gardens of Japan” (1908), “The flowers and gardens of Madeira” (1909) e “The Canary Islands” (1911). As suas pinturas foram exibidas na New Society of Painters in Water Colours. Faleceu em 1943, solteira, sem geração, sepultada na Igreja de Todos os Santos, em Braxted, Essex. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Ella Du Cane foi uma notável aguarelista britânica. Ganhou notoriedade em 1893 numa exposição da “New Society of Painters”. A sua notoriedade ganhou maior alcance ao publicar com a sua irmã as suas experiências de viagem. Várias pinturas da sua autoria foram adquiridas pela Rainha Vitória, interessada pela sua obra. Sobre os jardins da Madeira, Ella Du Cane produziu 24 ilustrações paisagísticas de jardins, caminhos e de quintas emblemáticas do Funchal, como “Loo Rock, Funchal”, “A Drinking Fountain”, “Azaleas in a Portuguese Garden”, “Azaleas, Quinta Ilheos”; “Datura, Quinta Vigia”, “A Group of Senecio”, “Weigandia and Daisies”, “Cypress Avenue, Quinta Stanford”, “Aloes and Daisy Tree”, “Poinsettia on the Mount Road”, “The Scarlet Bougainvillea”,

“Wistaria, Santa Luzia”, “Roses, Santa Luzia”, “Pride of Madeira and Peach Blossom”, “Quinta do Til”, “On the Torrinhas Road”, “Wistaria, Quinta da Levada”, “Red Aloes”, “Almond Blossom”, “Pride of Madeira and Daisies”, “The Purple Bougainvillea”, “Bignonia Venusta”, “Jackaranda Tree” e “A Chapel Doorway”. **DA AUTORA.** The flowers and gardens of Madeira. London: Adam and Charles Black, 1909, vii, 150 p. 4. **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Clark, John (ed.), Japanese Exchanges in Art 1850s-1930s. Sydney: Power Publications, 2001, p. 237; Millar, Delia, “Ella Mary Du Cane (1874-1943)”. In The Victorian Watercolours and Drawings in the Collection of Her Majesty the Queen. London: Philip Wilson, 1995, p. 284; Peralta, Yolanda, Diccionario de Creadoras Canarias del Siglo XIX-XX. La Laguna: Universidad de La Laguna, 2008; Redfoot, Alison, Victorian Watercolorist Ella Mary Du Cane: A study in resistance and compliance of gender stereotypes, the professional art world, Orientalism, and the interpretation of Japanese gardens for British society: MA thesis. California State: University at Long Beach, 2011.

ELLEN MARIA TAYLOR (Madeira; 1832; — Reino Unido; ca. 1907) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Apesar de não ser seguro identificar a autora desta entrada, encontramos alguns dados nos registos

vitais da Igreja Inglesa na Madeira. Ellen Maria Taylor nasceu na Madeira 2 de julho de 1832, filha do comerciante James Taylor e de Elizabeth (sic) ou de Maria Elenor Hayward, residentes na ilha. De resto os Taylors têm grande presença no arquipélago. Ellen Taylor terá vivido no Reino Unido e visitou a Madeira entre janeiro de 1880 e janeiro de 1881. Esteve hospedada no hotel Santa Clara, na companhia de uma amiga que veio curar-se na ilha. Desconhecemos onde faleceu, que se presume no Reino Unido, por volta de 1907. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Com apoio de Charles Cossart, Robert White e James Yates Johnson, Ellen Maria Taylor publicou em Londres “Madeira: Its Scenery, and how to See it; with Letters of a Year's Residence, and Lists of the Trees, Flowers, Ferns, and Seaweeds” (1882). O conhecimento detalhado do arquipélago e da língua coloca a hipótese de autora ter estado anteriormente na Madeira. Na composição da sua obra, apoiou-se em autoridades locais e obras anteriores, como “Madeira. Its Clima and Scenery” de James Yate Johnson e os conhecimentos de Charles Cossart. Ellen Taylor oferece informações sobre hotéis, navios, restrições de bagagem, festividades e excursões, comércio, história local e costumes, incluindo um vocabulário português-inglês de apoio ao turista inglês e uma lista de grandes personalidades insulares. Além disso, publicou correspondência, que confere à obra uma experiência pessoal e autêntica. **3. DA AUTORA.** Madeira: Its Scenery, and how to See it; with Letters of a Year's Residence, and Lists of the Trees, Flowers, Ferns, and Seaweeds. London: E. Stanford, 1882, p. 261;

London: E. Stanford, 1889, 269 p. (acessível archive.org/details/b24750876).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Baubeta, Patricia Odber de, “a madeira vista pelos ingleses”. In *Aprender Madeira*, 2018, Acessível via URL: <<http://aprendermadeira.net/a-madeira-vista-pelos-ingleses>>; Hoe, Susanna, *Madeira: Women, History, Books and Places (Of Islands & Women)*. Oxford: Holo, 2004; Robinson, Jane, *Wayward women: a guide to women travellers*. Oxford University Press, 1990; Saunders, Clare Broome (org.), *Women, Travel Writing, and Truth*, New York, Routledge, 2014; Silva, António Marques da, *Passaram pela Madeira. Funchal: Empresa Municipal “Funchal 500 anos”*. 2008, p. 213.

EMÍLIA ACCIAIOLLY REGO (Madeira; fl. 1863) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Desconhecemos o verdadeiro nome da autora que tem sido confundida com Emília Henriqueta Acciaiolly Rego† e parente de Maria Eugénia Rego Pereira†. É possível ser filha de João António Acciaiolly Rego e de Carolina Augusta Jardim. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** A autora publicou textos poéticos e charadas no jornal do Liceu, “O Recreio” e na “Estrela Académica” e noutros jornais madeirenses, assinando os seus textos com pseudónimo A. (desdobrado num periódico “O Recreio” da Biblioteca Municipal do Funchal). Encontra-se representada na “Musa Insular” de Luís Marino. Os docentes do Liceu do Funchal incentivavam os seus alunos publicarem os seus textos em jornais escolares. **3. DA AUTORA.** ●1. “Meditação”. *O Recreio* (jornal do Liceu do Funchal), 1863 = In Marino, Luís,

Musa Insular, Funchal, *Eco do Funchal*, 1959, p. 98-99. ●2. “Aos anos de meu irmão”. *O Recreio* (jornal do Liceu do Funchal), n.º2 (1863), p. 14. ●3. “A lira quebrada”. *O Recreio* (jornal do Liceu do Funchal), n.º20 (1864), p. 154-155. ●4. “A charidade”. *Estrela Académica: periódico de instrução e recreio*, Funchal, n.º2 (18-12-1875), p. 1 (Atribuível, assinado por A.). ●5. “A Constancia”. *Estrela Académica: periódico de instrução e recreio*, Funchal, n.º2 (18-12-1875), p. 1-2 (atribuível, assinado por A.). ●6. “O nascimento do Messias”. *Estrela Académica: periódico de instrução e recreio*, Funchal, n.º3 (25-12-1875), p. 1-2 (Atribuível, assinado por A.). ●7. “Os amigos”. *Estrela Académica: periódico de instrução e recreio*, Funchal, n.º 2 (18-12-1875), p. 1-2. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo*, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Rego, Emília Acciaioly [em linha]*, 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667674>

EMÍLIA HENRIQUETA ACCIAIOLLY REGO (Santana; 1798 – ibid; 1849) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida em Santana, em 1798, Emília Henriqueta Acciaiolly era filha do Coronel Filipe Joaquim Acciaiolly e de Ana Coleta de Freitas Acciaiolly. Emília Acciaiolly Rego casou-

se com o capitão António Francisco Rego, na Sé do Funchal em 1816. É parente das poetisas Emília Acciaioli Rego† e de Maria Eugénia de Afonseca Acciaioli Rego Pereira†. Alguns autores chamam-na como Emília Acciaiolly Rego Sênior. Faleceu na Madeira em 1849. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** O seu poema “Arco-íris” foi publicado na antologia “Flores da Madeira (1871), tendo permanecido manuscritos os seus textos. A contemplação da natureza como manifestação divina: “Formoso arco celeste,/Que, nos céus, te vais curvando./E o alto firmamento/De mil cores matizando!/Aquele que com seu sopro/Tão acima te elevou,/E com variadas tintas/Sabiamente te pintou”. No entanto, vincula a beleza do fenómeno com o ideário cristão da paixão de Cristo: “Aquele que te sustenta/Com tanto brilho e beleza./Foi coberto em sua vida/Com o manto da pobreza./Aquele que te curvou/De modo mais majestoso,/Foi condenado a morrer/Como um facinoroso/. Com o seu sangue inocente/O seu rosto foi manchado —/Esse precioso sangue/Que por nós foi derramado/Todo o cálix da aflição/Sobre ele se esgotou;/E para nos libertar/Em tormentos expirou”. No “Panorama Literário” de Marino refere que “deixou um livro de versos, cujo título desconhecemos”. **3. DA AUTORA.** “Arco-íris”. In Monteiro, José Leite e Oliveira, Alfredo Cesar de (ed. lit.), Flores da Madeira. Funchal: Typ. da Imprensa Livre, 1872; republ. em Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 63. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Gomes, Alberto, “Algumas Notas sobre os Poetas das Flores da Madeira”. Das Artes e da

História da Madeira, 3/14 (1953), p. 22; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Rego Sênior, Emília Acciaioly [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667672>

EMÍLIA ROMANA DO EMPÍREO

(Santana; 1801 – Funchal, 1883) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Filha de João José Moderno e de Antónia Rosa, natural do Arco de São Jorge, onde nasceu em 1801. Fez votos em 1816. Sóror Emília Romana do Empíreo (ou Empírio) foi escritã e abadessa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal, no triénio de 1831 a 1833. Foi eleita durante vários triénios como abadessa do mosteiro (1837-1840, 1843-1846, 1849-1852, 1855-1858, 1861-1864, 1867-1870, 1873-1876 e 1879-1882). Faleceu a 11 de fevereiro de 1883. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sóror Emília Romana do Empíreo consolidou as contas do convento e manteve correspondência com diversas entidades, documentos ainda por identificar. A administração do convento encontra-se descrita no arquivo do Convento de Nossa Senhora da Encarnação que se encontra repartido entre o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e o Arquivo Regional e

Biblioteca Pública da Madeira. É indispensável realçar as dificuldades que os conventos femininos madeirenses enfrentaram com a extinção das ordens religiosas em Portugal, estipulado pelo Decreto e Instruções de 31 de maio de 1862, do Ministério e Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda, que executou a Lei de 4 de abril de 1861. Os registos feitos por esta religiosa dão conta das dificuldades que a instituição atravessava. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional Torre do Tombo. Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Registo de receita e despesa, L. 38, L 46. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Fontoura, Otilia Rodrigues, *As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos.* Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000, p. 174, 189; Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde.* Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

EMILY GENEVIEVE SMITH (França; 1817 — Reino Unido; 1877) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida Emily Geneviève Simpson, nasceu em Paris a 31 de agosto de 1817. Era filha de Henri Hanson Simpson, oriundo de Bath (Reino Unido), e de Mary Anne Duberley. Recebeu esmerada educação em piano, canto, pintura e arqueologia. Casou-se com o reverendo Reginald Southwell Smith a 25 de fevereiro de 1836 e tiveram doze filhos. A doença do seu marido obrigou à família a mudar-se para Ventnor, na ilha de Wight, e,

posteriormente, para a ilha da Madeira, em outubro de 1840. Instalados no Funchal na Quinta da Nora, onde permaneceram cerca de dois anos, Emily Smith visitou a ilha e retratou paisagens madeirenses nas suas aguarelas, como o célebre naufrágio do brigue Dart, em 1842. Faleceu em Londres a 27 de abril de 1877. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Emily Geneviève Smith deixou diários (respeitantes aos anos de 1836, 1841, 1852, 1858 e 1866) e 98 aguarelas que se conservam no Museu Quinta das Cruzes no Funchal e no Dorset Archives Service. Publicou "A Panoramic view of the City of Funchal, in the Island of Madeira" (1844). Na parte introdutória faz uma síntese demográfica e geográfica sobre a Madeira. No Museu Quinta das Cruzes conservam-se diversas aguarelas da sua autoria: "An Artist's Study - Madeira", "Boy with Galinhas", "Câmara de Lobos", "Capela dos Milagres", "Country Woman of Madeira & boy with a Machette", "Dragon Trees at St. John's", "Entrance to the Valley of St. Vincent", "Entrance to the Valley of the Ribeiro Grande", "Homen em pé on the road to Pico Ruivo", "Ilheo Rock & Pontinha", "Largo do Chafariz", "Part of The Curral d' Pico Grande", "Peasant Girl. St. Vicente", "Quinta da Nora", "Quinta da Palmeira", "Quintas of the greater (...) Angustias", "Santa Cruz from Mrs Blandy's Quinta", "Scene on Madeira beach", "Scene on the Beach at Funchal", "Sketch of Government House", "St. Vicent Chapel & Rock", "The "Brazen Head". Bay of Funchal & Fort St. Iago", "The Peack Fort", "Tomato Boy", "View in the Serra d'Argoa Ravine", "Vista da Achada do Gramacho, e casa do Sr. Luiz Acciaoly -

Sta. Anna", "Vista do Faial - Penha d'Águia or Eagle's rock as seen from the Cortados range of mountains", "Wreck of the American Brig "Créole" (a slaver) during the great Storm at Madeira in 1842", "Wrecks of the Dart & Novo Beijinho". **3. DA AUTORA.** ●1. A panoramic view of the city of Funchal the island of Madeira. Weymouth: B.Benson, 1844, 4 f. (<http://purl.pt/24025>). ●2. Reino Unido, Dorset Council. Dorset History Centre, Smith Family of West Stafford Archive (1836 – 19). Diário de Emily Smith (D-500-1/D-500-4). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Governo Regional da Madeira, "Smith, Emily Geneviève". Museus da Madeira: plataforma online, acessível <https://museus.madeira.gov.pt/DetailsAutor?authorId=765>; Hoe, Susanna, Madeira. Women, history, books & places. Oxford: Holo Books, 2004; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Smith, Margaret, From Victorian Wessex The Diaries of Emily Smith 1836,1841,1852. Norwich: Solen Press, 2003.

EMMELINE STUART WORTLEY MACKENZIE (Reino Unido; 1806 — Líbano; 1855) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Emmeline Charlotte Elizabeth Manners nasceu no Reino Unido a 2 de maio de 1806. Era filha de John Henry Manners, V Duque de Rutland, e de lady Elizabeth Howard. Lady Emmeline casou-se com o *honourable* Charles Stuart Wortley

Mackenzie a 17 de fevereiro de 1831. Após à morte do seu esposo em 1844, continuou a viajar na companhia da sua filha. No ensejo de conhecer as terras dos cristãos primitivos, partiu para Beirute onde faleceu de desinteria a 20 de outubro de 1855. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Foi uma notável poetisa, dramaturga e viajante britânica que visitou os Estados Unidos da América, o norte da Europa e o Médio Oriente. Publicou diversas obras que a seguir listamos: "London at Night, and other Poems" (1834), "Unloved of Earth, and other Poems" (1834), "Travelling Sketches in Rhyme" (1835), "The Villager's Courtyard, and Other Poems" (1835), "The Knight and the Enchantress, with other Poems" (1835), "The Village Churchyard, and other Poems" (1835), "The Visionary: A Fragment, With Other Poems" (1836), "The Visionary, a Fragment, with other Poems" (1836), "Fragments and Fancies" (1837), "Hours at Naples, and other Poems" (1837), "Lays of Leisure Hours" (1838), "Queen Berengaria's Courtesy, and other Poems" (1838), "Sonnets, Written Chiefly During a Tour Through Holland, Germany, Italy, Turkey, and Hungary" (1839), "Angiolina del' Albano, or, Truth and Treachery: A Play, in Five Acts" (1840), "Eva, or, The Error: A Play in Five Acts" (1840), "Jairah: a Dramatic Mystery, and other Poems" (1840), "The Maiden of Moscow: A Poem" (1841), "Alphonso Algarves,' a play in five acts in verse" (1841), "Lillia Branca, a Tale of Italy" (1841), "Moonshine,' a comedy" (1843), "Adelaide" (1843), "Ernest Mountjoy,' a comedietta in three acts in prose" (1844), "On the Approaching Close of the Great Exhibition, and Other Poems"

(1851), “Two poems on the Great Exhibition” (1851), “Travels in the United States, etc., during 1849 and 1850” (1851) “A Visit to Portugal and Madeira” (1854). **3. DA AUTORA.** A Visit to Portugal and Madeira. London: Chapman and Hall, 1854, 483 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Silva, António Ribeiro Marques da, Passaram pela Madeira: textos de autores anglo-saxónicos que visitaram a ilha (1687-2000), Funchal, Empresa Municipal Funchal 500 Anos, 2008, p. 213.

ESTELA DA SILVA (Funchal; 1891? – Ibid; ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Desconhecemos dados sobre a sua vida, devido à existência de várias Estelas da Silva coetâneas. Inclinámo-nos para o facto de ser filha do pintor Henrique Augusto da Silva e de Maria da Purificação da Silva, natural de Santa Luzia (Funchal), onde nasceu a 1 de dezembro de 1891. Desconhecemos quando faleceu. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** O único poema que se conhece intitula-se “Trovas” publicado no “Almanach madeirense para 1905”, sendo crível que tenha publicado aos 13 anos de idade uma canção de amor. **3. DA AUTORA.** “Trovas” (Incipit: “Tu és rutilante estrela”). In Rodrigues, Sabino Joaquim (ed.), Almanach madeirense para 1905. Funchal: Typ. do «Direito», 1904.

EUGÉNIA MARIA CLARA DE NÓBREGA (Santana; 1880 — Funchal; 1970) **1.**

NOTA BIOGRÁFICA. Eugénia Maria Clara de Nóbrega nasceu em Santana a 13 de dezembro de 1880 e baptizada na Igreja Paroquial de Santana. Era filha do docente e poeta Jorge Luís de Nóbrega (1850-1884) e da professora Maria Clara Pereira e Nóbrega, naturais do Funchal, mas casados em Santana, em 1879. Tal como seus pais, seguiu a carreira da docência, tendo servido nas Escolas Masculinas e Femininas de Câmara de Lobos, desde o ano de 1910 até à sua aposentação em 1944. Foi uma das fundadoras da “Associação das Damas de Caridade de Câmara de Lobos” em 1929. Eugénia Maria Clara de Nóbrega perenceu à Ordem de São Vicente de Paulo. Foi agraciada pelo Governo as insígnias de Oficial da Instrução Pública a 2 de abril de 1946. Foi, ainda, homenageada a 26 de agosto de 1966 em sessão solene da Câmara Municipal de Câmara de Lobos. Faleceu no Asilo de Mendicidade e Ófãos a 12 de outubro de 1970. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Eugénia Maria Clara de Nóbrega colaborou na imprensa funchalense, especialmente n’ “O Jornal”. No “Diário de Notícias”, é descrita a cerimónia pormenorizadamente, parafraseando o discurso da “veneranda Professora” quando recebeu as insígnias da Ordem da Instrução Pública em 1945. Desconhecemos outra produção da sua autoria. **3. DA AUTORA.** “Um sonho a bordo da fragata “D. Fernando”. In “O Jornal”, 11-10-1950. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Freitas, Manuel Pedro, “Associação das Damas de Caridade de Câmara de Lobos”. Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico: Edição electrónica, s.d., s.l. 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]., <http://www.concelhodecamaradelobos>

.com/dicionario/associacao_damas_caridade_camara_lobos.html; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Nóbrega, Eugénia Maria Clara de [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667410>

EULÁLIA ÁGUEDA ABREU NUNES PAQUETE (Funchal; 1886 — Ibid.; 1947)

1. NOTA BIOGRÁFICA. Eulália Águeda Nunes Paquete nasceu em São Pedro (Funchal), a 5 de fevereiro de 1886. Era filha de João Augusto Nunes Diabinho, charadista e poeta, e de Carolina Adelaide Abreu Nunes e esposa do comendador Eduardo Simões Dias Paquete. Foi mãe de Dr. Eduardo Paquete, Renato Paquete e de Edite Paquete. Faleceu no Monte (Funchal) a 8 de abril de 1947. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Assinando os seus textos como Agda, deixou poesias e charadas na imprensa insular e em almanaques, como o “Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro”, “Diário Popular”, “Diário da Madeira, Diário de Notícias” se no “Almanaque Ilustrado do Diário da Madeira”, grande parte por identificar. **3. DA AUTORA.** ●1. “Velas”. In Marino, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 364. ●2. “Enigma pitoresco”. Novo almanaque de lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1907, p.32. ●3. “Charada”. Novo almanaque de lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1908, p. 32. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, *Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde*. Guia Biobibliográfico,

Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Paquete, Eulália Agda Abreu Nunes [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667509>

EVELYN WARD EVERETT-GREEN (Reino Unido; 1856 — Funchal; 1932) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Evelyn Ward Everett-Green nasceu em Londres a 17 de novembro de 1856. Cresceu no seio de uma família dedicada às artes, filha de Mary Anne Everett Green e de George Pycock Green. Evelyn Everett-Green estudou no Bedford College (1872-1873) e no London Academy of Music. Em 1911, fixou residência na Madeira, onde viveu na Quinta Pico de São João, onde faleceu a 23 de abril de 1932. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Evelyn Everett-Green foi uma prolífica escritora inglesa, tendo publicado mais de 350 títulos de ficção, desde literatura infantil ao romance histórico, parte dos quais escritos na Madeira, com diversas reedições. Assinou textos com diversos pseudónimos, como H. E., Cecil Adair, E. Ward, Evelyn Dare. Ela foi uma das autoras mais vendidas da editora Stanley Paul. Porém, na viragem para o século XX, as suas personagens eram consideradas muito conservadoras. No entanto, as suas personagens femininas são retratadas em ambientes domésticos, para evidenciar uma forma de autoridade feminina. Eis alguns dos seus principais títulos: “Lady Temple's Grandchildren” (1883), “Paul Harvard's

campaign, or, A hero in hospital" (1883), "Lenore Annandale's Story" (1884), "Torwood's Trust" (1884), "Two London Homes" (1884), "Cuthbert Coningsby" (1884), "The Cottage and the Grange" (1885), "The Mistress of Lydgate Priory" (1885), "Mr. Hatherly's Boys" (1885), "Uncle Roger ou A Summer of Surprises" (1885), "True to Himself ou My Boyhood's Hero" (True To The Last)" (1885), "The Eversley Secrets" (1886), "Winning the Victory" (1886), "The Heiress of Wylmington" (1886), "The Head of the House" (1886), "A Child without A Name" (1887), "The Last of the Dacres" (1887), "Joint Guardians" (1887), "Her Husband's Home" (1887), "Dulcie's Little Brother" (1887), "Our Winnie" (1887), "Temple's Trial" (1887), "Little Lady Clare" (1888), "Two Enthusiasts" (1888), "Dodo, an Ugly Little Boy" (1888), "Ruthven of Ruthven" (1888), "Dulcie and Tottie" (1889), "The Little Midshipman" (1889), "Marcus Stratford's Charge" (1889), "Miriam's Ambition" (1889), "My Black Sheep" (1889), "My Boynie" (1889), "Monica" (1889), "Vera's Trust" (1889), "Dorothy's Vocation" (1890), "The Secret of the Old House" (1890), "Clive's Conquest" (1890), "Daring Dot" (1890), "Miss Meyrick's Niece" (1890), "Little Ruth's Lady" (1890), "Dorothy's Vocation" (1890), "The Stronger Will" (1890), "Syd's New Pony" (1890), "A Summer Holiday" (1890), "Sir Aylmer's Heir" (1890), "Oliver Langton's Ward" (1890), "The Witch of the Quarry Hut" (1890), "Mischievous Moncton" (1890), "Fir-Tree Farm" (1891), "Dick Whistler's Tramp" (1891), "Bertie Clifton" (1891), "Dare Lorimer's Heritage" (1891), "Mrs Romaine's Household" (1891), "Dulcie's Love Story" (1891), "Sydney's Secret"

(1891), "Loyal Hearts" (1891), "In the Wars of the Roses" (1892), "The Church and the King" (1892), "The Doctor's Dozen" (1892), "Wyhola" (1892), "A Holiday in a Manor House" (1892), "Old Miss Audrey" (1892), "Falconer of Falconhurst" (1892), "Don Carlos, Our Childhood's Hero" (1892), "Namesakes" (1892), "A Pair of Pickles" (1892), "Shadow-land" (1892), "The Lord of Dynevor" (1892), "Everybody's Friend" (1893), "The Great Show" (1893), "Little Miss Vixen" (1893), "Golden Gwendolyn" (1893), "Over the Sea Wall" (1893), "The Wilful Willoughbys" (1893), "Tom Heron of Sax" (1893), "St. Wynfrith and Its Inmates" (1893), "Ronald Kennedy" (1893), "In the Days of Chivalry" (1893), "A Hero of the Highlands" (1893), "Friends or Foes?" (1893), "St. Wynfrith and Its Inmates" (1893), "Maud Melville's Marriage" (1893), "Afterthought House" (1894), "Flats" (1894), "Miss Uraca" (1894), "Shut In" (1894), "My Cousin from Australia" (1894), "The Secret Chamber at Chad" (1894), "The Family" (1894), "Evil May-Day" (1894), "Keith's Trial and Victory" (1894), "Lost Treasure of Trevlyn" (1894), "The Phantom Brother and the Child" (col., 1894), "A Difficult Daughter" (1895), "Ralph Roxburgh's Revenge" (1895), "A Great Indiscretion" (1895), "The Sunny Side of the Street" (1895), "Judith, the Money-Lender's Daughter" (1895), "Eustace Marchmont" (1895), "Duff Darlington" (1895), "Pat, the Lighthouse Boy" (1895), "A Stepmother's Strategy" (1895), "His Choice - and Hers" (com H. Louisa Bedford, 1895), "Enid's Ugly Duckling" (com H. Louisa Bedford, 1896), "In Taunton Town" (1896), "Cycling For Ladies" (1896), "The

Chatterton Mystery" (1896), "Olive Roscoe" (1896), "A Soldier's Son and the Battle He Fought" (1896), "Arnold Inglehurst, the Preacher" (1896), "Dominique's Vengeance" (1897), "The Sign of the Red Cross" (1897), "Molly Melville" (1897), "The Young Pioneers" (1897), "Squib and His Friends" (1897), "Battledown Boys" (1898), "For the Queen's Sake" (1898), "A Clerk of Oxford" (1898), "His Adventures in the Barons' War" (1898), "Joy's Jubilee" (1898), "Tom Tufton's Toll" (1898), "Tom Tufton's Travels" (1898), "Little Lois" (1898), "Sister" (1898), "Priscilla" (com H. Louisa Bedford, 1899), "French and English" (1899), "Esther's Charge" (1899), "The Probation of Mervyn Castleton" (1899), "Miss Marjorie of Silvermead" (1899), "Sir Reginald's Ward" (1899), "The Mystery of Alton Grange" (1899), "Gladys or Gwenyth" (1899), "Bruno and Bimba" (1900), "A Fiery Chariot" (1900), "The Silver Axe" (1900), "Under the Village Elms" (1900), "The Little Match-Girl" (1900), "The King's Butterfly" (1900), "Eleanor's Hero" (1900), "Odeyne's Marriage" (1900), "The Master of Fernhurst" (1900), "The Wooing of Val" (1900), "The Heir of Hascombe Hall" (1900), "In Cloister and Court or The White Flower of a Blameless Life" (1900), "After Worcester" (1901), "Bob and Bill" (1901), "A Gordon Highlander" (1901), "Olivia's Experiment" (1901), "True Stories of Girl Heroines" (1901), "Tregg's Triumph" (1901), "Princess Fairstar" (1901), "Alwyn Ravendale" (1902), "My Lady Joanna" (1902), "Gabriel Garth, Chartist" (1902), "The Boys of the Red House" (1902), "A Princess's Token" (1902), "Short Tales from Storyland" (1902), "The Secret of Maxshelling"

(1902), "Tiny and Her Grandfather" (1902), "Where there's a Will" (1902), "White Wyvill and Red Ruthven" (1902), "To the Rescue" (1902), "In Fair Granada" (1902), "For the Faith" (1902), "Dulcie's Little Brother" (1903), "The Conscience of Roger Trehern" (1903), "Under Two Queens" (1903), "Called of Her Country" (1903), "Cambria's Chieftain" (1903), "The Niece of Esther Lynne" (1903), "The Percivals" (1903), "Audrey Marsh" (1903), "The Squire's Heir or The Secret of Rochester's Will" (1903), "Fallen Fortunes" (1903), "The Children's Crusade" (1904), "The Faith of Hilary Lovel" (1904), "The Jilting of Bruce Heriot" (1904), "Little Lady Val" (1904), "The Sisters of Silver Sands" (1904), "The Three Graces" (1904), "Our Winnie and The Little Match Girl" (1904), "Ringed by Fire" (1904), "The Castle of the White Flag" (1904), "Barbara's Brothers" (1905), "In Northern Seas" (1905), "Uncle Boo" (1905), "The Secret of Wold Hall" (1905), "In Pursuit of a Phantom" (1905), "Madam of Clyst Peveril" (1905), "Miss Greyshott's Girls" (1905), "Treasure Trove" (1905), "The Family" (1905), "Jim Trelawny" (1905), "Dufferin's Keep" (1905), "Two Bright Shillings" (1905), "Smouldering Fires" (1905), "Guy Fulkes of the Towers" (1906), "The Master of Marshlands" (1906), "In the Wars of the Roses" (1906), "Our Great Undertaking" (1906), "The Magic Island" (1906), "A Heroine of France" (1906), "Dickie and Dorrie" (1906), "The Defence of the Rock" (1906), "In A Land of Beasts" (1906), "A Motherless Maid" (1906), "Percy Vere" (1906), "Lady Elizabeth and the Juggernaut" (1906), "Married in Haste" (1907), "Carol Carew" (1907),

"Clanrickard Court" (1907), "Ruth Ravelstan, the Puritan's Daughter" (1907), "The Erincourts" (1907), "Miss Lorimer of Chard" (1907), "Knights of the Road" (1907), "Superfluous Sisters" (1907), "The Cossart Cousins" (1908), "The Family Next Door" (1908), "Gowrie's Vengeance" (1908), "Greyfriars" (1908), "The Guardianship of Gabrielle" (1908), "Hilary Quest" (1908), "Ste,Psister Stella" (1908), "Co-Heiresses" (1909), "A Wilful Maid" (1909), "A Lad of London Town" (1909), "Half-A-Dozen Sisters" (1909), "The City of the Golden Gate" (1909), "The Lady of Shall Not" (1909), "A Pair of Originals" (1909), "A Queen of Hearts" (1909), "General John" (1910), "The House of Silence" (1910), "Ursula Tempest" (1910), "A Will in a Well" (1910), "In Grandfather's Garden" (1910), "The Wife of Arthur Lorraine" (1910), "Miss Rachel's Romance" (1910). **3. DA AUTORA.** Realçamos apenas as obras possivelmente escritas na Madeira: ●1. Clive Lorimer's Marriage. London: S. Paul, [1911], 286 p. ●2. The Lady of the Bungalow. London: Stanley Paul & Co., [1911], 309 p. ●3. Marcus Quayle. London: Hutchinson & Co., 1913, 380 p. ●4. Gabriel's Garden. London: Stanley Paul & Co., 1913, 334 p. ●5. Dickie and Dorrie at School. London: Wells Gardner, Darton & Co., [1911], vii, 302 p. ●6. Barbed Wire. London: Stanley Paul & Co., 1914, 288 p. ●7. Blackladies. London: Hutchinson & Co., 1914, 384 p. ●8. The Double House. London: Stanley Paul & Co., 1914, 319 p. ●9. The House on the Cliff. London: Ward, Lock & Co., 1914, 304 p. ●10. 'Confirmed Bachelor'. London: Hutchinson & Co., 1915, viii, 344 p. ●11. The Heronstoke Mystery. London: Religious Tract Society, [1915],

384 p. ●12. Herndale's Heir. London: S. Paul & Co., 1915. ●13. Miss Mallory of Mote. London: Hutchinson & Co., 1912, 372 p. ●14. The Heiress of Swallowcliffe. London: S. Paul & Co., 1915, 319 p. ●15. Mist Pool. London: Stanley Paul & Co., 1915, 352 p. ●16. Adventurous Anne. London: Stanley Paul & Co., 1916, 320 p. ●17. A Disputed Heritage. London: Pilgrim Press, [1911], vii, 303 p. ●18. Dashing Dick's Daughter. London: S. Paul & Co., 1916, 320 p. ●19. The Temptation of Mary Lister. London: Stanley Paul & Co., 1917, 320 p. ●20. Maid of the Moonflower. London: Stanley Paul, [Printed by William Clowes, 1917?], 253 p. ●21. Eyes of Eternity. London: Lloyds, [1919], 280 p. ●22. Sweepie. London: R.T.S., [1918], 243 p. ●23. Francesca. London: Stanley Paul, [1912?], 254 p. ●24. The Freedom of Fenella. London: Stanley Paul & Co., 1918, 326 p. ●25. Firebrand. London, [s. n., 1919], 96 p. ●26. Monster's Mistress. London: S. Paul & Co., 1919, 255 p. ●27. The Cactus Hedge. London: Stanley Paul & Co., 1919, 288 p. ●28. The Evolution of Sara. London: Hutchinson & Co., 1911, 367 p. ●29. Mrs. Desmond's Daughter. London: Morgan & Scott, [1919], 324 p. ●30. A Difficult Half-Dozen. London: Jarrolds, [1919], 256 p. ●31. Billy's Bargain. London: [s. n., 1923], 112 p. ●32. The Silver Tea-Shop. London: Stanley Paul & Co., 1920, 256 p. ●33. Daddy's Ducklings. London: R.T.S., [1921], 220 p. ●34. The Yellow Pup. London: S. W. Partridge & Co., [1912], 169 p. ●35. Miss Anne Thrope. London: J. Leng & Co., 1924, 112 p. ●36. Magic Emeralds. London: Stanley Paul & Co., [1921], 256 p. ●37. Queen's Manor School. London: Stanley Paul, 1921, 244 p. ●38. The Son Who Came Back.

London: [s. n., 1923]. ●39. *The Tyrant of Tylecourt*. London: Stanley Paul & Co., 1922, vii, 243 p. ●40. *Cantacute Towers*. London: Stanley Paul & Co., 1911, 315 p. ●41. *The Expectation Aunt*. London: Stanley Paul & Co., [1923], 256 p. ●42. *Lynette Lynton*. London: Stanley Paul & Co., 1923, 254 p. ●43. *Lossie of the Mill*. London: Stanley Paul & Co., 1924, 252 p. ●44. *Twins at Tachbury*. London: Wells Gardner, Darton & Co., [1924], vii, 312 p. ●45. *Aunt Patience*. London: Religious Tract Society, 1912, 375 p. ●46. *The Revolt of Waydolyn or The Revolt of Winnie*. London: J. Leng & Co., 1927, vii, 312 p. ●47. *Ghost Hall*. London: Stanley Paul & Co., 1925, 256 p. ●48. *The Tragedy of Trifles*. London: Stanley Paul & Co., 1925, 256 p. ●49. *Whispering Trees*. London: Stanley Paul & Co., 1925, 256 p. ●50. *The Back Number*. London: Stanley Paul & Co., 1926, 288 p. ●51. *Sheila Mary*. London: Stanley Paul & Co., 1926, 255 p. ●52. *Patricia Pendragon*. London: F. V. White & Co., 1911, vi, 311 p. ●53. *Grandmama over the sea*. London: [s. n.], 1926. ●54. *Claud, the Charmer*. London: Stanley Paul & Co., 1927, 256 p. ●55. *The Two Barbaras*. London: Stanley Paul & Co., 1927, 256 p. ●56. *Inchfallen*. London: Ward, Lock & Co., 1913, 252 p. ●57. *Sapphire and Emerald*. London: Stanley Paul & Co., [1930], 287 p. ●58. *Uncle Quayle*. London: Stanley Paul & Co., 1928, 255 p. ●59. *Miss Gosshawk of Gosshawk*. London: Stanley Paul & Co., [1929], 286 p. ●60. *Quettenden's Folly*. London: Stanley Paul & Co., [1929], 288 p. ●61. *The Genius of Gerald*. London: Stanley Paul & Co., [1930], 287 p. ●62. *The Curse of Carlyon*. London: Wright & Brown, [1931], 274 p. ●63. *Monk Maltravers*. London: Stanley Paul & Co., [1931], 288 p. ●64. *Duckworth's Diamonds*. London: Stanley Paul & Co., [1912], 304 p. ●65. *Tall Chimneys*. London: Stanley Paul & Co., [1931], 286 p. ●66. *Ralph Roxburgh's Triumph*. London: Pilgrim Press, [1931], 186 p. ●67. *Defiant Diana*. London: Stanley Paul & Co., 1913, 292 p. ●68. *The Romance of Vivian Adene*. London: Wright & Brown, [1932], 276 p. ●69. *The Squire's Daughters*. London: Stanley Paul & Co., [1932], 288 p. ●70. *His Mother's Book*. London: Pickering & Inglis, [1932], 192 p. ●71. *Hills of the West*. London: Stanley Paul & Co., [1932], 288 p. ●72. *The Island of Avilion*. London: Stanley Paul & Co., [1932], 288 p. ●73. *The Shining Strand*. London: Stanley Paul & Co., [1933], 288 p. ●74. *The Imprudence of Carol Carew*. London: S. W. Partridge & Co., 1933, 281 p. ●75. *Under the Old Oaks*. London: Pickering & Inglis, 1933, 135 p. ●76. *Galbraith of Wynyates*. London: [s. n., 1920]. ●77. *An Orchard Idyll*. London: Wright & Brown, [1933], 252 p. ●78. *Loyal Hearts and True*. London: Thomas Nelson & Sons, [1913], 591 p. ●79. *The Secret of the Old House*. London [s. n., s. d.]; Glasgow: Blackie & Son, [1942], 192 p. ●80. *Tommy and the Owl*. London: S. W. Partridge & Co., [1912], 136 p. ●81. *The Price of Friendship*. London: Stanley Paul & Co., [1913], 416 p.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Clare, Hilary, 'Green, Evelyn Ward Everett- (1856–1932)'. *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press, 2004 (<http://www.oxforddnb.com/view/article/58974>, accessed 7 Jan 2013); Kemp, Sandra e Mitchell, Charlotte (ed.), *Oxford Companion to Edwardian Fiction 1900-14: New Voices in the Age of Uncertainty*. Oxford: Oxford University

Press, 1997; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Sage, Lorna; Greer, Germaine; Showalter, Elaine (org.), The Cambridge guide to women's writing in English. Cambridge, Ma: CUP, 1999, p. 289-290; Skelding, Hilary, "Redefining the angel in the house: Evelyn Everett-Green and the historical novel for girls". Womens Writing, 8/1(2001): 119-138.

FANNY ANNE BURNEY WOOD (Reino Unido; 1812 — Ibid.; 1860) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Fanny Anne Burney nasceu em Greenwich a 29 de abril de 1812. Era filha do Reverendo Charles Parr Burney e de Frances Bentley Young. Fanny Anne Burney casou-se com o major James Wood a 1 de julho de 1835. Para além da sua viagem à Bélgica, esteve na Madeira entre 1836 a 1839. Faleceu em Kensington a 2 de maio de 1860. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Fanny Anne Wood escreveu uma memória das suas viagens à Madeira. Foi editado posteriormente por uma descendente, Margaret S. Rolt, em "A great-niece's journals; being extracts from the journals of Fanny Anne Burney (Mrs. Wood) from 1830 to 1842" (1926). **3. DA AUTORA.** ●1. A great-niece's journals; being extracts from the journals of Fanny Anne Burney (Mrs. Wood) from 1830 to 1842. Edited with preface and notes by her granddaughter Margaret S. Rolt and with eight illustrations. London: Constable & Company, Ltd., 1926, (xi, [2], 359, [1] p.). ●2. Reino Unido. University of

Manchester. The John Rylands University Library. Burney Family Manuscripts Collection (1801-1860). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Blodgett, Harriet, 'Burney, Fanny Anne (1812–1860)'. In Oxford Dictionary of National Biography. Oxford: Oxford University Press, 2004; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

FELISBERTA CÂNDIDA DE SÃO BERNARDO (Madeira; 1796 – Funchal, 1890) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nasceu na Madeira em 1796. Sóror Felisberta Cândida de São Bernardo foi escritã e abadessa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal, nos triénios de 1820-1823 e de 1826-1829. Foi a última abadessa do mosteiro, que faleceu em 1890. Por extinção da ordem religiosa e morte da última religiosa, os bens do convento foram anexados ao Estado. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sóror Felisberta Cândida de São Bernardo foi eleita durante muitos anos, em cada triénio, abadessa do mosteiro (1840-1843, 1846-1849, 1852-1855, 1858-1861, 1864-1867, 1870-1873, 1876-1879, 1882) e foi responsável pela consolidação de contas desse convento. Continuou o registo do "Livro 1.º dos obittos deste convento de N. S. da Encarnação que teve principio no anno de 1749, iniciado por sóror Maria Angélica da Nazaré". **3. DA AUTORA.** ●1. Portugal. Arquivo Nacional Torre do Tombo. Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Receita e

despesa, lv. 23, lv. 36. ●2. Portugal. Arquivo Nacional Torre do Tombo. Livro de Assentamento de Óbito do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal de 1749, Liv. 3. ●3. Portugal. Arquivo Histórico Diocesano do Funchal. Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Ofício da Abadessa para o Governador do Bispado do Funchal, Funchal, 10-02-1843, cx. 23, cap. 6. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** A Verdade, Funchal (24-10-1890); Fontoura, Otília Rodrigues, *As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000, p. 174, 189; Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde*. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

FLORENCE GERTRUDE LOUISA DU CANE (Austrália; 1869 — Reino Unido; 1955)

1. NOTA BIOGRÁFICA. Nascida em Hobart, na Tasmânia, a 21 de maio de 1869, Florence du Cane era filha de Sir Charles Du Cane de Braxted Park e de Georgiana Susan Copley. Florence du Cane foi escritora e viajante britânica e familiar do célebre naturalista britânico, Frederick du Cane Godman, e irmã Ella du Cane†. Faleceu em Londres em 1955.

2. LEGADO DOCUMENTAL. Colaborou com a sua irmã Ella du Cane† com ilustrações de jardins e de arquitetura em livros de viagens como “The flowers and gardens of Japan” (1908), “The flowers and gardens of Madeira” (1909), “The Canary Islands” (1911) e uma colaboração em “The Banks of the Nile” (1913) de A. Todd. No seu “The flowers

and gardens of Madeira”, distribuído por 12 capítulos em 150 páginas, e 24 ilustrações, Florence Du Cane fez uma descrição detalhada sobre espécies botânicas, métodos de cultivo, percursos recomendados, hábitos locais, a alimentação, breves notas sobre a história do arquipélago e suas lendas. Na introdução, as irmãs Du Cane referem os objetivos do livro: “It is not only to lovers of flowers, who, should they become the happy possessors of a garden in Madeira, will find in it a never-ending source of enjoyment, but also to those who wish to explore the natural scenery of the island, that I heartily recommend a visit to Madeira. Probably no other island of its size has such grand and varied scenery” (p. 6). **3. DA AUTORA.** *The flowers and gardens of Madeira*. London: Adam and Charles Black, 1909 (vii, 150 p.). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde*. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Millar, Delia, “Ella Mary Du Cane (1874-1943)”. In *The Victorian Watercolours and Drawings in the Collection of Her Majesty the Queen*. London: Philip Wilson, 1995, p. 284; Clark, John (ed.), *Japanese Exchanges in Art 1850s-1930s*. Sydney: Power Publications, 2001, p. 237; Peralta, Yolanda, *Diccionario de Creadoras Canarias del Siglo XIX-XX*. La Laguna: Universidad de La Laguna, 2008; Redfoot, Alison, *Victorian Watercolorist Ella Mary Du Cane: A study in resistance and compliance of gender stereotypes, the professional art*

world, Orientalism, and the interpretation of Japanese gardens for British society. MA thesis. California State: University at Long Beach, 2011.

GABRIELA HELENA DA CÂMARA LEME DE GOUVEIA BETTENCOURT (Funchal, 1896 — Ibid.; 1968) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida no Funchal a 3 de agosto de 1896, Gabriela Helena de Gouveia Bettencourt era filha de João da Conceição Drumond Rodrigues de Gouveia e de Maria Alda de Câmara Leme Escórcio Drumond de Gouveia, mãe do escritor madeirense Carlos Cristóvão da Câmara Leme Escórcio de Bettencourt. Faleceu a 8 de outubro de 1968. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Dedicou-se à poesia, tendo deixado vários textos manuscritos. Apenas se conhece um poema publicado por Luís Marino na sua “Musa Insular”, intitulado “Pico do Facho”. **3. DA AUTORA.** “Pico do Facho”. In Marino, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 437. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico*, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Gabriela Helena da Câmara Leme de Gouveia BETTENCOURT* [em linha], Funchal, 1986 f. 319. [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=666055&FileID=1708464>.

GABRIELA MARCIAL JARDIM TCHERKESOFF (Funchal; 1879 —

Cascais; 1943) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Gabriela Marcial Jardim era natural de Santa Luzia (Funchal), onde nasceu a 15 de novembro de 1879, filha de António Sanches Jardim e de Sara Augusta Marcial Jardim. Casou-se, em primeiras núpcias, com o Eng.º Luís Strauss, diretor das obras do Porto de Lisboa, falecido em 1934; e, em segundas núpcias, com o príncipe russo, Yuri Tcherkesoff (Cherkezishvili, ჩერქეზიშვილი), pertencente à alta nobreza da Geórgia. Foi uma destacada professora de canto, tendo sido discípula de Matilde Marchesi. Gabriela Jardim participou, a 16 de março de 1911, na Sociedade de Geografia de Lisboa num concerto com composições originais de Luís de Freitas Branco, onde estiveram presentes figuras da primeira República, Teófilo Braga, Bernardino Machado e José Relvas. No Funchal, Gabriela Marcial Jardim realizou na Quinta Pavão um concerto de beneficência para a angariação de fundos para a “Bolsa de Estudos Antónia Georgina” a 6 de julho de 1920. Outro concerto foi realizado no Teatro Municipal a 18 de março de 1928 para apoiar o “Asilo de Mendicidade e Órfãos do Funchal”. Foi professora de canto no Conservatório Internacional de Paris. Faleceu no Estoril a 27 de janeiro de 1943. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Gabriela Marcial Jardim publicou em 1932, em Boulogne-sur-Seine, sob o nome afrancesado Gabrielle Jardim Strauss, um manual didático sobre técnica de canto, “La technique vocale simplement expliquée”, com prefácio de Gaston Baissette. O texto foi muito aplaudido pela crítica, realçando que o seu contributo não se devia à falta de obras congêneres, mas pela capacidade crítica

e pedagógica de confrontar e de contextualizar técnicas vocais muito diversas. Além disso, foi uma pintora autodidata, autora de telas como “Salon des Indépendents” e de retratos representando o príncipe Yuri Tcherkessof e Louis Strauss, subscrito como Gabriela Jefreite. **3. DA AUTORA.** La Technique Vocale Simplement Expliquée, Boulogne-sur-Seine: Chez l'auteur, 1932, (73 p.), 19 cm. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Clode, Luís Peter, Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983, p. 466; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Tcherkersoff, Gabriela Marcial Jardim [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=668117>; Telles, Ana, Luís de Freitas Branco (1890-1955): Parcours biographique et esthétique à travers l'oeuvre pour piano. Sciences de l'Homme et Société. Université de Paris 4, Paris Sorbonne, 2009 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <tel-01214464>.

GEORGINA DIAS DE ALMEIDA (Funchal; fl. 1884) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Pouco se conhece a respeito desta autora, possivelmente aparentada com Carolina Dias de Almeida†. Apenas se conhece um poema publicado no poema na antologia “Album madeirense de Poesias” (1884) de Francisco Vieira. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** O poema de Georgina Dias de Almeida, o único que se conhece publicado, é dirigido a Leolinda, que de acordo com as “Notas & Comentários para a História Literária da Madeira” do Visconde do Porto da

Cruz, pode tratar-se de D. Leolinda Jardim Vieira, embora no cabeçalho do poema seja referida D. Leolinda Dias D’Almeida. Este poema alude ao tópico da memória da inocência perdida, como refere “Lembra-te? Era eu jovem e tu gentil criança,/Brincávamos adorando o seixo, o escarcéu.../Tudo era nesse tempo, o quê? – um mar d’esperança!/Mas... crescemos ambas... toldou-se o nosso céu!/ [...] Se poetisa eu fora, sim, da minha lira/Soltaria um cântico a ti, ó Leolinda!/Afetos desse tempo em versos escreveria,/Deixando-te no álbum uma saudade infinda!” (Vieira, 1884, p. 235). **3. DA AUTORA.** “Poesia: na 3.ª página do Album da minha amiga e prima, D. Leolinda Dias de Almeida”. In Francisco Vieira (ed. lit.), Album madeirense: poesias de diversos auctores madeirenses. Funchal: Typ. Funchalense, 1884, p. 235; republ. In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 160. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Branco, Alfredo de Freitas, Notas & Comentários para a História Literária da Madeira, vol. ii, Funchal, Edição Câmara Municipal do Funchal, s.d; Branco, Alfredo de Freitas, Notas & Comentários para a História Literária da Madeira, vol. ii, Funchal, Edição Câmara Municipal do Funchal, s.d., p. 30a; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Neves, Cláudia, “Almeida, Georgina Dias de” in Aprender Madeira (atualizado a 23.01.2017), <http://aprenderamadeira.net/almeida->

georgina-dias-de/; Vieira, Francisco (org.), Álbum Madeirense, Poesias de Diversos Autores Madeirenses, Funchal, Typographia Funchalense, 1884.

GERTRUDES COGOMILHO ACCIAIOLLY DE SAMPAIO (Funchal; 1885 — Ibid.; 1952) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nasceu em Santa Maria Maior a 23 de janeiro de 1885. Gertrudes Sampaio era filha do capitão Guilherme Quintino de Sampaio e de Sebastiana Acciaiolly, sobrinha do charadista Pe. Carlos Acciaiolly Ferraz de Noronha. Faleceu em S. Gonçalo a 15 de junho de 1952. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Dedicou-se ao charadismo, à poesia e ao teatro, tendo representado numa escola particular em Santa Maria Maior com a comédia política, “Uma apreciação das grandes obras do progresso ou uma comédia de sadio regionalismo” do Pe. Carlos Acciaiolly. Colaborou na revista “Esperança” e n’ “O Jornal”, textos por identificar. **3. DA AUTORA.** ●1. “São Francisco (1946)”. In Marino, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 359. ●2. “A ‘Esperança’, no seu XVI aniversário”. In “Revista Esperança”, 01-03-1935. ●3. “Maio (versos)”. “Revista Esperança”, n.º 3, 01-05-1935. ●4. “O Morganho atrevido” (versos). In “Revista Esperança”, n.º 6, 01-08-1935. ●5. “Despedida”. In “Revista Esperança”, n.º 7, 01-10-1935. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico*, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., *Panorama Literário do*

Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Sampaio, Gertrudes Cogomilho Acciaiolly de [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667798>

GUILHERMINA ADRIANA TEIXEIRA E SOUSA MONIZ (Câmara de Lobos; 1872 — Ibid.?.; c. 1980) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Guilhermina Adriana Teixeira e Sousa nasceu em Câmara de Lobos a 1 de março de 1872. Era filha de João Gonçalves Teixeira e Sousa, natural do Seixal, e da proprietária Guilhermina Cândida Teixeira e Sousa, moradores no sítio de Jesus Maria José. Foi baptizada a 1 de julho de 1872 na igreja paroquial de São Sebastião de Câmara de Lobos. Casou-se com Abel da Silva Moniz em 1892 na igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos, moradora no sítio da Visinhança da Igreja. Foi mãe da escritora Judite Adriana Teixeira de Sousa Moniz† (Mlle. Loup) e de Henrique Ernesto Teixeira Moniz (1893-1972), destacado capitão que lutou na Flandres durante a Grande Guerra (1914-1918). Desconhece-se a data de falecimento. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Guilhermina Adriana Teixeira e Sousa colaborou na imprensa funchalense sob o pseudónimos de Marta Diniz. **3. DA AUTORA.** Textos não identificados em periódicos. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Moniz, Guilhermina Adriana Teixeira de Sousa [em linha]*, 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo->

abm.madeira.gov.pt/details?id=667331
.

GUILHERMINA DOS SANTOS (Machico; 1896 — Ibid.?.; c. 1980) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Guilhermina dos Santos nasceu no Caniçal (Machico) a 21 de maio de 1896, filha do lavrador João dos Santos e de Ludovina de Sousa. Foi baptizada na Igreja Paroquial de São Sebastião (Caniçal). Casou-se com José Alves a 9 de fevereiro de 1914, em Machico, de quem ficou viúva em 1962. Faleceu a 16 de janeiro de 1983 na freguesia do Caniçal (Machico). **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Guilhermina dos Santos foi informante de textos de tradição oral e popular, compilada por Pere Ferré e Ana Maria Martins a 4 de agosto de 1981, contando a informante nessa altura com 86 anos de idade. O seu contributo integra os ciclos de romances tradicionais de assunto profano, tendo recitado “Quem bate na minha porta, tantas horas de dormir?/ Senhora, é frei João, que vem para vos servir” (III.5), “Gandalucha, Gandalucha, filha do conde de Alvar,/bem podias, Gandalucha, (...) a meu mandar” (2), “Levantai-vos, dona Aninhas, da vossa cama real,/anda ver se são serenas qu’andam no mar a cantar”, “O conde da Alemanha é casado, tem família./Senhor pai, senhor pai, mesmo esse é qu’eu queria”. **3. DA AUTORA.** Na qualidade de informante da tradição oral e popular: ●1. “Quem bate na minha porta, tantas horas de dormir?”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 274-275 (n.º XVIII.5). ●2. “Levantai-vos, dona Aninhas, da vossa cama real”. In Ferré, Pere e Boto,

Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 64 (n.º VI.2). ●3. “Levantai-vos, dona Aninhas, da vossa cama real”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 156-157 (n.º XIII.6). ●4. “O conde da Alemanha é casado, tem família”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 214-215 (n.º XV.7). ●5. “Estava na minha janela, casada de treze dias”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 31 (n.º III.7). ●6. “Donde vindes, cavaleiro? Senhora, venho da guerra”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 101 (n.º X.5). ●7. “Já s’apregoam as guerras, as guerras de D. João”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 473 (n.º XXIX.7).

GUIOMAR MADALENA DE SÁ VASCONCELOS BETTENCOURT MACHADO DE VILHENA (Funchal; 1705 — Ibid.; 1789) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Guiomar Madalena de Sá Vasconcelos Bettencourt Machado de Vilhena nasceu no Funchal a 24 de maio de 1705. Era filha de Francisco Luís de Vasconcelos e de Mariana Inês de Vilhena, de ascendência nobre. Guiomar de Sá Vilhena foi administradora de vários morgadios, capelas e propriedades rurais e urbanas. Por morte do seu irmão, João José

Vasconcelos Bettencourt, Guiomar de Sá Vilhena assumiu a direção da Confraria de S. José da Sé do Funchal como juíza, assinando diversos atos administrativos e dispondo de sinete próprio. Foi uma notável mulher de negócios e proprietária de uma frota de navios mercantes que estabeleciam rotas de comércio pela Europa, Ásia e América. Viveu no palacete onde é hoje a Quinta Vigia e no Palácio de D. Guiomar, à rua do Castanheiro. Faleceu solteira, sem geração, a 15 de março de 1789. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Conhece-se correspondência derivada da sua atividade como empresária e proprietária de vastos domínios na Madeira. A sua correspondência encontra-se no Arquivo Histórico Ultramarino integrado do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. **3. DA AUTORA.** ●1. Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Histórico Ultramarino. Coleção. [Carta de D. Guiomar Madalena de Sá e Vilhena, para Martinho de Melo e Castro, agradecendo a protecção concedida facilitando a viagem da sua Galera “Flor do Funchal”], 14-05-1784, Caixa n.º4, doc. 712-713. ●2. Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Histórico Ultramarino. Coleção. [Carta de D. Guiomar Madalena de Sá Vasconcelos Bettencourt, (para o Marquês de Angeja), pedindo-lhe a sua protecção a favor de seu irmão o Dr. João José de Sá. 04-06-1772, Caixa n.º17, doc. 4805. ●3. Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Histórico Ultramarino. Coleção. [Requerimento de D. Guiomar Madalena de Sá Vilhena, pedindo passaporte para o Bergantim português “N. S. das Neves e Santo

António”. comandado por Francisco dos Passos e Oliveira, poder embarcar e transportar para Calcuta, o resto das pipas de vinho, que não haviam cabido a bordo da Nau “N. S. do Monte Carmo”. comandada por José Rodrigues Magalhães, nem da Galera “N. S. do Monte-Flor do Funchal”, comandada por Luiz de Freitas da Silva], cx.n.º4, doc. 706. ●4. Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Histórico Ultramarino. Coleção. [Requerimento de Guiomar Magdalena de Sá e Vilhena, proprietária de uma casa de comércio na Ilha da Madeira, expondo o caso do envio de uma carga para a Ilha de S. Miguel e exigindo os seus direitos sobre a referida carga], 13-11-1734. Caixa n.º3, doc. 31. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Barros, Bernardete, Dona Guiomar de Sá Vilhena: uma mulher do século XVIII. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2001; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

HARRIET CHALMERS ADAMS (Estados Unidos da América; 1875 — França; 1937) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Harriet foi uma notável escritora de viagens, exploradora e fotógrafa americana. Nasceu em Stockton, San Joaquin County (Califórnia) a 22 de outubro de 1875, filha de Alexandre Chalmers e de Frances Wilkins. Harriet Adams realizou várias expedições por todo o mundo e publicou diversos artigos para revistas como “National Geographic Society”, “Harper's Magazine”, “New York

Zoological Society Bulletin”, “World's Work”, “Bulletin of the Pan American Unione Ladies Home Journal”. Por motivo de não admissão de mulheres como sócias da “National Geographic Society”, Harriet Chalmers Adams fundou a “Society of Woman Geographers” em 1925 e foi presidente desse organismo em 1933. Visitou a Madeira em 1934 e os Açores, em 1935. Faleceu em Nice (França) a 17 de julho de 1937. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** A sua visita à Madeira ocorreu entre setembro e dezembro em 1933. No entanto, Harriet Adams mencionou ter estado na Madeira em 1919. Publicou no n.º 66 (1934) o artigo "Madeira the Fluorescent", no “National Geographic Magazine”, com 20 fotografias a preto e branco e 13 a cores por Wilhelm Tobien. **3. DA AUTORA.** "Madeira the Florescent". In National Geographic Magazine, n.º 66 (July 1934): p. 81-106. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Anema, Durlynn, 2004, Harriet Chalmers Adams. Aurora, Colo.: National Writers Press; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Silva, António Ribeiro Marques da, Passaram pela Madeira: textos de autores anglo-saxónicos que visitaram a ilha (1687-2000), Funchal, Empresa Municipal Funchal 500 Anos, 2008.

HELENA BEATRICE RICHENDA PARHAM (Reino Unido; 1862 – Fiji; 1947) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Natural de Londres, onde nasceu a 18 de novembro de 1862, Helena Beatrice Richenda Saunders era

filha de Richard Taylor Saunders e de Mary Caroline Lindon. Casou-se em África do Sul com o engenheiro de minas Charles John Parham em 1896, com geração. Faleceu em Suva (Fiji) a 18 de dezembro de 1847. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Helena Parham foi uma poetisa, viajante, naturalista e etnógrafa, autora de obras sobre regiões por onde passou como Madeira, África, Nova Zelândia e ilhas Fiji. Assinou textos sob pseudónimo como Haine Whyte e Ultra Marine. Publicou “Under serene skies” (s. d.); “Neta the Pigling: a crazy ballad” (s. d.); “The Call of the Sudan” (s. d.); “Lyrics of the Vei Kau: island melodies” (1928); “The Love Sonnets of Senora Carilla Das Flores” (1929); “In Yasi Land” (1931); “Names of a Few Fijian Plants and Their Botanical Equivalents” (1937); “Early History of Vanua Levu” (1937); “Tales of a new plantation: na cagi levu and Rejeli” (1937); “Fiji Before the Cession. Or, Early History of Vanua Levu” (1941); “Fiji Native Plants with Their Medicinal and Other Uses” (1943); “Miscellaneous Verses and Documents” (1947). Publicou com o pseudónimo Ultra Marine em “The Contents of a Madeira Mail-Bag, Or, Island Etchings” (1880), sobre a sua estada na Madeira na Quinta das Flores com uma tia. São um conjunto epistolar destinado à sua mãe que vivia em Londres. A sua estada na Madeira tê-la-á despertado o gosto pela botânica e etnologia, embora a sua visão sobre os habitantes insulares não escape da visão preconceituosa sobre os hábitos, fisionomias, curiosidades, estranhos aos ingleses. **3. DA AUTORA.** The Contents of a Madeira Mail-Bag, Or, Island Etchings. London: Moran & Company, 1885, 129 p. (Pseud.Ultra

Marine). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Baubeta, Patricia Odber de, "a madeira vista pelos ingleses". In *AprenderMadeira*, 2018, acessível via URL: <http://aprendermadeira.net/a-madeira-vista-pelos-ingleses>; Macedo, L. S. Ascensão de, *Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico*, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

HUMA FREIRA ZELOSA DA VERDADE

(Madeira; fl. 1821) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Não se dispõe de dados a respeito da autoria por detrás deste pseudónimo, que se crê ser de um autor madeirense. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** O texto aparece no primeiro jornal publicado na Madeira fundado e redigido pelo médico madeirense Nicolau Caetano Bettencourt Pitta, mais especificamente no volume 1, número 28, de 6 de outubro de 1821. A carta é dirigida ao redator como crítica ao texto de "Huma Freira Constitucional"[†], publicado no número 20 de 8 de setembro de 1821. Na missiva, refere que "Sendo eu huma das mais entusiasmadas em lêr o seu interessante Periodico, confesso-lhe francamente que não sentí o mesmo praser na leitura do N. 20, em rasaõ da Carta que nelle vi inserida de huma Freira Constitucional". A "autora" vem em defesa sobre a crítica feita pela "Huma Freira Constitucional" sobre a deficiente administração dos conventos femininos. **3. DA AUTORA.** [Carta ao Redactor]. In *O Patriota Funchalense*, Funchal, Vol. 1, n.º 28 (06-10-1821). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Alves, José Augusto dos Santos, "O patriota

funchalense ou o elogio do contrapoder", In: *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1990, p. 379-400.

IDA LAURA PFEIFFER (Áustria; 1797 — *Ibid.*; 1858) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Ida Pfeiffer nasceu em Viena (Áustria) a 14 de outubro de 1797, filha de um comerciante de nome Reyer. Casou-se com o médico Dr. Pfeiffer, em 1820. Depois de enviuar em 1838 e de ter criado os seus filhos, aos 45 anos vendeu as suas propriedades e o seu piano e consumou o seu sonho de dar a volta ao mundo. Pfeiffer fez a sua primeira expedição partindo do porto de Hamburgo em 1846 com destino ao Rio de Janeiro, seguindo depois, em 1847, com destino a Valparaíso no Chile. Fez escala no Taiti, em Macau, Hong Kong, Singapura, Ceilão, Índia, Mesopotâmia, Pérsia, Arménia, Geórgia e Constantinopla e Atenas. Fez uma segunda expedição entre 1851 e 1854, partindo de Inglaterra até África do Sul, ilhas Molucas, Bornéu, Estados Unidos da América, Peru, Colômbia e Equador. Ao longo das suas viagens tomou nota dos hábitos e costumes. Foi a primeira mulher a ser aceite em sociedades de geografia em Paris e em Berlim e laureada pelo rei da Prússia pelo seu contributo à ciência. Faleceu em Viena, a 27 de outubro de 1858. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Notável exploradora e escritora, Ida Pfeiffer publicou "Reise nach dem skandinavischen Norden und der Insel Island" (1846), "Eine Frau fährt um die Welt" (1850). Neste livro menciona a sua passagem pelos arquipélagos da Madeira e de Porto

Santo e das Canárias. Entre as diversas viagens que a tornou a mais popular exploradora do seu tempo, publicou “Meine zweite Weltreise” (1856) e “Reise nach Madagascar” (1861). **3. DA AUTORA.** Eine Frauenfahrt um die Welt: Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahiti, China, Ost-Indien, Persien und Kleinasien. 3 vols. Wien: C. Gerold, 1850. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ILDA FLORISBELA DE ASCENSÃO MIGUÉIS LEÇA (Funchal; 1890 — Funchal; 1973) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Ilda Florisbela Miguéis Leça nasceu em Santa Luzia (Funchal) a 17 de abril de 1890, filha de Manuel Miguéis e de Maria da Conceição Fernandes. Era irmã do major Manuel da Costa Dias. Casou-se com o comerciante José do Nascimento Leça, na Igreja Paroquial de São Pedro (Funchal) em 1910. Ilda Florisbela de Ascensão Miguéis formou-se no curso de desenho ornamental na Escola Industrial e Comercial de “António Augusto de Aguiar”, onde foi professora até 1962. Faleceu no Monte a 23 de abril de 1973. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Ilda Florisbela de Ascensão Miguéis é autora de um discurso em homenagem ao major João dos Reis Gomes, proferido em 1938. **3. DA AUTORA.** “Discurso proferido na sessão de homenagem ao major João dos Reis Gomes no dia 28 de dezembro de 1938. In “Anuário da Escola Industrial e Comercial ‘António

Augusto de Aguiar’, 1944-1945. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Leça, Ilda Floresbela Miguéis [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667112>.

ISABEL ARUNDELL BURTON (Reino Unido; 1831 — Ibid., 1896) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Isabel Arundell nasceu em Londres a 20 de março de 1831, filha de Henry Raymond Arundell e de Eliza Isabel Arundell. Pertencia a uma respeitada e abastada família católica romana na Inglaterra, tendo sido educada num convento. Casou-se com Richard Burton, notável escritor britânico. Isabel Burton deixou numerosos escritos e ficou celebrizada pelas suas viagens à Síria e à Palestina. Publicou “The romance of Isabel Lady Burton: the story of her life told in part by herself and in part by W.H. Wilkins” (1897), onde menciona a sua estada, em 1863, na Madeira e nas Canárias. Faleceu em Londres a 22 de março de 1896. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** No seu “The romance of Isabel Lady Burton” (1897), fez descrição sobre o Funchal e visita ao Pico do Arieiro e ao Cabo Girão. Lady Burton descreve a sua primeira impressão sobre a ilha nestes termos: “A glorious sight presented itself, producing a magical effect upon the cold, wet, dirty, sea-sick passenger who had emerged from his atrocious native climate but ten days before. Picture to yourself a deep blue sky, delicately tinted at the horizon, not a cloud to be seen, the ocean as blue as the Mediterranean. There was a warm sun,

and a soft and sweet-smelling breeze from the land, as of aromatic herbs. Arising out of the bosom of the ocean in splendour, a quarter of a mile off, but looking infinitely less distant, were dark mountain masses with fantastic peaks and wild, rugged sides, sharply defined against the sky and streaked with snow, making them resemble the fanciful castles and peaks we can imagine in the clouds” (p. 190). (“Uma visão gloriosa apresentou-se, produzindo um efeito mágico sobre o passageiro frio, húmido, sujo e doente do mar que emergira do seu atroz clima nativo, mas dez dias antes. Imagine para si um céu azul profundo, delicadamente tingido no horizonte, sem ver uma nuvem, o oceano tão azul quanto o Mediterrâneo. Havia um sol quente e uma brisa suave e adocicada da terra, como de ervas aromáticas. Surgindo do seio do oceano em esplendor, a um quarto de milha de distância, mas parecendo infinitamente menos distante, havia massas montanhosas escuras com picos fantásticos e lados selvagens e acidentados, nitidamente definidos contra o céu e riscados de neve, fazendo-os parecer os castelos e picos fantasiosos que podemos imaginar nas nuvens”, tradução livre). **3. DA AUTORA.** The romance of Isabel Lady Burton: the story of her life told part by herself and part by W.H. Wilkins. New York: Dodd, Mead & Co., 1897, 2 vols. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Baubeta, Patricia Odber de. “a madeira vista pelos ingleses”. In Aprender Madeira, 2018, Acessível via URL: < <http://aprendermadeira.net/a-madeira-vista-pelos-ingleses>>; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores,

Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

ISABEL DA MADRE DE DEUS (Madeira, sécs. XV-XVI) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Isabel da Madre de Deus foi uma religiosa do Convento de Santa Clara do Funchal, cujos dados biográficos desconhecemos. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** De acordo com a “História Seráfica” de Fr. Francisco da Soledade, Sórora Isabel da Madre de Deus foi autora de uma crónica intitulada “Relação summaria de varias religiosas que florescerão em virtudes no Convento de Santa Clara da Cidade do Funchal”, cuja localização desconhecemos. Barbosa Machado criou uma entrada com base nesta informação. No tomo III da “História Seráfica” de Frei Francisco da Soledade, O. F. M., refere “Hũa memoria manuscritta lhe chama *D. Isabel*, mas nos lhe damos o nome, q[ue] o Papa lhe assigna” (p. 351). **3. DA AUTORA.** Relação summaria de varias religiosas que florecerão em virtudes no Convento de Santa Clara da Cidade do Funchal, mss. [NI, *apud* Machado]. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Faria, Fr. Francisco Leite (coord) Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94), Lisboa, Biblioteca Nacional, 1994, p. 92; Farinha, Bento José de Sousa, Summario de Bibliotheca Lusitana, Lisboa, na Officina da Academia Real das Sciencias, 1787, volume II, p. 424; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de

Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>;
Machado, Diogo Barbosa Machado, Bibliotheca Lusitana: histórica, crítica e cronológica, Lisboa Occidental, na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759, volume II, p. 926; Soledade, Fernando da, Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal. Vol. 3. Lisboa: na Officina de Manoel, & Joseph Lopes Ferreyra, 1705, p. 351, col. 2.

ISABEL FRANCISCA DE SÃO JOSÉ (Funchal; 1679 – *ibid*; 1717) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Isabel Francisca de São José nasceu no Funchal a 2 de abril de 1679. Era filha do capitão José de França Berenguer e de Maria de Castelo Branco, fundadores do Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês do Funchal. Ingressou aos oito anos de idade nessa instituição religiosa como educanda e prosseguiu a vida religiosa nesse convento. De acordo com Noronha, Sórora Isabel de São José teve um percurso turbulento nesse cenóbio feminino. Faleceu no Funchal a 19 de maio de 1717. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** O irlandês Pe. Miguel de Vitus, S. I., incentivou sórora Isabel Francisca de S. José a escrever as suas memórias. De acordo com Henrique Henriques de Noronha, que dedica um capítulo intitulado “Memorias de hua Serva de Deos a Madre Izabel Francisca de S. Jozeph”, refere que esta religiosa “escreveu em hum caderno, por ordem do Seu Director; mas recioza de que se viessem a saber o entregou ao fogo”. (Memórias seculares..., p.292-296). **3. DA AUTORA.** Texto destruído pela autora, conforme revelado por Henrique Henriques de Noronha. **4. REFERÊNCIAS**

BIBLIOGRÁFICAS. Fontoura, Otília Rodrigues Fontoura, As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000, p. 264, 325-326; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>;
Noronha, Henrique Henriques de, Memórias seculares e eclesiásticas para a composição da história da Diocese do Funchal na ilha da Madeira. Transc. Alberto Vieira. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996, p. 292-296.

ISABELLA HURST FRANÇA (Reino Unido; ca. 1795 — *ibid*.; 1880) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida em Kensington, Middlesex, por volta de 1795, Isabella Hurst era filha do arquiteto Aaron Henry Hurst. Casou-se em Greenwich com José Henrique de França (1802-1886), filho do morgado madeirense José Sebastião de França, comerciante em Londres. Isabella de França veio à Madeira a 23 de julho de 1853. Faleceu em Southampton a 20 de julho de 1880. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Isabella de França escreveu um diário sobre a sua estada na ilha em “Journal of a visit to Madeira and Portugal”, com aguarelas da sua autoria, que se conservam no Museu Frederico de Freitas no Funchal. O seu diário constitui uma espécie de relato de uma viagem de núpcias, dado que a autora casou aos 57 anos de idade. O casal partiu de Londres, no navio Eclipse, a 23 de julho de 1853, até ao

Funchal, onde permaneceram durante onze meses. Relatou a sua passagem por Lisboa, Vigo e regresso a Londres. Deixou também aguarelas que retratam momentos contados no seu diário de viagem, com temas como “The Broken Head”, “Embarkation from Calheta”, “Landing in Funchal”, “Cintra. Road to the Cork Convent”, “Returning from a Picnic at Camacha”, “The Pinheiros. 3000 Feet above the Sea”, “Embarkation from Funchal. 4. A. M.”, “Judas”, “Theodosia”, “Rosa and Faísca”, “A Senhora ha de ter paciencia. Road to the Curral”, “The Entrance to Funchal”, “Going up to the Mount”, “Descent to the Rabaçal”, “The Feitor’s Homage”, “Ladeira das Neves. Road to Caniço”, “The Arrival in Lisbon”, “St George”, “The Fountain at Cintra”, “Landing the Ladies at Gravesend”, “The Triumphal Car. Sto Antonio da Serra”, “The Lazaretto”, “Coming down from the Mount”, “Going to a Ball”.

3. DA AUTORA. ●1. Portugal. Museu Frederico de Freitas. Journal of a visit to Madeira and Portugal 1853-1854, mss. <https://museus.madeira.gov.pt/DetailsAutor?authorId=391> ●2. Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal (1853-1854). Trad. Cabral do Nascimento. Funchal: Junta Geral do Distrito Autónomo, 1970. ●3. Vinte ilustrações do jornal de uma visita à Madeira: 1853-1854. 2.ª ed. [Funchal]: Casa-Museu Frederico de Freitas: DRAC, 1988. [72] p.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Livramento, Marco. “Madeira: a utopia de um paraíso no texto de Isabella de França”. *Islenha* n.º 52 (jan.- jun.-2013), p. 35-70; Macedo, L. S. Ascensão de, *Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo*

Verde. *Guia Biobibliográfico*, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Silva, António C. da, “Homens eternos no Funchal: impressões da leitura de pavana para Isabella de França de José Viale Moutinho: por um leitor da mão de sangue.” *Islenha*, n.º 29 (Jul.-Dez. 2001), p. 16-24; Silva, António Ribeiro Marques da, *Passaram pela Madeira: textos de autores anglo-saxónicos que visitaram a ilha (1687-2000)*, Funchal, Empresa Municipal Funchal 500 Anos, 2008.

ISAURA ASCENSÃO MACHADO PACHECO SOARES DOS PASSOS JARDIM (Funchal; 1899 — *Ibid.*; 1980) **1.**

NOTA BIOGRÁFICA. Isaura dos Passos Jardim nasceu em S. Gonçalo a 10 de maio de 1899. Era filha de António Soares de Passos, administrador do jornal “O Madeirense”, redator da revista “Esperança” e proprietário da Tipografia Camões, e de Amélia Capitolina Machado Pacheco Soares de Passos e, ainda, irmã do escritor madeirense Florival Hermenegildo de Passos. Isaura dos Passos casou-se com Dr. Alberto Figueira Jardim, antigo reitor do Liceu de Jaime Moniz e Governador Civil Substituto do Distrito do Funchal. Faleceu na cidade a 3 de março de 1980.

2. LEGADO DOCUMENTAL. Isaura dos Passos Jardim notabilizou-se como poetisa, cronista, conferencista e colaboradora assídua da imprensa periódica, especialmente no “Diário de Notícias”, “Diário da Madeira”, “Eco do Funchal”, “Modas e Bordados” e “Pérola do Atlântico” (Porto). Publicou “Contos e Paisagens da Madeira” (1950) e “Uma rapariga moderna” (1961).

Permaneceram inéditos alguns dos seus textos que se conservam no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. Assinou diversos textos sob os pseudónimos como Violeta, Ângela de Lucena, Berta. **3. DA AUTORA.** ●1. Portugal. Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. Fundo Florival dos Passos. Prosas de Isaura de Passos Jardim. 1929 a 1953, PT/ABM/FPS/B/005-002 (contém: Cx. 1, doc. 122: "Conto de Natal". Dez. 1929; Cx. 1, doc. 123: "Outono". Set. 1953; Cx. 1, doc. 124: "A Festa na Aldeia". s.d. Cx. 1, doc. 125: "Outono". s.d; Cx. 1, doc. 126: "Uma Manhã...". s.d; Cx. 1, doc. 127: Resumo dactilografado da conferência "Aspectos da Madeira "ilha de encanto"". 20 Abr. 1933; Cx. 1, doc. 128: Manuscrito de "Aspectos da Madeira "ilha de encanto"". 20 Abr. 1933; Cx. 1, doc. 129: Introdução a uma conferência não especificada de Isaura Passos Jardim, por Maria Lamas (1893-1983). S.d.). ●2. "Forget me not: esboços". Diário da Madeira (1915); "O Sorriso do Menino Jesus: contos infantis". Diário da Madeira (1929); reed. Diário de Notícias (1935); "Madeira, ilha de encanto: conferência realizada em Lisboa, a 20 de Abril de 1933, no Salão de Festas de 'O Século'", republ. sob o título "A Noite de São Silvestre". Modas e Bordados, Lisboa, 24-01-1934. ●3. O Auxílio Maternal: conferência realizada num Posto de Rádio do Funchal, em 15 de Novembro de 1934 [NI]. ●4. Contos e paisagens da Madeira. Funchal: Tip. Casa Figueira, 1950 (156, [4] p.). ●5. Uma rapariga moderna. Funchal: [s. n.], 1961, 108, [1] p., [1] f. republicado no "Jornal da Madeira", 22-01-1969, 29-01-1969, 05-02-1969, 12-02-1969, 26-02-1969, 12-

03-1969, 13-03-1969, 19-03-1969, 26-03-1969, 02-04-1969, 09-04-1969. ●6. "Uma manhã...". Pérola do Atlântico (Porto); repub. Uma rapariga moderna. Funchal: [s. n.], 1961, p. 93-96; reed. Fernando Figueiredo, Leonor Martins Coelho, Thierry Proença dos Santos (Ed. lit.), Crónica Madeirense (1900-2006). Porto: Campo das Letras, 2007, ISBN: 978-989-625-159-8, p. 98-99. ●7. Momento Poético [NI]. ●8. Cartas a Raparigas [NI]. ●9. Balada da chuva". In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco Do Funchal, 1959, p. 461. ●10. "Ideal [soneto]". In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco Do Funchal, 1959, p. 462. ●11. "Baile de máscaras" (conto). In "Jornal da Madeira", 23-02-1966. ●12. "A afilhada" (conto). In "Jornal da Madeira", 24-08-1966. ●13. "Uma manhã". In "Jornal da Madeira", 12-02-1966. ●14. "Miss Elisabeth". In "Jornal da Madeira", 23-02-1967. ●15. "Colar de pérolas". In "Jornal da Madeira", 10-05-1967. ●16. "Destinos". In "Jornal da Madeira", 03-01-1968. ●17. "O pastor". In "Jornal da Madeira", 06-03-1968. ●18. "O abandono" (conto de Natal In "Jornal da Madeira", 25-12-1968. ●19. "Tentação" (conto). In "Jornal da Madeira", 01-01-1969. ●20. "Glicínias brancas". In "Jornal da Madeira", 01-05-1969. ●21. "Na Camacha". In "Jornal da Madeira", 20-08-1969. ●22. "O moinho da tia Vitória". In "Jornal da Madeira", 03-09-1969. ●23. "A festa da Ermida". In "Jornal da Madeira", 10-09-1969, ●24. "Férias". In "Jornal da Madeira", 17-09-1969. ●25. "De Lisboa à Madeira". In "Jornal da Madeira", 01-10-1969. ●26. "Machico e a sua lenda". In "Jornal da Madeira", 01-01-1969. ●27. "Ódio desfeito" In "Jornal da Madeira", 15-10-1969, 22-10-1969. ●28. "O primo da

América". In "Jornal da Madeira", 29-10-1969. ●29. "A dama de companhia". In "Jornal da Madeira", 26-11-1969. ●30. "As"Quintas"", In "Jornal da Madeira", 10-12-1969. ●31. "Conto de Natal". In "Jornal da Madeira", 25-12-1969. ●32. "Nocturno". In "Jornal da Madeira", 01-01-1970. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco Do Funchal, 1959, p. 461-462; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Jardim, Isaura de Passos [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=669134>; Veríssimo, Nelson (Org.), Contos Madeirenses, Porto, Campo das Letras, 2005, p. 55-62.

JANE WALLAS PENFOLD (Madeira; 1821 —Reino Unido; 1884) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Jane Wallas Penfold nasceu na Madeira em 1821. Era filha de William Penfold e de Sarah Richman Gilbert, estabelecidos na Madeira desde inícios do século XIX. Jane Wallas Penfold casou-se no Funchal com William Withey Mathews a 17 de março de 1846. O casal mudou-se para o Reino Unido, vivendo em Castle Cary (Somerset). O casal teve sete filhos. Na Madeira, Penfold viveu na Quinta da Achada e, em 1847, rececionou a rainha Adelaide of Saxe-Meiningen (1792-1849), esposa de Guilherme IV. Faleceu

em Bath a 9 de fevereiro de 1884. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Jane Penfold publicou em Londres "Madeira Flowers, Fruits, and Ferns" (1845), com ilustrações suas e descrições do Reverendo William Lewes Pugh Garnons, possuindo um frontispício litografado e 20 gravuras coloridas manualmente, e um prefácio e versos de William Wordsworth. Era uma exímia ilustradora e naturalista tal como a sua irmã, Augusta Robley†. **3. DA AUTORA.** Madeira flowers, fruits, and ferns: a selection of the botanical productions of that island, foreign and indigenous. London: Printed and Published by Reeve, Brothers, 1845; viii, 20 p.; 20 f., 4.º (305 x 240mm). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Baubeta, Patricia Odber de, "a madeira vista pelos ingleses". In AprenderMadeira, 2018, acessível via URL: <http://aprendermadeira.net/a-madeira-vista-pelos-ingleses>; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

JESSIE EDITH HUTCHEON (Reino Unido; 1868 – Ibid; 1951) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Jessie Edith Hutcheon nasceu em Lancashire em 1868. Turista britânica cujos dados biográficos desconhecemos. Visitou a Síria por volta de 1920 e a Madeira por volta de 1927. Foi membro da Royal Geographical Society de Londres. Faleceu em Londres em 1951. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Jessie Edith Hutcheon publicou um relato de viagens à Síria em "The pearl of the East" (1920). Por volta de 1928,

publicou “Things seen in Madeira” (1928), inserta numa coleção de roteiros de viagem por cidades, países ou regiões do mundo da editora Seeley, Service & Co. Limited. Mais tarde, publicou “Father Allan (Father Allan Macdonald)” (1946). No caso de “Things seen in Madeira” constitui um dos textos de viagens mais populares da primeira metade do século XX, com diversas reedições. Igualmente consta como um dos textos mais citados em diversos estudos académicos. Constam um mapa e 32 fotografuras a preto e branco provenientes de Perestrelo, Valentine e Parsons. **3. DA AUTORA.** Things seen in Madeira: a description of one of the most beautiful islands in the world, the impressiveness of its mountain scenery, its rich flora, the genial nature of its people, their occupations habits & festas. London: Seeley, 1928,157, [1] p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Vieira, Alberto, "A história do turismo na Madeira: alguns dados para uma breve reflexao." Turismo: Revista de Estudios de Turismo de Canarias y Macaronesia (2008): p. 95-117.

JESUÍNA TERESA DE JESUS MARTINS (S. Vicente; ca. 1870 — Havaí; post. 1920?)

1. NOTA BIOGRÁFICA. Jesuína Teresa de Jesus nasceu na Primeira Lombada na freguesia da Ponta Delgada (S. Vicente) em 1870. Era filha de Manuel Francisco Caldeira e de Eulália Luísa de Jesus,

naturais dessa freguesia. Jesuína de Jesus casou-se com João Martins Júnior na Igreja do Bom Jesus de Ponta Delgada, a 4 de novembro de 1882, depois de este ter servido na Marinha portuguesa. O casal viveu na Primeira Lombada (Ponta Delgada), onde nasceram os seus filhos, Maria (nascida em 1883) e Jesuína (nascida em 1885). Como a situação económica era difícil na Madeira, João Martins Júnior assinou um contrato para trabalhar numa plantação de cana-de-açúcar em Koloa, na ilha de Kaua’i (Havaí). A 29 de abril de 1886 a família partiu a bordo do vapor britânico “Amana”, comandado pelo capitão Alexander Becket, onde foram também cerca de 500 passageiros madeirenses. Depois de uma viagem morosa (5 meses e 3 dias) e atribulada, a família chegou ao destino a 27 de setembro de 1886, tendo sido registados nos serviços de imigração de Kakaako. Jesuína terá falecido na ilha de Kaua’i depois de 1920. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Apesar de analfabeta e escrita sob o punho do seu marido, Jesuína Teresa Martins é autora de uma carta em verso que relata a viagem conturbada para o Havaí. O texto original continua com a família Lewis, de Massachussets (Estados Unidos da América), publicado em 1974 numa revista local e reeditado por Eduardo Mayone Dias (1982). **3. DA AUTORA.** “Mãe, lhe quero contar / parte do meu embarque”, mss. (col. part.); publ. União Portuguesa do Estado da Califórnia/Portuguese Union of the State of California: LifeMagazine, n.º1, vol. LXXII (1974), p. 11-14; reed. Dias, Eduardo Mayone, Cantares de Além-Mar. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1982, p. 14-19. **4.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Dias, Eduardo Mayone, *Cantares de Além-Mar*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1982; Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde*. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

JOANA AUGUSTA DA PIEDADE VELOSA CASTELBRANCO (Santana; 1856 — Lisboa; 1920) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Joana Augusta da Piedade Velosa Castelbranco nasceu no Faial (Santana) a 23 de junho de 1856, filha de Caetano Ornelas Velosa Castelbranco (ou Castelo Branco) e de Maria Rosa de Freitas. Joana de Castelbranco foi funcionária dos telégrafos e correios de Portugal em Lisboa, profissão regulada pelo decreto de 29 de julho de 1886 que autorizava a admissão de mulheres. Foi simpatizante do Partido Progressista e da Democracia, defendendo publicamente o acesso das mulheres à educação. Faleceu em Lisboa a 3 de novembro de 1920. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Colaborou assiduamente nos jornais “A Lâmpada”, “Diário de Notícias” (Funchal), a “Lucta”, “Eco de Mafra”, “O Garcia de Resende” e no “Almanach das senhoras” com textos poéticos e em prosa. Muitos dos seus poemas foram reproduzidos em jornais e integrados em antologias literárias. Publicou, em Lisboa, “As minhas flores” (1908) e “Flutuações” (1910). Foi uma poetisa muito considerada no meio literário madeirense e continental, mantendo contatos literários com Berta de Ataíde†, Olímpia Pio Fernandes†, Luís

de Ornelas Pinto Coelho e Guiomar Torrezão. **3. DA AUTORA.** ●1. “Uma tarde”. *A Lâmpada*, Funchal, n.º 26 (10-06-1873): p. 1. ●2. “À morte d’um filhinho”. *A Lâmpada*, Funchal, n.º 26 (10-06-1873): p. 2-3. ●3. “Desalento”. *A Lâmpada*, Funchal, n.º 48 (29-11-1873): p. 3. ●4. “Queixume e súplica”. *A Lâmpada*, Funchal, n.º 49 (10-12-1873): p. 3. ●5. “Morreu!”. *A Lâmpada*, Funchal, n.º 50 (18-12-1873) p. 3-4. ●6. “Mosaico: I A Caridade”. *Diário de Notícias*, n.º 7 (18-10-1876): p. 1. ●7. “A esposa do naufrago”. *Diário de Notícias*, Funchal, (19-12-1876): p. 1. ●8. “Devaneios”. *Diário de Notícias*, Funchal, (22-11-1876): p. 1. ●9. “A liberdade”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º 64 (28-12-1876): p. 1. ●10. “Mosaico-Psalmo 18-I”. *Diário de Notícias*, Funchal, (24-10-1876): p. 1. ●11. “Branca (A Maria Branca...de Sousa Drummond)”. *Diário de Notícias*, Funchal, (04-11-1876): p. 1. ●12. “O convertido”. *Diário de Notícias*, Funchal, (25-11-1876): p. 1. ●13. “Longe”. *Diário de Notícias*, Funchal, (08-12-1876): p. 1. ●14. “***” [incipit: “Eu sou como uma ave que vagueia”]. *Diário de Notícias*, Funchal, (14-12-1876): p. 2. ●15. “A miséria”. *Diário de Notícias*, Funchal, (16-11-1876): p. 1. ●16. “Enlevo e fatalidade”. *Diário de Notícias*, Funchal, (28-10-1876): p. 1-2. ●17. “Brilhos ideaes”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º 64 (11-1876): p. 2. ●18. “Ante a imensidade”. *Diário de Notícias*, Funchal, (20-01-1877): p. 1. ●19. “Soneto, dedicado ao poeta Luís d’O. P. Coelho”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º 97 (08-02-1877): p. 1. ●20. “A criança”. *Diário de Notícias*, Funchal, (23-02-1877): p. 1-2. ●21. “Núvens”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º 110 (23-

02-1877): p. 2. ●22. “Impressões de um sonho”. Diário de Notícias, Funchal, n.º120 (07-03-1877): p. 1-2. ●23. “Semana sancta (ao Sr. Cónego A. C. de Oliveira)”. Diário de Notícias, Funchal, n.º152 (17-04-1877): p. 1 (contém os sonetos: “Jesus”, “Reus est mortis”, “Ressurrexit”). ●24. “A instrução da mulher”. Diário de Notícias, Funchal, n.º 188 (06-05-1877): p. 1-2. ●25. “Elisa”. Diário de Notícias, Funchal, n.º212 (04-07-1877): p. 1. ●26. “?!”. Diário de Notícias, Funchal, n.º 212 (04-07-1877): p. 1. ●27. “Homenagem ao mérito (À talentosa e distintíssima dama funchalense, D. Olímpia Pio Fernandes)”. Diário de Notícias, Funchal, (12-07-1877): p. 1-2. ●28. “Descrença”. Diário de Notícias, Funchal, n.º224 (18-07-1877): p. 1. ●29. “Tristeza”. Diário de Notícias, Funchal, n.º227 (21-07-1877): p. 1. ●30. “Versos”. Diário de Notícias, Funchal, n.º257 (26-08-1877): p. 1 (Constam os poemas “A meu pae” e “A minha mãe”). ●31. “Improviso”. Diário de Notícias, Funchal, n.º257 (26-08-1877): p. 1. ●32. “Ecos da solidão”. Diário de Notícias, Funchal, (21-09-1877): p. 1. ●33. “Saudade, amor, poesia”. Diário de Notícias, Funchal, n.º327 (17-11-1877): p. 1. ●34. “Versos a pedido da minha amiga D. Georgina M. D’O. S. Silva, para os anos d’uma sua amiga”. Diário de Notícias, Funchal, n.º329 (20-11-1877): p. 1. ●35. “O futuro: I” [Texto em prosa]. Diário de Notícias, Funchal, n.º351 (16-12-1877): p. 1. ●36. “O poeta e a virgem”. Diário de Notícias, Funchal, n.º87 (26-01-1877): p. 1-2. ●37. “A Oração: I” [Texto em prosa]. Diário de Notícias, Funchal, n.º396 (18-02-1878): p. 1. ●38. “Última saudade: à sentida

morte de meu presadissimo pae”. Diário de Notícias, Funchal, n.º437 (04-04-1878): p. 1-2. ●39. “A Velhice” [Texto em prosa]. Diário de Notícias, Funchal, n.º450 (21-04-1878): p. 1; n.º451 (24-04-1878): p. 1-2. ●40. “À Associação dos Artistas Funchalenses”. Diário de Notícias, Funchal, n.º490 (13-06-1878): p. 1. ●41. “Sombras”. Diário de Notícias, Funchal, n.º504 (28-06-1878): p. 1-2. ●42. “Saudação aos anos da minha talentosa professora e distinta amiga, a apreciável escriptora D. Olimpia Pio Fernandes, 26 de julho”. Diário de Notícias, Funchal, n.º524 (27-07-1878): p. 1. ●43. “Douleur: poesia ao correr da penna no álbum da Ex.ma sr.ª D. Maria Helena Jervis d’A. e Almeida”. Diário de Notícias, Funchal, n.º572 (22-09-1878): p. 1-2. ●44. “A douda”. Guiomar Torrezão (ed. lit.) , Almanach das senhoras para 1878: Portugal, Brazil e Hespanha. Lisboa: J.A. de Mattos, [1878?]. ●45. “Desalento”. Guiomar Torrezão (ed. lit.) , Almanach das senhoras para 1879. Lisboa: J.A. Mattos, [1879?], p. 191-192. ●46. “A verdadeira caridade”. Guiomar Torrezão (ed. lit.) , Almanach das senhoras para 1879. Lisboa: J. A. Mattos, [1879?], p. 191-192. ●47. “?!”. In Guiomar Torrezão (ed. lit.) , Almanach das senhoras para 1879: Portugal, Brazil e Hespanha. Lisboa: J.A. de Mattos, [1879], p. 209-210. ●48. “Salvé Liberdade”, Diário de Notícias, Funchal, 05-06-1887 (poema recitada no Teatro Esperança na noite de 04-06-1887) ●49. “A ideia nova (A Benvindo)”. A Lucta: órgão do partido republicano na Madeira, Funchal, (21-04-1888): p. 3. ●50. “Fraternidade republicana: no dia do seu aniversário”. A Lucta: órgão do partido republicano na Madeira, Funchal, (02-02-1889): p. 2. ●51. “As

noites campestres”. A Lucta: órgão do partido republicano na Madeira, Funchal, (02-11-1889): p. 3. ●52. “O futuro”. A Lucta: órgão do partido republicano na Madeira, Funchal, (03-08-1889): p. 3. ●53. “O povo”. A Lucta: órgão do partido republicano na Madeira, Funchal, (03-08-1889): p. 3. ●54. “O século 19”. A Lucta: órgão do partido republicano na Madeira, Funchal, (03-08-1889): p. 3. ●55. “Os Tartufos”. A Lucta: órgão do partido republicano na Madeira, Funchal, (03-08-1889): p. 3. ●56. “Impressões de Saudade”. A Lucta: órgão do partido republicano na Madeira, Funchal, (21-12-1889): p. 3. ●57. “A velhice”. A Lucta: órgão do partido republicano na Madeira, Funchal, (28-09-1889): p. 3. ●58. “Não pode ser...”. A Lucta: órgão do partido republicano na Madeira, Funchal, (11-01-1890): p. 3. ●59. “Uma tarde”. Eco de Mafra (15-04-1894). ●60. “Saudade”. Eco de Mafra (15-07-1894). ●61. “Queixas”. Eco de Mafra (28-10-1894), p. 3. ●62. “A meu pai, a pedido de uma amiga, para serem recitados por um menino de 7 anos no aniversário natalício de seu pae”. Eco de Mafra (04-11-1894), p. 3. ●63. “A descrença”. Eco de Mafra (10-02-1895). ●64. “[Poema]”. O Garcia de Resende (1908-1909). ●65. As minhas flores. Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1908, 94 p. ●66. Fluctuações: versos. Lisboa: Secção Editora de “A Pollicomercial”. 1910, 88 p. ●67. “Só, à memória da minha mãe”. Almanach das senhoras (1913). ●68. “À memória da minha mãe (ao cair da noite)”. Almanach das senhoras (1916).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Abreu, Ilda Maria Assunção e Silva Soares de, “Joana Augusta da Piedade Castelbranco”. In Castro, Zília Osório de;

Esteves, João (Dir.) – Dicionário no feminino (séculos XIX-XX). Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 456b-457a ; Cardoso, Nuno Catarino, Poetisas portuguesas: antologia contendo dados bibliográficos e biográficos de cento e seis poetisas. Lisboa: Livraria Científica, 1917, p. 89; Clode, Luís Peter, Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983, p. 115a; Grande enciclopédia portuguesa e brasileira: 6. (1985). Lisboa: Ed. Enciclopédia, p. 169; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Nota biobibliográfica: Branco, Joana A. da Piedade Velosa de Castelo Branco [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666096> ; Monte, Gil do, O jornalismo eborense (1946-1976). Évora: Ed. Do autor, 2.ª ed., 1978, p. 65; ; Oliveira, Américo Lopes de; Viana, Mário Gonçalves, Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1967, p. 222; Branco, Alfredo de Freitas, Notas e Comentários para a História Literária da Madeira, III, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1915-1953: p. 34.

JOANA CALDEIRA (Machico; 1896 — Funchal; 1996) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Joana Caldeira (nascida Castro) nasceu no

Porto da Cruz (Machico) a 18 de dezembro de 1896, filha de João de Castro e de Maria Marques de Jesus. Foi baptizada na Igreja Paroquial de Nossa Senhora de Guadalupe (Porto da Cruz). Casou-se com António Caldeira, a 10 de junho de 1920, na freguesia de Porto da Cruz, de quem ficou viúva a 1977. Faleceu a 15 de março de 1996 na freguesia do Monte (Funchal). **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Joana Caldeira foi uma informante de textos de tradição oral e popular, compilada por Pere Ferré a 6 de abril de 1981, contando a informante nessa altura com 86 anos de idade. O seu contributo integra os ciclos de romances tradicionais de assunto profano, tendo recitado “Hoje s’apregoam as guerras, as guerras de D. João,/ Hei-de ir por meu pai p’r’ à guerra, por meu leal coração.” (XXIX.35) e “Leonardo, Leonardo, /bem podias, Leonardo, estar duas horas comigo” (III.15). **3. DA AUTORA.** Na qualidade de informante da tradição oral e popular: ●1. “Leonardo, Leonardo”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 162 (n.º III.15). ●2. “Hoje s’apregoam as guerras, as guerras de D. João”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 500 (n.º XXIX.35).

JOANA HENRIQUES DE OLIVEIRA DE PAULA (Câmara de Lobos?; 1771 — Funchal; post. 1821) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Joana Henriques de Oliveira nasceu a 14 de dezembro de 1771, filha do capitão Manuel Henriques de Oliveira (natural do Estreito de Câmara de Lobos) e de Maria Antónia Galhardo de Ornelas

Vasconcelos Castro Leal (natural de Câmara de Lobos). Foi baptizada na igreja paroquial de S. Pedro em 21 de dezembro de 1771. Casou-se com Dr. Francisco José de Paula em 1793 na igreja paroquial de S. Paula, com geração, moradores na rua das Pretas. Desconhece-se data de falecimento. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Como viúva de Francisco de Paula, Joana Henriques de Oliveira de Paula enviou um requerimento em 1821 às Côrtes Gerais queixando-se ser vítima dos “despóticos procedimentos” do corregedor da comarca do Funchal relativamente a uma herança que o padre Manuel Ferreira Jardim, falecido em 1762, deixou a sua mãe. O despacho de 29 de dezembro de 1821 referiu que não era da sua competência. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Histórico da Assembleia da República. Cortes Constituintes de 1821-1822. Comissão de Petições. Requerimentos não distribuídos às comissões. Requerimento de Joana Paula Henriques (PT-AHP/CGE/CPET/S2/D787), 4 + 24 p.

JOANA TERESA DA GLÓRIA (Madeira; sécs. XVII-XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Não se dispendo de dados biográficos precisos, sóror Joana Teresa da Glória foi religiosa e escritã do Convento de Santa Clara do Funchal. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sóror Joana Teresa da Glória foi responsável pela escrituração de atos administrativos do mosteiro de Santa Clara, no triénio que elegeu a Madre Rosa Maria do Céu, eleita como abadessa em 1727. Entre os códices da sua autoria refira-se a escrituração de receitas e de despesas efetuadas no triénio de 1727 a 1730, que se conserva

atualmente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Santa Clara do Funchal. Receita e despesa, 1727-1730 (Cód. ref. PT/TT/CSCF/011/0003). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Portugal. Arquivo Nacional / Torre do Tombo. Convento de Santa Clara do Funchal. Livro das Eleições de Abadessas e mais Oficiais do Convento de Santa Clara de N.ª Senhora da Conceição do Funchal, 1733, liv. n.º 27, fól. 3.

JOHANNA BOHNER (Alemanha, 1853 – *Ibid.*, 1935) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida em Mainz em 1853, Johanna Bohner era filha do comerciante Simon Krieg e de Luise Lipps. Em 1876 realizou uma viagem sozinha por África, onde conheceu o missioneiro Heinrich Bohner (1842-1905) com quem casou e teve três filhos. Pertenceu à Sociedade Missioneira de Basileia, que enviava jovens raparigas para África com o objetivo de poderem contrair o matrimónio com colonos europeus. Viveu na colónia britânica do Gana e, a partir de 1886, a família mudou-se para os Camarões, onde trabalharam na administração colonial alemã nessa região. Em 1902, a família regressou à Alemanha. Faleceu em Kaiserslauten, na Alemanha, em 1935. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** É autora de contos e de relatos de viagens, como “In Sturm und Wetter: eine gefahrvolle Fahrt nach

Kamerun” (1915) com referências sobre a sua estada na Madeira, e de contos como “Paul, der Vielsprachige” (1915), “Heini, der kleine Kameruner” (1915) e “Paul, der Vielsprachige” (1916). No seu relato “In Sturm und Wetter” (“Contra ventos e marés”) refere a sua passagem a bordo do vapor Adolph Woerman, desde o porto de Hamburgo e passagem pela Madeira, Canárias até aos Camarões. Bohner refere-se à Madeira nestes termos: “wir vor wunderschönen Insel Madeira, wo ewiger Frühling herrscht” (“nós estivemos em frente à bela ilha da Madeira, onde impera a eterna primavera”, tradução livre). **3. DA AUTORA.** “In Sturm und Wetter: Eine gefahrvolle Fahrt nach Kamerun”. Aus den Erinnerungen einer Missionsfrau. Vol. 23. Basel: Missionsbuchhandlung, 1914, 16 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Socas, Elia Hernández, Las Islas Canarias en viajeras de lengua alemana. Frankfurt an Main: Peter Lang, 2010, ISBN: 9783631608319; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

JOSEFA MARIA DA ENCARNAÇÃO (Madeira; séc. XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Escrivã e religiosa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Não dispomos de dados concretos sobre a sua vida. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Josefa Maria da Encarnação continuou o registo do “Livro 1.º dos obittos deste convento de N. S. da Encarnação que teve principio no anno de 1749”, iniciado por sórora Maria Angélica da

Nazaré†. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Nossa Senhora da Encarnação. Livro de Assentamento de Óbito do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal de 1749-1890, Liv. 3 (Cód. ref. PT/TT/CNSEF/004). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

JOSEFA MARIA XAVIER (Madeira; séc. XVII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Josefa Maria Xavier foi religiosa do Convento de Santa Clara do Funchal. Era sobrinha de António de Freitas Branco, fidalgo da Casa Real e conselheiro do Conselho da Fazenda e doutor em Cânones (1659-1664). Desconhecemos outros dados sobre a sua vida. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Josefa Maria Xavier escreveu cartas de teor familiar dirigidas a António de Freitas Branco que se conservam manuscritas na Biblioteca da Ajuda. **3. DA AUTORA.** Portugal. Biblioteca da Ajuda. Coleção de documentos avulsos. Cartas de Josefa Maria Xavier para seu tio [António de Freitas Branco], 28-09-1689 (Convento de Santa Clara), Ms. Av. 54-IX-47, n.º297; 1690-05-25 (Ibid.) Ms. Av. 54-IX-47, n.º300. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

JOSEFINA AMÉLIA PINTO CARNEIRO PERESTRELO (Porto Santo; 1844 – Funchal; ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Josefina Perestrelo era filha de José Pedro Perestrelo e de Elisa Adelaide Pinto Carneiro (natural do Rio de Janeiro, filha do major governador João Pinto Escórcio e de Mariana Jacinta Pinto Carneiro), a 16 de março de 1844, batizada na Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Piedade a 29 de maio de 1844. Casou-se com o militar Rodrigo Maria José Pinto, de Lisboa, em 1862 na Sé do Funchal e morou na Rua dos Ingleses (Funchal). Não se dispendo de mais dados sobre a sua vida, desconhece-se a data de falecimento. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Colaborou no “Diário de Notícias” do Funchal com traduções literárias em “A mariquinhas” de Eugène Muller e publicou em Lisboa “Factos notáveis na história portuguesa e biografia do Marquês de Pombal” (1882), com introdução de Maria José da Silva Canuto. Refere Canuto que “S. ex.ª não se estreia com assumptos banaes. O seu livro é fructo de profundos e aprimorados estudos. Seduziu-a o grande vulto da actualidade: e s. ex.ª não se contentou com a apothose do marquez de Pombal.. foi buscar a justificação dos seus actos nas leis primitivas da monarchia; no assentimento successivo das testas coroadas; e acompanha o illustre ministro até ao momento em que, desprendido dos enormes cuidados da sua vida laboriosissima adormece no duro leito da sepultura; e entra nos dominios da inexoravel posteridade” (p. 3). A autora refere na sua introdução, em jeito de “captatio benevolentiae”, que “Não é meu intento, nem teria forças para tão

levantados vôos, escrever a historia circunstanciada do grande vulto que se chamou Sebastião José de Carvalho e Mello depois Conde de Oeiras e mais tarde Marquez de Pombal; pretendo apenas com os elementos que nos legaram historiadores e collectores de memorias da epocha, reduzir a breve transunto os traços principaes da sua, notavel administração, concorrendo assim com uma pequenina parte, porque pouco posso e sei, para remunerar, por occasião do seu centenario, factos que teem em si ensinamento, e que podem servir de estimolo e exemplo” (p. 4-5). **3. DA AUTORA.** ●1. “A Mariquinhas: romance por Eugénio Muller, vertido em portuguez por D. Josephina Perestrello”. Diário de Notícias, Funchal, n.º446 (16-04-1878), p. 1; n.º448 (17-04-1878), p. 1-2; n.º449 (18-04-1878), p. 1-2; n.º451 (27-04-1878), p. 1-2; n.º453 (28-04-1878), p. 1-2; n.º456 (30-04-1878), p. 1; n.º457 (01-05-1878), p. 1; n.º458 (03-05-1878), p. 1; n.º459 (04-05-1878), p. 1-2; n.º460 (05-05-1878), p. 1-2; n.º461 (07-05-1878), p. 1-2; n.º462 (08-05-1878), p. 1-2; n.º464 (10-05-1878), p. 1-2; n.º465 (11-05-1878), p. 1-2; n.º466 (12-05-1878), p. 1-2; n.º467 (14-05-1878), p. 1-2; n.º469 (16-05-1878), p. 1-2; n.º471 (18-05-1878), p. 1-2; n.º472 (19-05-1878), p. 1-2; n.º475 (28-05-1878), p. 1; n.º477 (25-05-1878), p. 1-2; n.º478 (26-05-1878), p. 1-2; n.º479 (28-05-1878), p. 1-2; n.º481 (30-05-1878), p. 1-2; n.º482 (01-06-1878), p. 1-2; n.º484 (04-06-1878), p. 1-2; n.º485 (06-06-1878), p. 1-2; n.º451 (27-04-1878), p. 1-2; n.º486 (07-06-1878), p. 1-2; n.º487 (08-06-1878), p. 1-2; n.º488 (09-06-1878), p. 1; n.º490 (13-06-1878), p. 2; n.º491 (14-06-1878), p. 1-2; n.º493 (16-

06-1878), p. 1-2; n.º494 (18-06-1878), p. 1. ●2. Factos notáveis na história portuguesa e biografia do Marquês de Pombal. Lisboa: Tip. de Cristovão Augusto Rodrigues, 1882, p. 53, [1] f. Acessível via URL <http://www.gutenberg.org/files/32869/32869-h/32869-h.htm>. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

JUDITE ADRIANA TEIXEIRA DE SOUSA MONIZ (Funchal; 1894 – Ibid.; 1976) **1.**

NOTA BIOGRÁFICA. Judite Teixeira Moniz nasceu na freguesia de Santa maria Maior a 16 de março de 1894. Era filha de Abel da Silva Moniz e de Guilhermina Adriana Teixeira de Sousa Moniz. Foi professora de labores na Escola do Magistério Primário e tirou curso na “Escola Infantil de João de Deus” em Lisboa. Faleceu nesta cidade a 3 de janeiro de 1976 e sepultada no jazigo da família em S. Martinho a 9 de janeiro de 1976. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Judite Teixeira Moniz usou o pseudónimo Mlle. de Loup, tendo colaborado o “Diário da Madeira”, onde dirigiu a secção feminina; colaborou, desde 1937, no “Jornal da Madeira” e no “Comércio da Madeira”. Participou com o Dr. William Clode na “Hora de Arte”, realizado no Liceu Nacional do Funchal em 1954. Foi autora de um opúsculo intitulado “Bosquejos: crónicas e impressões” (1922), que reúne textos publicados no jornal “Comércio da Madeira”, e contendo uma coleção de 37 perfis de

mulheres da sociedade madeirense. **3. DA AUTORA.** Bosquejos: crónicas e impressões. Funchal: Comércio da Madeira, 1922. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Branco, Alfredo de Freitas, Notas & Comentário para a História Literária da Madeira, vol. III, Funchal, CMF, 1949-1953, p. 201; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Moniz, Judite Adriana Teixeira de Sousa [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667336>

JULIA ANNE ELIZABETH TOLLEMACHE ROUNDELL (Reino Unido; 1845 — Ibid.; 1931) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida no Reino Unido a 25 de junho de 1845, Julia Anne Tollemache era filha de Wilbraham Spencer Tollemache e de Anne Tomkinson. Julia casou-se com Charles Savile Roundell, em 1874, jogador de críquete, advogado e político liberal na Câmara dos Comuns em dois períodos entre 1880 e 1895. Julia Roundell faleceu em 25 de junho de 1931. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** É autora de outros títulos, como “Cowdray: The History of a Great English House” (1884), “Ham house, its history and art treasures” (1904) e “Lady Hester Stanhope” (1909). Julia Anne Elizabeth Tollemache Roundell escreveu um

relato das suas viagens aos Açores e à Madeira, em “A visit to the Azores: with a chapter on Madeira” (1889). **3. DA AUTORA.** A visit to the Azores: with a chapter on Madeira. London: Bickers & Son, 1889, 197 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

JÚLIA DE MELO (Madeira; fl. 1877) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Não se conhecem dados sobre esta autora. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Júlia de Melo colaborou no “Diário de Notícias” do Funchal, autora de uma carta crítico-satírica dirigida a Faustino Brazão: “O futuro é a Ideia. (...) Perdoe-me v. ex.^a o meu republicanismo de mulher. Não repare, peço-lhe. Sabe perfeitamente que não sou a primeira que fallo assim. Na America, nesse paiz maravilhoso, onde estudam junctos os rapazes e as raparigas, onde se denomina escola – “une grande famille où il n’y a que des frères et des soeurs qui se disputent le prix de l’étude,” já uma romacista, Beecher Stewe (sic), sentio o mesmo transporte, que nol-o sugere sempre qualquer pensamento grande e nobre”, recomendando a Faustino Brazão que “modere v. ex.^a um pouco o seu genio destruidor”. (p. 3). **3. DA AUTORA.** “Folhetim”. Diário de Notícias, n.º 97 (08-02-1877), p. 2-3. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias

e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

JÚLIA GRAÇA DE FRANÇA E SOUSA

(Funchal; 1897 — Santa Cruz; 1978) **1.**

NOTA BIOGRÁFICA. Natural de Santo António (Funchal), onde nasceu a 9 de janeiro de 1897, Júlia Graça de França e Sousa era filha de João Maria França e Sousa e de Isabel Glória de França e Sousa. Fez o Magistério Primário e exerceu a docência na freguesia de Gaula. Visitou a Santa Sé por volta de 1933 e foi um dos membros mais ativos da ação católica feminina na Madeira. Dedicou-se à benemerência, cujas ações resultaram na fundação, em 1961, do Refúgio de S. Vicente de Paulo para a Velhice Desamparada, hoje Casa da Sagrada Família e Refúgio de S. Vicente de Paulo. Faleceu em Gaula a 29 de março de 1978. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Júlia Graça de França e Sousa assinou os seus textos com o pseudónimo Uma Mulher. Distinguiu-se como escritora, jornalista, conferencista e poetisa. Colaborou prolificamente com artigos de conteúdo muito diverso no “Diário da Madeira”, “Jornal da Madeira”, nas revistas “A Mocidade”, “Esperança”, “Acção Católica”, “O Pároco” e “O Professor”. Orientou a uma publicação da Liga Escolar Católica, intitulada “A Nossa Escola”. Colaborou em vários jornais católicos do continente como “A Voz” (1933) e “Página Feminina” (1935-1938). Publicou “Noivado de Duas Almas” (1940), “Luz do candeeiro” (1943), “Abri os olhos, oh mães!” (1950), “As pedras mudaram-se em rosas” (1953) e “Um arrojo: biografia do Pe. João Jorge Bettencourt” (1956).

Encontra-se representada na antologia poética “Musa Insular” de Luís Marino.

3. DA AUTORA. ●1. “Quadros simples”. In “Revista A Mocidade” (vários números). ●2. “A Calúnia”. In “Revista Esperança”, n.º 5 de 01-07-1932 (assin. Uma mulher) ●3. “A moda de vestuário”. In “Revista Esperança”, n.º 6 de 01-08-1932 ●4. “Uma carta”. In “Revista Esperança”, n.º 7 de 01-09-1932 ●5. “Considerações sobre uma carta”. In “Revista Esperança”, n.º 8 de 01-10-1932. ●6. “Cartas anónimas”. In “Revista Esperança”, n.º 9 de 01-11-1932 ●7. “Uma visita”. In “Revista Esperança”, n.º 10 de 01-12-1932 ●8. “Maria”. In “Revista Esperança”, n.º 11 de 01-01-1933 ●9. “Um passeio com Maria”. In “Revista Esperança”, n.º 12 de 01-02-1933 ●10. “Aquele pobre”. In “Revista Esperança”, n.º 1 de 01-03-1933 ●11. “A Caridade”. In “Revista Esperança”, n.º 2 de 01-04-1933 ●12. “A minha última desilusão”. In “Revista Esperança”, n.º 3 de 01-05-1933 ●13. “Carta aberta”. In “Revista Esperança”, n.º 5 de 01-07-1933 ●14. “Refutando”. In “Revista Esperança”, n.º 4 de 01-06-1933 ●15. “Uma noite sem luar”. In “Revista Esperança”, n.º 6 de 01-08-1933 ●16. “A lei das compensações”. In “Revista Esperança”, n.º 7 de 01-09-1933 ●17. “A simpatia”. In “Revista Esperança”, n.º 8 de 01-10-1933. ●18. “Recordando. Como vi e senti na minha viagem a Roma”. In “Revista Esperança”, n.º 9 de 01-11-1933; n.º 10 de 01-12-1933; n.º 11 de 01-01-1934; n.º 12 de 01-02-1934; n.º 1 de 01-03-1934; n.º 2 de 01-04-1934; n.º 3 de 01-05-1934; n.º 3 de 01-05-1934; n.º 4 de 01-06-1934; n.º 5 de 01-07-1934; n.º 6 de 01-08-1934; n.º 7 de 01-09-1934; n.º 8 de 01-10-1934; n.º 9 de 01-11-1934; n.º 10 de 01-12-1934;

n.º 11 de 01-01-1935. ●19. “Ao Mário”. In “Revista Esperança”, n.º 11 de 01-03-1934. ●20. “Não manda os filhos à Missa”. In “Revista Esperança”, n.º 1 de 01-03-1934; ●21. “A Madeira vestida de Noiva, Montanhas cobertas de neve em 1934”. In “Revista Esperança”, n.º 3 de 01-05-1934; “Novidades”, de 21-02-1938. ●22. “Resposta extemporânea”. In “Revista Esperança”, n.º 4 de 01-06-1934. ●23. “Como ela se vingou”. In “Revista Esperança”, n.º 5 de 01-05-1934. ●24. “A Nossa Casa”. In “Revista Esperança”, n.º 11 de 01-01-1935. ●25. “A Madeira a arder”. In “Revista Esperança”, n.º 12 de 01-02-1935; “As novidades: Página Feminina”, 1935; ●26. “Dois roubos”. In “Revista Esperança”, n.º 1 de 01-03-1935; n.º 2 de 01-04-1935; n.º 3 de 01-05-1935. ●27. “A surpresa de Maria Ângela”. In “Revista Esperança”, n.º 4 de 01-06-1935. ●28. “Voltando atrás”. In “Revista Esperança”, n.º 5 de 01-07-1935. ●29. “Aquela manhã”. In “Revista Esperança”, n.º 6 de 01-08-1935. ●30. “Acabou uma entrevista”. In “Revista Esperança”, n.º 8 de 01-10-1935. ●31. “A passear”. In “Revista Esperança”, n.º 8 de 01-10-1935. ●32. “Jardim da Serra”. In “Revista Esperança”, n.º 9 de 01-11-1935. ●33. “Dois intelectuais”. In “Revista Esperança”, n.º 10-11 de 01-01-1936. ●34. “A bordo do ‘Gavião’”. In “Revista Esperança”, n.º 12 de 01-02-1936. ●35. “Se eu soubesse rezar assim”. In “Revista Esperança”, n.º 1 de 01-03-1936. ●36. “Ao cavaleiro de bordo do ‘Gavião’”. In “Revista Esperança”, n.º 2 de 01-04-1936. ●37. “Troca de cartas”. In “Revista Esperança”, n.º 3 de 01-05-1936. ●38. “O chá de Alice”. In “Revista Esperança”, n.º 4 de 01-06-1936. ●39. “O Mundo não se perde assim”. In “Revista Esperança”, n.º 5 de 01-07-1936; n.º 6 de 01-08-1936; n.º 7 de 01-09-1936; n.º 8 de 01-10-1936; n.º 9 de 01-11-1936; ●40. “Um adeus”. In “Revista Esperança”, n.º 5 de 01-07-1936; ●41. “Tens pena de partir” (poema). In “As Novidades”, 14-09-1936; ●42. “A maledicência”. In “Revista Esperança”, n.º 10-11 de 01-01-1937; ●43. “Ter um dia destes na vida”. In “Revista Esperança”, n.º 12 de 01-02-1937; ●44. “O que rendeu uma pergunta”. In “Revista Esperança”, n.º 1 de 01-03-1937; ●45. “E lá foi... a Missa Nova”. In “Revista Esperança”, n.º 2 de 01-04-1937; n.º 3 de 03-05-1937. ●46. “Aquele rapaz”. In “Revista Esperança”, n.º 4 de 01-06-1937; ●47. “Cuidado!!!”. In “Revista Esperança”, n.º 5-6 de 01-07-1937; ●48. “Ter férias”. In “Revista Esperança”, n.º 9 de 01-11-1937; ●49. “Conversando”. In “O Jornal”, 18-12-1937. ●50. “Impressão de Verão”. In “Revista Esperança”, n.º 10-11 de 20-12-1937; ●51. “Até que enfim” (poemeta). In “As Novidades”, 24-01-1938. ●52. “Numa hora de verdade”. In “Revista Esperança”, n.º 12 de 01-02-1938; ●53. “Oiça, Sr. Redactor”. In “Diário da Madeira”, de 18-02-1938; ●54. “O valor da oração sobre a acção”. In “Revista Esperança”, n.º 3 de 01-05-1938; ●55. “Milagres de Pé Tocklon”. In “Revista Esperança”, n.º 4 de 01-06-1938; ●56. “A vida tem tantas coisas”. In “Revista Esperança”, n.º 5 de 01-07-1938; ●57. “Acção Católica. Responsabilidade individual e colectiva da vida cristã”. In “O Jornal” de 03-07-1938; 10-07-1938; 16-07-1938; 24-07-1938; 30-07-1938; 06-08-1938; 13-08-1938; 20-08-1938. ●58. “Sede de sangue”. In “Revista Esperança”, n.º 6 de 01-08-1938; ●59.

“Foi assim tal e qual”. In “Revista Esperança”, n.º 6 de 01-08-1938; ●60. “Um estímulo”. In “Revista Esperança”, n.º 7 de 01-10-1938; ●61. “À luz do candeeiro”. In “O Jornal”, 19-11-1938; ●62. “De luz apagada”. In “O Jornal”, 17-12-1938; ●63. “Vocês não têm remorsos”. In “O Jornal”, 16-12-1939; ●64. Noivado de Duas Almas: romance de apologética da doutrina católica e da moral cristã. Lisboa: Imprensa Artística, 1940, 263 p. ●65. Sessão solene de Congratulação de Fraternidade de Acção Católica Feminina. In “O Jornal” de 21-12-1940. ●66. “O trabalho da mulher”. In “O Jornal” de 10-05-1941. ●67. “Aragens de Gaula, Da minha janela”. In “Eco do Funchal”, de 21-10-1943 e 19-12-1943. ●68. À Luz do candeeiro. Funchal: Tip. Eco do Funchal, 1943, 320, [5] p. (Romance dedicado ao professorado primário português). ●69. Abri os olhos, oh mães!: Conferência em prol da acção católica, feita em 15 de Março de 1948 no Salão Paroquial à uma assembleia de mães e Professoras. Funchal: [s. n.], 1950, 35 p. (homenagem à Nossa Senhora da Conceição). ●70. As pedras mudaram-se em rosas: no retalho do meu romance. Funchal: Eco do Funchal, 1953, 62, [2] p. (conferência feita aos alunos do Magistério Primário, no Liceu Nacional do Funchal a 20-04-1953). ●71. “Tenho pena desta gente. Discurso proferido na “Estação Rádio Madeira”, 2.ª sessão radiofónica Cultural de propaganda contra o analfabetismo e educação de adultos, promovida pelo jornal “O Comércio do Funchal” a 09-04-1954”. In “O Jornal da Madeira”, 15-04-1954. ●72. Rumo ao largo: panoramas vicentinos. Funchal: Livr. Popular, 1955, 112 p. Com prefácio do cón. Jorge de

Freitas. ●73. Um arrojo: biografia do Pe. João Jorge Bettencourt. Pref. Pe. João Vieira Caetano. Funchal: [s. n.], 1956, 195 p. ●74. Vamos ao Refúgio, Vamos a Gaula. Funchal: tip. Popular, 1964 (publicado sem nome da autora). ●75. Um Namoro (uma recordação). Funchal, s. e., 1957, 223 p. ●76. Vamos ao Sótão (inéd.). ●77. “Refúgio de S. Vicente de Paulo” (benefício de “Refúgio” de S. Vicente, em Gaula). Março de 1967. ●78. “Vem comigo... ao panorama do Refúgio de Gaula”. Ed. Ilustrada, da Casa da Santa Família, 1974. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Branco, Alfredo de Freitas, Notas e Comentários para a História Literária da Madeira, III, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1915-1953: p. 175-176; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 440; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Sousa, Júlia Graça de França e [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=668068>

JÚLIA HENRIQUETA DE FREITAS DE ABREU ESMERALDO (Madeira; séc. XIX)

1. NOTA BIOGRÁFICA. Júlia Henriqueta de Freitas de Abreu, natural de Ponta Delgada (S. Vicente), era filha do capitão Filipe Joaquim de Freitas e Abreu, natural da ilha de S. Miguel (Açores), e de Teresa Gertrudes Figueira da Silva,

natural de S. Vicente, ambos moradores na freguesia de S. Pedro. Casou-se com o morgado Francisco António Bettencourt Araújo Esmeraldo na Igreja de S. Pedro a 10 de maio de 1838. Foi mãe de João Bettencourt Araújo Carvalhal Esmeraldo, visconde do Ribeiro Real e 1.º conde do Ribeiro Real. Foi proprietária da capela de Sto. Amaro, que doou ao monsenhor Manuel Joaquim de Paiva. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Assinando os seus textos como Júlia Esmeraldo ou com pseudónimo E. na imprensa escrita madeirense, publicou um artigo “A mulher” no “Archivo Litterario” (1863). O seu texto revela uma visão sobre o que deve ser o papel da mulher na sociedade: “encontal-a-heis sempre derramando benefícios. – Aqui, a mãe carinhosa debruçada sobre o berço do filho; allí, a esposa, que sorri desarrugando a fronte sóbria do homem; acolá, mulher piedosa erguendo aos Ceus prece de amor; além, velando sollicita juncto ao leito do moribundo; - em todo o logar e sempre acompanhando o homem nos trabalhos da vida” (p. 73). Acrescenta que se “a mulher correspondendo aos decretos da Providencia, for mãe sábia e desvelada, esposa fiel, filha obediente e caridosa”, o homem também o será. E realça que a educação da mulher é a chave para o seu progresso: “é preciso que uma sábia educação, como o habil cinzel do esculptor, venha desbastar a rudeza de seu espirito, e manifestar as belezas e virtudes que nelle se encerram.” (ibid.), considerando a religião como “regra e norma de toda a sua vida” (p. 74). **3. DA AUTORA.** “A mulher”. Archivo Litterario, Funchal. Tomo 1 (17-06-1863): p. 73-74. **4.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Antunes, Luísa, "Suaves modestos sons" - mulher e poesia na imprensa madeirense da segunda metade do séc. XIX". In “As Mulheres e a Imprensa Periódica”, Vol. II, org. Vânia Chaves, Isabel Lousada, Lisboa, CLEPUL, 2014, p. 189-209.

JULIANA MARIA DA VITÓRIA (Madeira; séc. XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Juliana Maria da Vitória foi uma religiosa clarissa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação, eleita abadessa para o triénio de 1782 a 1785. Não se dispõe de mais elementos sobre a sua vida. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Juliana Maria da Vitória manteve correspondência com familiares e foi responsável por atos administrativos do convento ainda por identificar em vários arquivos. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Histórico Ultramarino. Coleção de documentos avulsos. Carta de Sórora Juliana Maria da Vitória, Abadessa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação, da ilha da Madeira, para D. Joana Teresa de Campos, acerca da sua entrada e de suas irmãs, para o referido Convento. S. D., Cx. 5, doc. 1026. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

KÄTHE SCHMIDT KOLLWITZ (Prússia Oriental; 1867 – Alemanha; 1945) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida em Königsberg (hoje, Caliningrado, Rússia) a 8 de julho de 1867, Käthe Kollwitz era filha de Karl Schmidt e de Katherina Schmidt. Käthe

cresceu no seio de uma família defensora dos ideais socialistas. Casou-se com Karl Kollwitz, médico de profissão. Era conhecida como artista e estudou numa escola de artes femininas em Munique. Faleceu em Moritzburg na Saxónia (Alemanha) a 22 de abril de 1945. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Realizou exposições nas principais salas europeias e foi a primeira mulher a entrar na Academia das Artes da Prússia em 1920. Käthe Kollwitz escreveu um diário onde refere a sua passagem pela Madeira em abril de 1925. **3. DA AUTORA.** Die Tagebuchblätter und Briefe. Berlin: Gebr. Mann, 1948, 191 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

KATHERINE ELIZABETH PERRY (Estados Unidos da América; 1814 – Ibid; 1884) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Katherine Perry nasceu em South Carolina (Estados Unidos da América) em 1814, filha de Phillip Perry. Katherine Perry casou-se em 1830 com Zachariah O'Neal, com geração. Faleceu em Trenton, Dade, no estado da Georgia a 10 de abril de 1884. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Katherine Perry escreveu um diário sobre a sua estada na Madeira em 1844, cujo manuscrito ficou na posse de Mrs. Maul e descendentes da família Welsh. **3. DA AUTORA.** ●1. Extract from the diary of Miss Katherine E. Perry, who came to Madeira October 1844 and lived with her family at a villa rented from a Mr. Bianchi, mss. (col. part.). ●2. Madeira fragments/Edward

Watkinson Wells, Katherine E. Perry. [Funchal?]: Graham Blandy, 1971. ●3. “A casa de campo de Veitch (trad. António Marques da Silva)”. Atlântico, n.º11 (1987), p. 233-238. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Silva, António Marques da, “A casa de campo de Veitch”. Atlântico, n.º11 (1987), p. 233-238; Islenha, n. 11 (1987).

KLARA LOTZIN FINCKE (Alemanha; 1859 – Ibid.?.; ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Klara Lotzin nasceu em Danzig (Alemanha) a 4 de dezembro de 1859. Casou em segundas núpcias com Gustav Fincke, com quem viveu na viveu na Madeira até 26 de março 1904, quando partiu para Lisboa no vapor alemão “Lucie Woermann”. Faleceu depois de 1915. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Publicou um artigo sobre a sua estada na Madeira no jornal “Die Grenzboten” (1907) e colaborou em diversos jornais de expressão germânica. **3. DA AUTORA.** “Madeira”. Die Grenzboten: Zeitschrift für Politik, Literatur und Kunst, Vol. 66 (1907), Erstes Vierteljahr., p. 699-708. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Brümmer, Franz, Lexikon der deutschen Dichter und Prosaisten vom Beginn des 19. Jahrhunderts bis zur Gegenwart. Bd. 2. 6. Aufl. Leipzig, 1913, p. 209; Friedrichs, Elisabeth, Die deutschsprachigen Schriftstellerinnen des 18. und 19. Jahrhunderts: Repertorien zur deutschen Literaturgeschichte. Vol. 9. Springer-Verlag, 2016; Macedo, L. S.

Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Wilhem, Eberhard Axel, Visitantes e escritos germânicos da Madeira 1815-1915. Funchal: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1997, p. 125.

LAURA VERIDIANA DE CASTRO E ALMEIDA SOARES (Funchal; 1870 — Ibid.; 1964) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida em São Pedro (Funchal), a 7 de novembro de 1870, Laura de Castro e Almeida era filha de Francisco Xavier de Castro e Almeida Pimentel de Siqueira e Abreu, natural de Goa e descendente dos vice-reis da Índia, e de Maria Antónia de Bettencourt Pestana, prima de Luis Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu, Conde de Nova Goa. Depois de frequentar o Liceu de Jaime Moniz, casou-se com o professor Feliciano José Soares, natural de Vera Cruz (Aveiro), em 1918. Foi diretora e fundadora do “Lactário” na rua da Mouraria, foi dama de caridade do Hospício Princesa Dona Amélia e fez parte da “Associação Católica” e das “Conferências de S. Vicente de Paulo”. Faleceu no Funchal a 13 de fevereiro de 1964. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Laura Veridiana de Castro assinou os seus textos com o pseudónimo Maria Francisca Teresa e L. C. e Almeida, L. de C. e A. Foi uma reconhecida declamadora e pianista. Manteve correspondência com figuras proeminentes da cultura portuguesa e com as escritoras Luísa Grande de Freitas Lomelino†, com a sua prima

Virgínia de Castro e Almeida (1874-1945) e Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921). Maria Francisca Teresa notabilizou-se como tradutora e autora de literatura infanto-juvenil. Traduziu “O apóstolo” e “A cidade eterna” de Thomas Henry Hall Caine (1853-1931), com várias edições durante mais de cinquenta anos. Deixou textos em jornais e revistas, como “Esperança”. **3. DA AUTORA.** ●1. O apóstolo/ Thomas Henry Hall Caine. Lisboa: A. M. Teixeira, s. d; Porto: Typ. a Vapor da Emp. Litt. e Typ., 1907. ●2. A cidade eterna/ Hall Caine. Lisboa: A. M. Teixeira, 1907, 366, [1] p. ●3. Em casa da avó na ilha da Madeira. Gravuras de Emanuel Ribeiro. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922, 353 p. ●4. O querido tio Gustavo: livro para crianças. Lisboa: Guimarães & Cia., 1925, 240 p. (com desenhos de Emanuel Ribeiro) ●5. Como a Chica conheceu Jesus. Funchal: Rev. Católica, 1925, 86 p. (com prefácio do Bispo do Funchal) ●6. A pequena Ana de Guiné/Étienne-Marie Lajeune. Funchal: Correio da Madeira (Tipo. Madeirense), 1929, 80 p. ●7. “Maggy - A vida de uma rapariga belga”. In “Esperança”, n.º 10, 01-12-1927. ●8. Biblioteca Branca. A chama que se apaga/Charles Foley. Paris: Livraria Ailland, 1933 ●9. “O Presente da Rita”. In “Esperança”, n.º 1, 01-03-1933. ●10. “Uma história verdadeira”. In “Esperança”, n.º 9, 01-11-1933. ●11. “As amendoeiras floridas”. In “Esperança”, n.º 1, 01-03-1934. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Branco, Alfredo de Freitas, Notas e Comentários para a História Literária da Madeira, III, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1915-1953: p. 61-62; Clode, Luís Peter, Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX, Funchal,

Caixa Económica do Funchal, 1983, p. 456; Flores, Conceição, Constância Lima Duarte, and Zenóbia Collares Moreira. Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade, Ilha de Sta. Catarina, Ed. Mulheres, 2009, p. 230; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Soares, Laura Veridiana de Castro e Almeida [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=668004>.

LEOLINDA MARIA JARDIM VIEIRA (Funchal; 1842 — Ibid.; 1903) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Leolinda Maria Jardim Vieira nasceu na Sé (Funchal) a 11 de julho 1841, filha de João Caetano Jardim (natural de Santa Maria Maior) e de Maria Florinda Gonçalves (natural do Campanário). Antes de casar, viveu na rua da Conceição, na freguesia da Sé. Foi esposa do poeta João José Vieira, funcionário da Administração do Concelho do Funchal e co-autor da “Guianeida”, com quem se casou a 25 de abril de 1870, na Igreja Paroquial de Santa Luzia. Faleceu na Sé (Funchal) a 16 de julho de 1903. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Leolinda Jardim Vieira dedicou-se ao canto, à música e à poesia. Residiu no solar, situado à Rua da Conceição, onde foi o colégio do professor Luís Eduardo de Castro Júnior. Colaborou no

“Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro” e na “Gazeta da Madeira” (1866). Encontra-se representada em diversas antologias, como “Flores da Madeira” (1872), “Poetisas Portuguesas” (1917) de Nuno Catarino Cardoso e na “Musa Insular” de Marino. Pertenceu ao círculo de amizade de Georgina Dias de Almeida†. No entanto, a receção aos seus poemas mereceu críticas do Visconde do Porto da Cruz, ao considerar que deixou numerosas poesias sem as enumerar, considerando as suas “composições, todas elas mais ou menos eivadas daquela pieguice”. Acrescenta que a sua poesia “não era brilhante nem inigualável esta Dama no campo da poesia...”. **3. DA AUTORA.** ●1. “Sobre a campa da minha presada irmã Isabel C.Jardim”. In Castilho, Alexandre Magno de, Cordeiro, António Xavier Rodrigues, Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1867, Lisboa, Typ. Da Sociedade Typographica Franco-Portuguesa, 1866, p. 361 (incipit: “Tão cedo no leito da morte descanças”); ●2. “Grinalda”. In Branco, Alfredo de Freitas, Notas & Comentários para a História Literária da Madeira. 2º Volume. 2º Período. 1820-1910. Funchal: Edição da Câmara Municipal de Funchal, 1951, (incipit: “Cândidas rosas, tão puras”). ●3. Oliveira, Alfredo César de, Monteiro, José Leite (Compils.), Flores da Madeira: Poesias de diversos autores madeirenses, Funchal, Impr. Livre, 1872, p. 47-48 (incipit: “Florinha sentida, tão triste e tão bela”). ●4. “Num álbum”. In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 161 (incipit: “Nos jardins mais formosos tão lindas vegetam”). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Cardoso, Nuno Catharino, Poetisas Portuguesas, Lisboa,

Edição e propriedade de autor, 1917, p. 190-192; Gomes, Alberto, “Algumas Notas sobre os Poetas das “Flores da Madeira””. Das Artes e da História da Madeira. N.º 3/15 (1953), p. 22; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Vieira, Leolinda M. Jardim [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=668279>.

LEONOR AURORA DE FREITAS ALBUQUERQUE MARTINS DE CARVALHO (Calheta; 1893 — Lisboa; 1958) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Filha de Flávio de Freitas Albuquerque, funcionário da Câmara Municipal da Calheta, e de Leopoldina Augusta Silva Pombo, Leonor Aurora de Freitas Albuquerque nasceu na Calheta a 12 de junho de 1893. Casou-se com Manuel Martins de Carvalho (natural de Vila Nova Praia da Vitória) a 21 de setembro de 1926, em Santa Cruz. Leonor Aurora de Freitas Albuquerque foi professora de ensino primário. Faleceu em 26 de setembro de 1959, em Arroios (Lisboa). **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Leonor Aurora de Freitas Albuquerque escreveu peças de teatro, representadas pelos seus alunos, que terão permanecido inéditos. Publicou poesia na imprensa diária, como no “Jornal da Madeira” e encontra-se

representada na “Musa Insular” de Luís Marino. O único poema que se conhece intitula-se “Ilha da Madeira”, que se centra na saudade e na ausência, onde a ilha surge personificada como uma criança: “Olhando a mensidade/do mar inquieto/julguei ver no horizonte/a terra minha.../Era formosa Ilha redondinha/Onde a alegria/Tem um outro aspecto//De olhar e não te ver,/maior afecto/na minha alma saudosa/então se aninha.../Porque não deixas ver-te/princesinha,/Madeira ardente,/meu torrão dilecto?//Meu olhar vagueia pelo horizonte,/mas não consegue ver a colina/ou monte.../A dor me vai minando, lentamente,/e, na minha alma,/fica mais saudade”. **3. DA AUTORA.** “Ilha da Madeira”. Jornal da Madeira, 18-03-1966. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Carvalho, Leonor Aurora de Freitas Albuquerque Martins de [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666262>.

LÍLIA AMADA (Madeira?; fl. 1834) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Pseudónimo atribuído por Luís Marino a uma poetisa desconhecida. Foi editada pela primeira vez no “Almanach Ilustrado do Diário da Madeira” para 1913 e reeditada na “Musa Insular” de Luís Marino (1959). Os compiladores, sem citar a fonte de onde transcreveram os sonetos, referem que Lília Amada foi autora de um pequeno volume de poesias, datadas de 1834, que ainda se encontra inédito. Deve-se questionar se estes sonetos são da autoria de Mariana Antónia Pimentel Maldonado†, que

esteve exilada na Madeira no mesmo período, que pode ter sido confundida graficamente com Lísia (em vez de Lília).

2. LEGADO DOCUMENTAL. Conhecemos apenas cinco sonetos desta “poetisa” que foram escritos em contextos conturbados das lutas entre liberais e absolutistas (de 1828 a 1834). A produção poética dos liberais na Madeira aparece nos primeiros números do jornal “O Patriota Funchalense” (1821). Os sonetos refletem a tensão vivida no Funchal no tempo do Governador miguelista, D. Álvaro da Costa Macedo. O ambiente de terror e o grande número de madeirenses degredados encontram-se refletido nestes versos: “Amarga e tristemente o Funchal jazia/Preso, vilipendiado, agonizante,/Lamentava seus filhos ver distante/Da Pátria desditosa que a dor pungia!/Despotismo feroz! Dores de agonia/Sua f’rida laceravam penetrante!/Exausto já, perdido e delirante,/A face lacrimosa co’a mão cobria!/Surge enfim uma aurora suspirada!/Goza lindo Funchal os bens que avulta/Desse Pedro Imortal a dextra armada?/Pedro desfaz o manto que te enluta!/Há vitória que o segue acrisolada/O tirano baqueia, Funchal exulta!”. Crê-se que a atribuição da autoria a uma Lília ou Lísia Amada, deriva destes versos: “Parte aos lares, suspiro meu, ditosos/Do meu Bem que severo esconde o fado;/Entrega-lhe de Lília um ai cansado/Nos seus lábios expira carinhosos!/Vem querido alegrar olhos saudosos!/Teus encantos gozando o Bem Amado,/Só da morte fatal o rijo brado/De Lília os dias fizera desditosos!/Teu peito, doce império da ternura,/Onde as graças mimosas têm

morada/De Lília abrandar pode a sorte dura!/Ah! Se um dia por tua mão fosse afagada!/Outro bem não quisera, outra ventura/Que ser do meu Querido, sempre amada”. **3. DA AUTORA.** ●1. Cruz Baptista Santos e Francisco da Silva Reis (coord.), Almanach Ilustrado do Diário da Madeira. Funchal: Empresa do Diário da Madeira, 1913, p. 43; reed. In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 61 (Incipit: “Amarga e tristemente o Funchal jazia”). ●2. Id., ibid., p. 43; reed. In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 61 (Incipit: “Parte aos lares, suspiro meu, ditosos”). ●3. Id., ibid., p. 43; reed. In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 61 (Incipit: “Pode o meu coração de ti distante”). ●4. Id., ibid., p. 44; reed. In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 61 (Incipit: “À Celeste mansão dum Deus morada”). ●5. Id., ibid., p. 44 (Incipit: “Um dia qu’rendo amor compadecido”) ●6. Sonetos [em linha]: texto (BHEM-MA 1.1.). Ed. L. S. Ascensão de Macedo. Ribeira Brava: L. S. Ascensão de Macedo, 2013, [Consult. 06-06-2013]. Disponível na internet: [http://www.amazon.com/dp/B00D9C6NP2]. ISBN 978-989-98465-1-7. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Amada, Lília [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Acessível: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=665925&FileID=1708225>; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via

<http://hdl.handle.net/10316/44055>;
Nemésio, Vitorino, *Exilados: 1828-1832: história sentimental e política do liberalismo na emigração*, S.l., s.n., 1946; Sarmiento, Alberto Artur, *Ressaltos históricos: regências da Infanta D. Isabel Maria e do Infante D. Miguel: acontecimentos na Madeira*. Funchal: Tip. do Comércio do Funchal, 1947.

LOUISA ANN LOWRIE (Estados Unidos da América; 1809 - Índia; 1833) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Louisa Ann Lowrie nasceu em Morgantown, Monongalia County, Virgínia Ocidental (Estados Unidos da América) a 2 de novembro de 1809. Era filha de Thomas e de Mary Wilson. Louisa Ann Lowrie foi uma jovem missionária que deixou correspondência sobre a sua passagem pelos Açores e estada na Madeira, desde junho de 1833. Acompanhou o seu esposo, Reverendo John C. Lowry, com destino à Índia. Louisa Lowrie faleceu em Calcutá (Índia) a 21 de novembro de 1833, sepultada no cemitério escocês. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** As suas cartas foram editadas postumamente por Ashbel F. Fairchild, que se intitulava “Memoir of Mrs. Louisa A. Lowrie” (1836). Depois da sua passagem pelos Açores, esteve na Madeira em 29 de junho de 1833, descrevendo a ilha da seguinte forma: “When the evening shades had almost hid the island from our view, a new scene was spread out before us. Brilliant lights from all the chapels, and glow-worm lights from the private dwellings, made their appearance in every direction; making the whole island, with the help of a little imagination, appear like a lower sky bedecked with stars. The

next day about noon, we put into the harbour. Every heart was joyful, and every eye beamed brightly. In a short time all our gentlemen were dressed in landclothes, and looked like other beings. It was “St. John's day,” when we arrived; and the bells of all sizes and tones were ringing merrily. Pleasure boats were rowing about on the water— the Portuguese all dressed in their best attire and nothing appeared to damp the joy of our hearts” (p. 202-203). **3. DA AUTORA.** *Memoir of Mrs. Louisa A. Lowrie, of the Northern India Mission*. London: Thomas Ward and Co, 1838. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Robert, Dana Lee, *American women in mission: A social history of their thought and practice*, Mercer University Press, 1996.

LOUISA CATHERINE SHORE (Reino Unido; 1824 – Ibid.;1895) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Louisa Catherine Shore nasceu em fevereiro de 1824, em Potton, Bedfordshire. Era filha do reverendo Thomas Shore (1793-1863) e de Margaret Anne Twopeny. Louisa Shore foi educada pela sua família, dado que o seu pai era professor. A família deslocou-se à Madeira, famoso destino terapêutico do século XIX, para acompanhar o pai e Emily Shore† por motivo de doença, entre 1838 e 1839. Faleceu a 24 de maio de 1895 em Wimbledon. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Louisa Shore foi uma notável poetisa. Desde cedo compôs “War Music” referente à Guerra da Crimeia (1855). Publicou juntamente com a sua irmã Arabella Shore† “Gemma of the Isles, a Lyrical Poem” (1859), “Hannibal: a Poem in two Parts” (1861), “Fra Dolcino, and Other Poems” (1871) e “Elegies and

Memories” (1890), onde escreveu uma elegia em memória da sua irmã, onde diz: “Two jewels lost—Oh, long-divided pair!/Backward through time I turn to look for them,/And one I find beneath a cypress stem/Hid many a summer deep—the other, where?/By time and space so far asunder tost,/That, in a dreamland early casketed,/This, in the after years so wildly lost—/Few miss them now, few count the long since dead./Two phantoms cross the ocean to my soul;/One steals like moonlight o’er the darkening blue;/One seems to sweep through stormshine to its goal,/Then wild with heartbreak flashes out of view./But now, so dim with mist the sky and sea,/None cares to stand and watch for them with me;/Yet tost by time and space so far apart,/Brother and Sister! meet within my heart!”. **3. DA AUTORA.** *Elegies and Memorials* by A. and L. London: Kegan Paul, Trench, Trübner, & Co., Ltd. 1890, p. 13-23. *Republ. Poems.* Ed. Arabella Shore. London & New York: John Lane, 1897, p. 81-90. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Cust, L. Shore, Louisa Catherine (1824–1895), poet and writer. *Oxford Dictionary of National Biography.* (2008, May 24) Retrieved 30 Apr. 2019, from <http://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-25453>.

LUÍSA SUSANA GRANDE DE FREITAS LOMELINO (Portalegre; 1875 — Funchal; 1945) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Luísa Grande Lomelino, ou Luzia, como era conhecida, nasceu em Portalegre, a 15 de fevereiro de 1875. Era filha do Secretário-geral do Governo Civil do Distrito do Funchal, Eduardo Dias

Grande, e de Luísa Ana de Freitas Lomelino. Luzia cultivou desde cedo a escrita e foi educada no colégio das Salesas, em Lisboa. Conheceu Maria Amélia Vaz de Carvalho com quem manteve correspondência. Viveu com a sua família na Quinta das Cruzes (Funchal), em Paris e em Lisboa, tendo visitado vários países da Europa. Casou-se com Francisco João de Vasconcelos a 3 de abril de 1896, residindo no Solar da Nossa Senhora da Piedade, no Jardim do Mar. Divorciou-se em 1910, assim que a lei foi promulgada. Faleceu na sua casa Quinta Carlos Alberto à Rua do Jasmineiro (Funchal). **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Considerada como a “Eça de saias”, Luzia notabilizou-se como epistológrafa e romancista reputada, autora de “Os que se divertem: a comédia da vida” (1920), “Rindo e chorando” (1922), “Cartas do campo e da cidade” (1923), “Cartas duma vagabunda” (s. d.), “Sobre a vida... sobre a morte: maxims e reflexões” (1931), “Almas e terras onde eu passei” (1936), “Última rosa de verão: cartas de mulheres” (1940), “Lições da vida” (1941) e “Dias que já lá vão” (1946). A Imprensa Académica da Universidade da Madeira lançou uma reedição de “Os que se Divertem (A comédia da vida)” (2018). Neves considera que a escrita de Luzia se caracteriza pela “singeleza das expressões e das experiências respiram, contudo, um tumulto desejoso de liberdade” (p. 83). A sua vivência no Jardim do Mar perpassa em quase toda a sua obra, realçando a solidão e a melancolia que sentia, expresso em “Almas e terras onde eu passei” (1936), onde diz: “Durante os anos em que vivi na Madeira, passava três meses de inverno numa pequena aldeia de

pescadores, que se chama o Jardim do Mar e era então o que há de mais selvagem e primitivo. Ali habitava um triste casarão, velho solar da família do meu marido, junto a uma capela, onde estavam enterrados alguns dos seus avós. Havia semanas inteiras de temporal, que nos deixavam incomunicáveis como Robinson Crusóé” (p. 12). Além disto, Luzia foi uma escritora em contínua procura da sua voz, como referiu em “Cartas do Campo e da Cidade” (1923): “eu não suporto aquelas escritoras de quem se diz: têm a inteligência viril, escrevem como um homem...” (p. 195). Luzia foi uma reconhecida e respeitada escritora do seu tempo, especialmente em círculos intelectuais e salões literários lisboetas.

3. DA AUTORA. ●1. “A lenda das estrelas” in Correio da Manhã, 08-01-1894 ●2. Os que se divertem: a comédia da vida. Lisboa: Succ. Galhardo & Gomes, 1920, 229 p. ●3. Rindo e chorando. Lisboa: Portugália, 1922, 291 p. ●4. Cartas do campo e da cidade. Lisboa: Portugália, 1923, 222 p. ●5. Sôbre a vida... sôbre a morte: maxims e reflexões. Lisboa: [Imp. Lucas], 1931, 84 p. ●6. Almas e terras onde eu passei. Lisboa: Eds. Europa, 1936, 285 p. ●7. Última rosa de verão: cartas de mulheres. Lisboa: Livraria Portugália, 1940, 329 p. ●8. Lições da vida. Lisboa: Portugália, 1941, 108 p. ●9. Dias que já lá vão. Porto: Liv. Tavares Martins, 1946, 248, [2] p. ●10. Cartas d'uma vagabunda. Lisboa: Portugal Editora, [19--] 310, [2] p. ●11. “Ruas”, Bem Viver (dir. Fernanda Castro), ano 1, n.º 7, 1953, Lisboa; ●12. Portugal, Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, Fundo Florival dos Passos, Prosas de Luzia (1913/1955) (cód. ref. PT/ABM/FPS/B/005-001)

contendo os seguintes manuscritos: Cx. 1, doc. 95: "Maria de Sales". Paris, 26 Out. 1913; Cx. 1, doc. 96: "Manhãs do Hameau. II - O Rendez-vos". 1916-1924; Cx. 1, doc. 97: "Gabriel. Mon Repos". Nov. 1917; Cx. 1, doc. 98: "Clara". Lisboa, Mar. 1919; Cx. 1, doc. 99: "Valeria" e "Paraíso Perdido". Portalegre, Jun. 1922; Cx. 1, doc. 100: "Conto de jardim". Portalegre, Jun. 1922; Cx. 1, doc. 101: "Voz do Mar...". Mont'Estoril, Abr. 1924; Cx. 1, doc. 102: "Home Sweet Home". Portalegre, Mai. 1924; Cx. 1, doc. 103: "Ao Conde de A.". Lisboa, Avenida Palace, 14 Jan. 1926; Cx. 1, doc. 104: "Laura I. Na Grande Claridade". Lisboa, Set. 1927 e "[Laura] II. Estrelas Cadentes". Pau, Ago. 1928; Cx. 1, doc. 105: "Primavera". Pau, Mai. 1928; Cx. 1, doc. 106: "Dame un Peu Ancienne". Pau, Mai. 1928; Cx. 1, doc. 107: "Tia e Sobrinha". Hameau, Jun. 1928; Cx. 1, doc. 108: "A Capela". Hameau, Jul. 1928; Cx. 1, doc. 109: "Saudade". Hameau, Out. 1928; Cx. 1, doc. 110: "Casas que Morrem". Pau, Hotel Gassion, 09 Nov. 1928; Cx. 1, doc. 111: "Companheiras". Hameau, Out. 1930; Cx. 1, doc. 112: "Dia de Revolução". Funchal, 04 Abr. 1931; Cx. 1, doc. 113: "Amor". Funchal, Ago. 1931; Cx. 1, doc. 114: "Verão da Madeira". Monte, Madeira, Set. 1931; Cx. 1, doc. 115: "Matilde". Lisboa, Set. 1932; Cx. 1, doc. 116: "Margarida". Lisboa, Nov. 1934; Cx. 1, doc. 117: "Lisboa Elegante". Lisboa, Mar. 193. [sic]; Cx. 1, doc. 118: "Cartas a um Amigo". Funchal, Quinta da Palmeira, s.d; Cx. 1, doc. 119: "A Capela", texto publicado, s.l., s.d. (Cf. o manuscrito original arquivado nesta série, Cx. 1, n.º 108); Cx. 1, doc. 120: Folhas dispersas não identificadas. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Azambuja,

Maria da Graça, "Luzia uma Escritora Esquecida", *Eco Literário (Eco do Funchal)*, 01-03-1955; Clode, Luís Peter, *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX*, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983, p. 251ab; Conde, José Martins dos Santos, *Luzia: o Eça de Queiroz de saias*. Portalegre: Edição do autor, 1990; *Das artes e da História da Madeira*. Funchal: Sociedade de Concertos da Madeira. V.5, n.º25 (1957), p. 12-13; Flores, Conceição, Constância Lima Duarte, and Zenóbia Collares Moreira. *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade*, Ilha de Sta. Catarina, Ed. Mulheres, 2009, p. 171; Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde*. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Moniz, Ana Isabel, "«Eu passo em toda a parte, não fico em parte alguma». Luzia, um espírito crítico feminino", In Vilas-Boas, Gonçalo e Outeirinho, *Maria de Fátima, Annemarie Schwarzenbach e a literatura de viagens na Europa dos anos 30*, Porto, Afrontamento, 2013, p. 151-160; Neves, Cláudia Sofia Silva, *O reino encantado de Luzia: A crónica da vivência e a eterna busca do Eu*. Dissertação de mestrado, 2º Ciclo em Estudos Linguísticos e Culturais. (Funchal: Universidade da Madeira), 2013, <http://hdl.handle.net/10451/28700>; Rodrigues, Maria do Carmo, "Luzia no Funchal". *Margem* 2, n.º 25. 135-140.

MARGARET EMILY SHORE (Reino Unido; 1819 — Funchal; 1839) **1. NOTA**

BIOGRÁFICA. Margaret Emily Schore nasceu em Bury St. Edmonds, Suffolk, a 25 de dezembro de 1819. Era filha de Thomas Shore (1793-1863) e de Margaret Anne Twopeny. Emily Shore cresceu numa família devotada à cultura. As irmãs, Arabella Shore† and Louisa Catherine Shore† (1824-1895), foram notáveis escritoras britânicas, comparadas com as irmãs Brontë. Emily Shore veio para a Madeira entre dezembro de 1838 e 1839 para se curar de tuberculose. A família veio a bordo do navio "David Lyon". Emily faleceu no Funchal a 7 de julho de 1839. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Emily Shore deixou um diário que foi publicado postumamente em 1891, e foi autora de diversos textos que permaneceram inéditos. O original do seu diário, contendo o seu autorretrato, conserva-se na biblioteca da Universidade de Delaware (Estados Unidos da América). No seu diário, Emily Shore regista as suas vivências na Madeira, constituindo uma visão a partir de dentro sobre a vida de uma família britânica que se deslocou à ilha por motivos de saúde. Note-se que o texto original não corresponde necessariamente ao texto publicado pelas suas irmãs em 1891, que contém partes expurgadas. Gates considera que Emily era uma intelectual diligente e precoce, que se pode depreender através do seu diário. Abordou temas como economia, literatura mundial e ciências da Natureza. Como botânica e ornitóloga amadora, ela catalogou o que se passava à volta da casa da família e escreveu dois ensaios sobre comportamento de aves para a "The Penny Magazine". Além disso, escreveu histórias dos gregos, romanos e judeus, além de peças teatrais e poemas. A

família Shore encarregava à Emily a educação das suas irmãs mais novas, Arabella e Louisa. A morte de Emily afectou-as profundamente, estando presente nas suas obras. No diário de Emily Shore refere “I have just heard it, but I know nothing more yet — the difficulties are found to be too great, and we cannot go to Australia... I have now heard of another plan suggested by Edward... He proposes to us to go out to Madeira. The climate would, in all likelihood, restore papa's health, which is breaking fast; living must be much cheaper there, and papa would take two little boys as pupils... Probably there would be in Madeira an ample field for a tutor like papa. Papa might also engage there in some literary work, which would just suit his taste, and perhaps be very successful” (1891, p. 280). **3. DA AUTORA.** ●1. Estados Unidos da América. University of Delaware. Special Collections Department at the Morris Library. Journal. Mss. 097, item 104. ●2. Journal of Emily Shore. London: K. Paul, Trench, Trübner & Co., Ltd., 1891; Revised and expanded, edited by Barbara Timm Gates. Charlottesville: University Press of Virginia, 1991. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Gates, Barbara Timm, “When Life Writing Becomes Death Writing: The Journal of Emily Shore”. *Literature and Medicine*, n.º 24, no. 1 (Spring 2005), p. 70-92; Gates, Barbara Timm, “Shore, (Margaret) Emily (1819–1839)”. *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press, 2004 (<http://www.oxforddnb.com/view/article/25454>, accessed 7 Jan 2013; Macedo, L. S. Ascensão de, *Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores,*

Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Silva, António Ribeiro Marques, *Passaram pela Madeira. Funchal: Funchal 500 anos*, 2008, p. 120-126, 213.

MARGARET MORLEY CLOUGH (Reino Unido; 1803 – *Ibid.*; 1840) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Margaret Morley Clough nasceu em Doncaster (Reino Unido) a 3 de novembro de 1803. Era filha de William Morley e passou a infância em Hull com os seus avós, que eram missionários metodistas. Pertenceu à organização “The Ladies’ Wesleyan Missionary Association” de Doncaster. Faleceu no Reino Unido a 27 de novembro de 1840. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** É autora de cartas intituladas “Extracts from the journal and correspondence of the late Mrs. M.M. Clough, wife of the Rev. Benjamin Clough, missionary in Ceylon” (1829). Passou pela Madeira e Porto Santo em maio de 1825. Referiu-se ao Porto Santo e à Madeira nestes termos: “Early this morning, to our very great joy, land appeared; a fine range of mountains reared their majestic heads westward; the name of which is Porto Santo: they are extremely barren, quite uncultivated, and, I believe, the inhabitants few. Madeira we can just perceive nearly enveloped in clouds, the craggy tops of the mountains verging above the snowy clouds, which appear to have been arrested in their career by the towering rocks, which you might fancy would bid defiance to the hand of time: these lofty hills are bounded by the horizon. To the east we had a view

of several clusters of islands, called, from their sterility and want of inhabitants, Desertas: upon the whole, the view was interesting to one who had been deprived for nearly a month of the sight, of a near approach of land” (p. 44).

3. DA AUTORA. Extracts from the Journal and correspondence of the late Mrs M.M. Clough: Wife of the Rev. Benjamin Clough, Missionary in Ceylon. London: John Mason, 1840. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Twells, Alison, *The Civilizing Mission and the English Middle Class, 1792-1857*, Houndmills: Palgrave Macmillan, 2008.

MARGARIDA DE OLIM MAROTE RAMOS (Machico; 1899 — Estados Unidos da América; 1953) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Margarida de Olim Marote Ramos nasceu em Machico a 27 de dezembro de 1899. Era filha do merceeiro José Augusto Olim Marote e de Maria Augusta de Ornelas de Olim. Residiu nos Estados Unidos da América e nos Açores. Foi presidente do conselho “Maria da Fonte” e da “Benemérita Associação Dia Madeirense” nos Estados Unidos da América. Visitou a sua terra natal em 1950 e colaborou em diversos jornais e revistas, com textos por identificar. Faleceu nos Estados Unidos da América em 1953. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Dedicou-se à poesia e à declamação. Publicou em 1950 um opúsculo “O emigrante e a saudade” (1950). Luis Marino refere no seu “Panorama Literário” que tinha incluído na antologia “Musa Insular” por lapso “Adeus Machico” como sendo da sua autoria, retificando tratar-se de um familiar, João Crispim de Olim Marote, emigrado no Brasil. **3. DA AUTORA.** “O

emigrante e a saudade”. [s.l.]: Artes Gráficas, 1950, 14 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde.* Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Ramos, Margarida de Olim Marote [em linha]*, 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667661>

MARGARIDA DE SABÓIA PESTANA PEREIRA PINTO (Funchal; 1880 — Ibid.; post. 1975) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Margarida de Sabóia Pestana Pereira Pinto nasceu no Funchal a 27 de novembro de 1880 e baptizada na Sé Catedral (Funchal). Era filha do comerciante José Pereira da Ressurreição e de Maria Matilde Pestana Pereira, moradores na rua da Ponte Nova (Funchal), naturais de Câmara de Lobos. O seu pai foi proprietário da mercearia “Pereira” na rua de João Gago. Fez estudos no Liceu Nacional do Funchal em 1918, especializando-se na área do comércio. Em 1919, Margarida de Sabóia e o seu pai emigraram o Brasil, estabelecendo-se no Rio de Janeiro. Em 1921, o seu pai faleceu no Brasil. Casou-se com o comerciante e proprietário, Albertino Pinto, de quem teve Cláudio José, Ana Margarida e Ruy Manoel. No Brasil, o seu esposo foi presidente do “Orfeão Português” no Rio de Janeiro,

acompanhando-o em diversos eventos sociais da comunidade. Margarida de Sabóia viajou pela Europa, passando por Portugal, França, Suíça e Itália. Visitou a Madeira em 1953 e regressou ao Brasil no transatlântico “Vera Cruz” a 19 de abril de 1953. Desconhece-se data de falecimento, que terá sido depois de 1975. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Luis Marino refere que Margarida de Sabóia reuniu vinte e oito poemas que intitulou “Pedaços d’Alma”, que permaneceram inéditos desde 1920. Desconhecemos outra produção da sua autoria. Encontra-se representada nos manuscritos “Musa Insular”, “Poetas da nossa Terra” e “Panorama Literário do Arquipélago da Madeira”, onde diz que “No Brasil, a nostalgia e mágoas acerbas, fizeram desabrochar na sua alma, a flor da poesia”. Publicou no “Comércio do Funchal” com um poema “Solução Nostálgico”, que reproduzimos: “Longe de ti, minha Pátria idolatrada,/Sinto minha alma quase a desfalecer./E o meu pobre coração, triste estremece/À ideia que distante posso morrer!// Acerba é a saudade que de ti sinto,/Causa-me um pesar que nem sei explicar./Como é tristíssimo viver-se no exílio,/Sem ter-se esperança de à Pátria voltar!// Não,não creio que o bom Deus permita tal./Queria antes de partir p’ra eternidade/Voltar ao meu querido torrão natal,/E lá expirar, mitigando essa saudade!”. **3. DA AUTORA.** “Solução nostálgico: à minha cantada Pátria, Ilha da Madeira”. In “Comércio do Funchal”. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Pinto, Margarida de Saboia Pestana Pereira [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019].

<https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667610>

MARGARIDA JACINTA DE SANTA ROSA (Madeira; séc. XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Margarida Jacinta de Santa Rosa foi escritora e religiosa do Convento de Santa Clara do Funchal. Desconhecem-se outros dados sobre a sua vida. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Durante o abadessado de sórora Coleta Rosa de Santo Agostinho, sórora Margarida Jacinta de Santa Rosa escreveu as entrevistas às noviças a partir de 1742. Redigiu, também, outros atos administrativos, documentos ainda por identificar nos arquivos. Foi eleita escritora entre 1740 e 1747. **3. DA AUTORA.** Lisboa. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Autos de Perguntas feitos às Novissas do Convento de Santa Clara do Funchal, 1742-1830 (Cód. de ref. PT/TT/CSCF/004/0001). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MARGARIDA LUÍSA CERVANTES (Funchal; séc. XVIII — Ibid.; ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Margarida Luísa Cervantes (ou Silvantes) natural da Sé, filha de Francisco António Sílvio e de Ana Maria Silvantes. Margarida Luísa Cervantes casou na Sé a 14 de maio de 1795 com Francisco Venceslau José, moradores na rua de Santa Maria, com geração. Desconhece-se a data de falecimento, que terá ocorrido entre 1830 e 1840. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Como viúva de

Francisco Venceslau José, o requerimento de 1822 de Margarida Cervantes refere "possuir os precisos conhecimentos para tratar da educação das pessoas do seu sexo", e pede que se crie naquela localidade uma escola de meninas, "sustentada pelo Estado", confiando-lhe a ela "a direcção". **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Histórico da Assembleia da República. Cortes Constituintes de 1821-1822. Comissão de Instrução Pública. Requerimento de Margarida Luísa Cervantes, 1822-02-23 (PT-AHP/CGE/CIP/S1/D66), 1 p.

MARIA ALDA DA CÂMARA LEME ESCÓRCIO DRUMOND DE GOUVEIA (Funchal; 1862 — Machico; 1927) **1.**

NOTA BIOGRÁFICA. Nascida na freguesia de S. Pedro, no Funchal, a 13 de novembro de 1862, Maria Alda da Câmara Leme Escórcio Drumond era filha de João Escórcio Drumond da Câmara e de Cândida de Menezes Esmeraldo da Câmara Leme, avó materna do escritor Carlos Cristóvão da Câmara Leme Escórcio de Bettencourt. Faleceu em Machico a 11 de julho de 1927. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Alda Drumond de Gouveia cultivou a poesia. Apenas se conhece um texto publicado por Luís Marino na sua "Musa Insular" intitulado a "A minha filha". Trata-se de um poema de contemplação enternecedora de uma mãe ao recém-nascido, como refere: "Em minha alma vai, enfim, aparecendo/Uma esperança e com ela vivo enlevada!/Vieste para mim, oh! Formosa alvorada!/Acendeste a luz que fraca ia morrendo!...//Quantas vezes em teu berço debruçada,/Quando em tua face vislumbro um sorriso,/Eu gozo contigo um belo paraíso.../Oh! Bendita sejas tu, filha adorada!//Alma

pura, mais branca que o branco arminho,/Onde eu leio como em livro aberto o fundo,/Entras tão alegre e serena no mundo/Qual no aconchegado ninho o passarinho.//Eu era como esse dia que fenece,/Terá para mim a vida um fim agora:/Afastar as nuvens negras desta aurora/E ver raiar este dia que amanhece". **3. DA AUTORA.** "A minha filha". In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 231. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Nota biobibliográfica: Gouveia, Maria Alda da Câmara Leme Escórcio Drumond de [em linha], 1986. Funchal [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666466>

MARIA AMÁLIA COLARES MENDES ROCHA DE GOUVEIA (Funchal; 1867 —

Ibid.; 1945) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Filha de João Joaquim Mendes e de Maria Colares Mendes, Amália Colares Mendes nasceu no Funchal a 1 de maio de 1867. Casou-se com Abel Rocha de Gouveia, funcionário da Associação de Socorros Mútuos "4 de Setembro de 1862", em 1901 na paróquia de Santa Maria Maior. Foi mãe de Henrique Rocha de Gouveia, coordenador e editor do "Almanaque do Anunciador", e de Carlos Rocha de Gouveia e avó da poetisa Maria Lise Rocha de Gouveia e

de Abel Gabriel Rocha de Gouveia. Foi professora de piano e de música, dinamizando espetáculos, saraus e reuniões musicais na sua residência. Em junho de 1925 realizou um concerto de beneficência no Teatro Municipal. Colaborou em alguns jornais do continente e deixou algumas poesias inéditas, que não foi possível identificar. Como professora, fez parte do círculo de pianistas madeirenses como Elisa Drumond Carregal, Maria Adelaide de Meneses, Floripes Gomes, Elisa Gorjão Caires, Maria da Conceição de Meneses Santos Pereira, Angelina Pereira Freitas, Palmira Pereira, Leonor Ferraz Leça e Maria Helena Portugal Azevedo Ramos e Angélique de Beer Lomelino. Faleceu a 3 de janeiro de 1945. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Cultivou a poesia, porém apenas se conhece um texto publicado por Luís Marino na sua “Musa Insular” intitulado a “Adeus, Madeira”, usando o pseudónimo Lise. A partida da ilha revela-se como um processo de perda de identidade, onde a memória apenas recupera sons, cheiros, visões, sensações da natureza, versos repletos de sinestésias: “Adeus, minha terra linda,/Jardim das mais belas flores./Eu jamais olvidarei/Teus encantos, teus primores./Adeus campos da Madeira,/Onde meu amor cantei./Adeus brisa perfumada./Adeus tudo quanto amei./Quanta vez em teu regaço,/Repousando sobre flores,/Eu via uma ilusão,/A visão dos meus amores!/Sacrário dos meus segredos,/Tudo, tudo eu deixo em ti,/Sepulcro dos meus amores,/A minha alma paira aí”. Não se conhece outra produção poética da sua autoria, que terá permanecido inédita. **3. DA AUTORA.** “Adeus, Madeira”. In Marino, Luís, Musa

Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 250. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Esteireiro, Paulo, "O Piano no Funchal ao longo do século XIX: comércio, repertório e ensino feminino." In 5 Olhares sobre o Património Musical Madeirense. Funchal: Gabinete Coordenador de Educação Artística e Associação Musical e Cultural Xarabanda; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Gouveia, Amália Colares Mendes Rocha de [em linha], 1986, Funchal [Consulta: 19-03-2019], Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666913> .

MARIA AMÉLIA DE MENEZES VAZ (Santa Cruz; 1886 — Setúbal; 1958) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Amélia de Menezes Vaz nasceu em Santa Cruz a 3 de dezembro de 1886. Era filha do poeta António Joaquim da Cruz Vaz, natural de Valença do Minho e funcionário da Câmara Municipal de Santana, e de Maria Matilde Pereira de Menezes Vaz. Era irmã do cónego Fernando Carlos de Menezes Vaz. Em 1925, Maria Amélia de Menezes Vaz partiu para França, onde fez o noviciado na Congregação da Apresentação de Maria, tendo regressado à Madeira, adotando o nome de religião Irmã da Eucaristia. Foi Superiora da Casa da sua Congregação (Prazeres, Calheta) e professora do

Lactário (1928-1939). Foi uma das fundadoras do Colégio da Apresentação de Maria (1934-1945). Em 1954, partiu para a África portuguesa para ser assistente num colégio católico e foi Superiora Geral do Colégio “D. António Barroso”. Regressou a Portugal, falecendo em Setúbal a 30 de março de 1958, por motivo de doença. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Dedicou-se à poesia, estando os seus textos dispersos no “Diário da Madeira”, “Almanaque Ilustrado do Diário da Madeira” e “Heraldo da Madeira”, grande parte por identificar. Encontra-se representada na antologia “Musa Insular” de Luís Marino. **3. DA AUTORA.** “Primavera”. In Marino, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 368. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico*, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Vaz, Maria Amélia de Menezes [em linha]*, 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=668232>.

MARIA AMÉLIA DE OLIVEIRA PAIS (Funchal; 1861 — Brasil; 1890) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Amélia de Oliveira Pais, ou Maria Amélia de Jesus, nasceu em São Martinho, residente no sítio da Chamorra, a 15 de agosto de 1861. Era filha de José Pereira de Oliveira e de Joaquina Arsénia de Jesus, irmã do

poeta José de Oliveira Pereira Júnior. Casou-se com Manuel Gomes Pais na Igreja de Santo António em 1876. Partiu para o Rio de Janeiro em 1890, onde o casal faleceu, vítima de febre-amarela. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Amélia de Oliveira Pais colaborou no “Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro” (1884), posteriormente reproduzido na “Revista Literária” (1902). O seu esposo Manuel de Oliveira Pais foi também poeta. O seu poema consiste numa celebração emotiva da maternidade. Começa com uns versos de Tomás Ribeiro que serve de mote para as suas Glosas. Trata-se do único poema que se conhece desta autora, que reproduzimos a seguir: “Tu és na vida a minha esperança bela./Tu és a estrela que no céu assoma,/Tu és no pranto meu, conforto breve!/Ai flor de neve com doirada coma!/Tu és um riso no sacrário da alma,/Tu és a palma que de amor colhi!.../Se um dia a sorte te roubar em suma!/Que alvor! que aroma! Se não perde aqui:/Tu és o lírio da mimosa pola,/Tu és a rola descantando a vida./Tu és a imagem que meu peito aninha,/Ai, rosa minha, de matiz vestida!/Tu és a nota que murmura: Elisa;/Tu és a brisa que meu seio hauri!.../Rosa de abril entre flores nascida;/Que amor! que vida! que sonhei por ti!”. **3. DA AUTORA.** “Afectos”. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1884 (1883)*, p. 296, p. 296; republ. In Marino, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 74. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico*, Ribeira

Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Pais, Manuel Gomes [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667502>

MARIA ANGÉLICA DA NAZARÉ (Madeira; 1703 – Ibid; 1785) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Filha de Manuel Rodrigues (ou Roiz) da Costa e de Teresa Campos Soares, casados na Sé em 1691, nasceu em 1703. Fez votos em 16 de janeiro de 1713 e professou em 1731. Foi escritã e religiosa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Faleceu a 26 de abril de 1785. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Maria Angélica da Nazaré assumiu cargo de escritã do Convento Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Compôs o “Livro 1.º dos obittos deste convento de N. S. da Encarnação que teve principio no anno de 1749”. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Nossa Senhora da Encarnação. Livro de Assentamento de Óbito do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal de 1749,1749,Liv. 3 (Cód. ref. PT/TT/CNSEF/004/0001). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MARIA AUGUSTA DE LIMA VIEIRA DE ABREU (Funchal; 1900 – Lisboa; ?) **1.**

NOTA BIOGRÁFICA. Nascida a 3 de dezembro de 1900, Augusta Vieira de Abreu era filha de João António Vieira e de Maria Augusta Vieira, irmã de João Sotero Vieira, Cristóvão Vieira, Jaime Severino Vieira, funcionário da Junta Autónoma dos Portos do Arquipélago da Madeira, do realizador e cineasta madeirense Manuel Luis Vieira. Maria Augusta Vieira de Abreu foi professora e diretora do Colégio Oficial em Ervadal, Alentejo, e no Colégio Santa Isabel. Aposentou-se em 1962 e residiu em Lisboa desde 1950. Participou no filme do seu irmão na qualidade de atriz em "A Calúnia" (1926), interpretando a personagem Luísa, mulher de um pescador. Não se conhecem mais elementos sobre a sua vida. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** De acordo com Luís Marino no seu monumental “Panorama Literário do Arquipélago da Madeira” (volume 1), Maria Augusta de Vieira de Abreu é autora de um romance que permaneceu inédito. Deixou colaboração no "Eco do Funchal" entre 1944 e 1953. Entre os seus principais contributos, realçamos os contos “O ‘Câmara Nova’”, "O Sacrifício", "A Estatueta Quebrada", "Arrependimento Tardio" e "Jardim Maldito". Publicou a lenda "Lenda, sobre a fundação duma aldeia Alentejana". É possível que a sua produção literária se encontre dispersa nos jornais alentejanos e lisboetas. **3. DA AUTORA.** ●1. "O "Câmara Nova" (Conto). In Eco do Funchal, de 26-04-1944; ●2. "Flores". In Eco do Funchal, de 24-12-1944; ●3. "O Sacrifício" (Conto). In Eco do Funchal, de 12-08-1945; ●4. "O Trabalho Rural". In Eco do Funchal, de 18-12-1945; ●5. "A Estatueta Quebrada" (Conto). In Eco do Funchal, de 30-04-1946; ●6. "Arrependimento

Tardio" (Conto). In Eco do Funchal, de 03-09-1946; ●7. "Lenda, sobre a fundação duma aldeia Alentejana". In Eco do Funchal, de 12-12-1946; ●8. "Amor perfeito". In Eco do Funchal, de 27-04-1950; ●9. "Penitência". In Eco do Funchal, de 25-12-1952; ●10. "Jardim Maldito" (Conto). In Eco do Funchal, de 08-03-1953.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Maria Augusta de Lima Vieira [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=665850&FileID=1708118>.

MARIA AUGUSTA DE ORNELAS E VASCONCELOS (Lisboa; 1869 — Paris; 1957) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Oriunda de uma família nobre madeirense dos Morgados do Caniço, filha do conselheiro Agostinho de Ornelas e Vasconcelos Esmeraldo Rolim de Moura e Teive, 14.º Senhor do Morgado do Caniço, e de Maria Joaquina de Saldanha da Gama, Maria Augusta de Ornelas e Vasconcelos nasceu na Lapa, em Lisboa, 31 de maio ou 27 de outubro de 1869. Professou em França a 7 de setembro de 1899, na Congregação de São José de Cluny, adotando o nome de religião de sóror Catarina de Jesus Cristo ou Catherine de Jésus-Christ. Foi madre superiora no Instituto Pasteur em Paris, considerada pelo Monsenhor Odelin como a “embaixatriz da Caridade, junto dos que sofrem”, condecorada com a Comenda da Legião de Honra de França a 3 de novembro de 1919 pelo Governo Francês pela forma heróica de como assistiu os feridos da Grande Guerra como superiora do hospital Pasteur. Foi

assistente geral da congregação e vice-presidente da Associação Nacional das Enfermeiras do Estado Francês. Em Portugal, foi condecorada com a Comenda da Ordem Militar de Cristo de Portugal. Faleceu em Paris a 17 de março de 1957. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Catarina de Jesus Cristo este duas vezes na Madeira em 1941 e 1948, onde deu conferências sobre a sua atividade como enfermeira, religiosa e defensora dos direitos humanos. Publicou em Paris “Au chevet de la souffrance: préceptes et conseils de morale hospitalière” (1936), com diversas edições e traduções em diversas línguas. **3. DA AUTORA.** ●1. Au chevet de la souffrance: préceptes et conseils de morale hospitalière. Paris: École Saint-Joseph de Cluny, 1936, 172 p. ●2. “O Cristo no Garajau. Uma “Quinta” na Camacha”. In “Revista Esperança”, n.º 3, de 01-05-1929. ●3. Conferência sobre a lepra (inédito, realizado em 1935 no Instituto Católico de Paris). ●4. “Conferência realizada no Salão Nobre da Associação católica do Funchal, a convite do Prelado do Funchal, em 16 de novembro de 1941”. In “Diário de Notícias”, 17 e 18 de novembro de 1941. ●5. “O Vale da Alegria: conferência realizada no Salão paroquial da Igreja de São Pedro, a 25 de fevereiro de 1948”. In “O Jornal”, de 26-02-1948. ●6. L'Ame des filles de la vénérable Anne-Marie Javouhey, une des conférences de Drac donnée à la salle de la société de géographie, le 4 mars 1931. Paris (21 rue Méchain), (1932), 34 p.. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Guillermand, Jean, “Sœur Catherine de Jésus-Christ (1869-1957)”. In La revue de l'infirmière, n.º 59/157 (2010), p. 45-46, doi: REVINF-01-02-2010-59-157-1293-8505-101019-

200909462; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Vasconcelos, Maria Augusta de Ornelas e, madre [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=668222>

MARIA AURORA VIEIRA CAETANO

(Ponta do Sol?; 1892 — Santa Cruz?; post. 1970) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Aurora Vieira Caetano é, segundo Marino, nascida em Santa Cruz, filha de João Caetano e de Maria Vieira, irmã de Elisa Vieira Caetano e do comendador Pe. João Vieira Caetano, pároco da Ponta do Sol, e do comendador Alfredo Vieira Caetano. No entanto, os registos paroquiais apontam para a freguesia de Canhas, onde foi baptizada 22 de maio de 1892, filha de António Vieira de Caetano e de Maria Vieira. Viveu com o seu irmão, o pároco da Ponta do Sol e cerca de 1969 viveu em Santa Cruz. Desconhecemos data de falecimento, possivelmente depois 1970. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** De acordo com Marino, Maria Aurora Vieira Caetano assinou os seus textos com iniciais M.A.V.C. em jornais como “O Jornal”. **3. DA AUTORA.** “A dona de casa perfeita”. In O Jornal, 27-10-1950. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Caetano, Maria Aurora Vieira [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666133>

MARIA BANKS WOODLEY RIDDELL

(Reino Unido; 1772 — Ibid.; 1808) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida Woodley,

Maria nasceu no Reino Unido a 4 de novembro de 1772. Era filha de William Woodley (1722-1793), proprietário de plantações e capitão geral das Ilhas Leeward, e de Frances Payne. Viveu nas ilhas caribenhas em 1788. Casou-se em 1790 com Walter Riddell (1764-1802) em St. Kitts e proprietário de plantações em Antigua. Casou-se em segundas núpcias com Phillips Lloyd Fletcher (1782-1863). Faleceu em Chester a 15 de dezembro de 1808. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Riddell publicou em Londres “Voyages to the Madeira and Leeward Caribbean Isles: with sketches of the natural history of these islands” (1792), decorrente da sua segunda viagem para as Caraíbas (antes, Índias Ocidentais) em 1788, visitando a ilha durante 11 dias. Foi parcialmente traduzido por António Marques da Silva em “Passaram pela Madeira” (2008). Publicou “The metrical miscellany; consisting chiefly of poems hitherto unpublished” (1802; 2nd ed., 1803), “Robert Burns: a memoir” publicado no “Dumfries Journal” (1796). Maria Riddell conviveu com o poeta Robert Burns (1759- 1796), que lhe dedicou versos de amor. Foi também amiga da escritora escocesa Helen Craik (1751-1825). **3. DA AUTORA.** Voyages to the Madeira and Leeward Caribbean Isles, with Sketches of the Natural History of These Islands. Edinburgh: Printed for P. Hill, and T. Cadell, 1792, 105 páginas; reed. Salem [Mass.]: Printed by N. Coverly, Jun, 1802. Traduzido parcialmente na antologia de Silva, António Marques da, Passaram pela Madeira, Funchal, Funchal 500 Anos, 2008, p. 64-68. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Bailes, Melissa, Questioning nature: British women's

scientific writing and literary originality 1750-1830. Charlottesville: University of Virginia Press, 2017; Ewing, J. C. Ewing (ed.), "Maria Riddell's letters to James Currie". Burns Chronicle (1920-1924); Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Silva, António Marques Ribeiro da, "Maria Riddell, a primeira mulher que escreveu sobre a Madeira". Islenha, n.º22 (1998), p. 67-70; Silva, António Marques da, Passaram pela Madeira: textos de autores anglo-saxónicos que visitaram a ilha (1687-2000), Funchal, Empresa Municipal Funchal 500 Anos, 2008; Weinglass, D. H., "Riddell, Maria (1772-1808)". Oxford Dictionary of National Biography. Oxford: Oxford University Press, 2004; Wood, John Maxwell, Robert Burns and the Riddell family. New York, Haskell House, 1974.

MARIA BELA TELO E CAIRES (Porto Santo; 1890 — Funchal; 1965) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Bela Telo nasceu no Porto Santo a 26 de junho 1890, filha do lavrador Pedro António Telo e de Maria Bela Telo, moradores do bairro do Tanque. Maria Bela Telo casou-se civilmente com Álvaro Izidoro de Sousa Vasconcelos Caires em 1920 no Funchal. Foi docente, fundadora e diretora do antigo Colégio Alexandre Herculano, criado a 20 de outubro de 1921. Marino referiu no seu "Panorama Literário do Arquipélago da Madeira" que Maria Bela Telo e Caires se licenciou em

Direito e que exercia advocacia em Lisboa em 1964, que cremos ter sido feita confusão com alguém homónimo. Faleceu no Monte (Funchal) a 23 de dezembro de 1965. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Bela Telo e Caires criou o boletim "O Colegial" e possui publicações dispersas em jornais como "Diário de Notícias", "Diário da Madeira" e "O Jornal", referente à sua atividade como dirigente de um estabelecimento de ensino. **3. DA AUTORA.** ●1. "O concurso das casas de caridade". In "Diário da Madeira", 27-04-1927 e 29-04-1927; ●2. "O plebiscito de "O Colegial". In "O Jornal", de 29-04 de 1927; ●3. "Curso cidadão". In "Diário da Madeira", 20-04-1927 e 01-05-1927; ●4. "Alexandre Herculano". In "O Colegial", III ano, n.º 28, 31-03-1929. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Caires, Maria Bela Telo e [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666140>.

MARIA CELINA SAUVAIRE DA CÂMARA (Funchal; 1857 — Lisboa; 1929) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Celina Sauvaire da Câmara nasceu em S. Pedro (Funchal) a 1 de setembro de 1857, filha do morgado João Sauvaire da Câmara Vasconcelos e de Matilde Lúcia de Santana e Vasconcelos Moniz Bettencourt, e irmã de Matilde Sauvaire da Câmara†. Maria Celina Sauvaire da Câmara foi educada pela sua avó, a Viscondessa das Nogueirast†. Escreveu um diário de viagem à Terra Santa, "De Nápoles à Jerusalém" (1889), que dedicou à sua avó, e publicado

parcialmente no “Almanaque Insulano”. Maria Celina Sauvaire da Câmara aparece noticiada no “Diário Ilustrado”, de Lisboa, na secção “High-Life”. Faleceu em Lisboa a 21 de fevereiro de 1929. Nos jornais da época, especialmente no Diário de Notícias da Madeira de 28-02-1929, é recordada como uma “senhora madeirense das mais ilustres pelo sangue, pelo espírito, pela inteligência” e “invulgarmente culta”. Doou um imóvel à Rua da Mouraria, n.º 29 para instalação de um dispensário ou Lactário, à associação benemérita “A Gota de Leite” para apoio à infância desvalida em testamento.

2. LEGADO DOCUMENTAL. Maria Celina Sauvaire da Câmara foi uma viajante madeirense que publicou em Lisboa “De Nápoles à Jerusalém” (1889). O livro relata a sua passagem por Nápoles, Alexandria, Cairo, Jafa e a Jerusalém. Dedicou à avó, a Viscondessa das Nogueiras† o seu livro, “aquela que semeou em minha alma o gérmen de todas as virtudes” (Câmara, 1899, I). Embora a literatura de viagens no feminino surja já em meados do século XVII, Maria Celina Sauvaire da Câmara inaugura uma nova experiência de turismo feminino. Para Paolinelli, a obra de Celina Sauvaire da Câmara é um “diário de viagem turístico” e “diário de peregrinação” ao Médio Oriente. Fez comentários sobre os costumes, percursos, a arquitetura, com recurso a figuras retóricas, como a sinestesia, para que o leitor seja transportado pela imaginação ao lugar que ela experienciou.

3. DA AUTORA. De Nápoles à Jerusalém. Lisboa: Imp. de Libanio da Silva, 1899, 196 p; republ. excertos: “No Cairo” (Excerpto). In Rodrigues, António Feliciano et al. (Dir.), Almanach

de Lembranças Madeirense para 1909. Funchal: J. M. da Rosa e Silva, 1909, pp. 196-197 (Incipit: “... fômos de manhã aos tumulos...”).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Branco, Alfredo de Freitas, Notas & Comentários para a História Literária da Madeira, vol. ii, Funchal, Edição Câmara Municipal do Funchal, s.d., p; Chaves, Vania et al., As Senhoras do Almanaque: Catálogo da Produção de Autoria Feminina, Lisboa, CLEPUL/Biblioteca Nacional de Portugal, 2014; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Osório, Helena de Azevedo, Impressões sobre a Arte e o Património nas Cidades Europeias mais Visitadas por Viajantes Portugueses (Londres, Madrid, Nápoles e Paris): Notas para o Estudo de Uma Sensibilidade Estética (1860-1910), Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, texto policopiado, 2014; Paolinelli, Luisa Marinho Antunes, “De Nápoles a Jerusalém (Diário de Viagem): Maria Celina de Sauvaire da Câmara: dos Diálogos com a Avó à descoberta do Mundo”. In Colóquio Internacional “A Mulher Em Debate: Passado E Presente” (2011), (documento não publicado).

MARIA DA CONCEIÇÃO SPÍNOLA (Machico; 1900 — Ibid.; 1989) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria da Conceição Spínola nasceu no Porto da Cruz (Machico) nasceu a 9 de agosto de 1900, filha de Manuel Justiniano Spínola e de Leonor

da Conceição. Foi baptizada na Igreja Paroquial do Porto da Cruz. Casou-se com Manuel de Abreu a 17 de novembro de 1920, no Posto do Registo Civil do Porto da Cruz, Machico, de quem ficou viúva a 10 de abril de 1969. Faleceu a 17 de junho de 1989 na freguesia onde nasceu. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria da Conceição Spínola foi informante de textos de tradição oral e popular, compilada por Pere Ferré a 6 de abril de 1981, contando a informante nessa altura 81 anos de idade. O seu contributo integra os ciclos de romances tradicionais de assunto profano e devocional, sobre morte do príncipe D. Afonso, a Infantina, a Donzela Guerreira e da Nau Catrineta. Recitou a Pere Ferré “Estava na minha janela, casada de treze dias,/ quando passa un pombo branco, que novas me trazieria?” (III.26), “Caçador que foi à caça, à caça como bem sabia,/ o seu pé ia cansado e o seu cão cansado ia” (XXVIII.23), “Hoje s’apregoa a guerra, a guerra de D. João; / não tenho filho nem filha qu’à guerra por mim vão” (n.º XXIX.37) e “Sete anos e um dia, sempre nas ondas do mar/sem ter nada que comer nem tão pouco que manjar” (n.º XXX.16). **3. DA AUTORA.** Na qualidade de informante da tradição oral e popular: ●1. “Estava na minha janela, casada de treze dias”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 41 (n.º III.26). ●2. “Caçador que foi à caça, à caça como bem sabia”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 449-450 (n.º XXVIII.23). ●3. “Hoje s’apregoa a guerra, a guerra de D. João”. In Ferré, Pere e

Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 501-502 (n.º XXIX.37). ●4. “Sete anos e um dia, sempre nas ondas do mar”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 552-553 (n.º XXX.16).

MARIA DA CONCEIÇÃO VASSALO E SILVA DA CUNHA LAMAS (Torres Novas; 1893 — Lisboa; 1983)

1. NOTA BIOGRÁFICA. Nascida em Torres Nova a a 6 de outubro de 1893, Maria Lamas era filha de Maria da Encarnação Vassalo e de Manuel Caetano da Silva. Maria Lamas foi uma conceituada jornalista e escritora portuguesa e ativista dos direitos das mulheres. Após à Grande Guerra, iniciou a carreira jornalística na Agência Americana de Notícias “O Século” e dirigiu a revista “Modas e Bordados”. Dinamizou vários eventos culturais, especialmente na célebre exposição “Mulheres portuguesas: exposição da obra feminina, antiga e moderna de carácter literário, artístico e científico”. Foi condecorada com o grau de Oficial da Ordem de Santiago da Espada e foi dirigente de diversas associações de defesa dos direitos das mulheres. Foi uma das opositoras do regime do Estado Novo, tendo sido perseguida pela polícia política Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Faleceu em Lisboa a 6 de dezembro de 1983. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Lamas notabilizou-se com “Mulheres do meu país” (1948), obra prima que a projetou como escritora. Depois de ter sido detida pela PIDE (de 20 de dezembro de 1953 até 9 de janeiro de 1954), veio para a

Madeira, em maio de 1954, para recolher elementos para o seu livro “Arquipélago da Madeira: maravilha atlântica” (1956). Na sua segunda vinda, em agosto de 1955, permaneceu na ilha durante um ano e meio. Manteve correspondência com as escritoras açorianas a viver no Funchal, Bernardete Falcão e Maria da Trindade.

3. DA AUTORA. Arquipélago da Madeira: maravilha atlântica. Funchal: Eco do Funchal, 1956, 394, [3] p. 3. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Falcão, Ana Margarida; Moniz, Ana Isabel Moniz, “Maria Lamas a Bernardete Falcão: Correspondência Inédita”. *Islenha*, n.º 49 (2011), p. 17-26; Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico*, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Sousa, Maria Leonor Machado de Sousa, “Maria Lamas e a Madeira”. *Islenha*, n.º 49 (2011), p. 07-16.

MARIA DA ENCARNAÇÃO (Funchal; 1613 — *Ibid.*; 1653) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Pereira nasceu no Funchal a 29 de junho de 1613. Era filha de João Pereira de Sousa, mercador natural do Porto, e de Ana Vieira, natural de Porto Santo, casados na Igreja de São Pedro em 1611. Maria Pereira foi, de acordo com as “Memórias Seculares e Eclesiásticas” de Henrique Henriques de Noronha (1667-1730), uma mulher “baça da criação do fundador, e confeçada do P. João Ribeyro, da Companhia de Jesus”, autor da “Vida da serva de Deus, Maria da Encarnação” (séc. XVII). Foi educada por D. Maria de Salamanca, esposa de

Mendo de Brito de Oliveira, e pelo cónego Henrique Calaça de Viveiros (1662), fundador do Recolhimento de Santa Teresa, depois Convento de Nossa Senhora da Encarnação. Maria Pereira teve uma particular inclinação para a vida religiosa desde tenra idade. Depois de lhe ter sido recusada a admissão para o Convento de Santa Clara do Funchal, por ser de baixa condição social e por motivos raciais, a influência dos padres da Companhia de Jesus do Funchal foi decisiva para o seu ingresso no Recolhimento de Santa Teresa. Contudo, a elite social madeirense não teve boa opinião para as primeiras religiosas admitidas nessa instituição monástica, pois, de acordo com Pe. João Ribeiro, foi considerada como um recolhimento de mulatos. A Serva de Deus Maria da Encarnação foi alvo da incompreensão pela comunidade insular, acusada de supostas blasfémias contra a fé. Professou a Ordem Terceira do Carmo e impôs sobre si exigentes penitências. Faleceu como leiga depois de julho de 1653, relatado por sóror Teodora de Jesus†. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** O manuscrito “ms. av. 54-V-24” da Biblioteca da Ajuda, da autoria do Pe. João Ribeiro, S. I. (1636-1705), constitui um códice praticamente desconhecido da comunidade académica. O Pe. João Ribeiro, S. I., era natural de Tavira e entrou para o noviciado de Évora a 7 de dezembro de 1653. Ensinou durante seis anos gramática e doze anos teologia moral em Luanda, onde foi reitor. Foi prisioneiro dos piratas quando da sua passagem pela Madeira. Foi reitor do Colégio São João Evangelista do Funchal. Faleceu em Évora a 2 de fevereiro de 1705. De Backer e

Sommervogel dão conta de uma outra “Vida” da sua autoria intitulada “Vida da V. Anna de S. Tiago da Ordem Terceira de S. Francisco”. Porém, não há referências na sua monumental “Bibliothèque de la Compagnie de Jésus” sobre o códice da Biblioteca da Ajuda. A única fonte que menciona este códice é nas “Memórias Seculares e Eclesiásticas” de Henrique Henriques de Noronha. Apesar da relação com a biografia e a hagiografia, o género “Vida” nasce da relação entre o confessor e a religiosa, sobretudo quando a religiosa é acusada de heresia. A “Vida” de Pe. António Ribeiro, S. I., sobre a Serva de Deus documenta não apenas a biografia desta religiosa madeirense como também o ambiente espiritual do monaquismo feminino insular do século XVII. O biógrafo reuniu cerca de 70 cartas da autoria desta religiosa madeirense, escritas entre 1649 e 1653, com as respetivas respostas dos seus confessores, Pe. Diogo Prata, S.I., e Pe. João Ribeiro, S.I. Para que não se suscitassem dúvidas sobre a autenticidade das cartas desta religiosa, o Pe. João Ribeiro validou o epistolário por via notarial, testemunhado por Pe. João Roiz de Sá e pelo escrivão D. Sancho de Herédia. Para melhor conhecimento da doutrina carmelitana, a Serva de Deus Maria da Encarnação foi leitora devota dos místicos espanhóis, como Santa Teresa de Ávila (1515-1582), Frei Luís de Granada (1505-1588) e S. João da Cruz (1542-1591), textos compilados pelos religiosos da Companhia de Jesus e pelo fundador do Convento de Nossa Senhora da Encarnação, para doutrinação espiritual da religiosa madeirense. Numa carta dirigida ao seu

confessor Pe. Diogo Prata, S. I., descreveu o seu estado de espírito nestes termos: “Eu ando agora de um modo que não sei dizer mas direi o que souber: são grandes os apertos interiores <que> agora trago com muita melancolia e uma aflição tão apertada que não sei a comparar senão a um estar morrendo sem acabar, a uma fraqueza grande sobre os peitos. Muito há que os sentia esta grande aflição, por vezes não sempre, era com tanto aperto que ia as vezes da oração como uma pessoa que estava no último da vida, de sorte que, por me não poder ter em pé, me ia encostar à cela. Tudo isto julgava por doenças corporais posto que tinha alguma suspeita, sempre se veria aquilo de apertos interiores. Agora foram crescendo os trabalhos com tal abertura e inquietação que não sei a que a compare. Parece que nunca ouvi lembranças de Deus nem amor, que tudo foi engano, se cuidava que lhe queria em algum tempo: não há fé na esperança nem confiança nem fortaleza. Uma desesperação aflita e penosa, ainda que diga uma pessoa à sua alma que tens alma, que te cansa, não te dê de nada pena, não há remédio enfim se durar muito, não poderá o natural levá-lo mais contínuo e estar com grande melancolia e aperto sem saber de que sem tudo ou em que se buscasse alívio, se acha mais triste. Isto é sempre não só na oração, os outros apertos grandes [ilegível] por vezes endurecem achaques corporais, não falo porque nunca estou fora deles. Os pensamentos contra a fé (e delas fêmea) ainda hoje me perseguem crudelíssimos” (1649-01-25, fols. 90-94). Noutra carta dirigida ao Pe. João Ribeiro, S. I., refere os seus hábitos de

leitura e acesso ao livro, cujo excerto transcrevemos: “Veio-me neste ultimo de Lisboa hum liurinho do P[adr]e Frei João da Crus, descobrio lá com m[ui]ta deligencia em caminhada por hum frade carmelita huma terceira que lá está que estaua em casa de D. Maria Salamanca a senhora que me criou custou dous cruzados he da mesma impressam do que cá temos que nos deu D. Margaida que tem a Irmam Luzia, faziam mingoa ueyo quando Deus quis. Irmam Luzia notauelmente me combate que lhe cubro o meu interior sendo que lhe digo tudo o q[ue] se pode dizer e nada lhe emcubro senam aquellas materias que pasaram pello Natal porque nam comuem dizelas e ella he tam humilde que sempre cuida que tem os outros que lhe emcobrir mas a mim nada me molesta isto da sua pena me peza não tenho que contar mais que soledão e eso quero e me parece mui bem aquella canção que dis – En soledad uiuia y en soledad ha puesto ya su nido. Tenho enfadam[en]te a Vossa Paternidade perdoeme nam se cance com a resposta que a qualquer ora basta Deus sobra se tanto em Seu Diuino amor que sempre esteia consumindose em lhamaradas e eu que entre tam bem na festa para sua mayor honrra e gloria. Oie 14 de Março de 1653, Filha espiritual de Vossa Paternidade. M[aria]” (1653-03-14: f512-516). **3. DA AUTORA.** ●1. Portugal. Biblioteca da Ajuda. João Ribeiro, S. I., Vida da serva de Deus, Maria da Encarnação, nascida no Funchal em 1613 recolhida no Mosteiro da Encarnação do Funchal. Séc. XVII, ms. av. 54-V-24. O códice apresenta cartas enumeradas irregularmente de 11 a 70. Apresentamos a nossa própria enumeração, data de produção e fólhos

numerados do códice, a saber: 1. (1649-01-25): f84-89; 2. (1650-05-16): f90-94; 3. (1650-08-31): f115-119; 4. (1650-09-02): f130-137; 5. (1650-09-22): f142-145; 6. (1650-10-05): f147-150; 7. (1650-10-24): f151-153; 8. (1650-11-12): f154-156; 9. (1650-11-13): f158-162; 10. (1650-12-11): f162-166; 11. (1650-09-12): f166-167; 12. (1650?): f170-175; 13. (1650?) f175-179; 14. (1651-01-09): f186-190; 15. (1651-01-23): f196-200; 16. (1651-01-23): f201-205; 17. (1651-03-11): f211-216; 18. (1651-03-26): f216-217; 19. (1651-04-10): f224-231; 20. (1651-04-15): f231-233; 21. (1651-04-25): f237-240; 22. (1651-05-17): f240-244; 23. (1651-05-31): f247-250; 24. (1651-06-06): f252-256; 25. (1651-06-17): f256-260; 26. (1651-06-30): f262-268; 27. (1651-08-11): f271-274; 28. (1651-08-14): f274-278; 29. (1651-08-24): f284-288; 30. (1651-09-13): f289-291; 31. (1651-12-04): f291-295; 32. (1651-12-08): f300-305; 33. (1651-12-31): f307-311; 34. (1651-12-31): f312-314; 35. (1652-01-20): f320-325; 36. (1652-01-28): f331-335; 37. (1652-02-04): f352-354; 38. (1652-02-26): f362-368; 39. (1652-03-04): f371-377; 40. (1652-07-24): f382-387; 41. (1652-08-18): f388-393; 42. (1652-08-27): f398-401; 43. (1652-08-28): f406-408; 44. (1652-09-06): f408-414; 45. (1652-09-16): f419-423; 46. (1652-09-23): f427-428; 47. (1652-10-03): f428-429; 48. (1652-10-10): f429-431; 49. (1652-12-01): f431-433; 50. (1652-12-05): f436-439; 51. (1652-12-07): f445-448; 52. (1652-12-22): f448-451; 53. (1652-12-23): f457-461; 54. (1652-12-22): f466-468; 55. (1653-01-05): f468-472; 56. (1653-01-08): f472-474; 57. (1653-01-22): f483-487; 58. (1653-01.29): f488-489; 59. (1653-02-

05): f489-490; 60. (1653-02-17): f490-494; 61. (1653-03-03): f497-501; 62. (1653-03-05): f503-504; 63. (1653-03-14): f512-516; 64. (1653-04-30): f521-523; 65. (1653-05-11): f528-535; 66. (1653-05-28): f542-545; 67. (1653-06-27): f555; 68. (1653-07-06): f557-559; 69. (1653-07?): f564; 70. (1953-07?): f565. ●2. Portugal. BNP. Henrique Henriques de Noronha, Memórias seculares e eclesiásticas para a composição da história da Diocese do Funchal na ilha da Madeira, Cód. 10935, p. 459; reed. Trans. Alberto Vieira. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996, p. 279 (Incipit: “Meu padre espiritual muito amado nas entranhas de Jezuz Christo...”). 4. **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** De Backer, Augustin, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, Vol. 6. Louvain, Editions de la Bibliothèque S.J., 1894, p. 1770-1771; Fontoura, Otília Rodrigues, *As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000; Gomes, Eduarda Maria de Sousa, *O Convento da Encarnação do Funchal: subsídios para a sua História, 1660-1777*, Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 1995; Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico*, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Noronha, Henrique Henriques de, *Memórias seculares e eclesiásticas para a composição da história da Diocese do Funchal na ilha da Madeira*. Trans. Alberto Vieira, Funchal, Centro de

Estudos de História do Atlântico, 1996, p. 279.

MARIA DA EXALTAÇÃO (Madeira; séc. XVIII) 1. **NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Maria da Exaltação foi escritora e religiosa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Desconhecemos mais dados biográficos. 2. **LEGADO DOCUMENTAL.** Compôs o “Livro 1.º dos obitos deste convento de N. S. da Encarnação que teve principio no anno de 1749”, iniciado por sórora Maria Angélica da Nazaré†. 3. **DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Nossa Senhora da Encarnação. Livro de Assentamento de Óbito do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal de 1749, Liv. 3. 4. **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Gomes, Eduarda Maria de Sousa Gomes, *O Convento da Encarnação do Funchal: subsídios para a sua História, 1660-1777*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 1995; Fontoura, Otília Rodrigues, *As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000.

MARIA DAS DORES SAUVAIRE DA CÂMARA (Funchal; 1865 – Ibid.; 1941) 1. **NOTA BIOGRÁFICA.** Maria das Dores Sauvaire da Câmara nasceu na freguesia de São Pedro a 12 de outubro de 1865. Era filha do morgado João Sauvaire da Câmara e Vasconcelos e de Matilde Lúcia de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, irmã de Matilde† e Celina Sauvaire da Câmara†, neta da Viscondessa das Nogueiras†. Era considerada uma mulher culta e viajada. Faleceu no Funchal a 16 de maio de 1941. 2. **LEGADO DOCUMENTAL.** Maria das Dores colaborou com a sua irmã,

Matilde Sauvaire da Câmara† na festa de gala oferecida aos Reis de Portugal durante a sua visita em 1901. Maria das Dores publicou os seus textos na “Revista Esperança”. **3. DA AUTORA.** “Inez e Mimi” (diálogo). In “Revista Esperança”, n.º 24, de 15-02-1926. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Câmara, Maria das Dores Sauvaire da, 1986. Funchal [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666214>

MARIA DE BETTENCOURT (Lançarote, Canárias; ca. 1417 – S. Miguel, Açores; 1494) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria de Bettencourt foi uma nobre mestiça, nascida em Lançarote, por volta de 1417. Por vezes é confundida com Luísa ou Leonor de Bettencourt. Era filha de Teguisse, ou D. Maria de Teguisse, princesa indígena *majo* ou *maho* (segundo alguns genealogistas), e do cavaleiro francês e Senhor das Canárias, Maciot de Bettencourt, que vendeu a ilha de Lançarote ao Infante D. Henrique. Maria de Bettencourt veio com o seu pai para a Madeira, em 1448, fixando residência na Ribeira Brava. Sendo uma dama com vínculo à nobreza francesa, casou-se com Rui Gonçalves da Câmara, 3.º capitão do donatário da ilha de São Miguel, filho de João Gonçalves Zarco e de Constança Rodrigues de Sá, com quem passou a viver na ilha de S. Miguel (Açores). Faleceu em Vila Franca do Campo por volta de 1494, sem geração. Ainda assim, Rui Gonçalves da Câmara foi pai de vários filhos naturais. Maria de Bettencourt foi fundadora do morgadio

de Água de Mel (freguesias de São Roque e de Santo António), no Funchal, e deteve direitos de venda do sabão. Fundou a capela do Espírito Santo, depois dos mártires de Marrocos, na igreja do Convento de São Francisco do Funchal. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** O seu testamento é um dos raros documentos autobiográficos desse período cuja voz autoral se pode vislumbrar entrecortada na estrutura formular da tradição amanuense. Porém, muitos documentos administrativos que poderíamos atribuir como “textos de autoria feminina” carecem, na verdade, de identificação sistemática nos arquivos. Maria de Bettencourt colocou no seu testamento que a sua alma seria herdeira de metade dos seus bens “porquanto não tenho outro herdeiro salvo a minha alma e dezerdo todos os meus parentes herdeiros que não herdem nada da dita minha metade e couza alguma”. Manifestou a 9 de fevereiro de 1491 a sua vontade de ser sepultada numa capela do Convento de São Francisco, referindo que os restos mortais da sua mãe, sepultada nas Canárias, deveriam estar com os dela e do seu sobrinho Henrique. A 5 de novembro de 1493, manifestou a sua vontade de ser sepultada na ilha de São Miguel, em Vila Franca do Campo. No seu testamento contém referências sobre a capela de S. Francisco, as armas dos Bettencourt, as alfaias para a capela, o deserdar de alguns parentes, o resgate de um captivo, o dote de uma orfã, a alforria de escravos, o contrato das saboarias, a nova sepultura e diversos legados. Estamos na presença de uma figura feminina que teve um papel singular no contexto dos descobrimentos e expansão marítimas

no Atlântico, tendo assistido ao genocídio e escravatura dos indígenas das Canárias, atravessando três arquipélagos, Canárias, Madeira e Açores. **3. DA AUTORA.** Portugal, Arquivo Regional da Madeira. Juízo de Resíduo e Capelas. Traslado de testamento de Dona Maria de Bettencourt, mulher do 3.º Capitão da Ilha de S. Miguel, Rui Gonçalves da Câmara, filho de Zarco (1491 e 1493)”, publicado por João Cabral do Nascimento – “Testamentos: D. Maria de Bettencourt, mulher do 3º capitão da Ilha de S. Miguel, Rui Gonçalves da Câmara, filho de Zarco (1491 a 1493)”. Arquivo Histórico da Madeira. N.º 3 (1933): p. 55-62. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Costa, Maria Clara Pereira da, “Testemunhos Históricos acerca do papel de algumas mulheres no contexto social madeirense - séc. XV e XVI”, Actas do III Colóquio Internacional de História da Madeira. Vol. 3. Funchal, CEHA, 1993, p. 315-320; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MARIA DO CARMO CASTRO LEAL DE FREITAS BRANCO (Funchal; 1894 — Ibid.; 1929) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria do Carmo Castro Leal de Freitas Branco nasceu em S. Pedro (Funchal) a 23 de julho de 1894, filha do comendador Luís de Freitas Branco e de Ana Augusta de Castro Leal de Freitas Branco, irmã de Alfredo Leal de Freitas Branco, Visconde do Porto da Cruz. Pertenceu à “Liga de Acção Social Cristã”. Faleceu no Funchal

a 6 de março de 1989. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Devido à sua participação na “Liga de Acção Social Cristã”, é autora de um relatório datado de 1932, publicado na revista “Esperança”. Foi conferencista, tendo sido entrevistada em 1951 no Posto Emissor do Funchal sobre o abrigo “Nossa Senhora de Fátima”. **3. DA AUTORA.** ●1. “Liga de Acção Social Cristã”. In Revista Esperança, n.º 12, 01-03-1932. ●2. “Abrigo “Nossa Senhora de Fátima””. Palestra realizada no Posto Emissor do Funchal, proferida a 01-05-1951. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Branco, Maria do Carmo Castro Leal de Freitas [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666104>.

MARIA DO LADO (Madeira; séc. XVII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Maria do Lado foi escritora e religiosa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal, sob abadessado de sórora Teodora de Jesus†. Desconhecemos mais elementos sobre a sua vida. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Maria do Lado foi responsável pela consolidação de contas do convento no triénio de 1675-1679. O códice conserva-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. **3. DA AUTORA.** Lisboa. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Livro de Receita e Despesa de todas as Rendas do Convento da Encarnação, 1675, Liv. 9 (Cód. ref. PT/TT/CNSEF/008/0001). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria

Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MARIA DO MONTE DE SANTANA E VASCONCELOS (Funchal, 1810 — Ibid.; 1884) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria do Monte de Santana e Vasconcelos (por vezes aparece como Maria do Monte de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt ou abreviadamente, M.M.S.A. e Vasconcellos), nasceu em São Pedro (Funchal), a 21 de maio de 1810. Era filha de Pedro de Santana e Vasconcelos e de Jacinta de La Tuellière (ou Tullière), natural de Sto. António, descendente dos cônsules de França na Madeira desde 1757, neta de Nicolas-Jacques-Philippe Sabois Anicet de La Tuellière (natural de Belém, Lisboa) e de Joaquina Monteiro de Gusmão (natural de Corpo Santo, Recife, Pernambuco, Brasil). Foi irmã de Jacinto Augusto de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, 1.º Visconde das Nogueiras, e cunhada da Viscondessa das Nogueiras†. Diversos membros da família Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt foram igualmente escritores, alguns dos quais educados em Londres, como o seu irmão Pedro de Santana e Vasconcelos (1799-1857). Maria do Monte de Santana e Vasconcelos foi inspetora para a Comissão Protetora da Escola Municipal de Meninas da freguesia de Santo António, ao lado de Maria Emília Drumond e Júlia Monteiro, nomeadas pela Câmara Municipal do Funchal. Manteve correspondência com personalidades ligadas à vida cultural, de âmbito nacional e internacional.

Lamentavelmente, não se conhece o paradeiro das suas cartas, assim como a sua colaboração na imprensa periódica. De acordo com Luiz Peter Clode, viveu e faleceu num prédio da rua das Pretas. Faleceu solteira a 12 de agosto de 1884. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria do Monte de Santana e Vasconcelos foi uma das primeiras escritoras a cultivar o género de romance histórico em Portugal. Publicou, dentro do género de “literatura de cordel”, em 1855 o “O Cura de São Lourenço”, publicado em Lisboa, com 41 capítulos. Num prefácio de um certo F. P., em “Duas palavras ao leitor”, refere-se a este romance com estes termos: “um pequeno romance escripto com sentimento. A acção corre placida e naturalmente, e o desfecho é logico, e em harmonia com o fim que se propoz a auctora na sua composição: mostrar o perigo e a inconsistencia das theorias anti-religiosas, e sua influencia malefica sobre a familia e a sociedade” (p. IV). Mais à frente critica que “Pena é que sendo a auctora nascida em uma das mais bellas provincias da monarchia, na preciosa ilha da Madeira, que viajantes e poetas chamam a perola e a flor do Oceano, escolhesse para logar das scenas principaes do seu romance as regiões menos pittorescas da França, e adoptasse para os personagens d'elle nomes estrangeiros!” (p. IV). Mais tarde, publicou no Funchal “Bermudo e a mesa de prata de D. Dinis: romance original” (1879), com 249 páginas e 30 capítulos. No “Dicionário Bibliográfico Português” de Inocêncio Francisco da Silva (vol. VI, p. 162), fez-se confusão com Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz Bettencourt†, informação depois corrigida no vol. XVI (pg. 356). Lamentavelmente, tal

confusão ainda é repercutida nos nossos dias, como no “Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade” (2009) de Conceição Flores, Constância Lima Duarte e Zenóbia Collares Moreira. As suas obras são recuperáveis na Biblioteca Nacional de Portugal, não se conhecendo, contudo, outros textos da sua lavra. Marino refere que Maria do Monte de Santana e Vasconcelos deixou colaboração em jornais madeirenses e manteve correspondência com importantes escritores e artistas portugueses e estrangeiros. É possível atribuir-se o artigo “Aos ateus” publicado n’ “A Aurora Liberal” a 25 de janeiro de 1876, assinado como D. M. M. de B. **3. DA AUTORA.** ●1. O cura de São Lourenço: romance. Lisboa: Imprensa Nacional, 1855, 183 p.; reed. por Andreia Pinho e Tânia Fortunato, coord. Ângela Correia, Lisboa, Bibliotónica Portuguesa, 2016, <https://bibliotronica.popularjump.com/livro/o-cura-de-s-lourenco-maria-do-monte-de-santana-e-vasconcelos/> ●2. Bermudo e a Meza de Prata de D. Diniz: romance original. Funchal: 1879. ●3. “Aos ateus”. A Aurora Liberal. Funchal, n.º6 (25-01-1876), (assinado D. M. M. de B., Incipit: “Oh! Vós que duvidais tão cegamente”). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Bettencourt, Jaime Moniz de, O Morgado de Vilar de Perdizes. Lisboa: Edição do Autor, 1ª Edição, 1986; Bettencourt, Jaime Moniz de, Os Bettencourt: das origens normandas à expansão atlântica. Funchal: Ed. de autor, 1993; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L.

S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Bettencourt, Maria do Monte de Sant’Ana e Vasconcelos Moniz de [em linha], 1986. Funchal [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=666062&FileID=1708472>; Mézin, Anne, Les consuls de France au siècle des lumières (1715-1792), [Paris]: Ministère des affaires étrangères. Direction des archives et de la documentation, 1998; Torres, João Carlos Feo Cardoso de Castelo Branco e, Atestado genealógico da ascendência do senhor José Francisco de Sant’Anna e Vasconcellos Moniz de Bettencourt. Lisboa: Imprensa Nacional, 1857.

MARIA DULCELINDA DA COSTA DE CABEDO CARDOSO (Funchal; 1899 — Lisboa; 1968) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Dulcelinda da Costa de Cabedo nasceu em Santa Luzia (Funchal) a 4 de abril de 1899. Era filha do major de infantaria, João Augusto da Costa de Cabedo (1854-1917) e de Matilde Amélia Fernandes de Cabedo. Foi irmã do jornalista João Octávio da Costa de Cabedo (1880-1912). Maria Dulcelinda da Costa casou-se com o escritor cabo-verdiano, Nuno Catarino Cardoso (1887-1969), com geração. Viajou pela Europa e participou em diversas conferências realizadas na Madeira, em Lisboa e em Coimbra, especialmente no Teatro Politeama (Lisboa) e nos Colóquios Olissipianos. Maria de Cabedo manteve correspondência com Alfredo Augusto Lopes Pimenta entre 1935 e 1947. Na Casa da Madeira realizou serões

culturais para dar a conhecer em Lisboa escritores madeirenses. Foi sócia do Instituto de Sintra, do Grupo Cultural “Amigos de Lisboa” e do Instituto de Cultura Italiana. Foi sócia correspondente da Academia Literária Feminina, do Rio Grande do Sul (Brasil). Faleceu em Lisboa, a 12 de fevereiro de 1968. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Assinando os textos com o pseudónimo Yvett ou Yvette, Maria de Cabedo reuniu crónicas publicadas no “Diário da Madeira”, “Crónica Feminina”, “Eva” (crónicas, contos, crítica de arte e relatos de viagem), no “Diário de Notícias” do Funchal (na rubrica “No meu caderno”), “Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro” em livro, intitulado “Phantasias e Realidades” (1927) em Lisboa. Alguns dos seus textos foram reproduzidos em jornais açorianos e brasileiros. Nos jornais, “As Novidades”, “Revista Ribatejana”, revista “Portugal Feminino”, “Stella” e “Menina e Moça”, referente ao intercâmbio com intelectuais brasileiros. Na Madeira, colaborou no “Almanaque Ilustrado do Diário da Madeira”. Deixou textos inéditos, especialmente contos, romance, argumento para filme, relato de viagens. No prefácio “Phantasias e realidade”, o escritor português Alfredo Pimenta (1882-1950) realçou as qualidades de escrita de Maria de Cabedo, as “tintas festivas”, as frases sonoras, a “alma estruturalmente emotiva, servida por uma imaginação exuberante”, o espírito culto, nascido e criado “num meio quase cosmopolita como o do Funchal” (p. 12-13). Maria de Cabedo realçou a importância da educação das mulheres. **3. DA AUTORA.** ●1. “O violino da morta”. In ‘Almanaque do Diário da Madeira’ para 1914. ●2.

“Do Natural”. In ‘Diário da Madeira, 11-02-1914 (assinado Yvett). ●3. “Acordes ligeiros”. In ‘Diário da Madeira, 04-04-1914 (assinado Yvett). ●4. “Indiscrição”. In ‘Diário da Madeira, 13-07-1914 (assinado Yvett). ●5. “Conversando”. In ‘Diário da Madeira, 22-11-1915 (assinado Yvett). ●6. “Quadro simples”. In ‘Diário da Madeira, 05-03-1916 (assinado Yvett). ●7. “De longe. In ‘Diário da Madeira, 17-09-1916 (assinado Yvett). ●8. “Carta para longe”. In ‘Diário da Madeira, 14-02-1917 (assinado Yvett). ●9. “Quadro simples”. In ‘Diário da Madeira, 01-05-1927 (assinado Maria de Cabedo). ●10. Phantasias e realidade: crónicas publicadas no Diário da Madeira. Prefácio de Alfredo Pimenta. Lisboa: Livr. Aillaud e Bertrand, 1927, 179 p. ●11. “Ler”. In ‘Revista Esperança’, n.º 9 de 01-11-1927. ●12. “O meu Caderno. O Dr. Mario e o Alienismo”. In ‘Diário da Madeira, 02-08-1928 (assinado Maria de Cabedo). ●13. “A Ilha da Madeira”. In ‘Diário da Notícias’, Funchal, 25-12-1931 (assinado Maria de Cabedo) ●14. “Um poeta madeirense desconhecido”, Novo Almanaque Luso-Brasileiro, Lisboa, 1932, p. 369-370. ●15. “A Minha Ilha”. In “Revista Modas e Bordados”, 24-01-1934 (contém foto da autora e do Castelo do Pico, número dedicado à Madeira). ●16. “A Infanta D. Maria de Portugal (Conferência realizada no salão de Festas do Jornal “O Século”, em maio de 1934 e no “Teatro Sousa Bastos (Coimbra), agosto de 1934). ●17. “Voz da Terra”. In ‘Diário da Madeira, 16-06-1940. ●18. “A Rainha Santa Isabel (Conferência feita na “Juventude Antoniana”, a 15-07-1940). ●19. “Mulheres Ilustres Brasileiras”. In ‘Revista Menina e Moça’, n.º 79, de 02-

1954. ●20. “Conto do Sábado. O violino da Morte”, In ‘Voz da Madeira’, de 19-04-1957. ●21. “A Madeira – Terra de Maravilha” (Conferência realizada no “Teatro Politeama”, na festa em benefício da ‘Casa da Madeira’ em Lisboa). ●22. “O trabalho e redenção” (Conferência realizada no ‘Cine Royal’). ●23. “A Madeira e a Caridade” (Conferência realizada no ‘Cine Royal’ em benefício dos sinistrados madeirenses). ●24. “Descobrimento da Madeira” (conferência realizada no “Instituto de Cultura Italiana”, dirigido pelo escritor e crítico italiano, Gino Saviobi). ●25. “A Música, a melhor expressão da vida” (conferência realizada no “Instituto de Cultura Italiana”). ●26. “As madonas de Rafael” (conferência realizada no “Instituto de Cultura Italiana”). ●27. “O Poeta Dr. Alberto Bramão” (conferência realizada no “Instituto de Cultura Italiana”). ●28. “O Amor através da poesia de Ada Negri” (conferência realizada no “Instituto de Cultura Italiana”). ●29. “Lola de Oliveira a Escritora Brasileira Amiga de Portugal”, feito em Lisboa em 1964. ●30. “Como os Escritores Brasileiros vêm Portugal” (conferência realizada no Salão dos “Amigos de Lisboa” a 01-11-1960). ●31. “Uma preciosa capela desconhecida do grande público”. In *Olisipo: boletim do Grupo Amigos de Lisboa*. - Lisboa. - A. 26, nº 103 (Jul. 1963), p. 142-147: il. ●32. Portugal. Guimarães. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. Fundo Alfredo Augusto Lopes Pimenta. Correspondência com Alfredo Augusto Lopes Pimenta [PT/AMAP/AALP/134-2301], 1930/1947-06-19. ●33. “Crónicas autênticas” (conto inédito). ●34. “Os filhos” (Romance inédito). ●35.

“Aventuras de Mimi” (conto infantil, inédito). ●36. “A fascinação do Mar” (argumento para filme, inédito). ●37. “Os inimigos da Mulher” (contos, inédito). ●38. “Através da Itália e da França” (relato de viagens, inédito). ●39. “Varanda aberto sobre o mundo” (notas sobre países distantes). ●40. “Corpos e almas” (Conto, inédito). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Clode, Luís Peter, Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983, p. 82; Macedo, L. S. Ascensão de, *Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde*. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira*, vol 2: Nota biobibliográfica: Cardoso, Maria Dulcelinda da Costa de Cabedo [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666245> ; Branco, Alfredo de Freitas, *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira*, III, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1915-1953: p. 164; Flores, Conceição, Constância Lima Duarte, and Zenóbia Collares Moreira. *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade*, Ilha de Sta. Catarina, Ed. Mulheres, 2009, p. 212; VV. AA., “Maria de Cabedo”. In dir. Castro, Zília Osório de; Esteves, João, *Dicionário no feminino (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 656.

MARIA DUNDAS GRAHAM CALLCOTT (Reino Unido; 1785 —Ibid; 1842) **1.**

NOTA BIOGRÁFICA. Maria Dundas nasceu em Papcastle (Cockermouth, Cumberland, Reino Unido) a 19 de julho de 1785, filha de George Dundas e de Miss Thomson (ou Thompson). Lady Callcott foi educada numa escola em Manor House em Drayton (Oxford), onde aprendeu latim, francês, italiano, botânica, história, geografia, literatura inglesa, música e pintura. Viajou pela Índia, Europa e América do Sul entre 1808 e 1825. Em 1809, casou-se com Thomas Graham e, em segundas núpcias, com o pintor Augustus Wall Callcott, em 1827. Esteve em várias partes do mundo, especialmente no Brasil onde foi preceptora da princesa D. Maria da Glória. Faleceu em The Mall, Kensington Gravel Pits (Reino Unido), a 21 de novembro de 1842. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** É autora de diários de viagem e de correspondência, que se conservam Biblioteca Nacional do Brasil (Rio de Janeiro) e na Bodleian Library (Reino Unido). Publicou diversos textos sobre as suas viagens, em "Memoirs of the war of the French in Spain" (1816), "Journal of a Residence in India" (1812), "Letters on India, with Etchings and a Map" (1814), "Three Months Passed in the Mountains East of Rome, during the Year 1819, 1820" (1821), "Memoir of the Life of Nicolas Poussin" (1820), "Journal of a Residence in Chile during the Year 1822. And a Voyage from Chile to Brazil in 1823" (1824); "Journal of a Voyage to Brazil, and Residence There, During Part of the Years 1821, 1822, 1823" (1824); "Voyage Of The H.M.S. Blonde To The Sandwich Islands, In The Years 1824-1825" (1826); "A Short History of Spain" (1828); "Description of the chapel of the Annuziata dell'Arena; or Giotto's Chapel in Padua" (1835);

"Little Arthur's History of England" (1835); "Histoire de France du petit Louis" (1836); "Essays Towards the History of Painting" (1836); "The Little Bracken-Burners -A Tale; and Little Mary's Four Saturdays" (1841); "A Scripture Herbal" (1842). Por volta de 1821, Lady Callcott esteve na Madeira e na ilha de Tenerife, onde deixou as suas impressões no seu "Journal of a Voyage to Brazil, and Residence There" entre as páginas 77 a 82. A sua impressão sobre a ilha, que já a tinha conhecido doze anos antes da data da entrada no diário, suscitou-lhe um misto de expectativa e de desencanto: "The land is high and rocky, but near the town there is a good deal of verdure, and higher up on the land, extensive woods; a considerable quantity of wine is made there, which, being a little manufactured at Funchal, passes for true Madeira. As usual in Portuguese colonial towns, the church and convent are very conspicuous. When we passed Porto Santo, and the Desertas, and anchored in Funchal roads, I was disappointed at the calmness of my own feelings, looking at these distant islands with as little emotion as if I had passed a headland in the channel. Well do I remember, when I first saw Funchal twelve years ago, the joyous eagerness with which I feasted my eyes upon the first foreign country I had ever approached, the curiosity to see every stone and tree of the new land, which kept my spirits in a kind of happy fever" (p. 78). **3. DA AUTORA.** Journal of a Voyage to Brazil And Residence There During Part of the Years 1821, 1822, 1823. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, and Green, 1824 (assinado como Maria Graham). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Mitchell, Rosemary, 'Callcott, Maria, Lady Callcott (1785-1842)'. Oxford Dictionary of National Biography. Oxford: Oxford University Press, 2004.

MARIA ELVIRA GOMES DE LA MATA DINIZ (Funchal; 1900 — Ibid.; 1922) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Elvira de la Mata Diniz nasceu no Funchal a 26 de março de 1900. Era filha de António Augusto Diniz e Maria da Conceição Gomes de la Mata. Esta jovem poetisa fez o curso completo na extinta Escola Normal do Funchal e na Escola do Magistério Primário, que não chegou a concluir por ter falecido muito nova, a 28 de março de 1922. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Deixou um livro de versos inédito, um dos quais reproduzido por Luís Marino na sua "Musa Insular" intitulado "Quadras dispersas" (19-05-1920). **3. DA AUTORA.** "Quadras dispersas". In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 470. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>. <http://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666416>

MARIA ESPÍRIDA DE JESUS VITERBO DIAS (Guiana; 1899 – Funchal; ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida na Guiana Inglesa, a 18 de dezembro de 1899, Maria Espírida de Viterbo Dias era filha de Manuel de Jesus Monteiro e de Firmina de Jesus. Casou-se com Júlio Viterbo Dias, docente e redator do jornal "A Esperança" (1914). A sua família pertenceu à Igreja Evangélica, percurso encetado por Robert Reid Kalley (1809-1888). **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Marino, no seu "Panorama Literário", vol. 3 (p. 99), refere que Maria Espírida Dias colaborou no jornal "O Congresso" e jornais evangélicos e no jornal "A Esperança: órgão católico" (1914), em que o seu esposo foi redator. Igualmente poderão conter textos noutros jornais evangélicos funchalenses, como "Voz da Madeira" (fundado em 1908), "A Madeira Nova" (fundado em 1925) e "Madeira Evangelica" (fundado 1927). **3. DA AUTORA.** "Vista retrospectiva". In "O Congresso", de 08-12-1928. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Ferreira, Jo-Anne S., "Madeiran Portuguese Migration to Guyana, St. Vincent, Antigua and Trinidad: A Comparative Overview". Portuguese Studies Review, 14/2 (2006), p. 63-85; Leite, Rita Mendonça, "imprensa protestante". In "Aprender Madeira", 2017, url: <http://aprendermadeira.net/imprensa-protestante>; Menezes, Mary Noel, Scenes from the History of the Portuguese in Guyana. London: [s.n.], 1986; Menezes, Mary Noel, "The Madeiran Portuguese Woman Guyanese Society 1830-1930". In Bridget M. Brereton e Kevin A. Yelvington (Eds.), The Colonial Caribbean Transition: Essays on

Postemancipation Social and Cultural History. Mona: The Press University of the West Indies, 1999, p. 159-173; Valente, David, "Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal: contributo para a história da sua formação", Lusitânia Sacra, 2.ª série, 16 (2004), p. 477-510.

MARIA EUGÉNIA DE AFONSECA ACCIAIOLLY REGO PEREIRA (Ponta do Sol; 1875 — Funchal, 1947) **1. NOTA**

BIOGRÁFICA. Nascida na Ponta do Sol, a 1 de maio de 1875, Eugénia Rego Pereira, era filha de Carlos Acciaiolly Rego, escrivão da Fazenda Pública, e de Juliana de Afonseca Rego. Eugénia Rego casou em 1900, na igreja paroquial de Sta. Luzia, com o oficial da marinha, João Higino Pereira (1875-1906), com geração. É descendente das poetisas Emília Henriqueta Acciaiolly Rego† e de Emília Acciaiolly Rego†. No seu salão situado à Rua do Bispo, n.º 34, ensinou dança e coreografia e lecionou no Colégio Lisbonense no Funchal. Organizou diversos espetáculos teatrais no Teatro Municipal, com várias representações. Faleceu no Funchal a 27 de agosto de 1947. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Eugénia Rego é uma das mais importantes dramaturgas madeirenses da primeira metade do século XX. Colaborou na imprensa diária regional e nacional, especialmente no "Diário de Notícias", "Heraldo da Madeira", "Diário da Madeira", "Portugal Feminino" (1932-1933), "Almanaque Bertrand", "Revista Insular de Turismo" (" Lisboa), "Ilustração Portuguesa" (Lisboa), "Magazine Instante", "Eva Publicações", entre outras por identificar. Algumas das suas peças de teatro e composições musicais

permaneceram manuscritas, que se conservam no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. Publicou um livro de poesias "Folhas Perdidas" (1929) e colaborou no filme "O Fauno das Montanhas" (1926) do realizador Manuel Luís Vieira com uma coreografia da sua autoria. **3. DA AUTORA.** ●1. Portugal. Arquivo Regional da Madeira. Espólio Eugénia Rego Pereira, 1926-1944 (PT/ABM/ERP) ●2. "Folhas: Folhas sem Cor" (1926/1926), que inclui as peças de teatro mss.: "Um Arraial Madeirense, Costumes Madeirenses", "A Varina e o Carvoeiro", "Marinheiros e Descontente"; compila os poemas: "A Última Moda", "Prova de Afecto", "Oferecendo uma Carteira", "Esquecimento", "Que Prazer!", "Despique", "Quadras Soltas" e "A Florista" (64 p. mss.). ●3. "Sol e Gelo" (1932), fantasia em três actos e cinco quadros, com música de César Gonçalves, representado em maio e junho de 1932, estreada "Em Benefício da Escola de Artes e Ofícios" (170 p. mss.) ●4. "Seguindo a Estrela" (1933), opereta em um prólogo e dois actos) (173 p. mss.) ●5. "De Norte a Sul" (1937), revista, em um prólogo, dois actos e um final, com música do Maestro Dário Flores (159 p. mss.), levada à cena no Teatro Municipal do Funchal, estreada a 10-04-1937. ●6. "Asas Misteriosas" (1941), revista ou fantasia em um prólogo e dois actos, com música adaptada (110 p. mss.), estreada no Teatro Municipal do Funchal a 20-05-1941. ●7. "Feitiço Quebrado" (1942), peça de teatro em dois actos, um prólogo e um final, com ensaios de Teodoro Silva, marcações, cenários e figurinos de Henrique Martins, contra-regra Cirilo Nunes e Álvaro Pereira,

ponto Aníbal Ascensão e direcção de orquestra de Santos Freitas (130 p. mss.), peça estreada a 16 de maio de 1942. ●8. "Espuma de Champanhe" (1943), peça de teatro em dois actos, estreado a 20-05-1943. Inclui, também, os episódios dramáticos, em um acto, "Ana Maria" (Com colaboração de Teodoro Silva, estreado a 14-05-1943) e "No Hotel do Descanso" (comédia em um ato). ●9. "Sob o Céu de Portugal" (1944), peça de teatro em um prólogo e dois actos (p. 144); ●10. "As Rodas do Tempo e Hoje como Ontem" (s.d.), fantasia e revista, em um prólogo, dois actos e uma apoteose (191 p. mss.); ●11. "Na Hora Precisa" (s.d.), comédia em três actos. Integra a comédia "Coisas da Minha Terra: Costumes Madeirenses - Para uma festa de despedida de ano em 31 de Dezembro" (130 p. mss.). ●12. "Estrela cadente". In "Diário da Madeira", de 10-01-1917. ●13. "Gente do mar, opereta em 2 actos" (música de Dario Flores, junho de 1927 rep. 1929). ●14. "O milagre das rosas". In "Diário de Notícias", de 25-12-1931; ●15. "Sol de inverno". Revista levada [NI]. ●16. Folhas Perdidas. Ilustr. de Henrique Franco. Funchal:[s. n.], 1929, 110 p. ●17. "Lamento". Heraldo da Madeira [NI].

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Clode, Luís Peter, Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983, p.: 365; 397-398; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Pinto, Rui Magno, "Eugénia Rêgo

Pereira: professora de dança e mentora de espectáculos". In 50 histórias de músicos da Madeira. Funchal: Associação de Amigos do Gabinete Coordenador de Educação Artísticas, D.L. 2008, p. 40-41; Teixeira, Maria Mónica; Barros, Fátima, Arquivos de escritores e investigadores madeirenses: instrumentos descritivos, Arquivo Histórico da Madeira, vol. XXIII, Funchal, 2016, p. 258-277.

MARIA FLORINDA TRINDADE MOTA

(Funchal; 1889 — Ibid.; 1971) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Florinda Trindade Mota nasceu na Madeira a 16 de junho de 1889. Era filha de António de Vasconcelos e de Maria Virgínia da Conceição Mota. Foi professora da Escola de Artes e Ofícios. Faleceu no Funchal a 22 de julho de 1971. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Florinda Trindade Mota dinamizou o teatro amador com os seus alunos, através da escrita e adaptação de textos. Representou, ao lado Adelaide Ascensão Maciel, Maria Fausta Maciel e Maria José Santana, uma peça da autoria Pe. Eduardo Clemente Nunes Pereira, em "Madeixa", levado à cena na residência de António Feliciano Rodrigues (Castilho). Concorreu ao "Concurso de Quadras Populares", realizado pelo jornal "Eco do Funchal" (1948), usando o pseudónimo Maria do Funchal. **3. DA AUTORA.** "Quadra popular". In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 382. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de

Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Mota, Maria Florinda Trindade [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667371>

MARIA FRANCELINA MORAIS DE LUNET

(Machico; 1895 — Ibid.; 1970) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Francelina Morais de Lunet (ou Luné) nasceu em Machico a 21 de fevereiro de 1895, filha de Ascenso Augusto Luné (natural de Viseu) e de Leocádia Palmira de Morais Luné, moradores em Santa Maria Maior (Funchal). Desconhecemos muitos aspetos sobre a sua vida. Faleceu a 26 de maio de 1970 em São Pedro (Funchal). **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Francelina Lunet, com apenas onze anos de idade, publicou no “Diário de Notícias” (1906) um poema dedicado à uma parente pelo seu aniversário natalício. Não se conhece outra produção poética. Encontra-se representada na “Musa Insular” de Luís Marino. **3. DA AUTORA.** “À minha prima Maria José (como prova de reconhecimento)”. In “Diário de Notícias”, 19-08-1906 (incipit: “Agosto, Agosto, de verão sorridente!/Gentil aniversário vens engrinaldar”). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Lunet, Maria Francelina Morais de [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667163>

MARIA GOMES DOS SANTOS (Funchal; 1894 — Ibid.; 1939) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Apesar da existência de pessoas homónimas, cremos que Maria Gomes dos Santos era natural do sítio do Galião, freguesia de São Roque (Funchal), onde nasceu a 3 de março de 1894, filha de Manuel Gomes Pernetta e de Ana de Jesus de Andrade. Foi baptizada na Igreja Presbiteriana da Madeira, pelo Reverendo A. Drummond Paterson. Foi professora de ensino primário na Escola da Levada. Faleceu a 22 de agosto de 1939. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Gomes dos Santos colaborou em jornais e revistas da comunidade evangélica do Funchal, especialmente em “A Madeira Nova” com artigos de conteúdo edificante. **3. DA AUTORA.** ●1. “Fé de padre”. In “A Madeira Nova”, n.º 19, 24-04-1932; ●2. “Onde encontrar Jesus”. In “A Madeira Nova”, n.º 16, 03-1932; ●3. “O valor da Oração”. In “A Madeira Nova”, n.º 21, 01-05-1932; ●4. “Festas das Mães”. In “A Madeira Nova”, n.º 22, 08-05-1932; ●5. “Sábado dos Judeus ou Domingo dos Cristãos”. In “A Madeira Nova”, 12-06-1932; ●6. “Trabalhemos pela verdadeira Pátria”. In “A Madeira Nova”, 15-10-1932; ●7. “Miss Odgers”. In “A Madeira Nova”, n.º 112, 03-03-1934; ●8. “A Bíblia do Dr. Kalley (Recordações)”. In “A Madeira Nova”, n.º 1, 10-1938. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Santos, Maria Gomes dos [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=66784>.

MARIA HELENA JERVIS DE ATOUGUIA E ALMEIDA (Funchal, 1847 — Lisboa,

1928) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida a 6 de maio de 1847, Maria Helena Jervis de Atouguia e Almeida, mais conhecida literariamente como Berta de Ataíde (ou Bertha de Athayde), é natural da freguesia do Monte. Era filha do morgado Jacinto Aloísio Jervis de Atouguia (natural do Campanário) e de Maria Miquelina Trindade Jervis de Atouguia (oriunda de S. Pedro). O seu tio, António Aloísio Jervis de Atouguia, foi um bacharel formado em matemática e lente substituto na Academia da Marinha. Casou-se com Cristóvão Guilherme de Almeida (natural de Angra do Heroísmo) na igreja paroquial de S. Pedro a 24 de novembro de 1860, moradores na rua das Pretas, com geração. Após à morte do seu pai, a família emigrou para o Brasil, onde permaneceram cerca de três décadas. No regresso, fixou residência em Lisboa, onde desenvolveu várias ações filantrópicas e culturais. Participou em diversas comissões de instrução feminina na Madeira, no Brasil e em Lisboa, defendendo proativamente as mulheres socialmente desprotegidas, fomentando o acesso à educação e a sua proteção na doença. Desempenhou funções de secretária da direção central da comissão administrativa do “Asilo de Mendicidade e Órfãos” do Funchal (criado em 1847). Faleceu em Lisboa a 7 de maio de 1928. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** A sua atividade literária iniciou-se com a publicação de textos poéticos na imprensa periódica e nos almanaques portugueses, especialmente no “Almanach das Senhoras”, assinando inicialmente com siglas e com o pseudónimo Bertha de Athayde. A sua obra “Mosaicos” foi publicada em 1907

e em 1909, e ficou perspetivada uma terceira edição que não veio à luz. Trata-se da primeira poetisa madeirense a publicar em livro. Com cerca de 114 páginas, os “Mosaicos” foram dedicados à D. Guilhermina de Araújo. A segunda edição veio com um prefácio do escritor e amigo Pe. Sena Freitas, escrito em Lisboa, a 15 de março de 1907, segundo refere: “Foi o sentimento altruista da caridade que nos aproximou um dia no Funchal, quando V. Ex.^a, no enlêvo do seu bem-fazer, se votava inteiramente à educação da juventude feminina” (“Mosaicos”, p. ii). Esta obra reúne não só textos poéticos inéditos como também aqueles que foram publicados na imprensa periódica. O objetivo consistia em criar fundos para apoiar as associações femininas que ajudou a fundar. Possui poemas como “O Incendio na Choça” (dedicado a D. Guilhermina de Araújo, escrito em Entre-os-Rios, em 1905), “Reliquia” (dedicado a Alda Moutinho, escrito em Entre-os-Rios, em 1905), “Ave Maris Stella” (dedicado ao Cón. Senna Freitas), “Sob as urzes” (canção) (escrito na Ilha Terceira, em 1863); “Conselho de Mãe” (dedicado ao seu filho Rodrigo, escrito em 1876), “Poesia recitada na Escola da Associação de Protecção e Instrução do sexo feminino funchalense, no regresso do Dr. Camara Leme Homem de Vasconcellos (mais tarde Conde de Cannavial) após a exposição de Paris de 1878”, “Offerenda”, “A viagem (barcarola)”, “O Sonho” (escrito em 1876), “Delirio” (escrito no Campanário, em 1876), “Gracejo Materno”, um mote da autoria de Joana de Castelbranco e glosa de Berta de Ataíde, “Amisade” (dedicado a Leonor Augusta da Silva, escrito no Campanário em 1876), “N’um

album” (dedicado a Elisa Rebello), “Pensée” (N’um Album) (escrito no Rio de Janeiro em 1879), “No album da minha amiga Rachel Hoddock Lobo” (escrito no Rio de Janeiro em 1881), “N’um dia chuvoso (de volta á aldeia da infancia)” (escrito no Monte em 1901). Dedica no mesmo livro “Echos dolentes” à Condessa do Alto Mearim, Emília Labourdonay Gonçalves Roque (1856-1939), com uma carta dedicada à “Minha querida Sinhá”. Neste volume, possui textos poéticos em português e em francês. A produção poética de Berta de Ataíde decorre de contextos festivos (aniversários de entes queridos ou eventos de caridade) integrados em ‘alba amicorum’, textos consolatórios (por motivo da morte de alguém), momentos de introspecção e de contemplação da natureza e da terra onde nasceu, como no poema “Ao pôr do sol (na varanda)” onde diz: “Que hei de fazer á saudade/que me não cabe no peito?/ Vou deixal-a n’estes rios... /de gratidão seja preito” (Mosaicos, p. 87). O mar e a viagem constituem um tópico presente na sua poesia. Exemplo disto é o poema “O Remeiro”: “Nasci, creei-me nas ondas,/por patria só tenho o mar./ Só conheço as harmonias/ das ondinas a cantar” (Mosaicos, p. 99). Os “Mosaicos” de Berta de Ataíde provêm de uma palavra grega (μουσαϊκόν, mousaikón), "obra das musas", mas neste caso com um propósito humanitário: a educação e proteção das mulheres pobres. Branca de Gonta Colaço (1880-1945) considerou Berta de Ataíde como a “Decana das Poetisas Portuguesas”. A sua figura obteve grande projeção no livro “Auroras da instrução pela iniciativa particular” (1885) de Antonio da Costa de Sousa de

Macedo (1824-1892), como co-fundadora da “Associação Protectora do Sexo Feminino Funchalense”, constituída com o apoio entusiástico do Conde de Canavial e de outras personalidades de relevo da ilha da Madeira. Manteve contactos com Joana de Castelbranco† e Guiomar Torrezão.

3. DA AUTORA. ●1. Mosaicos. Lisboa: Bella Africana, 1907, 114 p; 2.ª ed. corrig. e aument. Lisboa: Tip. A Publicidade, 1909. ●2. “Sublime perdão, junto à fonte de Juvêncio”. Almanach das senhoras (1913). ●3. “O meu pinheiro”. Almanach das senhoras (1914). ●4. “O Remeiro”. In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 184-185.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Abreu, Ilda Maria Assunção e Silva Soares de, “Maria Helena Jervis de Atougua e Almeida”. In dir. Castro, Zília Osório de; Esteves, João, Dicionário no feminino (séculos XIX-XX). Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 681b; Cardoso, Nuno, Poetisas Portuguesas. Lisboa 1917; Clode, Luís Peter, Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983, p. 30b-31a; Macedo, António da Costa de Souza de, Auroras da instrução pela iniciativa particular. 2.ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1885; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Almeida, Maria Helena Jérvys de Atougua e (Canavial) [em

linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=665901>

MARIA ISABEL DA COSTA DIAS SILVA (Calheta; 1890 — Funchal; 1968) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Isabel da Costa Dias nasceu na Ponta do Pargo (Calheta) a 12 de fevereiro de 1891, filha de António da Costa Dias e de Maria Isabel Fernandes. Era irmã do major Manuel da Costa Dias. Casou civilmente com José Martins da Silva Júnior, natural de Santa Luzia (Funchal) a 27 de novembro de 1918 no Funchal, com geração. Foi professora do ensino primário oficial na Escola Primária de S. Roque. Faleceu em a 10 de setembro de 1968 em São Gonçalo (Funchal). **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Luis Marino refere que Maria Isabel da Costa Dias proferiu um discurso por ocasião da homenagem que lhe foi feita após a sua aposentação. Contudo, o texto foi parafraseado por um jornalista, desconhecendo-se se o texto foi lido ou simplesmente foi um discurso improvisado. É autora de “Diocese do Funchal: Regulamento dos Seminaristas do Funchal” (1940). Desconhecemos textos da sua lavra. **3. DA AUTORA.** ●1. “Discurso proferido na festa de homenagem que lhe foi tributada e a mais dois colegas que atingiram o limite de idade, nas lides profissionais, por vários Professores, na Camacha”. In “Diário de Notícias”, 05-06-1954; ●2. “Diocese do Funchal: Regulamento dos Seminaristas do Funchal”, Funchal, s. n., 1940, 45 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Dias, Maria Isabel da Costa [em linha],

Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=666446>; Id., Ibid.; <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667961>.

MARIA ISABEL DE SPRANGER MARTEL ESPINOSA TEIXEIRA (Funchal; 1888 — ibid.; ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Isabel de Spranger Teixeira nasceu em S. Pedro (Funchal), a 23 de abril de 1888, filha de Luís Martel Espinosa Teixeira e de Maria da Assunção de Spranger Mesquita, casados em 1883 na Igreja Paroquial de S. Pedro (Funchal). Foi baptizada na igreja de S. Pedro, a 10 de maio de 1888. De acordo com Luis Marino no seu monumental “Panorama Literário” refere ter nascido em 1899. De acordo com este autor, Maria Isabel Teixeira residiu, durante alguns anos, no Recolhimento do Bom Jesus, por motivo de doença mental. Desconhecemos a data de falecimento. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Poucos dados se conhecem sobre esta poetisa, que colaborou com textos poéticos no extinto “Diário da Madeira”. Encontra-se representada na antologia “Musa Insular” de Luís Marino. A documentação de arquivo da família Espinoza Câmara Martel foi doada 9 de abril de 2019 ao Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. **3. DA AUTORA.** ●1. “A rosa”. In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 459-460. ●2. “À Cruz da Via Sacra”. In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 460. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo

Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Teixeira, Maria Isabel de Spranger Martel E. [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=668149>.

MARIA ISABEL GAMITO DE OLIVEIRA (Funchal; 1876 — Lisboa; 1970) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Isabel Gamito de Oliveira nasceu em São Gonçalo (Funchal) a 16 de agosto de 1876 e baptizada a 28 de agosto de 1876 na Igreja Paroquial de Santa Maria Maior. Era filha do veterinário, intendente de pecuária e professor, Salvador Augusto Gamito de Oliveira, e de Júlia Adelaide Correia Gamito de Oliveira, casados em Lisboa na Igreja do Socorro, moradores no sítio dos Louros em São Gonçalo (Funchal). Isabel Gamito de Oliveira passou a juventude na Madeira e, mais tarde, residiu em Lisboa, onde faleceu em 1970. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Isabel Gamito deixou larga colaboração em diversos jornais e almanaques. Publicou poesias em “O Conimbricense”, “Correio da Noite” (Lisboa), “Crónica de Lisboa”, “Diário de Notícias” (Funchal), “Diário de Évora”, “Diário dos Açores”, “Diário Ilustrado” (Lisboa), “Ecos da Avenida”, “Jornal das Senhoras” (1904-1905), “Mala da Europa” (Lisboa), “Notícias de Évora”, “O Primeiro de Janeiro” (Porto), “La Temporada” (Madrid). Publicou em Lisboa um livro de poesia intitulado, “Nas Serranias da Vida” (1928). Grande

parte da sua produção poética carece de identificação que se encontra dispersa em diversos jornais. Encontra-se representada nas antologias “Poetisas Portuguesas” de Nuno Catarino Cardoso e “Musa Insular” de Luís Marino. **3. DA AUTORA.** ●1. Nas Serranias da Vida (versos), Lisboa, Ed. J. Rodrigues, 1928; ●2. “Minha Terra (soneto)”. In Diário da Madeira, 1932; ●3. “Cantares”, In “Almanach das Senhoras para 1912”, Lisboa: Typographia de Sousa & Filho, 1911; ●4. “Realidade (inédito)”, In “Almanach das Senhoras para 1913”, Lisboa: Typographia de Sousa & Filho, 1912; ●4. “Num Álbum (inédito)”, In “Almanach das Senhoras para 1914”, Lisboa: Typographia de Sousa & Filho, 1913. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Abreu, Ilda Maria Assunção e Silva Soares de, “Maria Isabel Gamito”. In: Castro, Zilda Osório de, Esteves, João (Dir.), Dicionário no feminino (séculos XIX-XX). Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 693-694; Cardoso, Nuno C., Poetisas Portuguesas: Antologia Contendo Dados Bibliograficos e Biograficos Àcêrca de Cento e Seis Poetisas, Lisboa, N.C. Cardoso, 1917, p. 140-141; Flores, Conceição, Constância Lima Duarte, and Zenóbia Collares Moreira. Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade, Ilha de Sta. Catarina, Ed. Mulheres, 2009, p. 236-237; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Oliveira, Maria Isabel Gamito de [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667486>; Oliveira, A. L., e Viana, Mário G., Dicionário Mundial De Mulheres Notáveis, Porto, Lello, 1967, p. 467; Monte, Gil, O Jornalismo Eborense

(1846-1954), Évora, Ed. de autor, 2.^a ed., 1978, p. 34, 148.

MARIA ISABEL NUNES CAMACHO DE ANDRADE (São Martinho, 1867 — Machico, 1964) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Isabel Camacho de Andrade nasceu em São Martinho a 1 de dezembro de 1867, filha de Agostinho Camacho e de Adelaide Camacho. Foi mãe do Pe. Manuel Severino de Andrade, de Augusto Assunção de Andrade, de António Firmino de Andrade e de José Lino de Andrade. Colaborou no ‘Jornal da Madeira’, em novembro de 1954, com um poema dedicado ao Pe. Manuel Severino de Andrade, então pároco a exercer em Machico. Pouco mais se sabe a respeito da sua atividade nas letras. Faleceu em Machico a 18 de outubro de 1964. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Isabel Camacho de Andrade cultivou a poesia, tendo publicado no ‘Jornal da Madeira’ um poema intitulado “Ao meu querido filho”, dedicado ao aniversário de Pe. Manuel Severino de Andrade em 1954. Outro texto intitulado “Tradição” foi publicado no “Jornal da Madeira” a 30 de dezembro de 1960. Desconhece-se se terá deixado inéditos textos da sua lavra. **3. DA AUTORA.** ●1. “Ao meu querido filho”. In Marino, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 251. ●2. “Tradição”. In *Jornal da Madeira* de 30-12-1960. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Maria Isabel Nunes Camacho de ANDRADE* [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: ; <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=665955&FileID=1708328>.

MARIA ISABEL SPRANGER DE BRITO NÓBREGA (Funchal; 1888 — Ibid.; ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Isabel Spranger de Brito Nóbrega nasceu no Funchal a 22 de janeiro de 1888. Era filha do escritor e jornalista Ciríaco de Brito Nóbrega, redator do “Diário de Notícias”, e de Maria Cândida Mesquita Spranger de Brito Nóbrega. Maria Isabel Spranger de Brito Nóbrega foi professora de ensino particular. Viveu em Valpaços, onde estava parte da sua família, desconhecendo-se a data da sua morte. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Colaborou no “Diário da Madeira” e “Diário de Notícias”. Luis Marino reproduziu na sua “Musa Insular” os únicos textos poéticos que se conhecem desta autora. **3. DA AUTORA.** ●1. “A dor. A meu irmão Fernando de Brito Nóbrega”. In Marino, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 376. ●2. “A maior dor”. In Marino, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 376-377. ●3. “Coração de pai”. In Marino, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 377. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Nóbrega, Maria Isabel Mesquita de Brito* [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667421>.*

MARIA JACINTA ESMERALDO BETTENCOURT (Ponta do Sol; sécs. XVII-XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Poucos dados biográficos se conhecem a respeito desta autora. Casou por procuração com o capitão Tristão de França Bettencourt na capela de S. Sebastião em 1699. Era filha do capitão Luís de Esmeraldo de Atouguia e de Isabel Esmeraldo, moradores na Ponta do Sol, onde casaram em 1654. É sobrinha de António de Freitas Branco (1639-?), Conde de Palatino, célebre emissário secreto de D. Pedro II a Heidelberg, desembargador da Casa da Suplicação, do concelho e fazenda de S. M., alcaide-mór do Castelo de Montemor-o-Velho, Juiz Geral das Coutadas do Reino, chanceler da Sereníssima Casa de Bragança e ministro da Junta da dita Casa, do Infantado e administrador da Casa de Aveiro. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Apenas conhecemos quatro cartas de Maria Jacinta Esmeraldo Bettencourt, de teor familiar dirigidas a seu tio António de Freitas Branco, escritas entre 1700 e 1708. Estas cartas conservam-se na Biblioteca da Ajuda. **3. DA AUTORA.** Portugal. Biblioteca da Ajuda. [Cartas de D. Maria Jacinta Esmeraldo Bettencourt para seu tio, António de Freitas Branco], (Funchal, 21-11-1700), Ms. Av. 54-IX-45, n.º 65; (Funchal, 02-03-1700), Ms. Av. 54-IX-45, n.º 95; (Funchal, 13-11-1703), Ms. Av. 54-IX-46, n.º 22; (Funchal, 12-06-1708), Ms. Av. 54-IX-46, n.º 234. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de

Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MARIA JOSÉ CAPELO DOS SANTOS (Calheta; 1892 — Ibid.; ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Apesar da existência de pessoas homónimas, cremos que Maria José Capelo dos Santos era natural da Calheta, onde nasceu em outubro de 1892, filha de Francisco Gomes dos Santos e de Maria Rodrigues Capelo. Foi baptizada na Igreja Paroquial da Calheta a 7 de novembro de 1892. Foi professora de ensino primário na Escola da Fajã da Ovelha. Faleceu em data que não foi possível apurar. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Gomes dos Santos colaborou em jornais com um artigo “Uma Campanha Civilizadora” (1924). Desconhecemos mais textos da sua lavra. **3. DA AUTORA.** “Uma Campanha Civilizadora”. In “O Jornal”, 18-03-1924. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Santos, Maria José Capelo dos [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667848>

MARIA JOSÉ FERNANDES DE SANTANA (Funchal; 1871 — Ibid.; ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria José Fernandes de Santana nasceu em São Gonçalo em dezembro de 1871. Foi baptizada a 26 de dezembro de 1871 na igreja paroquial de São Gonçalo. Era filha de Francisco Fernandes e de Ana Pereira de Santana e irmã do Pe. Manuel Fernandes Santana, S. I., (1864-1910). Faleceu em data que desconhecemos. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Luis Marino refere que Maria José Fernandes de Santana é autora de umas notas (auto)biográficas

sobre a vida do seu irmão, Pe. Manuel Fernandes Santana, S. I., (1864-1910). Foram parcialmente publicadas no artigo de Pe. A. Meneses na revista "Mensageiro do Coração de Jesus" (1910) e reproduzidas por Marino na entrada correspondente ao Pe. Manuel Fernandes de Santana no seu "Panorama Literário do Arquipélago da Madeira".

3. DA AUTORA. Meneses, A., Pe., "Cartas da Minha Terra". In "Mensageiro do Coração de Jesus", tomo 30, n.º 351, junho de 1910 (texto inserto).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Santana, Maria José Fernandes de [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667803>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Santana, Manuel Fernandes, padre [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667802>.

MARIA LUÍSA DA COSTA PEREIRA (Madeira; 1844 – Ibid; ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Luísa da Costa Pereira nasceu na Madeira a 25 de maio de 1844. Era filha do professor de matemática Dr. Luís da Costa Pereira, e de Ana Amélia Faria Bettencourt da Costa, ambos naturais de S. Pedro e moradores na rua de Sta. Maria, Funchal. Era irmã de Amélia, Ana e Luís da Costa Pereira. Desconhecemos muitos aspectos sobre a sua vida, especialmente a data de falecimento.

2. LEGADO DOCUMENTAL. Assinando textos

como Luísa Maria da Costa Pereira, com as iniciais D. L. M. P. em jornais funchalenses, ou como Maria Luísa da Costa Pereira, persiste confusão se estamos na presença da mesma ou de duas autoras. Publicou no "Archivo Litterario" e "Diário de Notícias" do Funchal, "Gazeta da Madeira", "Imprensa Livre", "A Lâmpada" e representada nas antologias "Flores da Madeira" (1872), "Album madeirense" (1884) e "Musa Insular" (1950). O Visconde do Porto da Cruz, nas suas "Notas & Comentários" fez uma observação negativa baseada exclusivamente na antologia literária "Flores da Madeira" (1872), considerando "composições que é de um banalismo atroz e sem o menor interesse literário".

3. DA AUTORA.

- 1. "À minha irmã, D. L. M.P.". Archivo Litterario, Funchal. Tomo I (03-06-1863), p. 61 (Incipit: "Da natureza fecunda").
- 2. "Morreu!". Archivo Litterario, Funchal. Tomo 1 (05-06-1863), p. 28 (assinado como M., atribuível).
- 3. "Oferta de flores". Archivo Litterario, Funchal. Tomo 1 (22-04-1863), p. 13-14.
- 4. "À memória de minha mãe". Archivo Litterario, Funchal. Tomo I (03-06-1863), p. 59.
- 5. "A meu irmão: Luis da Costa Pereira". Archivo Litterario, Funchal, Tomo I (05-08-1863), p. 122-123.
- 6. "Três páginas de um livro". Gazeta da Madeira: Publicação política, litteraria, artística e comercial, Funchal, N.º18 (14-06-1866), p. 4; reed. Alfredo César de Oliveira, José Leite Monteiro (eds.), Flores da Madeira: Poesias de diversos authores madeirenses. Funchal: Typ. Imprensa Livre, 1872, p. 55-57 (Incipit: "Na página primeira").
- 7. "Sexta-feira da Paixão". Gazeta da Madeira: Publicação política, litteraria,

artística e commercial, Funchal, n.º18 (14-06-1866), p. 4; republ. Alfredo César de Oliveira (compil.) – Flores da Madeira. Poesias de diversos autores madeirenses. Funchal: Typ. da Imprensa Livre, 1872, p. 59-60 (Incipit: "De joelhos, Christãos! De joelhos!"). ●8. "Album: IV: A saudade: poesia oferecida á minha presada sobrinha D. Anna Castro Carvalho". Imprensa Livre: periódico político, comercial e literário, Funchal, n.º8 (28-11-1868), p. 2. ●9. "Aniversário". Gazeta da Madeira: Publicação política, litteraria, artística e commercial, Funchal, n.º7 (15-03-1866), p. 1-2. Republ. em Alfredo César de Oliveira (compil.) – Flores da Madeira: Poesias de diversos autores madeirenses. Funchal: Typ. da Imprensa Livre, 1872, p. 49-50 (Incipit: "Renasce o dia em que à luz"). ●10. "Adeus ao ano de 1872 31 de Dezembro". O Direito, Funchal, (04-01-1873), p. 2. ●11. "Quisera cantar". O Direito, Funchal, (18-01-1873), p. 3. ●12. "Uma lágrima consoladora". O Direito, Funchal, (01-02-1873), p. 3. ●13. "À ex.ma sr.ª D. Rita de Sousa e Costa pela sentida morte de seu esposo". A Lâmpada, Funchal, n.º23 (13-05-1873), p. 1. ●14. "À memória de meu tio, João Nepomuceno Gomes". A Lâmpada, Funchal, n.º22 (07-05-1873), p. 3. ●15. "O pastor feliz". A Lâmpada, Funchal, n.º23 (13-05-1873), p. 3. ●16. "Tributo de saudade: à memória do ex.mo sr. morgado João José de Bettencourt, falecido aos 21 de julho de 1871". A Lâmpada, Funchal, n.º18 (29-03-1873), p. 1. ●17. "A Soledade da Virgem Nossa Senhora". Diário de Notícias, Funchal, n.º139 (29-03-1877), p. 1. ●18. "Ao anniversario da morte da ex.ma snr.a D. Julia Christina M. Bettencourt". Gazeta da Madeira:

Publicação política, litteraria, artística e commercial. Funchal (24-02-1877), p. 52. ●19. "Ao anniversário da morte da Ex.ma Snr.ª D. Julia Christina M. Bettencourt (24 de Fevereiro)". Diário de Notícias, Funchal. 124 (11-03-1877), p. 1. ●20. "Ao Natal". Diário de Notícias, Funchal, n.º102 (14-02-1877), p. 2. ●21. "Da virgem nossa senhora". Gazeta da Madeira: Publicação política, litteraria, artística e commercial, Funchal, 1877, p. 50. ●22. "Poesia: dedicada à minha presada irmã, pela morte de sua querida filha". Vieira, Francisco (ed. lit.), Álbum Madeirense. Poesia de Diversos Autores Madeirenses. Funchal: Typographia Funchalense, 1884, p. 79-80. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Branco, Alfredo de Freitas, Notas & Comentário para a História Literária da Madeira, vol. II, Funchal, CMF, 1949-1953; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Nascimento, João Cabral do, "Literatura madeirense: as poetisas (conclusão)". In Diário de Notícias, A. 42 N.º 13346 (1918-08-27)

MARIA ORNELAS (Funchal; 1877 — *ibid.*; 1949) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Ornelas nasceu em São Pedro (Funchal) a 6 de maio de 1877. Era filha de Dr. Henrique Venâncio de Ornelas e de Helena Amélia da Conceição. Maria Ornelas dedicou-se à pintura e às artes decorativas. Recebeu lições de importantes mestres que passaram pela ilha, entre os quais Artur Cersa. Fez o curso de Pintura por correspondência e

obteve o “Brevet Superieur” (1903-1906) de Paris. Foi mestre de Artes Decorativas na Escola Industrial e Comercial do Funchal e realizou exposições nesta cidade. Durante os bombardeamentos dos submarinos alemães que atingiram o Funchal, serviu como enfermeira da Cruz Vermelha Portuguesa entre julho de 1916 e julho de 1917, tendo recebido pelos seus serviços quatro medalhas. Faleceu a 23 de março de 1949. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Ornelas colaborou na revista “L’Enseignement dans la Famille, da L’École Française de Lettres, Sciences e Arts”, sob direcção G. Saint Savin. **3. DA AUTORA.** Artigos não identificados na “Revue de l’Enseignement dans la Famille”, suplemento de “La Mode illustrée” de Paris. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Clode, Luís Peter, Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983, p. 351-352; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MARIA PULQUÉRIA S. PESTANA (Câmara de Lobos; 1879 — Funchal; 1973) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Natural de Câmara de Lobos, Maria Angélica S. Pestana nasceu a 16 de agosto de 1879. Era filha de Sebastião Pestana e de Constantina Angélica Pestana. Maria Pulquéria Pestana pertenceu a uma família de importantes escritores camaralobenses, como Joaquim Pestana, Dr. Eduardo Antonino Pestana

e Sebastião Abel Pestana. Viveu no sítio do Espírito Santo, na rua Joaquim Pestana. Viveu no Funchal na casa de um sobrinho Jaime Ferdinando Pestana. Nunca casou e faleceu no Monte a 6 de setembro de 1973. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Pulquéria Pestana colaborou no “Diário da Madeira” e no “Almanaque de Lembranças” da Madeira. Grande parte da sua obra terá permanecido manuscrita e por identificar na imprensa local. O Dr. Sebastião Pestana, seu sobrinho, recordava: “Ela ajudou-nos a criar a todos e, apesar de infante, sempre lhe reconheci notabilíssimas capacidades de inteligência e muita vocação para as Letras. E posso dizer que, na poesia, tem produções não de todo deficientes. E se nos lembrarmos de que as suas habilitações literárias, são quase nulas (suponho que mal terá feito a 3.ª classe) mais a admiramos”. **3. DA AUTORA.** ●1. “Sonetinho”. In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 306. ●2. “Sábado Santo: ao meu caro sobrinho Eduardo António Pestana”. In Rodrigues, António Feliciano; Câmara, Jaime (eds. lits.), Almanach de Lembranças Madeirense para 1909. Funchal: J. M. da Rosa e Silva, 1909 (Lisboa: Typographia Mendonça), p. 221. ●3. “Saudades: à minha amiga D. Maria Teresa Pereira”. In Rodrigues, António Feliciano (Ed. lit.), Almanach de Lembranças Madeirense para o anno de 1911. Funchal: J. M. da Rosa e Silva, 1911, p. 184. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de

Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>;
Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Pestana, Maria Pulquéria S. Pestana [em linha], 1986. Funchal. [Consulta: 19-03-2019]. <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667592>.

MARIA RITA COLAÇO CHIAPPE CADET (Alentejo?; 1836 - Lisboa; 1885) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Maria Rita Chiappe Cadet nasceu por volta de 1836 no Alentejo ou no Algarve, tendo sido órfã de pai e de mãe muito nova. Foi professora e escritora e esteve na Madeira entre 1870 e 1875. Privou com a Viscondessa das Nogueiras† e os Viscondes da Ribeira Brava, a quem lhes dedicou poesias e textos dramáticos quando vivia em Portel e na Vidigueira. Abandonou a docência por motivos de saúde e passou a gerir a livraria da Mme. Marie Françoise Lallemand, em Lisboa. Faleceu em Lisboa a 5 de dezembro de 1885. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Rita Colaço Chiappe Cadet publicou várias traduções de autores franceses e notabilizou-se como contista, dramaturga e poetisa. Assinou textos com o pseudónimo Sórora Dolores. Com 16 anos, publicou poesias no jornal “A Beneficência”, fundado e dirigido pela escritora Antónia Gertrudes Pusich†. Em 1864, publicou o “Hino a Sua Majestade El Rei D. Luís I”, com música de Manuel Inocêncio Liberato dos Santos. Colaborou em diversos jornais, especialmente no “Almanaque de Lembranças”, o “Almanaque das Senhoras”, o “Jornal das Damas” e o jornal “A Mulher”. Durante a sua estada na

Madeira, entre 1870 e 1875, Maria Rita Chiappe Cadet colaborou no jornal funchalense “O Direito” com vários poemas e, possivelmente, noutros jornais. Em “Sorrisos e lágrimas: poesias” (1875), Cadet reuniu a sua produção poética escrita na Madeira. A sua poesia regista o encantamento da sua chegada à ilha, como refere no poema “Um Canto: Ilha da Madeira (ao chegar)”, onde diz: “Em breve tu surgiste /qual náíade encantada,/de verde engrinaldada, /banhando os pés no mar; /tu, formosa Madeira, /toda verdura e flores, /qual ilha dos amores, /gentil, de enfeitiçar!.. / Que rico panorama /ao navegante of’reces, /quando ao longe apareces /da onda entre o cristal; /quando na serra altiva /se avistam arvoredos, /e entre erguidos rochedos /risonho e fresco val. / Tu és, ilha formosa, /mimo da Providência, /que dás nova existência, /rica de esp’rança e fé, /ao triste que teu seio /demanda enfraquecido, /que a força tem perdido /e no viver não crê.” (p. 74-75). No entanto, a sua experiência na ilha impeliu-a a enfrentar duras realidades. O poema “A Cega” (1875, p. 42-53) descreve a fome, a pobreza extrema, a desproteção das mulheres e a indiferença e hipocrisia da sociedade insular mais possidente, onde a Madeira passa de “locus mirabilis” a um “locus horribilis”: “Caminha pela estrada entre os horrores /duma noite de inverno, a criancinha /vai amparando os passos da mesquinha, /mas chora que tem medo e tudo é só! /As árvores fantasmas lhe parecem, /gela-lhe o frio os membros franzininhos, /e rasga os tenros pés pisando espinhos, /enquanto o vendaval segue sem dó! (...) Rompe enfim a manhã e após a noite /do rijo

vendaval surge sereno /límpido o sol, os raios espargindo /do mágico esplendor; /à viva luz que espalha se divisam /sobre os frios degraus, a cega extinta /e a criança dormindo, que formavam /um grupo aterrador. // As turbas já em torno se aglomeram, /todos choram tamanha desventura; /uns dizem: «como a triste sofreria /no seu transe final!» /Todos querem valer ao orfãozinho, /as damas já se of’rezem a levá-lo, /outros querem fazer à pobre cega /pomposo funeral”. Cadet refere-se ao mar como espaço disfórico, de aprisionamento e de libertação, no poema “Saudades” (1875, p. 84-86): “E à beira do mar sentada, /meditando silenciosa, /ouvindo a voz misteriosa. /da onda que geme aqui, /eu solto esta pobre endecha, /que através da imensidade /te leve a viva saudade /que minh' alma tem de ti”. Cadet termina o seu ciclo com um outro poema publicado “O Direito” (1871-05-21): “Vou deixar-te, cidade de flores:/É já tempo, reclama-me o ninho,/Abro as asas, retomo o caminho,/A andorinha regressa ao seu lar;/Porém levo na mente gravada/Como grata e suave miragem/De teus campos a rica paisagem/Que não hei de jamais olvidar!”. Cadet, além de poetisa, cultivou a literatura infantil, considerada como uma escritora pioneira. Escreveu contos e textos dramáticos, como “Os Contos da Mamã” (1883), “Caprichos do Luizinho” (1883), “O Primeiro Baile” (1884), “O Último Dia de Férias” (1884), “As Fadas Improvisadas” (1884), “A Preguiça e a Mentira” (1885). Realce-se para o facto de ter escrito textos dramáticos como o “O lunch na quinta” (1884), possivelmente encenados com os filhos

dos Viscondes da Ribeira Brava. **3. DA AUTORA.** ●1. Versos. Lisboa: Typ. de Castro Irmão, 1870, 322 p. ●2. "O canto do segador". O Direito (25-02-1871): p. 2 (Incipit: "À Beira do mar sentada"). ●3. "Saudades". O Direito (04-03-1871): p. 2 (Incipit: "Sumiu-se o sol, rôxea"). ●4. "Resigna-te". O Direito (18-03-1871): p. 1 (Incipit. "Ai porque chôro no meu canto agora?"). ●5. "Charité". O Direito (18-02-1871): p. 1 (Incipit. "Des fleurs!Des fleurs! Partout où je porte mes yeux"). ●6."Que pensas?". O Direito (11-02-1871): p. 1 (Incipit: "Que scismas, virgem, quando a meiga frente"). ●7. Sorrisos e lágrimas: poesias. Lisboa: Lallemand Frères, 1875. ●8. O ultimo dia de ferias: comedia em um acto. Lisboa: Livraria Editora de Madame Marie François Lallemand, 1884, 31 p. ●9. As fadas improvisadas: comedia em um acto. Lisboa: Livraria Editora de Madame Marie François Lallemand, 1884, 31 p. ●10. O lunch na quinta: comedia em um acto. Lisboa: Livraria Editora de Madame Marie François Lallemand, 1884, 32 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Bastos, Glória, Múltiplas vozes sobre a construção do individual e do social no teatro para crianças [Em linha]. Lisboa: [s.n.], 2002. 2 vol., <http://hdl.handle.net/10400.2/2494>; Chaves, Vania Pinheiro. "Notas para o estudo da presença feminina no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro." Navegações 4.2 (2011): 187-192; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo,

2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MARIA RODRIGUES (Calheta; 1899 — Ibid.; 1980?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Apesar de não dispormos de dados biográficos precisos sobre esta informante por haver muitas mulheres coetâneas com o mesmo nome, Maria Rodrigues era natural da Fajã da Ovelha (Calheta), onde nasceu por volta de 1899. Casou-se com João Gonçalves Correia a 1 de fevereiro de 1931, na Fajã da Ovelha, de quem ficou viúva em 1979. Desconhecemos data de falecimento que terá ocorrido na década de 1980. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Maria Rodrigues foi informante de textos de tradição oral e popular, compilada por Pere Ferré e Vanda Anastácio a 20 de agosto de 1983, contando a informante nessa altura contando com 84 anos de idade. O seu contributo integra os ciclos de romances tradicionais tendo recitado “Dona Infanta na janela, casada de treze dias, Que novas me trazierias” (III.47) **3. DA AUTORA.** Na qualidade de informante da tradição oral e popular: ●1. “Dona Infanta na janela, casada de treze dias”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 50 (n.º 47). ●2. “Andava dona Silvana, servindo seu pai à mesa”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 86 (31).

MARIA VITORINA DA FÉ (Madeira; séc. XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Maria Vitorina da Fé foi religiosa e escritora do Convento de Santa Clara do Funchal. Desconhecemos dados sobre a sua vida. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Foi eleita escritora

para os triénios de 1759-1761, sob regência da Abadessa Antónia Rosa de Viterbo†, e de 1768-1770, sob o abadessado de sóror Antónia Luísa do Céu. **3. DA AUTORA.** Lisboa. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Santa Clara do Funchal, Livro do Tombo da Conceição, Ano do Senhor, 19 de Maio de 1759, Liv. 12. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Portugal. Arquivo Nacional / Torre do Tombo. Convento de Santa Clara do Funchal. Livro das Eleições de Abadessas e mais Oficiais do Convento de Santa Clara de N.ª Senhora da Conceição do Funchal, 1733, liv. n.º 27, fól. 34r; fól. 41r.

MARIANA AGOSTINHA DE SANTA GERTRUDES (Madeira; séc. XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Mariana Agostinha de Santa Gertrudes foi escritora e religiosa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Desconhecem-se mais dados sobre a sua vida. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sob abadessado de sóror Luzia Catarina de São João, no triénio de 1776 a 1778, escreveu as contas do mosteiro, códice que se conserva no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. **3. DA AUTORA.** Lisboa. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Livro de Receita e Despesa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação. Ano 1776, Liv. 10 (Cód. ref. PT-TT-CNSEF-008-0002). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à

Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MARIANA ANTÓNIA PIMENTEL MALDONADO (Lisboa; 1771 – Ibid; 1855) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Mariana Antónia Epifânia Pimentel Maldonado nasceu em Coração de Jesus em Lisboa a 9 de dezembro de 1771. Era filha de Bernardo Lopes Maldonado (1713-1787) e de Brites Clara Pimentel Silva. Com a morte do pai, tanto a mãe como os seus irmãos tiveram tenças reais para assegurar o seu sustento. Era irmã do poeta João Vicente Pimentel Maldonado (1773-1838). Faleceu solteira, em Lisboa, a 14 de maio de 1855. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Mariana Pimentel Maldonado foi uma poetisa pré-romântica que frequentou os salões da Marquesa de Alorna e de Francisca de Paula Possolo. Tanto Mariana como o seu irmão dinamizavam o seu próprio salão onde se realizavam eventos literários. Alguns dos seus textos foram publicados sob pseudónimo como “Uma Senhora”, “Maria Antónia Epifânia” e Armânia (ou Armancia). Deixou diversos textos manuscritos como “Da Illma Snra D. Mariana Antónia Pimentel Maldonado na partida dos francezes em 1808” e “Diversas Aras Poéticas, feitas em diversas occasiões em o anno de 1807” na antologia de João Plácido do Rego Fragozo e Sequeira de Lima nas suas “Collesões de Poezias de Diversos autores e outros diversos papeis selebres, tanto por sublimes como por tollos, e asnatticos, que só servem para

o entretenimento” (1808). Publicou traduções de autores franceses e ingleses e deixou diversos textos poéticos na imprensa escrita. Devido ao período conturbado em que viveu, devido às invasões napoleónicas e depois com as guerras entre liberais e absolutistas, Mariana Antónia Pimentel Maldonado publicou um soneto referente ao seu exílio na Madeira: “À Ilha da Madeira//Salve, pátria de heróis, feliz Madeira,/Ilha assombrosa pelos Céus fadada!/Sejas dos mares sempre respeitada!/Beijei-te as margens, onda lisonjeira!//Tu, que enchendo de pasmo a Europa inteira,/És de virtudes mil digna morada,/Que os ferros teus despedaçando ousada/Foste a cegos temores sobranceira,//Recebe o pranto, filho da alegria/Que em Lísia transportada não se oculta,/Ao ver-se o nobre ardor que te incendia.//Ah! se outras eras existisse oculta,/Hoje, esmaltando a Lusa Monarquia,/Entre as grandes nações teu nome avulta”. Note-se que estes poemas se relacionam com outros do mesmo período na entrada Lília Amada†. **3. DA AUTORA.** “À ilha da Madeira” (soneto). O Portuguez Constitucional, n.º 103 (1821); republ. Costa, António da, A Mulher em Portugal. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1892, p. 272. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Barros, Teresa Leitão de. Escritoras de Portugal Vol. 2, Lisboa, s.n, 1924, p. 165-166; Biguelini, Elen, Tenho escrevindo muito: mulheres que escreveram em Portugal (1800-1850), Coimbra, [s.n.], 2017. Tese de doutoramento. Disponível na WWW: <http://hdl.handle.net/10316/79402>; Cardoso, Nuno Catharino. Poetisas portuguesas, Lisboa: Livraria Científica,

1917, p. 179-180; Castro, Zília Osório de; Esteves, João (dir.), Dicionário no feminino (séculos XIX-XX), Lisboa, Livros Horizonte, 2005, p. 753; Costa, António da. A mulher em Portugal. Obra Posthuma publicada em benefício de uma creança, Lisboa, Tipografia da Companhia Nacional Editora, 1892, p. 266; Flores, Conceição; Duarte, Constância Lima; Moreira, Zenóbia Collares. Dicionário de escritoras portuguesas, Florianópolis: Editora Mulheres, 2009, p. 194; Lapa, Albino, Dicionário de Pseudónimos. Lisboa, Imprensa Nacional, 1980, p. 30; Oliveira, A. Lopes de, Escritoras Brasileiras Galegas e Portuguesas, Braga, Tipografia Silva Pereira, 1983, p. 113; Silva, Inocêncio Francisco da, Dicionário bibliográfico português. Lisboa, Imprensa Nacional, 1958, tomo VI, p. 146; tomo XVI, p. 366.

MARIANA DA PAIXÃO (S. Vicente; 1704 – Funchal; 1778) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Religiosa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal, nascida na Ponta Delgada em 1704, filha de Francisco Moniz Telo de Meneses e de Francisca de Vasconcelos. Faleceu de um cancro no peito no dia 2 de julho de 1778. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Mariana da Paixão foi escritora eleita para o triénio de 1755 a 1757 e eleita abadessa para 1770 a 1773. Escreveu as receitas e de despesas dessa instituição e continuou o registo do “Livro 1.º dos obittos deste convento de N. S. da Encarnação que teve principio no anno de 1749”, iniciado por sórora Maria Angélica da Nazaré, que se conservam no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. **3. DA AUTORA.** ●1. Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Convento de Nossa Senhora da Encarnação. Receita e despesa, Liv. 16. ●2. Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Nossa Senhora da Encarnação. Livro de Assentamento de Óbito do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal de 1749, 1749, Liv. 3 (Cód. ref. PT/TT/CNSEF/004/0001). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Fontoura, Otília Rodrigues, As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000, p. 189; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MARIANA DA VITÓRIA (Madeira; séc. XVII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Mariana da Vitória foi escritora e religiosa do Convento de Santa Clara do Funchal. Não dispõe de mais dados sobre a sua vida. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Mariana da Vitória escreveu as propriedades, foros e obrigações de missas do Convento de Santa Clara de 1687. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Santa Clara. Escrituras de dote, Liv. 22 (Cód. ref. PT/TT/CSCF/009/0001). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MARIANA DE SANTA TERESA (Viana do Castelo; ca. 1679 — Funchal; 1716) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sórora Mariana de Santa Teresa é natural de Viana do Castelo, onde nasceu por volta de 1679. Entrou como professora em 1689 no Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Faleceu na Madeira a 12 de maio de 1716. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Mariana de Santa Teresa foi escritora do convento eleita para o triénio de 1708 a 1711. O códice que se conserva no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Receita e despesa, L. 18. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Fontoura, Otília Rodrigues, As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000, p. 189.

MARIANA XAVIER DA SILVA FREIRE (Lisboa; 1840 — Ibid.?, ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Poucos dados biográficos se conhecem a respeito desta escritora. Foi irmã do jornalista Augusto Xavier da Silva Pereira (1838-1902), autor do monumental “Diccionario Jornalístico Portuguez”, manuscrito da Academia das Ciências, e esposa de Henrique Freire. Mariana Xavier da Silva estudou no Colégio de Santa Cecília (Lisboa) e viveu na Madeira entre 1872 e 1881, onde terá sido docente de ensino

primário. Desconhece-se a data de falecimento. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Assinado por vezes como Marianna S. F., Mariana Xavier da Silva colaborou assiduamente com textos poéticos e relatos para o “Diário de Notícias” do Funchal e nos almanaques, especialmente no “Almanach das Senhoras” entre 1886 e 1887. Apesar de ter publicado excertos do seu livro “Horas d’alívio” no “Diário de Notícias” do Funchal, apenas foi impresso nos prelos lisboetas “Na Madeira. Offerendas” (1884), com introdução de Guiomar Torrezão e uma carta-prólogo de Luis Antonio Gonçalves de Freitas, redator do jornal “Palavra”, onde também colaborou. Nesta obra constitui uma compilação de textos publicados na imprensa insular. Manteve correspondência literária com Olímpia Pio Fernandes† e com diversas individualidades da época. No “Diccionario Bibliográfico” de Inocêncio faz menção de uma obra inédita intitulada “À Sombra das Bananeiras” (1874), cuja localização se desconhece. **3. DA AUTORA.** ●1. À Sombra das Bananeiras (1874) [NI]. ●2. Horas d’alívio (1874) [NI]. ●3. “À toi, encore à toi”. Almanach das senhoras para 1879. p. 105. ●4. “Ditos da freira”. Almanach das senhoras para 1883, p. 117-118. ●5. Na Madeira. Offerendas. Introd. Guiomar Torrezão. Lisboa: Livraria Ferreira, 1884, 237 p. ●6. “À ex.^a Sr.^a D. Olimpia Pio Fernandes”. Diário de Notícias, Funchal [NI]. ●7. “Excerpto do livro “Horas d’allivio” (Inédito)”. Diário de Notícias, Funchal, n.º93 (02-02-1877): p. 1. ●8. “À menina D. Izilda Bella de Mesquita Spranger”. Diário de Notícias, Funchal, n.º96 (07-02-1877): p. 1-2. ●9. “Toujours à toi”. Diário de

Notícias, Funchal, n.º178 (09-02-1877): p. 1; Id., *ibid.*, n.º117 (03-03-1877): p. 1. ●10. “Sancta Cruz: impressão do primeiro momento”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º151 (15-04-1877): p. 1. ●11. “Daqui”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º158 (24-04-1877): p. 1. ●12. “Eu e tu”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º164 (01-05-1877): p. 1. ●13. “Desesperança”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º170 (09-05-1877): p. 1. ●14. “Queixumes”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º174 (15-05-1877): p. 1. ●15. “Ao notável poeta Manoel Maria Portella”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º194 (12-06-1877): p. 1. ●16. “Alda ou a filha do mar”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º207 (27-06-1877): p. 1-2. ●17. “Num álbum”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º220 (13-07-1877): p. 1. ●18. “Narrativas madeirenses: o meu irmão J. Maria Xavier da Silva”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º317 (06-11-1877): p. 1-2; *ibid.*, n.º318 (07-11-1877): p. 1-2; *ibid.*, n.º320 (09-11-1877): p. 1-2; *ibid.*, n.º218 (11-07-1877): p. 1-2. ●19. “Regresso: à meu irmão Xavier da Silva”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º473 (21-05-1878): p. 1. ●20. “Morta: Às Excelentíssimas colaboradoras do *Diário de Notícias*”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º551 (29-08-1878): p. 1; N.º552 (30-08-1878): p. 1-2; N.º553 (31-08-1878): p. 1-2; N.º554 (01-09-1878): p. 1.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Abreu, Ilda Maria Soares de, “Mariana Xavier da Silva”. In Castro, Zília Osório de; Esteves, João (Dir.), *Dicionário no feminino (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 764; Coelho, Leonor Martins, and Thierry Proença dos Santos, “História da Literatura Infanto-Juvenil na Madeira: Os Primeiros Passos de uma Investigação.” *Revista*

Portuguesa de Educação Artística 1 (2011): 79-89. <https://rpea.madeira.gov.pt/index.php/rpea/article/download/64/70/>; Macedo, L. S. Ascensão de, *Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde*. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Silva, Fernando Augusto da e Meneses, Carlos Alberto de, *Elucidário Madeirense*, t. III, 4.ª ed., Funchal, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1978, p. 548.

MARY DOLLING SAUNDERS O’MALLEY (Reino Unido; 1889 — *ibid.* 1974) **1.**

NOTA BIOGRÁFICA. Mary Dolling Saunders O’Malley era filha de Marie Louise Day e de James Harris Sanders, nascida em Porter’s Park, Hertfordshire em 1889. Casou-se, em 1913, com o diplomata inglês Owen O’Malley. Adquiriu gosto pelas viagens, tendo visitado a China, França, Espanha, Hungria, Rússia, os Estados Unidos da América e Portugal, onde o seu marido foi embaixador. O gosto pela botânica e pela arqueologia fez com que ingressasse na “Society of Antiquaries of Scotland”. Faleceu em 1974. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Mary O’Malley usou o pseudónimo Ann Bridge e foi uma escritora prolixa, autora de guias de viagens, romances, antologias e contos. Escreveu “The malady in Madeira” (1969), romance de suspense ocorrido em ambiente madeirense. Juntamente com Susan Lowndes, escreveu um guia de viagens sobre Portugal, onde fez um retrato das regiões do interior da década de 1940.

3. DA AUTORA. ●1. Estados Unidos da América. University of Texas at Austin. Harry Ransom Humanities Research Center. Ann Bridge Papers (1905-1973). ●2. The selective traveller Portugal. London, 1949; reed. Duas Inglesas em Portugal. Trad. Jorge Almeida e Pinho. Lisboa: Quidnovi, 2009. ISBN: 978-989-628-100-7. ●3. The malady Madeira. New York: McGraw-Hill, 1969. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Pinho, Jorge, "The Selective Traveller in Portugal: Anacronismos e peculiaridades de um olhar sobre Portugal." Via Panorâmica: Revista de Estudos Anglo-Americanos 2 (2019), p. 101-128.

MARY JANE WILSON (Índia; 1840 — Câmara de Lobos; 1916) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Mary Jane Wilson nasceu em Huyrrhur (Mysore) a 3 de outubro de 1840. Era filha do capitão Charles Heathcote Wilson, súbdito britânico em serviço na Índia, e de Mary James. Mary Jane Wilson foi educada na Inglaterra pela sua tia Ellen James, segundo a fé anglicana. Fez viagens pela Europa e visitou a Terra Santa. Converteu-se ao catolicismo a 11 de maio de 1873 em Boulogne-sur-Mer (França), facto que lhe custou a rejeição da família. Para procurar sustento, encontrou um emprego num hospital onde adquiriu formação em enfermagem. Em 1884, Mary Jane Wilson veio à Madeira (então um dos principais destinos de turismo

terapêutico) para acompanhar uma doente. Apesar da beleza da ilha que contrastava com as graves carências da população insular, Mary Jane instituiu asilos, escolas e hospitais, onde reuniu colaboradoras para obra social, e fundou a congregação das Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias. Usou o nome de religião Irmã Maria de São Francisco. Em 1907 foi um dos principais rostos no combate à epidemia da varíola na Madeira, tendo recebido a condecoração da Ordem da Torre e Espada por D. Carlos I, Rei de Portugal. Com a implantação da República, em 1910, a sua congregação foi suprimida e Mary Wilson foi expatriada para a Inglaterra. A 1 de outubro de 1911, a religiosa regressou à Madeira para reunir as irmãs e reestruturar a Congregação, sendo conhecida pela população como "A Boa Mãe". Faleceu em Câmara de Lobos a 18 de outubro de 1916. Foi elevada pela Igreja Católica como Serva de Deus e o processo de beatificação decorre na Santa Sé desde 18 de agosto de 1991. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Mary Jane Wilson deixou correspondência e textos que se conservam no Arquivo do Secretariado da Irmã Wilson (Funchal). Wilson foi também desenhadora, que se conserva no Núcleo Museológico da Irmã Wilson no Funchal. **3. DA AUTORA.** ●1. Portugal. Arquivo do Secretariado da Irmã Wilson (Funchal). Fundo Mary Jane Wilson, sécs. XIX-XX; publ. em Ribeiro, Abílio Pina Ribeiro (Ed. lit.), Irmã Wilson: Vida, testemunhos, cartas. Lisboa: Ed. da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, [1989?], 490 p. ●2. Wilson, Mary Jane, Pensamentos da serva de Deus. [ed.] Secretariado da Irmã Wilson. Funchal:

S.I.W., 1996. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Amorim, António Guedes de, Mary Jane Wilson, a irmã de S. Francisco. Braga: Franciscana, 1975; Anastácio, Conceição, Sempre mais além: biografia poética de Mary Jane Wilson (S.l.: s.n.), 2000; Azevedo, David de, O Evangelho entre os humildes: Mary Jane Wilson, perfil franciscano. Apelação: Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, 2004; Barreto, Angelino (Pe.), Apontamentos sobre a vida da Irmã Maria de S. Francisco Wilson, Funchal: (s. n.), 1969; Benedito, Inês Camacho Benedito (Ir.), A estrela indiana. (S.l.): Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, 2002; Castro, Zília Osório de; Esteves, João, Dicionário no feminino (séculos XIX-XX). Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 768-769; Dunphy, Terry, The invincible Victorian, the life of Mary Jane Wilson (Whitchurch?): Franciscan Sisters of Our Lady of Victories, (ca. 1950); Fernandes, Abel Soares, Mary Jane Wilson: roteiro. Funchal: Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, 2003, ISBN 972-95611-2-5; Fernandes, Abel Soares, Reflexos de uma vida: Mary Jane Wilson 1ª ed. Funchal: Congregação das Irmãs Franciscanas de Na Senhora das Vitórias, 1991; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Mendonça, D., O Percorso Madeirense Da Veneravel Irma Wilson Segundo a Imprensa Regional: (1881 - 1916), [Funchal]: Irmãs Franciscanas de Nossa

Senhora das Vitórias. Secretariado da Irmã Wilson, 2016, ISBN 9899962422; Ribeiro, Abílio Pina, História breve da Irmã WilsoFunchal: Secretariado da Irmã Wilson, 1993; Santa Sé. Congregatio de Causis Sanctorum – Mariae a Sancto Francisco Wilson: positio super vita, virtutibus et fama sanctitatis. Roma: Tip. Guerra, 1999.

MARY PHELPS (Funchal; 1820 - Reino Unido; 1893) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Mary Phelps nasceu no Funchal em 1820. Era a segunda filha mais velha de Joseph Phelps e de Elisabeth Phelps†, comerciantes e filantropos ingleses estabelecidos no Funchal desde inícios do séc. XIX. Viveu grande parte da sua vida na Quinta dos Prazeres, no Monte (Funchal). A família Phelps regressou a Londres em 1860. Mary faleceu em Clapham Common (Londres) a 13 de junho de 1893. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Mary Phelps escreveu um diário que se conserva manuscrito no Lambeth Archives (Londres), com cópias digitalizadas no Centro de Estudos de História do Atlântico. O seu diário foi escrito entre 1839 e 1843, com lapsos correspondentes à sua viagem a Tenerife. No seu diário refere que se encarregou da educação dos seus irmãos mais novos: “I take possession of Charley who in henceforward, for some time at least, to be my pupil” (Diary, Vol. I, p.7) ou “I gave Clara her first music lesson and in future to have the pleasure of teaching her every day after dinner” (Id., ibid., p. 18). Além disso, Mary Phelps copiava a correspondência familiar e comercial a pedido do seu pai. O seu diário trata-se um testemunho a partir de dentro da vivência privada de uma família inglesa na Madeira e do seu

envolvimento na vida social, política, comercial, festiva e religiosa com os habitantes locais. **3. DA AUTORA.** Reino Unido. Lambeth Archives. Phelps Family of Clapham. Diary of Mary Phelps, Madeira, 06-1839/10-1843, 14 códs. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Gouveia, Cláudia Faria, Phelps: percursos de uma família britânica na Madeira de Oitocentos. Funchal: Funchal 500 Anos, 2008. ISBN 978-989-95637-6-6, p. 57-80; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MARY S. JOHNSTON (Reino Unido?; séc. XIX — Ibid.?; séc. XX) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Não se conhecem dados biográficos sobre esta autora. Pertenceu a diversas associações científicas britânicas sobre geologia, como “The Royal Geographical Society” de Londres, ao lado de eminentes cientistas como Margaret Crosfield (1878-1952). Pode ser irmã de Dorothy E. Johnston, com quem participou em diversas expedições em Espanha, Síria, Egito, Índia, África do Sul, Rodésia, Estados Unidos da América e Canada. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Johnston publicou um relato de viagem na revista “The Geographical Teacher” intitulado “A cruise to Lisbon, Madeira and Canary islands” (1922), contendo ilustrações e um mapa da ilha. Publicou “Specimens from Madeira and Canary Islands” com um álbum de fotografias para a “Association's Albums of Geological Photographs”. Esteve no Egito, tendo publicado “Geology and Physiography in

Egypt” (1917). **3. DA AUTORA.** “A Cruise to Lisbon, Madeira, and the Canary Islands”. The Geographical Teacher, Vol. 11, No. 6 (1922), p. 374-385. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MARY YOUNG (Reino Unido; fl. 1833 – Madeira?; 1860?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Apesar de dispormos de escassos dados biográficos, Mary Young era filha de um professor de Glasgow e residia na Madeira por volta de 1833, com a *honourable* Caroline Norton†, na Quinta das Maravilhas. Sobre Young, Fanny Burney Wood† refere no seu diário que “[t]hey have travelled much, and visited the Canaries together without any ‘chaperone’” (Wood, 1926). Fanny Wood descrevia Young como “being as quiet and retiring” (Id., *ibid.*). Na Madeira existe a presença de várias famílias de sobrenome Young de acordo com os registos vitais da Igreja Inglesa da Madeira, porém não foi possível apurar mais sobre a sua identidade. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Mary Young foi uma desenhadora e pintora britânica. Fanny Wood referia que Norton e Young pretendiam publicar 150 desenhos sobre ilha, em colaboração estreita com o naturalista o Reverendo Thomas Lowe (1802-1874): “I believe intend publishing na account of their wanderings illustrated by drawings. They have made 150 beautiful sketches of the fisches of the Island, wish are to be engraved in a work upon the Natural

History of Madeira, for wich Mr Lowe, the clergyman of the English Chapel, has been for some years preparing materials” (Wood, 1926). Mary Young desenhava também plantas e alguns dos seus desenhos foram publicados na 'Botanical Magazine' em outubro de 1834, tendo sido remunerada com £20. Possui-se um desenho de Young no Museu Quinta das Cruzes que se encontrava integrado originalmente no álbum "Sketches by Emily Geneviève Smith". O naturalista Thomas Lowe preferia Young para o desenho, conforme testemunhou: “[she] draws with great rapidity, has already a very competente knowledge of Botany, and is in every way so extraordinarily clever that she can, in short, do anything she likes to undertake. Her modesty and extreme liberality are only equal to her talents” (cit. Apud Hoe, 2004, p. 103). **3. DA AUTORA.** ●1. Lowe, Richard Thomas, A history of the fishes of Madeira, by Richard Thomas Lowe.. With original figures from nature of all the species, by the Hon. C. E. C. Norton and M. Young, London, J. Van Voorst, 1843-1860. ●2. Portugal. Museu Quinta das Cruzes. "The Incarnation Convent - Funchal Madeira/ by Miss Young of the Quinta das Maravilhas", 1843 (MQC 1084.39), desenho a aguada e tinta castanha. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Burney, Fanny Anne, A great-niece's journals; being extracts from the journals of Fanny Anne Burney (Mrs. Wood) from 1830 to 1842. Edited with preface and notes by her grand-daughter Margaret S. Rolt and with eight illustrations. London: Constable & Company, Ltd., 1926; Desmond, Ray, Dictionary of British and Irish Botanists and Horticulturists: Including Plant

Collectors, Flower Painters, and Garden Designers, London, Taylor & Francis, 1994, p. 764; Hoe, Susanna, Madeira: Women, History, Books and Places (Of Islands & Women). Oxford: Holo, 2004; Nash, R., Scandal in Madeira: Story of R. T. Lowe, Sussex, Book Guild, 1990, p. 72-73.

MATILDE ISABEL DE SANTANA E VASCONCELOS MONIZ DE BETTENCOURT (Funchal, 1805 — Ibid., 1888) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Matilde Isabel de Vasconcelos nasceu no Funchal a 14 de março de 1805, era filha de José Joaquim de Vasconcelos e de Francisca Emília Teles de Meneses, casados em Santa Luzia em 1796. O seu pai foi inspetor de agricultura e intendente das estradas e inspetor da Alfândega do Funchal, e foi um dos subscritores que instituíram a “Associação Funchalense para o Ensino Mútuo” em 1821. Do lado materno, Matilde Isabel de Vasconcelos era neta de Domingos Teles de Meneses e de Feliciano Williams, britânica nascida na ilha de São Cristóvão e Nevis (Ilhas Leeward, Índias Ocidentais), aparentada com Symmonds e Brownes que foram os governadores e proprietários nessa colónia britânica. A sua educação terá sido esmerada para a época, dominando línguas como o francês, o inglês, o italiano, o latim e a música. Matilde Isabel de Vasconcelos casou-se em Santa Luzia, em 1823, com Jacinto de Santana e Vasconcelos Moniz Bettencourt (1801-1870), que veio a ser 1.º Visconde das Nogueiras em 1867, pertencente a uma família de origem franco-portuguesa, descendente, pelo lado materno, do cônsul de França na Madeira, Nicolas Sabois de La Tuellière. Deste casamento, tiveram Jacinto

Augusto de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, 2.º Visconde das Nogueiras (1824-1888), escritor e que foi cônsul de Portugal no Peru, ministro de Portugal em Washington (Estados Unidos da América), fidalgo-cavaleiro da Casa Real, deputado da Nação, comendador das Ordens de Cristo, de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e de Carlos III, de Espanha, e funcionário superior do Ministério da Fazenda; e de Matilde Lúcia de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt (1825?-1878). Foi avó de Maria Celina†, Maria das Dorest† e de Matilde Sauvaire da Câmara†. Participou em ações filantrópicas e culturais ocorridas na ilha. Foi inspetora da Comissão Protectora da Escola Municipal de Meninas da freguesia de São Gonçalo, nomeada pela Câmara Municipal do Funchal em 1847. Faleceu em S. Pedro (Funchal) a 23 de dezembro de 1888.

2. LEGADO DOCUMENTAL. O poeta madeirense, José António Monteiro Teixeira (1795-1876), dedicou-lhe vários versos nas suas “Obras poéticas” (1848) e “Oeuvres Poétiques” (1861), referido-se-lhe elogiosamente num soneto sobre a sua intervenção junto de uma família muito indigente a quem lhe prestou auxílio. O poeta indica, ainda, que era uma “Snr.ª tão bem prendada das musas”, acrescentando que “[m]uitas outras composições fugitivas tem sahido de sua penna, das quaes nada se tem publicado, por o ter ella expressamente prohibido”. Monteiro Teixeira não cumpriu com a vontade e inseriu nas suas “Obras Poéticas” (1848) o poema “O Rouxinol”. Bulhão Pato (1829-1912) elogiou a Viscondessa das Nogueiras no tomo II das suas “Memórias” (1894), durante a sua

estada na Madeira entre 1850 e 1851. O escritor lamentou o facto de não ser conhecida em Portugal continental de forma merecida, nestes termos: “Conheci a mãe de Sant’Anna, a sr.ª viscondessa das Nogueiras, D. Mathilde, quando eu tinha vinte annos (...) Estava ella então na força da vida. Educação, character, belleza de rosto e graça de figura, distincção em tudo, e um talento superior, faziam d’esta senhora um dos entes mais encantadores, que tenho conhecido! Compunha versos, admiraveis de mimo e sentimento. Escrevia prosa adoravel. N’um meio mais largo teria sido uma escriptora de primeira ordem” (p. 279). A Viscondessa das Nogueiras foi considerada como uma das mulheres mais cultas da sua época, a “Nova Alcipe”, assim designada pelo poeta e jornalista José Justiniano de Nóbrega (1824-1866). Alberto F. Gomes referiu-se-lhe como “um espírito superior, de uma cultura pouco vulgar para a época e para o meio” (1953, p. 20). A Viscondessa das Nogueiras iniciou a sua carreira na escrita publicando anonimamente traduções de autores franceses, como as “Castellãs de Roussillon” de Madame de la Rochère e “Genoveva” de Alphonse de Lamartine, textos que não foram possíveis de identificar. Em 1857 estreou-se com o romance histórico “O Soldado de Aljubarrota” e, em 1862, publicou o manual didático “Diálogos entre uma Avó e sua Neta”, que será o primeiro texto didático em Portugal a ser aprovado pelo Conselho Geral de Instrução Pública, incorretamente classificado como manual de civildade em estudos mais recentes. A sua produção poética foi somente publicada em antologias literárias, como “Flores

da Madeira” (1872), o “Album madeirense” (1884) e nos almanaques portugueses, apesar de boa parte dos seus textos ter permanecido manuscrita e dispersa em “alba amicorum”. Colaborou com António Feliciano Castilho no comentário aos “Fastos” de Ovídio, com uma nota referente ao mês de Maio e republicado nos jornais e almanaques. Traduziu do francês “O Milagre de Lourdes”, publicado no Porto em 1879, e “História de Santa Mónica” do Abade Bougaud, em 1885 e com várias edições. Um dos seus maiores sucessos foi a tradução de “Eurico, o Presbítero” de Alexandre Herculano para francês sob o título “Enrico Le Prêtre”, editado nos prelos parisienses em 1888, sob o patrocínio do Duque de Oldenburg, Nikolaus Friedrich August von Oldenburg (1840-1886), apesar de já ter existido uma versão francesa de David A. Cohen intitulado, “Eurico, roman poème” (1883). Terá deixado manuscritos muitos dos seus textos, como a correspondência familiar mantida com o seu filho, o 2.º Visconde das Nogueiras, que se encontrará possivelmente na posse dos herdeiros do Paço de Vilar de Perdizes (Montalegre).

3. DA AUTORA.

- 1. O soldado de Aljubarrota: romance histórico. Lisboa: Imprensa Nacional, 1857; [7], 169 p.
- 2. “Charada”. Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1862, p. 78.
- 3. Dialogos entre uma avó e sua neta, para uso das creanças de cinco a dez annos de idade. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862; [1], 131 p.
- 4. “Notas ao mês de Maio”. In Antonio Feliciano de Castilho (ed.), Os Fastos de Publio Ovidio Nasão com traducção em verso portuguez. Vol. 3. Lisboa: por ordeme na imprensa da

Academia Real das Sciencias, 1862, p. 189-190; republ. “Maio (sôbre os Fastos de Ovidio)”. Archivo Litterario, Funchal, tomo I (06-05-1863): 25, col. 1; republ. Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1865, p. 178-180.

- 5. “Saudação”. In José Leite Monteiro e Alfredo Cesar de Oliveira (Ed. lit.), Flores da Madeira: Poesias de diversos authores madeirenses. Funchal: Typ. da Imprensa Livre, 1871, p. 178-180; republ. Poemas [em linha]: texto [BHEM-MA 2.1.(T)]. Ed. L. S. Ascensão de Macedo. Ribeira Brava: L. S. Ascensão de Macedo, 2013, ISBN 978-989-98465-2-4.
- 6. “A vigília do Senhor”. In José Leite Monteiro e Alfredo Cesar de Oliveira (Ed. lit.), Flores da Madeira: Poesias de diversos authores madeirenses. Funchal: Typ. da Imprensa Livre, 1871, p. 188-191; republ. Poemas [em linha]: texto [BHEM-MA 2.1.(T)]. Ed. L. S. Ascensão de Macedo. Ribeira Brava: L. S. Ascensão de Macedo, 2013, ISBN 978-989-98465-2-4.
- 7. “O rouxinol”. In Monteiro, José António Monteiro, “Obras poeticas”. Madeira: Na Typ. de L. Vianna Júnior, 1848, p. 123-127; reed. In Monteiro, José Leite e Oliveira, Alfredo Cesar de (Ed. lit.), Flores da Madeira: Poesias de diversos authores madeirenses. Funchal: Typ. da Imprensa Livre, 1871, p. 181-184; In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 84-86; republ. Poemas [em linha]: texto [BHEM-MA 2.1.(T)]. Ed. L. S. Ascensão de Macedo. Ribeira Brava: L. S. Ascensão de Macedo, 2013, ISBN 978-989-98465-2-4.
- 8. “Carta ao redactor do “Diário de Notícias”. Diário de Notícias, Funchal, n.º37 (23-11-1876): p.1 (atrib.).
- 9. “A mulher poeta (versão)”. In Francisco Vieira (compil.),

Album Madeirense: poesias de diversos auctores madeirenses. Funchal: Typographia Funchalense, 1884, p. 45-47; republ. Poemas [em linha]: texto [BHEM-MA 2.1.(T)]. Ed. L. S. Ascensão de Macedo. Ribeira Brava: L. S. Ascensão de Macedo, 2013, ISBN 978-989-98465-2-4. ●10. “Uma noite de luar”. In Vieira, Francisco (compil.), Album Madeirense: poesias de diversos auctores madeirenses. Funchal: Typographia Funchalense, 1884, p. 101-104; republ. Poemas [em linha]: texto [BHEM-MA 2.1.(T)]. Ed. L. S. Ascensão de Macedo. Ribeira Brava: L. S. Ascensão de Macedo, 2013, ISBN978-989-98465-2-4. ●11. Historia de Santa Monica/ por Monsenhor Bougaud. 7.^a ed. Lisboa: Typ. Universal, 1885; 2.^a ed., Guimarães: Centro de Propaganda Catholica em Portugal, 1888. 12. Enrico le prêtre: roman historique/ A. Herculano. Traduit du portugais par la Vicomtesse de Nogueiras. Paris: Charles Noblet, 1888; [vii], 300 p. 13. A senhora de Lourdes. Prodígio. Porto: s. n., 1979 [NI, apud J. Moniz Bettencourt – Os Bettencourt.. p. 178]. ●14. As Castelãs de Roussillon/Mme. de La Rochère [NI]. ●15. Genoveva/Alphonse de Lamartine [NI]. ●16. [Cartas a Jacinto Santana e Vasconcelos Moniz Bettencourt], mss. [NI, apud Pato, Raimundo António de Bulhão, Memórias. p. 279].

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Bettencourt, Jaime Moniz de, O Morgado de Vilar de Perdizes. Lisboa: Edição do Autor, 1986; Bettencourt, Jaime Moniz de, Os Bettencourt: das origens normandas à expansão atlântica. Funchal: Ed. de autor, 1993; EM2: p. 444-445; Branco, Alfredo de Freitas, Notas & Comentários para a História Literária da Madeira, vol. ii, Funchal, Edição Câmara

Municipal do Funchal, s.d., p.335; Gomes, Alberto Figueira, “Algumas notas sobre os poetas das Flores da Madeira II”. Das Artes e da História da Madeira, n.º3/15 (1953): p. 20-24; Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Viagens na Madeira romântica: catálogo. Funchal: D.R.A.C., 1989; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Mendes, Paula Almeida, “Itinerários pedagógicos e civilidade cristã na literatura didáctica feminina em Portugal (séculos XVIII-XIX)”. Via Spiritus, n.º18 (2011): p. 83-112; Nascimento, João Cabral do, “Os Teles de Menezes da Madeira”. Diário de Notícias(29-03-1925); Pato, Raimundo António de Bulhão, Memórias: homens políticos. Vol. 2. Lisboa: Typ. da Academia Real das Sciencias, 1894; Teixeira, Mónica, Tendências da literatura na ilha da Madeira nos séculos XIX e XX. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2005, p. 37-38; Torres, João Carlos Feo Cardoso de Castelo Branco e, Atestado genealógico da ascendência do senhor José Francisco de Sant’Anna e Vasconcellos Moniz de Bettencourt. Lisboa: Imprensa Nacional, 1857.

MATILDE LAURA SOARES PESTANA COELHO (Funchal, 1832 — Lisboa; 1865)
1. NOTA BIOGRÁFICA. Matilde Laura Soares Pestana nasceu em São Pedro (Funchal), em 1832, filha de Epifânia Alexandrina

Soares Pestana e de Daniel Justiniano Ferreira Pestana, casados em São Pedro em 1831. Daniel Justiniano Ferreira Pestana era filho do capitão-mor da Ribeira Brava, Manuel Ferreira Pestana. Matilde Laura Soares Pestana casou-se com Eduardo Augusto Vilar Coelho em Sta. Luzia em 1852. Era mãe da célebre escritora e activista dos direitos das mulheres, Alice Evelina Pestana Coelho (1860-1929), conhecida como Caiel. Eduardo Augusto Vilar Coelho foi um funcionário do Governo Civil de Santarém e, também, um dramaturgo e tradutor. Matilde Pestana passou grande parte da sua vida em Santarém até falecer durante o parto do seu terceiro filho, a 7 de novembro de 1865, em Lisboa. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** O legado de Matilde Laura Soares Pestana resulta da sua actividade traductícia. Deixou colaboração no “Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro”. Publicou em Santarém traduções de autores estrangeiros como “O Banquete” (1856) da Baronesa de Calabrella, “A Velha e o Jovem Advogado” (1857) do Abade Lec e guias de viagens como “Pequenino guia de Santarém” (1858). Deixou inédito “Clementina ou Recordações da Madeira”. **3. DA AUTORA.** ●1. “Uma coroa”. Almanach De Lembranças Luso-Brasileiro para 1857, p. 314. ●2. O Banquete/Baronesa de Calabrella. Santarém: Typographia Scalabitana, 1856. ●3. A Velha e o Jovem Advogado/Abade Lec. Lisboa: Typographia Franco-Portuguesa Lallemand & Companhia, 1857. ●4. António Forster ou Criado Fiel/R. Bernal. Santarém: Typ. do Governo Civil, 1858. ●5. Pequenino guia de Santarém. Santarém: Tipografia do Governo Civil, 1858. ●6. Observações sobre a eficácia

da mostarda nas afeções do fígado, órgãos internos, sistema nervoso, e geral tratamento para a conservação da saúde e da vida/Charles Turner Coock. Lisboa: Typ. da Sociedade Franco-portuguesa, 1862. ●7. Margarita ou Norte e Sul/Mrs. Gaskel (inéd.) [NI]. ●8. Clementina ou Recordações da Madeira (inéd.) [NI]. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Castro, Zília Osório de; Esteves, João (Dir.), Dicionário no feminino (séculos XIX-XX). Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 771; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

MATILDE LEOPOLDINA CORREIA HENRIQUES (Funchal; 1814 – ibid; 1894)

1. NOTA BIOGRÁFICA. Matilde Correia Henriques nasceu a 24 de outubro de 1814, na freguesia de S. Pedro, Funchal, filha do morgado João Ferreira Correia Henriques e Câmara e de Ana Isabel de Mendonça e Vasconcelos. Foi baptizada na paróquia de São Pedro com a sua irmã gémea, Maria, a 31 de outubro de 1814. Casou-se com o morgado Diogo Berenguerde França Neto (1812-1875), a 8 de janeiro de 1835 na capela de S. João da Ribeira. O título de Visconde de São João foi atribuído por decreto de 3 de maio de 1871. O seu esposo foi líder do Partido Popular na Madeira. Faleceu no Funchal, em 1894. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Compôs um poema “Primavera”, publicado pela primeira vez na “Musa Insular” de Luís Marino. Os seus textos permaneceram manuscritos e dispersos em “alba

amicorum”, um dos quais pertencente a Lucinda A. da Silva, na posse dos descendentes do escritor e jornalista Alberto Figueira Gomes. **3. DA AUTORA.** “Primavera”. In Marino, Luís, *Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal*, 1959, p. 103. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo*, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Neto, Matilde Leopoldina Correia Henriques* [em linha], 1986. Funchal [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=667397>.

MATILDE OLÍMPIA SAUVAIRE DA CÂMARA (Funchal, 1871 – *Ibid*; 1957) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Nascida no Solar dos Viscondes das Nogueiras, à Rua da Mouraria, Matilde Sauvaire da Câmara nasceu a 7 de março de 1871. Era filha do morgado João Sauvaire da Câmara e Vasconcelos e de Matilde Lúcia de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, irmã de Maria Celina Sauvaire da Câmara† e de Maria das Dores Sauvayre da Câmara†, neta dos Viscondes das Nogueiras. As irmãs Sauvaire da Câmara receberam uma esmerada educação, segundo a matriz pedagógica da avó, autora dos “Diálogos de Uma Avó e Sua Neta” (1862). Enquanto Maria Celina se evidenciou na escrita literária e Maria das Dores, na pianística, Matilde Olímpia dedicou-se a

ambas. De acordo com Pinto (2016), Matilde Olímpia apresentou-se desde muito cedo com composições musicais, evidenciando-se como poetisa, dramaturga, compositora, charadista, cantora, intérprete de piano e de guitarra. Viveu em Paris, provavelmente com a sua prima, Matilde de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, conhecida também como Matilde Marcelo (1858-1941), célebre cantora lírica. Dedicou-se à composição musical, às artes cénicas, à poesia e ao charadismo. Faleceu solteira e sem geração a 11 de dezembro de 1957, no Funchal. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Matilde Olímpia Sauvaire da Câmara (assinando como Mathilde de Sauvayre) é uma autora que se evidenciou nas artes performativas na Madeira, ao lado de Carolina Dias de Almeida†, designadamente na ópera, teatro e música. Foi uma cultora de géneros musicais franceses em voga, como a “chanson” e a “chansonette”. Participou em eventos de beneficência, na Casa dos Pobres Desamparados e da Associação Protetora dos Estudantes Pobres, realizado a 20 de novembro de 1897, e no Teatro D. Maria Pia (hoje Teatro Municipal Baltasar Dias), onde interpretou “Acanhamento (monólogo e canções)” e a serenata “Parais à ta Fênêtre”, de Antoine Queyriaux e Louis Gregh, para canto e piano. Durante a visita dos monarcas, D. Carlos e D. Amélia, realizou-se no mesmo Teatro a 20 de junho de 1901 uma gala onde se estrearam obras da sua autoria, como a opereta “Dois Dias em Paris”, estreada a 24 de junho de 1901, a comédia “Morto à Força” e o quadro “Arraial Madeirense”, com motivos de folclore insular. A comissão da gala, composta

pelo conde de Torre Bela, barão de Uzel, Nuno Jardim e o comendador Luís Vicente de Freitas Branco atribuiu à Matilde Sauvaire a responsabilidade pela direção do espectáculo. O seu desempenho foi muito elogiado pelo conde de Arnoso. Interpretou nesse evento “L’Averse” e a “Bluette C’est le Jeune Siècle”. De acordo com Pinto (2016), a sua atividade depois de 1901 será desconhecida. Compôs doze peças para canto e piano e para guitarra, como “O Meu Testamento”, “As Últimas Flores”, “Serenada (Folhas das Rosas Caídas)”, “Alguém”, “Risos, Cantos, Saudades”, “Cantares (É nos Olhos Que se Espelha)”, “Saudades”, “Balada (Se Uma Estrela me Pedisses)”, “Nuvens”, “Os Três Corações”, “Ilusões”, “Perguntas ao Luar e Canção da Serra”. Além disso, compôs “Canção da Serra” e “O Último Dia do Ano e Oração”. Muita documentação foi herdada pelos descendentes, pelo músico e professor, Jorge Croner de Vasconcelos, atualmente na custódia de Laura Moniz de Bettencourt, em Oeiras. A epistolografia encontra-se junto de Jacinto Moniz de Bettencourt. A recepção de Matilde Sauvaire pelos seus coetâneos foi muito positiva. Clode realçou a sua “cultura humanística muito fora do vulgar para a época” (1983, p. 182). Alfredo de Freitas Branco “notável espírito de crítica fina e [...] humorismo impregnado de uma sensibilidade artística muito curiosa” (Branco, 1949-1953, p. 89).

3. DA AUTORA. ●1. “À mesma senhora (1957)”. In Marino, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 275-276. ●2. “A uma senhora de certa idade (1957)”. In Marino, Luís, *Musa Insular*, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 275. ●3.

“Acanhamento (monólogo e cançonetas)”, [NI]. ●4. “Alguém” [NI]. ●5. “Arquivo familiar da família Bettencourt, Oeiras, Fundo Musical Matilde Sauvayre da Câmara, Espólio de Jorge Croner de Vasconcelos (Dois Dias em Paris, opereta; música da sua irmã Maria das Dores; correspondência). ●6. “Arraial madeirense”, (1901) [NI]. ●7. “As últimas flores: Canto e Piano”. S. l.: s. n., s. d., 4 p. ●8. “Balada (Se Uma Estrela me Pedisses)” [NI]. ●9. “Balada: Canto e Piano”. S. l.: s. n., s. d., 5 p; Funchal: Edição do GCEA, 2010, 4 p. ●10. “Barcarola” (canção) [NI]. ●11. “Bluette c’ est jeuns siècle” [NI]. ●12. “Canção da Serra” [Canto e Piano]. S. l.: s. n., s. d., 3 p. ●13. “Cantares (É nos Olhos Que se Espelha)” [NI]. ●14. “Dois dias em Paris: opereta” [NI]. ●15. “Folhas das rosas caídas” [NI]. ●16. “Ilusões” [NI]. ●17. “L’ averse” (cançoneta) [NI]. ●18. “La rage de marche” [NI]. ●19. “Morto à força”, (1901) [NI]. ●20. “Nuvens: Canto e Piano”. S. l.: s. n., s. d., 7 p; ed. Funchal: Edição do GCEA, 2009, 4 p. ●21. “Nuvens” [NI]. ●22. “O meu testamento” (poesia) [NI]. ●23. “O Meu Testamento” [NI]. ●24. “O último dia do ano” (poesia) [NI]. ●25. “Oração” (poesia) [NI]. ●26. “Os Três Corações” [NI]. ●27. “Perguntas ao Luar e Canção da Serra” [NI]. ●28. “Reporter jeune siècle” [NI]. ●29. “Risos, cantos e saudade” (canção) [NI]. ●30. “Risos, Cantos, Saudades” [NI]. ●31. “Saudades” [NI]. ●32. “Serenada (Folhas das rosas caídas)”, [para canto e piano]. S. l.: s. n., s. d., 7 p.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Bettencourt, J. Moniz de, *Os Bettencourt: Das Origens Normandas à Expansão Atlântica*, Lisboa, Edição do autor, 1993; Branco,

Alfredo de Freitas, Notas & Comentário para a História Literária da Madeira, vol. III, Funchal, CMF, 1949-1953, p. 108-109; Clode, Luís Peter, Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983, p. 102; Esteireiro, Paulo, "Matilde Sauvayre da Câmara", Dicionário de Músicos na Madeira. Séculos XIX e XX: http://www.recursosonline.org/index.php?option=com_sobipro&pid=54&sid=77:CAMARA-Matilde-Sauvayre-da&Itemid=0 (accedido a 21 out 2014); Gomes, Alberto F., "Algumas Notas Sobre os Poetas das "Flores da Madeira", Das Artes e da História da Madeira, n.º 15, 1953, p. 20; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Nóbrega, Ciríaco de Brito, A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Arquipélago Madeirense: Narração das Festas, Funchal, Tipografia Esperança, 1901; Pinto, R. M. D. S. (2013). Matilde Sauvayre da Câmara. In J. Eduardo Franco (Ed.), Dicionário Enciclopédico da Madeira: Artes Performativas (p. online). Funchal: Agência de Promoção da Cultura Atlântica Esteireiro, Paulo, 50 Histórias de Músicos na Madeira, Funchal, Associação de Amigos do Gabinete Coordenador de Educação Artística, 2008.

MILDRED BLANDY COSSART (Funchal; 1879 - Ibid.; 1966) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Mildred Blandy Cossart nasceu a 5 de novembro de 1879, baptizada na Igreja

Inglesa da Madeira a 13 de dezembro de 1879, filha de Charles John Cossart, sócio gerente da casa exportadora de vinhos Cossart Gordon & C.^a, e de Anna Mary Furber Blandy. Casou-se com John Lee, em data desconhecida, e com Robert George Anthony Trail em maio de 1914 na Madeira. Faleceu no Funchal em 1966. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Mildred Cossart Gordon é autora de 65 fotografias publicadas por Koebel no guia "Madeira: Old and New" (1909). **3. DA AUTORA.** Koebel, W. H., Madeira, Old and New; Illustrated with Photographs by Mildred Cossart, London, G. Griffiths, 1909. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Binney, Marcus, Os Blandys da Madeira: 1811-2011, [London], Frances Lincoln, cop. 2011; Correia, Liliana Martins, A Família Blandy: Economia e Cultura: Século XIX, Dissertação de Mestrado em Cultura e Literatura Anglo-Americanas apresentada à Universidade da Madeira, Funchal, texto policopiado, 2005; Emonts, Anne Martina, "(Re) apresentações visuais de mulheres da Madeira no Travelogue do séc. XX." Universidade da Madeira: 25 anos (2015), p. 191-213.

OLGA GABRIELA JOHANNA MERAUVIGLIA CRIVELLI (Áustria; 1843 — Ibid; 1933) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** A condessa Olga Meraviglia Crivelli nasceu em Graz, na Áustria, em 1843. Era filha do conde Ladislaus Meraviglia-Crivelli e da baronesa Maria Ubelli von Siegburg. Olga Meraviglia Crivelli viveu em Praga e fez viagens pela Europa com a sua irmã, Maria Theresia Klothilde. Faleceu em 1933. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** A condessa de Meraviglia Crivelli foi autora de vários relatos de viagens que fez pela Índia, Síria, Líbano, Jerusalém, Grécia,

Istambul, Portugal e Espanha, como “Reise-Erinnerung aus Indien” (1903), “Reiseeindrücke aus Syrien und Jerusalem” (1909), “Eine Mittelmeerfahrt” (1910), “Eine Reise in Sudan und Ägypten” (1913), “Eine Reise in Dalmatien” (1913), “Ein Ausflug nach Griechenland und Konstantinopel im Jahre 1914 vor Ausbruch des großen Weltkrieges” (1917). Visitou a Madeira e as Canárias, tendo deixado as suas impressões no “Reiseeindrücke aus Teneriffa und Madeira” (1906). **3. DA AUTORA.** Reiseeindrücke aus Teneriffa und Madeira. Graz: Leykam, 1906, 286 p.. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Socas, Elia Hernández, Las Islas Canarias en viajeras de lengua alemana. Frankfurt an Main: Peter Lang, 2010, ISBN: 9783631608319, p. 289-290.

OLÍMPIA PIO FERNANDES (Funchal; 1842 — Porto; 1913) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Olímpia Pio Fernandes foi uma escritora e dramaturga, cujos dados biográficos desconhecemos. Crê-se ser filha de Joaquim Pio Fernandes e de Claudiana Nicéfora Ferraz, casados no Recolhimento do Bom Jesus em 1842. Vários autores apontam para o seu nascimento no Funchal a 26 de julho da década de 1840. Olímpia Pio Fernandes foi professora e fez parte da mesa de assembleia “Associação de Protecção e Instrução do Sexo Feminino Funchalense”, presidida por Dr. João da Câmara Leme, Conde do Canavial.

Participou na Sociedade de Concertos Funchalense e viveu no Porto, onde exerceu como professora de línguas. Faleceu no Porto em março de 1913. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Olímpia Pio Fernandes manteve correspondência com Joana de Castelbranco† e Mariana Xavier da Silva†, entre outros escritores madeirenses. Publicou textos poéticos, dramáticos e contos na imprensa periódica funchalense, sob o pseudónimo de César Ortigão, especialmente, em “O Direito” e “Diário de Notícias”, entre outros jornais por identificar. Foi autora de “Maria”, “A irmã da caridade”, “A mãe e o drama”, “Alda ou a filha do mar”, peça que foi estreada no Teatro Esperança, em maio de 1877, com grande êxito e reproduzida no “Diário de Notícias”. Esta peça foi protagonizada por Augusto Abreu (considerado no “Diário de Notícias”, n.º 201 de 24 de junho de 1877 “um gaiato esplêndido”), Eduardo Soares e Jaime Cruz. A receção de Olímpia Pio Fernandes no meio intelectual islenho e lisboeta foi muito favorável. Os autores do “Elucidário Madeirense” reproduziram as palavras de Mariana Xavier da Silva: “Tenho lido com interesse todas as outras produções da distinta escritora, e ou eu estarei muito enganada, ou s. ex.ª há de ocupar, ainda um dia, um dos primeiros lugares entre as senhoras que cultivam as letras”, recomendando que “Despedace porém a mascara; deixe de chamar-se Cesar Ortigão. Pois não será Olympia nome muito mais sympatico?” (Silva, Offerendas, 1883, p. 120). Nas “Notas e Comentários” do Visconde do Porto da Cruz referiu-se à escritora como alguém que “tinha qualidades (...) vasta cultura artística e gozava de

prestígio nos meios intelectuais da sua época, tanto no Funchal como em Lisboa”. **3. DA AUTORA.** ●1. “Uma simples narrativa”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º46 (03-12-1876): p. 1-2. ●2. “Heroísmo”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º80 (18-01-1877): p. 1-2 (assin. César Ortigão). ●3. “A mulher”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º1 (04-01-1877): p. 1-2. ●4. “Scenas campestres: o despertar na cabana”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º185 (29-05-1877): p. 1-2. ●5. “A esperança”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º209 (29-06-1877): p.1-2. ●6. “À ex.ma snr.ª D. Marianna S. F.”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º210 (01-07-1877): p. 1-2; republ. “[Carta à Mariana Xavier da Silva]” -Ed. Mariana Xavier da Silva –Na Madeira..., p. 121-124. ●7. “A Camponeza”. *Diário de Notícias*, Funchal (1877). ●8. “Maria”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º270 (11-09-1877): p. 1-2; *ibid*, n.º271 (12-09-1877): p. 1-2; *ibid*, n.º272 (13-09-1877): p. 1-2; *ibid*, n.º273 (14-09-1877): p. 1-2. ●9. “A Irmã de Caridade”. *O Direito*, n.º 837 (27-03-1877); *id*, n.º842 (05-05-1877). ●10. “A criança”. *Diário de Notícias*, Funchal, n.º110 (23-02-1877): p. 1-2. ●11. “Desalento”. *Diário de Notícias*, Funchal, (1878). ●12. “A Mãe”. *O Direito*. n.º 1006 (06-08-1879); *id.*, *ibid.*, n.º1009 (16-08-1879); *id.*, *ibid.*, n.º1013 (30-08-1879); *id.*, *ibid.*, n.º1019 (20-09-1879) (assin. César Ortigão). ●13. Alda ou a filha do mar. [NI].

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Borges, António José, “fernandes, olímpia pio”. In *Aprender Madeira*, 2017, via URL <http://aprendermadeira.net/fernandes-olimpia-pio/>; Branco, Alfredo de Freitas; Clode, Luiz Peter. *Registo bibliográfico de madeirenses: sécs. XIX e XX*. Funchal: Caixa Económica do

Funchal, 1987, p. 177; Branco, Luis de Freitas, *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*. 2º Volume. 2º Período. 1820-1910. Funchal: Edição da Câmara Municipal de Funchal, 1951; Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde*. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Silva, Fernando Augusto da e Meneses, Carlos Alberto de, *Elucidário Madeirense*, 4.ª ed., Funchal, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1978; Silva, Mariana Xavier, *Na Madeira: offerendas*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1883.

OLIVIA MARY HARTRICK STONE

(Irlanda; 1856 — Reino Unido; 1898) **1.**

NOTA BIOGRÁFICA. Olivia Mary Hartrick nasceu em 1856 na Irlanda. Desconhecemos dados de filiação, exceto a referência de ser filha de um reverendo. Era casada com o fotógrafo John F. M. Harris Stone em 1883. Numa viagem de núpcias, o casal partiu para Tenerife a bordo do “Panamá”, procedente do porto de Le Havre. Residiu em Londres, onde faleceu em Kesington a 1898. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Olivia Stone publicou “Norway in June” (1882) e fez uma viagem às Canárias e à Madeira em 1884, tendo publicado em dois volumes a obra “Tenerife and its six satellites or The Canary Islands past and present” (1887). Madeira não lhe impressionou tanto como o arquipélago canário, referindo “Nature has been kinder to Gomera in a landing-place, than to Madeira, and yet San Sebastian

is unknown, and Funchal is too full of English” (p. 101). **3. DA AUTORA.** Tenerife and its six satellites or The Canary Islands past and present. 2 vols. London: Marcus Ward & Co., 1887. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Fuentes, Enrique Jiménez (ed. lit. e trad.), Ladies en el puerto: viajeras inglesas de los siglos XIX y XX. Las Palmas de Gran Canaria: Idea, 2009, ISBN: 8483828294; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

PAULA HENRIETTE ALWINE KALDEWEY (Polónia; 1870 — Alemanha; 1950) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Paula Henriette Alwine Kaldewey nasceu na Vrástislávia (Polónia) a 19 de outubro de 1870. Poucos dados se conhecem a respeito da sua vida. Foi uma enfermeira que visitou a Madeira e as Canárias, famosos destinos de turismo terapêutico. Faleceu em Berlim a 26 de fevereiro de 1950. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Publicou um artigo sobre a sua estada em “Die glücklichen Inseln: Kanarien und Madeira” (1906). Foi contista e novelista com textos publicados na revista “Die deutsche Wohlfahrtspflege: Zeitschrift für die Interessen auf dem Gebiete der deutschen Wohlfahrt” (1912). O artigo “Die glücklichen Inseln: Kanarien und Madeira” é de cinco páginas, com ilustrações. O interesse de Kaldewey visava descrever as condições das ilhas como destino terapêutico. **3. DA AUTORA.** “Die glücklichen Inseln: Kanarien und Madeira”. Zeitschrift für Krankenpflege, n.º 28 (1906). **4.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013, acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Socas, Elia Hernández, Las Islas Canarias en viajeras de lengua alemana. Frankfurt an Main: Peter Lang, 2010, ISBN: 9783631608319; Wilhem, Eberhard Axel, Visitantes e escritos germânicos da Madeira 1815-1915. Funchal: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1997, p. 133-134.

PAULA KOLLONITZ (Áustria; 1830 – Ibid.?.; 1890) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Paula Kollonitz, condessa de Kollonitz, nasceu em Viena (Áustria) a 28 de junho de 1830. Era filha de Maximilian Kollonitz e de Katharina von Haugwitz, descendente dos condes de Kollonitz von Kollegrád. Paula Kollonitz fez parte da comitiva que acompanhou a princesa Carlota da Bélgica, imperatriz-consorte do México, esposa de Maximiliano de Habsburgo-Lorena, imperador do México. Faleceu em 1890. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Relatou no seu livro, “Eine Reise nach Mexico im Jahre 1864” (1867), a sua estada na Madeira. **3. DA AUTORA.** Eine Reise nach Mexico im Jahre 1864. Wien: C. Gerold's Sohn, 1867, 247 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Franco, Adela Pineda, “Crepuscular

Recollections: Paula Kollonitz in the Court of Maximilian I of Mexico". *Literature and Arts of the Americas*, n.º45/1 (2012), p. 42-49.

PAULINE SCHANZ (Alemanha; 1828 – Ibid; 1913) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Pauline Schanz (nascida Leich) nasceu em Leipzig em 10 de setembro de 1828. Era filha livreiro Johann Friedrich Leich. A ruína financeira do seu pai obrigou-a a preparar-se para ser mestra. Depois da morte do seu pai, Pauline mudou-se para Dresden, onde se casou com o escritor Julius Schanz em 1853. Depois de divorciar-se, Pauline partiu para Berlim, sustentado sozinha a sua família. Faleceu em Berlim a 18 de abril de 1913. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Pauline Schanz foi uma escritora infanto-juvenil e tradutora. Publicou "Liande" (1855), "Für junge Herzen" (1863), "In der Dämmerstunde" (1863), "Herzblättchens Kurzweil" (1865), "Kleine Welt Zwölf kleine Erzählungen und Verschen" (1865), "Ferientage Erzählungen" (1866), "Ein Tag aus dem Kinderleben" (1866), "Erzählungen für das Volk" (1866/70), "Mancherlei aus des Lebens" (1874), "Unter uns Kleinen" (1872), "Gesammelte Erzählungen aus dem Töchteralbum Erzählungen für die reifere Jugend" (1873), "Erzählungen für die Jugend" (1875), "Adam Gottlob Oehlenschläger" (1879), "Gedichte" (1885), "Erzählungen" (1888), "Drolly oder Wenn man etwas gelernt hat und andere Erzählungen" (1892), "Geschichten für Mädchen Sechs Erzählungen" (1896). Deve-se realçar para "Madeira. Episches Gedicht in vier Gesängen" (1868) (traduzido como "Madeira, Poema Épico em 4 cantos"). Trata-se de um poema épico sobre a

lenda de Machim e de Ana de Arfet, em oitavas, que remonta a uma extensa tradição desde a "Relação" de Francisco do Alcoforado (séc. XV). Trata-se de uma lenda que interessou os escritores germânicos do século XIX, como Amalie Liebhabert†. Os seus versos iniciam da seguinte forma: "So grüß' ich Dich, geliebte Heimath, wieder, /Die düster zwar, doch traulich mich empfängt! /Ihr altenThürme schauet auf mich nieder, /Den schwarzen Epheumantel umgehängt,/Indeß so hold die altersstarren Glieder Das tos'ge Licht des Sommertags umfängt! /Und aller Glanz, der magisch mich umspinnen,/Liegt hinter mir, ein schöner Traum, zerronnen!" (p. 3). **3. DA AUTORA.** Madeira, episches Gedicht in vier Gesängen. Leipzig: H. Matthes, 1868. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Groß, Heinrich, *Deutsche Dichterinnen und Schriftstellerinnen in Wort & Bild*, Bd. 2. Fr. Thiel, Berlin 1885, p. 316.

PETRONILA DO SOCORRO (Madeira; sécs. XVII-XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Soror Petronila do Socorro foi escritora e religiosa do Convento de Santa Clara do Funchal, cujos dados biográficos desconhecemos. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Petronila do Socorro compilou o livro velho referente aos "Foros do Convento de Santa Clara" (1722). **3. DA AUTORA.** Lisboa. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Santa Clara. Cobia de juro, foros e rendas (1722), liv. 24 (Cód. ref. PT/TT/CSCF/010/0004). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. *Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde.* Guia Biobibliográfico,

Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

PETRONILHA ROSA DE SÃO PEDRO (Madeira; sécs. XVIII-XIX) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Soror Petronila Rosa de São Pedro foi escritora e religiosa do Convento de Santa Clara do Funchal (ou de Nossa Senhora da Conceição), cujos dados biográficos desconhecemos. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Petronila Rosa de São Pedro é autora de uma súplica dirigida ao Núncio Apostólico solicitando o envio de um Breve a autorizar a incorporação das religiosas do Convento de Nossa Senhora da Encarnação no Convento de Santa Clara, devido ao facto de as religiosas terem sido forçadas a abandonar o convento por causa da presença de tropas militares britânicas. Possui correspondência administrativa com Santa Sé, referente à eleição como abadessa, por falecimento da madre abadessa sórora Joana Micaela do Altíssimo. Os textos conservam-se no Arquivo Secreto do Vaticano. **3. DA AUTORA.** Vaticano. Archivio Segreto Vaticano, Arch. Nunz. Lisbona, 1808-07-27, 98 (1), fl. 29; 09-07-1806, 97 (3), fls. 34-34V; 09-07-1806, 97 (3), FLS. 38-38V; 1806-11-03, 97 (3), fls. 40-41V. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Franco, José Eduardo, org., Arquivo secreto do Vaticano: expansão portuguesa: documentação: Tomo I: Costa Ocidental de África e Ilhas Atlânticas (Lisboa: Esfera do Caos, 2011), n.º 1340, 1342, 1343, 1411.

RAQUEL ANGELINA FERRER ANTUNES SIMÕES DOS SANTOS (Coimbra; 1894 — Lisboa; 1987) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Apesar de se desconhecer muitos aspetos sobre a sua vida, Raquel Angelina Ferrer

Antunes nasceu em Coimbra em 1894. Foi docente de ensino primário desde 1914 em Coimbra. Veio para a Madeira para trabalhar no “Eco do Funchal” com a escritora açoriana Maria Mendonça e, em 1954, foi diretora da Escola Primária de São Sebastião da Pedreira. Faleceu em Lisboa em 1987. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Cultivou a poesia, o romance, o conto infanto-juvenil, ensaios e traduções. Sobre a Madeira publicou um opúsculo intitulado “Os bordados da Madeira: “viagem” numa fábrica de bordados” (1957). Sob o pseudónimo Maria da Soledade, publicou “Os meus versos: amores de sonhos, horas de soledade” (1925), “Os meus contos” (1938), “O sonho de Joãosinho” (1939), “No reino de Monotapa” (1942), “As três pedras pequeninas” (1940), “O sonho do vagabundo: auto de Natal” (1943), “Vamos brincar aos teatros: peças para crianças” (1943); “Sonho de uma noite de Natal: peça em 4 quadros” (1946) e “Natal Florido” (1948); em coautoria com Sara Pinto Coelho, publicou “Confidências de duas raparigas modernas” (1943, 1951), “O diário de Maria Inês” (1956); “A fonte de Siloe: contos e novelas” (1959), “D. Gonçalo da Silveira: apóstolo do Monomotapa” (1962); traduziu “Magnificat” de René Bazin (1957). Deixou inédito “Impressões da Ilha de S. Miguel”. **3. DA AUTORA.** ●1. Os bordados da Madeira: “viagem” numa fábrica de bordados. Funchal: Eco do Funchal, 1957. 15 p. ●2. Aguarelas: novelas e fantasias. Funchal: Eco do Funchal, 1952. 109 p. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Flores, Conceição, Constância Lima Duarte, and Zenóbia Collares Moreira. Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à

atualidade, Ilha de Sta. Catarina, Ed. Mulheres, 2009, p. 210; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Vasques, Eugénia Vasques, Mulheres que escreveram Teatro no Século XX em Portugal. Lisboa: Colibri, 2001, ISBN: 972-772-275-X.

RAQUEL BENVINDA CORREIA DE AGUIAR (Santa Cruz; 1883 — ?) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Natural do Caniço, onde nasceu a 7 de julho de 1883, Raquel Aguiar era filha de Augusto de Nóbrega de Aguiar e de Júlia Adelaide Correia de Aguiar. Entrou aos cinco anos no extinto Colégio Cabedo e viveu em Lisboa na companhia da sua sobrinha, Antonieta Pereira, professora de piano, diplomada pelo Conservatório de Música de Lisboa. Desconhece-se a data de falecimento. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Raquel Aguiar colaborou no extinto “Diário da Madeira”. Alguns dos seus textos poéticos encontram-se representados na ‘Musa Insular’ de Luís Marino. De acordo com este autor, ela permaneceu separada dos seus pais desde que foi internada no colégio desde tenra idade. A sua poesia reflete uma “profunda melancolia (...) traduzindo-a em poesia” (Marino, Panorama, vol. 1., p. 91). Colaborou no “Diário da Madeira” e noutros jornais madeirenses. Deixou inédita a sua produção poética, encontrando-se representada na “Musa Insular” de Luís Marino. **3. DA AUTORA.** ●1. “Evocação”. In MARINO, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959,

p. 34. ●2. “A moleirinha”. In Marino, Luís, Musa Insular, Funchal, Eco do Funchal, 1959, p. 342. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Marino, L., Panorama Literário do Arquipélago da Madeira: Nota biobibliográfica: Raquel Benvinda Correia de AGUIAR [em linha], Funchal, 1986 [Consulta: 19-03-2019]. Disponível em: <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=665881>

SARA TREVOR TEASDALE (Estados Unidos da América; 1884 – Ibid; 1933) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Sara Teasdale nasceu a 8 de agosto de 1884 em St. Louis, Missouri, filha do mercador John Warren Teasdale e de Mary Elizabeth Willard. A família chamava-a carinhosamente por “Sadie”. Sara tinha uma saúde muito delicada. Teasdale casou-se com Ernst Filsinger em 1914, de quem se divorciou, passou a viver sozinha em Nova Iorque. Cometeu suicídio a 29 de janeiro de 1933 por ingestão excessiva de soníferos. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sara Teasdale foi uma poetisa e antologista premiada. Publicou “Sonnets to Duse and Other Poems” (1907), “Helen of Troy and Other Poems” (1911), “Rivers to the Sea” (1915), “Love Songs” (1917), “The Answering Voice” (1917) e “Flame and Shadow” (1920). No diário de Teasdale, refere que fez uma viagem entre fevereiro e maio de 1905 a bordo do “S.

S. Arabic”, na companhia da sua mãe. Teasdale refere a sua estada na Madeira revelando o seu encanto pelas flores e a companhia de uma menina francesa. Visitou Espanha, Grécia, Reino Unido, França. Dela temos apenas um poema, “Madeira from the sea” inserto no seu livro “Helen of Troy And Other Poems” (1911), que diz: “Out of the delicate dream of the distance an emerald emerges/Veiled in the violet folds of the air of the sea;/Softly the dream grows awakening -- shimmering white of a city,/Splashes of crimson, the gay bougainvillea, the palms./High in the infinite blue of its heaven a quiet cloud lingers,/Lost and forgotten of winds that have fallen asleep,/Fallen asleep to the tune of a Portuguese song in a garden” (Helen of Troy., 1911, p.89). **3. DA AUTORA.** ●1. “Madeira from the sea”. Helen of Troy And Other Poems. New York and London, G. P. Putnam's Sons, 1911, p. 89. ●2. Estados Unidos da América. Arquivo da Universidade de Yale. Sara Teasdale collection (YCAL MSS 746). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Carpenter, Margaret H. Sara Teasdale: A Biography. New York: Schulte Pub. Co, 1960; Hall, Emily Hardy. "Sara Teasdale's Diary Of Her First Trip Abroad In 1905." The Yale University Library Gazette 18, no. 3 (1944), p. 50-52. <http://www.jstor.org/stable/40857197>; Schoen, Carol B., 2000 "Teasdale, Sara (1884-1933), poet and anthologist." American National Biography. 30 Apr. 2019. <http://www.anb.org/view/10.1093/anb/9780198606697.001.0001/anb-9780198606697-e-1601613>.

SARAH WALLIS BOWDICH LEE (Reino Unido; 1791 — Ibid.; 1856) **1. NOTA**

BIOGRÁFICA. Nascida Sarah Wallis, nasceu em Londres a 10 de setembro de 1791. Era filha de John Eglinton Wallis e casou-se com o naturalista Thomas Edward Bowdich em 1813. Acompanhou o seu marido em várias expedições científicas. Em 1823, conheceram o arquipélago da Madeira e de Porto Santo, com passagem por Tenerife e Cabo Verde. Visitaram várias regiões da África subsaariana, até à morte do seu esposo em 1824. Faleceu em Erith (Londres) a 22 de setembro de 1856. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Como forma de sustentar a família, Sarah Bowdich publicou vários livros, alguns em co-autoria com o seu marido, como “Mission from Cape Coast Castle to Ashantee” (1819), “Taxidermy: or, the art of collecting, preparing, and mounting objects of natural history” (1820), “Excursions in Madeira and Porto Santo” (1825), “Elements of Natural History, for the use of schools and young persons” (1844, 1850), “The African wanderers” (1849), “Adventures in Australia: or, the Wanderings of Captain Spencer in the bush and the wilds” (1851), “British Birds” (1852), “The Farm and its Scenes” (1852), “Foreign Animals” (1853), “Anecdotes of the Habits and Instincts of Birds, Reptiles, and Fishes” (1853), “Familiar Natural History” (1853), “Trees, Plants, and Flowers: their beauties, uses, and influences” (1854). As “Excursions in Madeira and Porto Santo” (1825) contêm as ilustrações de Sarah Bowdich (S. Boudich), impressas a preto e branco e a cores, como é referido “Mrs. Bowdich, having reached England before the printing of the manuscript, has withdrawn the above-mentioned figures, and published the greater number of them in the work itself” (p.

8). As descrições são detalhadas não só sobre aspetos da flora, fauna, agricultura e geologia da ilha mas também dos hábitos e costumes locais. O casal observou um caso em São Vicente sobre a condição da mulher isleña e as atitudes perniciosas da atuação masculina: “two awkward-looking young men followed at a short distance, arm in arm, and left a handsome-looking girl to walk behind them, entirely alone; she returned the salutations of the peasantry with the prettiest grace imaginable. Perhaps this poor girl was destined to be thrown away on one of the insensible beings who were strutting before her, for choice has nothing to do with Portuguese marriages” (p. 53). **3. DA AUTORA.** Excursions in Madeira and Porto Santo, during the Autumn of 1823, while on this third voyage to Africa. London: George B. Whittaker, 1825, XII, 278 p; Paris: F. G. Levrault, 1826 (em coautoria com Thomas Edward Bowdich). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Anon., “Mrs. Lee”. Gentleman's Magazine, n.º201 (1856), p. 653-654; Beaver, D. B., “Writing natural history for survival: 1820-1856: the case of Sarah Bowdich, later Sarah Lee”. Archives of Natural History, ISSN 0260-9541, n.º26/1 (1999), p. 19-31; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Creese, Mary R. S., Ladies in the Laboratory II: Western European Women in Science, 1800-1900. Lanham,

Maryland: Scarecrow Press, 2004, p. 225-227.

SENHORA FREIRA CONSTITUCIONAL (Madeira; fl. 1821) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Não se dispõe de dados a respeito da autoria por detrás deste pseudónimo, que se crê ser de um autor madeirense. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** O texto aparece no primeiro jornal publicado na Madeira fundado e redigido pelo médico madeirense Nicolau Caetano Bettencourt Pitta, “O Patriota Funchalense”, no volume 1, n.º 20 de 8 de setembro de 1821. Trata-se de uma crítica à forma como os conventos madeirenses eram administrados e com um sentido fortemente anticlerical. No entanto, a forma como o sujeito do texto se apresentou no feminino, levantou dúvidas sobre a autoria da carta. No número 28 de 8 de setembro de 1821 d’ “O Patriota Funchalense”, um leitor que subscreveu o texto como “O Donato Constitucional da Portaria”, manifestou a sua surpresa pela carta de “Huma Freira Constitucional”†, nestes termos: “fiquei pasmado quando nelle achei a carta de huma Freira Constitucional: julgava eu, que estas Senhoras só sabiaõ escrever seus sonhos, e fantesias, que huma imaginação inquieta lhes offerece”, acrescentando. “este estylo não me parece de Freira; sua linguagem de ordinario he sempre acompanhada de certas reticencias, que ora fazem parados no sangue, ora o fazem circular com tanta violencia, que pode produzir hum frenezim (...) talvez a carta sera feita por algum continuo, que quis fazer esse obsequio ao Público”. **3. DA AUTORA.** [Carta ao Redactor]. In O Patriota Funchalense, Funchal, Vol. 1, n.º 20 (08-

09-1821). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Alves, José Augusto dos Santos, “O patriota funchalense ou o elogio do contrapoder”, In: Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira, Funchal, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1990, p. 379-400.

SUSAN HARRIET HOLROYD VERNON HARCOURT (Reino Unido; 1829 — Ibid.; 1894) **1. NOTA BIOGRÁFICA.**

Filha de George Augustus Frederick Charles Holroyd, 2.º Conde de Sheffield, e de Lady Harriett Lascelles, Lady Susan Holroyd nasceu em e Nuneham Courtenay, Oxfordshire, a 13 de abril de 1829. Lady Harcourt esteve na Madeira entre novembro de 1848 a maio de 1849. Casou-se com o naturalista e político inglês, Edward William Vernon Harcourt, também autor de “A sketch of Madeira: containing information for the traveller, or invalid visitor” (1851), que esteve na Madeira em várias ocasiões entre 1847 a 1851. Durante a estada na Madeira, o seu esposo correspondia-se com Charles Darwin. Faleceu no Reino Unido a 5 de abril de 1894. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Lady Harcourt foi autora de 14 gravuras e de desenhos intitulados “Funchal from the West-Funchal from the East”, “The Penha d’Aguia from the vista of Faial”, “Fort St. Thiago”, “Funchal”, “Ribeira Brava”, “Near Santa-Cruz-On the Palheiro Road”, “View on the road from Funchal to St. Anne’s”, “View of Funchal from the Sea”, “Fruit Market-Washer-women”, “Street in Funchal-Ribeiro de Santa Luzia”, “Quinta at Santa Cruz”, “View in Funchal”, “View from Pico Arriero”, “View behind the Jesuits’College”, “View from the Deanery”, “On the

Ribeira St. João-View from St. Martinho”, “Machico”, “Quinta at Santa Cruze View from Pico Arieiro”. Grande parte das obras desta autora se conserva na Casa-Museu Frederico de Freitas (Funchal). **3. DA AUTORA.** Sketches Madeira drawn from nature and on stone. London: Thomas Mc. Lean, 1851, [14] f., [4] f. (em co-autoria com Edward Vernon Harcourt). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Camacho, Ana Margarida Sottomayor Araújo, “Lady Susan Vernon Harcourt”, in Obras de Referência dos Museus da Madeira, 500 de História de um Arquipélago, catálogo de exposição comissariada por F. C. Sousa e patente na Galeria de Pintura do Rei D. Luís, Palácio Nacional da Ajuda, 20 nov. 2009-28 fev. 2010, Funchal, DRAC, 2009, p. 414-415; Carita, Rui, “susan harriet vernon harcourt”. In Aprender Madeira, 2017, acessível via uRL <http://aprendermadeira.net/susan-harriet-vernion-harcourt/>; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Nascimento, João Cabral do, Estampas Antigas da Madeira: Paisagem, costumes, traje, edifícios, marinhas, Funchal, [s. n.], 1935.

TEODORA DE JESUS (Funchal; ca. 1610?

— Ibid.; 1673) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Filha de Leonardo Spínola e de Beatriz Mendes, sóror Teodora de Jesus foi uma das primeiras religiosas a entrar no Recolhimento de Santa Teresa a 21 de novembro de 1650, e, depois, Convento de Nossa Senhora da Encarnação do

Funchal. De acordo com Henrique Henriques de Noronha, “foi hua das primeyras que profesou nelle, depois de constituido em Mosteyro, no dito anno de 1661; e sendo huã das confeçadas do P. João Ribeyro fez tal progresso nas virtudes, que por varias vezes a elegerão Prelada; em que deu sempre grande exemplo as suas subditas, e com especialidade frequente na oração: assi acabou com singulares mostras de santidade” (Memória Seculares..., p. 281). Desempenhou funções na qualidade de abadessa, em setembro de 1675 e em 1673, e de escritã do mosteiro. Faleceu a 13 de março 1673.

2. LEGADO DOCUMENTAL. De acordo com Pe. João Ribeiro, é autora de um relato sobre a morte da Serva de Deus, Maria da Encarnação†, a pedido do seu confessor, que foi parafraseado na “Vida da serva de Deus, Maria da Encarnação, nascida no Funchal em 1613 recolhida no Mosteiro da Encarnação do Funchal” (Lisboa, BAj, ms. av. 54-V-24), descrito nestes termos: “Depois de morta ficou com o semblante do rosto como de hũa bem aventurada nam se fartando os olhos de olhar para ella, cauzando deuaçam e edificaçam a quem a uia, parecia que se estaua rindo com os olhos abertos tam claros que pareciam uiuos e que olhaua para todas as Irmans”. Há referências de que sóror Teodora de Jesus exerceu a atividade de escritã, porém não foi possível identificar no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, onde se conserva parte do fundo do Convento. **3. DA AUTORA.** Lisboa, Biblioteca da Ajuda. João Ribeiro, S. I., Vida da serva de Deus, Maria da Encarnação, nascida no Funchal em 1613 recolhida no Mosteiro da Encarnação do Funchal. Séc. XVII, ms.

av. 54-V-24 (texto parafraseado). **4.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Fontoura, Otilia Rodrigues, As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000; Gomes, Eduarda Maria de Sousa, O Convento da Encarnação do Funchal: subsídios para a sua História, 1660-1777. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 1995; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Noronha, Henrique Henriques de, Memórias seculares e eclesiásticas para a composição da história da Diocese do Funchal na ilha da Madeira. Trans. Alberto Vieira. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996, p. 281.

TERESA ANTÓNIO DO AMOR DIVINO (Madeira; séc. XVIII) **1. NOTA BIOGRÁFICA.**

Escrivã e religiosa do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal. Não se conhecem dados biográficos que permitam identificar a sua filiação. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sóror Teresa António do Amor Divino continuou o registo do “Livro 1.º dos obittos deste convento de N. S. da Encarnação que teve principio no anno de 1749” iniciado por sóror Maria Angélica da Nazaré. Escreveu registos entre 1792 e 1794. **3. DA AUTORA.** Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Convento de Nossa Senhora da Encarnação. Livro de Assentamento de Óbito do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do

Funchal de 1749, Liv. 3. Acessível via URL <<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4703725>>. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

TOMÁSIA DELFINA DA CANTUÁRIA (Santana, 1749 – Funchal, 1821) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Filha do Capitão José Leandro Teles da Silva e de Ana Luísa Teles, casados no Faial em 1736. Nasceu em 1749, fez votos em 1765 e faleceu no Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal a 11 de novembro de 1821. Era considerada como uma “religiosa muito observante”. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Sórora Tomásia Delfina da Cantuária continuou a escrituração dos registos de óbitos do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal, liv.3., no triénio de 1801 a 1803. **3. DA AUTORA.** Portugal. ANTT. Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal, liv.3. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Fontoura, Otília Rodrigues, As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000.

UMBELINA TEIXEIRA MENDES (Machico; 1891 — Ibid.; 1983) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Umbelina Teixeira Mendes nasceu no Porto da Cruz (Machico) a 21 de maio de 1891, filha de João Teixeira Mendes e de Maria do Carmo. Foi baptizada na Igreja Paroquial de Nossa Senhora de Guadalupe (Porto da Cruz),

a 24 de maio de 1891. Casou civilmente com José Cândido Perestrelo, a 21 de setembro de 1914, em Porto da Cruz, de quem ficou viúva a 1955. Faleceu a 19 de dezembro de 1983 na freguesia natal. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Umbelina Teixeira Mendes foi informante de textos de tradição oral e popular, compilada por Albertina Abreu, Teresa Vasconcelos, Gilda Mendonça e Gilda Vieira de Carvalho em 1980, contando a informante nessa altura contando com 88 anos de idade. O seu contributo integra os ciclos de romances tradicionais tendo recitado “Era um rei, tinha três filhas, mais alvas que a prata fina” (XXV.16) **3. DA AUTORA.** Na qualidade de informante da tradição oral e popular: “Era um rei, tinha três filhas, mais alvas que a prata fina”. In Ferré, Pere e Boto, Sandra, Novo Romancelheiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: Funchal 500 Anos, 2008, p. 381 (n.º XXV.16).

VERA WAY MARGHAB (Estados Unidos da América; 1900 — Ibid.; 1995) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Vera Way nasceu em Wesley, Iowa (Estados Unidos da América) a 21 de agosto de 1900. Era filha de Stitzel X. Way e de Kathryn Bacon Way. Vera Way casou-se com Émile Marghab, comerciante de bordados da Madeira, de origem siro-libanesa, estabelecido no Funchal, à rua dos Ferreiros. Foi uma notável mulher de negócios que geriu a empresa de casa de bordados Marghab Linens, Ltd., fundado em 1933, no edifício onde é atualmente a sede da Direção Regional da Cultura do Governo Regional da Madeira (Funchal). Fez estudos em South Dakota, onde aprendeu piano, e em Nova Iorque. Depois da Revolução

dos Cravos (1974), o declínio da indústria do bordado da Madeira levou Vera Marghab a encerrar portas em 1978. A marca Marghab Linens era considerada como uma das mais prestigiadas do mundo em matéria de Bordado Madeira. Faleceu em South Dakota em 1995. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** O precioso arquivo da empresa e a biblioteca foram doados à South Dakota State University. Grande parte do acervo museológico da Casa Marghab se conserva no South Dakota Art Museum e no Metropolitan Museum of Art em Nova Iorque. Sobre a sua atividade como mulher de negócios Cline (1998) publicou uma biografia sobre a sua atividade na Madeira. **3. DA AUTORA.** Estados Unidos da América. South Dakota State University. South Dakota State University Archives e Hilton M. Briggs Library Special Collections. Vera Way Marghab Collection (1883-1997). **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Cline, D. J., Perfection, never less: the Vera Way Marghab story. Brookings, S. D.: South Dakota Art Museum, 1998; Hass, Nancy J; Lindell, Lisa Rae, Marghab rare book collection: Hilton M. Briggs Library. Brookings, S. D.: Hilton M. Briggs Library, South Dakota State University, 1996; South Dakota Memorial Art Center, Marghab Gallery –Ideals wrought in linen: the story of Marghab. Brookings, S. D.: Marghab Gallery, South Dakota Memorial Art Center, South Dakota State University, [1970]; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo,

2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>.

VIRGÍNIA BRITES DA PAIXÃO (Funchal; 1860 — Ibid.; 1929) **1. NOTA BIOGRÁFICA.** Venerável Virgínia Brites da Paixão, no século Virgínia Silva, nasceu Lombo dos Aguiares, freguesia de Santo António (Funchal), a 24 de outubro de 1860. De origens humildes, era filha de Gonçalves da Silva e de Maria de Jesus. Virgínia Silva ingressou no Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês (Funchal) aos 16 anos. Foi ordenada com o hábito de Santa Clara a 26 de fevereiro de 1881 e professou a 1 de fevereiro de 1883. Aquando da implantação República Portuguesa em 1911, foi ordenado por decreto a expulsão e extinção das ordens e congregações religiosas. Em consequência disto, foi aprisionada na Fortaleza de São Lourenço juntamente com outras religiosas. Foi responsável pela instituição da Confraria do Coração Imaculado de Maria na paróquia de Santo António e no Hospício Princesa D. Maria Amélia a 2 de fevereiro de 1916. Sobre esta autora, Otília Fontoura deixou um trabalho de investigação e de divulgação no âmbito do processo de canonização desta religiosa madeirense. Faleceu a 17 de janeiro de 1929. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** É autora de uma biografia sobre a Madre Brites da Paixão (1733), filha do 6.º morgado do Caniço, Aires de Ornelas de Vasconcelos. **3. DA AUTORA.** ●1. Portugal. Arquivo Histórico Diocesano do Funchal. Carta da Madre Virgínia para a Irmã Ângela (25-09-1926). ●2. Portugal. Arquivo do Convento de Nossa Senhora da Piedade de Câmara de Lobos. Manuscritos da Madre Virgínia Brites sobre Madre Brites da Paixão, 3 pts. (s. d.). **4.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Clode, Luís Peter, Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983, p. 499; Costa, João Prudêncio da, Apontamento biográfico de Madre Virgínia Brites da Paixão (1860-1929). Câmara de Lobos: Secretariado do Processo de Canonização, 2005; Fernandes, Abel Soares, Alguns apontamentos sobre a vida da Madre Virgínia Brites da Paixão. Funchal: (s. e.), 1998; Fernandes, Manuel Pombo, Manuscritos sobre a Madre Virgínia Brites da Paixão. Funchal: (s. e.), (s.d.); Fontoura, Otilia Rodrigues, As Clarissas na Madeira: uma presença de 500 anos. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000; Fontoura, Otilia Rodrigues, Uma mensagem para a Igreja: síntese biográfica de Madre Virgínia Brites da Paixão (1860-1929). Câmara de Lobos: Secretariado do Processo de Canonização, 2004; Macedo, L. S. Ascensão de, Da Voz à Pluma. Escritoras e Património Documental de Autoria Feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Guia Biobibliográfico, Ribeira Brava, Edição L. S. Ascensão de Macedo, 2013; acessível via <http://hdl.handle.net/10316/44055>; Santos, Maria Teresa, “Virgínia Silva”. In Castro, Zília Osório de; Esteves, João (Dir.) – Dicionário no feminino (séculos XIX-XX). Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 889a.

VIRGÍNIA GONÇALVES DE FREITAS VIEIRA (Santana; 1898 — Ibid.; 1962) **1.**

NOTA BIOGRÁFICA. Virgínia Gonçalves de Freitas era natural do Arco de São Jorge (Santana), onde nasceu em novembro de 1898 e baptizada na igreja paroquial 27 de novembro de 1898. Era filha do famoso “Feiticeiro do Norte”, Manuel Gonçalves de Freitas (1858-1927), e de Maria Augusta de Jesus. Acompanhou o seu pai em diversos arraiais e festividades populares na Madeira. Casou-se com Manuel Herculano Vieira, natural do Arco de São Jorge, a 19 de agosto de 1926 em São Jorge. Faleceu em 17 de de setembro de 1962, na sua terra natal. **2. LEGADO DOCUMENTAL.** Publicou em co-autoria com o seu pai versos em memória do seu irmão Alfredo, que tinha sido assassinado de forma muito violenta. O texto foi publicado em “O Jornal”. Não se conhecem outra produção da sua lavra, mas é de considerar que tenha sido guardiã da produção poética do seu pai.

3. DA AUTORA. “Lamentos de Alfredo”. In “O Jornal”, 12-09-1925. **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.** Gomes, Alberto F., “Prefácio”, In Gonçalves, Manuel, Versos de Manuel Gonçalves (Feiticeiro do Norte), Funchal, separata de Voz da Madeira, 1959; Meneses, Maria Bela de Sousa, Facto e Ficção em Versos de Manuel Gonçalves, o “Feiticeiro do Norte”, dissertação de Mestrado em Literatura Comparada apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Texto policopiado, 1999.

Índice de pseudónimos, iniciais e formas alternativas de nome

A. (iniciais de nome) ver **EMÍLIA ACCIAIOLLY REGO**

A. d'Azevedo (var. de) ver **AMÉLIA AUGUSTA DE AZEVEDO**

Agda (pseud.) **EULÁLIA ÁGUEDA ABREU NUNES PAQUETE**

Amélie A. d'Azevedo (var. de) ver **AMÉLIA AUGUSTA DE AZEVEDO**

Amélie Augusta d'Azevedo (var. de) ver **AMÉLIA AUGUSTA DE AZEVEDO**

Ângela de Lucena (pseud.) ver **ISAURA ASCENSÃO MACHADO PACHECO SOARES DOS PASSOS JARDIM**

Ann Bridge (pseud.) ver **MARY DOLLING SAUNDERS O'MALLEY**

Antónia da Encarnação (nom. rel.) ver **ANTÓNIA LUÍSA DE FRANÇA**

Armancia (pseud.) ver **MARIANA ANTÓNIA PIMENTEL MALDONADO**

Armânia (pseud.) ver **MARIANA ANTÓNIA PIMENTEL MALDONADO**

Augusta d'Ornellas (var. de) ver **MARIA AUGUSTA DE ORNELAS E VASCONCELOS**

Baronesa de Brassey (tít. nobil.) ver **ANNIE BRASSEY**

Berta (pseud.) ver **ISAURA ASCENSÃO MACHADO PACHECO SOARES DOS PASSOS JARDIM**

Bertha de Athayde (pseud.) ver **MARIA HELENA JERVIS DE ATOUGUIA E ALMEIDA**

C. M. E. (iniciais de nome) ver **Carolina Matilde ESMERALDO**

Cecil Adair (pseud.) ver **EVELYN WARD EVERETT-GREEN**

César Ortigão (pseud.) ver **OLÍMPIA PIO FERNANDES**

Condessa de Hacke (tít. nobil.) ver **Anna Maria Sabine Alexandrine von WERNER**

Condessa de Kollonitz (tít. nobil.) ver **Paula KOLLONITZ**

Condessa de Meraviglia Crivelli (tít. nobil.) ver **OLGA GABRIELA JOHANNA MERAVIDGLIA CRIVELLI**

Condessa de Montholon-Sémonville (tít. nobil.) ver **ALBINE-HÉLÈNE DE VASSAL MONTHOLON**

D. L. M. P. (forma abreviada) ver **MARIA LUÍSA DA COSTA PEREIRA**

E. (pseud.) ver **JÚLIA HENRIQUETA DE FREITAS DE ABREU ESMERALDO**

E. Ward (pseud.) ver **EVELYN WARD EVERETT-GREEN**

Evelyn Dare (pseud.) ver **EVELYN WARD EVERETT-GREEN**

GABRIELA JEFREITE (pseud.) ver **GABRIELA MARCIAL JARDIM TCHERKESOFF**

Gabrielle Jardim Strauss (variante de) ver **GABRIELA MARCIAL JARDIM TCHERKESOFF**

H. E. (pseud.) ver **EVELYN WARD EVERETT-GREEN**

Haine Whyte (pseud.) ver **HELENA BEATRICE RICHENDA PARHAM**

Hon. C. E. C. Norton (forma abreviada) ver **CAROLINE ELIZABETH COUGER NORTON**

Irmã da Eucaristia (nome de rel.) ver **MARIA AMÉLIA DE MENEZES VAZ**

Irmã Maria de São Francisco (nome de rel.) ver **MARY JANE WILSON**

Jane Cals (pseud.) ver **LUÍSA SUSANA GRANDE DE FREITAS LOMELINO**

L. C. e Almeida (abrev.) ver **LAURA VERIDIANA DE CASTRO E ALMEIDA SOARES**

L. de C. e A. (abrev.) ver LAURA VERIDIANA DE CASTRO E ALMEIDA SOARES

Lise (pseud.) ver AMÁLIA COLARES MENDES ROCHA DE GOUVEIA

M. G. S (inic. de nome) MARIA GOMES DOS SANTOS

M. I. S. V. (forma abreviada) ver MATILDE ISABEL DE SANTANA E VASCONCELOS MONIZ DE BETTENCOURT

M. S. A. e V. (forma abreviada) ver MARIA DO MONTE DE SANTANA E VASCONCELOS

M. S. A. V. (forma abreviada) ver MATILDE ISABEL DE SANTANA E VASCONCELOS MONIZ DE BETTENCOURT

M. Young (forma abreviada) ver MARY YOUNG

M.A.V.C. (iniciais de nome) ver MARIA AURORA VIEIRA CAETANO

Madre Catarina de Jesus Cristo (nome de rel.) ver MARIA AUGUSTA DE ORNELAS E VASCONCELOS

Maria Antónia Epifânia (pseud.) ver Mariana Antónia Pimentel MALDONADO

Maria da Soledade (pseud.) ver RAQUEL ANGELINA FERRER ANTUNES SIMÕES DOS SANTOS

Maria do Funchal (pseud.) ver MARIA FLORINDA TRINDADE MOTA

Maria do Monte Pereira (nom rel.) de ELISA DE JESUS PEREIRA

Maria Francisca Teresa (pseud.) ver LAURA VERIDIANA DE CASTRO E ALMEIDA SOARES

Marta Diniz (pseud.) GUILHERMINA ADRIANA TEIXEIRA E SOUSA MONIZ

Mère Catherine de Jésus-Christ (nom. rel.) ver MARIA AUGUSTA DE ORNELAS E VASCONCELOS

Mlle. de Loup (pseud.) ver JUDITE ADRIANA TEIXEIRA DE SOUSA MONIZ

Sóror Dolores (pseud.) ver MARIA RITA COLAÇO CHIAPPE CADET

Ultra Marine (pseud.) ver HELENA BEATRICE RICHENDA PARHAM

Uma Mulher (pseud.) ver JÚLIA GRAÇA DE FRANÇA E SOUSA

Uma Senhora (pseud.) ver MARIANA ANTÓNIA PIMENTEL MALDONADO

Violeta (pseud.) ver ISAURA ASCENSÃO MACHADO PACHECO SOARES DOS PASSOS JARDIM

Viscondessa das Nogueiras (tít. nobil.) ver MATILDE ISABEL DE SANTANA E VASCONCELOS MONIZ DE BETTENCOURT

Viscondessa de São João (tít. nobil.) ver MATILDE LEOPOLDINA CORREIA HENRIQUES

XYZ (pseud.) ver ANA AUGUSTA DE CASTRO TELES DE MENEZES LEAL DE FREITAS BRANCO

Yvett (pseud.) ver MARIA DULCELINDA DA COSTA DE CABEDO CARDOSO

Yvette (pseud.) ver MARIA DULCELINDA DA COSTA DE CABEDO CARDOSO

Referências bibliográficas

- Almeida, Maria Elisete, e Michel Maillard, *O feminino nas línguas, culturas e literaturas* ([Funchal]: Centro Metagram Universidade da Madeira, 2000)
- Anastácio, Vanda, “Almanaques: origem, géneros, produção feminina”, *Veredas: Revista da Associação Internacional de*, 18 (2012), 53–74 <<http://www.revistaveredas.org/index.php/ver/article/download/63/63>> [acessado 6 maio 2019]
- , *Uma antologia improvável a escrita das mulheres, séculos XVI a XVIII* (Lisboa: Relógio d’Água, 2013)
- Andrade, Irene Lucília., *Ilha 5*, 1. ed. (Vila Nova de Gaia: 7 dias 6 noites, 2008)
- Anjos, Luis dos (Fr.), *Jardim de Portugal: em que se da noticia de algumas Sanctas & outras mulheres illustres em virtude, as quais nascerão, ou viverão, ou estão sepultadas neste Reino, & suas cõquistas* (Lisboa: em casa de Nicolao Carvalho, 1626) <<http://purl.pt/14013>> [acessado 5 maio 2019]
- Anjos, Luis dos (Fr.), e Maria de Lurdes Correia. Fernandes, *Jardim de Portugal* (Porto [Portugal]: Campo das Letras : Distribuição, Empresa de Comércio Livreiro, 1999)
- Antunes, Luísa Marinho, “Literatura e literatos: questões e contornos da literatura produzida na Madeira e sobre a Madeira”, in *Que Saber (es) para o Século XXI?*, org. José Eduardo Franco e Cristina Trindade (Lisboa: Esfera do Caos, APCA –Agência de Promoção da Cultura Atlântica, 2014), p. 403–12
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo, “Torre do Tombo, Instrumentos Descritivos, Conventos diversos”, *DigitArq*, 2008, p. 0022–PT–TT–ID–1–286_9v_c0022.pdf <<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4202801>> [acessado 25 dezembro 2018]
- Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, *Catálogo da Coleção de Jornais do Arquivo Regional da Madeira* (Funchal, 2016) <<https://abm.madeira.gov.pt/idd/QW82>>
- , “Fundo Luís Marino. Panorama Literário do Arquipélago da Madeira (PT/ABM/LMR/A/001)”, *Archeevo - Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira*, 2019 <<https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=661643>> [acessado 6 maio 2019]
- Azevedo, Alvaro Rodrigues de, *Romanceiro do archipelago da Madeira* (Funchal: Typ. da “Voz do Povo”, 1880)
- Barata, Paulo J. S., “As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer”, *Lusitania Sacra*, 24 (2016), 125–52 <<http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/LusitaniaSacra/index.php/journal/article/view/209>> [acessado 6 maio 2019]
- Braga, Maria Ondina, *Mulheres escritoras: da biografia no texto ao texto da biografia* (Braga: Bertrand, 1980) <<http://bibuma.uma.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=12016>> [acessado 6 maio 2019]
- Chaves, Vania Pinheiro, Isabel Lousada, e Carlos Abreu, *As senhoras do Almanaque : catálogo da produção de autoria feminina* (Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; CLEPUL, 2014)

- Correia, Aragão, Carlos Cristóvão, Florival de Passos, Herberto Helder, Jorge Freitas, Rebelo de Quental, et al., *Arquipélago* ([Funchal]: Editorial Eco do Funchal, 1952)
- Correia, Paulo Jorge, “conto de tradição oral”, *Aprender Madeira*, 2016 <<http://aprendermadeira.net/conto-de-tradicao-oral/+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>> [acessado 14 maio 2019]
- Costa, Maria Clara Pereira da, “Testemunhos Históricos acerca do papel de algumas mulheres no contexto social madeirense - séc. XV e XVI”, in *Actas do III Colóquio Internacional de História da Madeira*, v. 3 (Funchal: CEHA, 1993), p. 315–20
- Creswell, John W, e J David Creswell, *Research Design : Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*, 4.º ed. (Los Angeles, California: SAGE, 2014)
- Falcão, Ana, e José António Gonçalves, *Ilha 4* (Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1994) <https://www.worldcat.org/title/ilha-4/oclc/225748565&referer=brief_results> [acessado 7 maio 2019]
- Ferré, Pere, “Romanceiro e memória”, in *Memória & Sabedoria*, org. José Pedro Serra, Helena Carvalhão Buescu, Ariadne Nunes, e Rui Carlos Fonseca (Lisboa: Centro de Estudos Clássicos/Centro de Estudos Comparatistas/Húmus, 2011), p. 435–58 <<https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/3011>> [acessado 13 maio 2019]
- Ferré, Pere, e Sandra Boto, *Novo romanceiro do Arquipélago da Madeira* (Funchal: Funchal 500 Anos, 2008)
- Flores, Conceição, Constancia Lima Duarte, e Zenobia Collares Moreira, *Dicionário de escritoras portuguesas : das origens à atualidade* (Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2009)
- Fontoura, Otilia Rodrigues, *As Clarissas na Madeira : uma presença de 500 anos*, 1a ed. (Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 2000) <https://www.worldcat.org/title/clarissas-na-madeira-uma-presenca-de-500-anos/oclc/56943326&referer=brief_results> [acessado 6 maio 2019]
- França, Isabella, *Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal, 1853-1854*, Edição p ([Funchal]: Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1970)
- Freitas, A. Vieira, e José António Gonçalves, *Ilha 3* (Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1991)
- Galvão, Rosa Maria, e João Luís Lisboa, *Os sucessores de Zacuto : o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI* (Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2002)
- Gil, Augusto, e Augusto Ribeiro, orgs., *Almanach Insulano para Açores e Madeira Estatístico, Histórico e Litterário para o anno de 1874* (Angra do Heroísmo: Typ. da Terceira, 1873)
- Gil, Augusto, Augusto Ribeiro, e F. J. Moniz de Bettencour, orgs., *Almanach Insulano para Açores e Madeira Estatístico, Histórico e Litterário para o anno de 1875* (Angra do Heroísmo: Typ. da Terceira, 1874)
- Gomes, Eduarda Maria de Sousa, *O Convento da Encarnação do Funchal : subsídios para a sua história, 1660-1777* (Funchal: Região Autónoma da Madeira, Secretaria Regional de Turismo e Cultura, 1995)
- Gonçalves, José António, “Breve panorâmica da moderna literatura madeirense”, in *Cultura Madeirense: temas e problemas*, org. José Eduardo Franco (Campo das Letras, 2008), xvii, 139–50

- Gonçalves, Rui, *Dos privilegios & praerogativas que ho genero feminino te por direito comum & ordenações do Reyno mais que ho genero masculino* (Lisboa: Apud Johanne Barreriu Regium Typographum, 1557)
- Graça, Paula da, *Bondade das Mulheres vendicada, e Malicia dos Homens manifesta. Papel metrico, e apologetico ... composto pelo zelo di P. da G.* (Lisboa, 1715)
- Hernández Socas, Elia, *Las Islas Canarias en viajeras de lengua alemana* (Frankfurt am Main: Peter Lang, 2010)
- Hoe, Susanna, *Madeira : women, history, books and places* (Oxford: Holo, 2004)
- Homem, Maria Aurora Carvalho, e Urbano Bettencourt, *Pontos luminosos : Açores e Madeira : antologia de poesia do século XX* (Porto: Campo das Letras, 2006)
- Hum Amigo da Razão, *Tractado sobre a Igualdade dos Sexos, ou Elogio do Merecimento das Mulheres, offerecido, e dedicado as Senhoras Illustres de Portugal* (Lisboa: Francisco Luiz Ameno, 1790)
- Jesus, Gertrudes Margarida de, *Primeira carta apologetica, em favor, e defesa das mulheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao irmão amador do Dezenzano, com a qual destroe toda a fabrica do seu Espelho Critico* (Lisboa: na Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1761) <<http://purl.pt/22743>> [acessado 5 maio 2019]
- , *Segunda Carta Apologética em Louvor e Defesa das Mulheres escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus* (Lisboa: Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1761)
- Klobucka, Anna M., “O cânone literário português e as mulheres” <[https://www.academia.edu/16572677/O_cânone_literário_português_e_as_mulheres](https://www.academia.edu/16572677/O_c%C3%A2none_liter%C3%A1rio_portugu%C3%AAs_e_as_mulheres)> [acessado 9 maio 2019]
- Macedo, L. S. Ascensão de, *Da Voz à Pluma: Escritoras e património documental de autoria feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde, guia biobibliográfica* (Ribeira Brava: Ed. de autor, 2013) <<https://doi.org/10.13140/rg.2.1.4595.1607>>
- Mertens, Donna M., “Transformative Paradigm”, *Journal of Mixed Methods Research*, 1 (2007), 212–25 <<https://doi.org/10.1177/1558689807302811>>
- , *Transformative research and evaluation* (New York: Guilford Press, 2009)
- Oliveira, A. Lopes de, *Jornais e jornalistas Madeirenses* (Braga: Livraria Editora Pax, 1969)
- Oliveira, A, *Escritoras brasileiras, galegas e portuguesas* (Lisboa: Editorial Caminho, 1993)
- Passos, Florival de, Eugénia Rego Pereira, Viterbo Dias, João Brito Câmara, Morna Gomes, Octávio de Marialva, et al., *Sete Poetas Madeirenses, num soneto a Shakespeare (folheto)* (Funchal: Tipografia do “Eco do Funchal”, 1944)
- Perim, Damião de Fróis, *Theatro heroico: abcdario historico e catalogo das mulheres illustres em armas, letras aççoens heroicas, e artes liberaes* (Lisboa Occidental: na officina da musica deTheotonio Antunes Lima, 1736)
- Pinheiro, Cristina Santos, e Anne Martina Emonts, *Mulheres : feminino, plural* (Funchal: Nova Delphi, 2013)
- Pinto, Rui Magno, “neto, júlia de atouguia de frança”, *Aprender Madeira*, 2018 <<http://aprendermadeira.net/neto-julia-de-atouguia-de-franca/+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>> [acessado 15 maio 2019]

- Portugal. Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres., *O Rosto feminino da expansão portuguesa : congresso internacional realizado em Lisboa, Portugal 21-25 de novembro de 1994 : actas.* (Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1995)
- Portugal, *Codigo Civil Portuguez*, 2.^a ed. (Lisboa: Imprensa Nacional, 1868)
- Rafael, Gina Guedes, e Manuela Santos, *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*, Reimpressa (Lisboa: Ministério da Cultura, Biblioteca Nacional, 1998)
- Rodrigues, António Feliciano, e Jaime Câmara, orgs., *Almanach de lembranças madeirense* (J.M. da Rosa e Silva, 1908)
- Sainz-Trueva, José de, Ana Margarida Falcão, Irene Lucília Andrade, Leonor Martins Coelho, e Thierry Proença dos Santos, *Cadernos de Santiago I : colectânea de poesia* (Lisboa: Âncora, 2016)
- Sainz-Trueva, José, e José António Gonçalves, *Ilha 2* (Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1979)
- Santos, Cruz Baptista, e Francisco da Silva Reis, orgs., *Almanach Ilustrado do Diário da Madeira* (Funchal: Empresa do Diário da Madeira, 1913)
- Santos, Thierry Proença dos., e Francisco Correia, *Levadas da Madeira : uma antologia literária*, 1a. ed. (Funchal: Imprensa Académica, 2017)
- Santos, Thierry Proença dos, “Gerações, Antologias e outras Afinidades Literárias: a construção de uma identidade cultural na Madeira”, *Dedalus*, 11–12 (2008), 559–82
- Santos, Thierry Proença dos, e António Fournier, “Antologias, traduções e redefinição dos mapas da cultura – o caso madeirense”, *Letras Conviva*, 6 (2012), 102–11 <<http://aclrevistaliteraria.academiacanarialengua.org/la-poesia-en-madeira/>> [acessado 7 maio 2019]
- Showalter, “Towards a feminist poetics”, in *Feminist literary theory: a reader*, org. Mary Eagleton, 3rd ed. (Malden Mass.: Wiley-Blackwell, 2011), p. 222–24
- Silva, António Ribeiro Marques da, *Passaram pela Madeira: textos de autores anglo-saxónicos que visitaram a ilha (1687-2000)* (Funchal: Empresa Municipal Funchal 500 Anos, 2008)
- Silva, Fernando Augusto da, e Carlos Azevedo de Menezes, *Elucidário madeirense*, 2. ed. (Funchal: [Typographia Esperança], 1940)
- Sousa, João, *O Convento de Santa Clara do Funchal*, 1. ed. (Funchal: Secretaria Regional do Turismo Cultura e Emigração, 1991)
- Tavares, Manuel, *Portugal illustrado pelo sexo feminino : noticia historica de muytas heroínas Portuguezas, que floreceraõ em Virtudes, Letras, e Armas* (Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha N. S., 1734)
- Teixeira, Hélder, e pref. Nelson Veríssimo, *Antologia Francisco Álvares de Nóbrega* (Machido: Junta de Freguesia, 2010)
- Tonini, Giampaolo, *Poeti contemporanei dell'Isola di Madera* (Venezia: Centro internazionale della grafica, 2001)
- UDC Consortium, “Universal Decimal Classification”, *UDC Consortium*, 2013 <<http://www.udcsummary.info/php/index.php?lang=pt>> [acessado 15 maio 2019]
- Veríssimo, João Nelson, org., *Contos madeirenses* (Porto: Campo das Letras, 2005)

- Veríssimo, Nelson, “A Escola Pública de Meninas do Concelho de Câmara de Lobos: o discurso inaugural do Comissário de Estudos”, *Revista Girão*, 2 (2006), 53–57
- , org., *Lapinha de poesia: antologia de poetas madeirenses*, 1a. ed. (Funchal: IA, Imprensa Académica, 2017)
- Vicente, Ana, e Filipa Lowndes, “Fora dos cânones: mulheres artistas e escritoras no Portugal de princípios do século XX”, *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, 1999, 38–51
- Vieira, Alberto, “Reescrever a História da Madeira e da Mulher”, *Memória das Histórias das Gentes que fazem a História, Newsletter*, 2014, 1–6
- VV. AA., “Escritoras: Women Writers in Portuguese before 1900”, *Universidade de Lisboa*, 2014 <<http://www.escritoras-em-portugues.eu/#>> [acessado 5 maio 2019]
- Wilhelm, Eberhard Axel, *Visitantes e escritos germânicos da Madeira: 1815-1915* (Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Dir. Regional dos Assuntos Culturais, 1997)

